

MANUAL DOS INQUISIDORES ANTÓNIO LOBO ANTUNES

o Manual dos inquisidores

Dedico este romance a Ernesto Melo Antunes, meu capitão desde há vinte e cinco anos, cuja coragem e honestidade sempre me foram exemplo e a Marianne Eyre, que generosamente pôs na tradução dos meus livros o seu talento e sensibilidade invulgares.

primeiro relato

(Qualquer palhaço que voe como um pássaro desconhecido)

RELATO

E ao entrar no tribunal em Lisboa era na quinta que pensava. Não na quinta de agora com as estátuas do jardim quebradas, a piscina vazia, o capim que devorava os canis e destroçara os canteiros, a grande casa destelhada onde chovia no piano com o retrato autografado da rainha, na mesa de xadrez a que faltavam peças, nos rasgões da alcatifa e na cama de alumínio que armei na cozinha, encostada ao fogão, para um sono afligido toda a noite pelas gargalhadas dos corvos. ao entrar no tribunal em Lisboa não pensava na quinta de agora mas na casa e na quinta do tempo do meu pai quando Setúbal (uma cidade tão insignificante como uma aldeia de província, de luzes a dançarem em torno do coreto numa vibração de trevas, laceradas pelo desespero dos cães) ainda não chegara ao portão e aos salgueiros do muro e descia rio adentro num atropelo de traineiras e tabernas, Setúbal onde a governanta me levava às compras aos domingos de manhã arrastando-me pelo cotovelo sob o alvoroço dos pombos a casa e a quinta do tempo do meu pai de escadaria ladeada de anjos de granito e dos jacintos que cresciam ao longo das paredes, uma agitação de criadas nos corredores do mesmo modo que as pessoas se agitavam no vestíbulo do tribunal (era Julho e as árvores da rua Marquês da Fronteira torciam-se ao sol contra as fachadas) em cachos que se agrupavam e desfaziam em torno dos elevadores numa pressa ansiosa e nisto o meu advogado no meio das testemunhas e dos réus e dos oficiais de diligências a agarrar-me a camisola e a apontar-me os degraus

- Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui e eu indiferente ao tribunal, indiferente a ele, a lembrar-me daquele Julho antigo em Palmela (devia ter quinze ou dezasseis anos porque construíam a garagem nova junto às faias, o tractor girava a seguir à horta e as pás de ferro do moinho chiavam no calor) em que ouvi cochichos e passos e murmúrios na capela e não eram galinhas não eram rolas não eram gralhas era gente, talvez os ciganos de Azeitão a roubarem a santa e os castiçais de talha (mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas) e peguei numa das bengalas do vaso de louça da entrada e atravessei a trote a sala de jantar

- Por aqui senhor engenheiro os divórcios por aqui com o lustre pingando sombras de vidro na toalha, saltei o canteiro de estrelícias, saltei as petúnias, a porta da capela encontrava-se aberta, os círios oscilavam nos arcos e não dei com os ciganos de Azeitão (mulheres de saias negras, homens soprando cafeteiras ao lume, magras mulas tristíssimas) dei com a cozinheira estendida de costas no altar, de roupa em desordem e avental ao pescoço, e o meu pai escarlata, de cigarrilha na boca e chapéu na cabeça, segurando-lhe as ancas a olhar para mim sem surpresa nem zanga, e nesse domingo depois de responder aos gritos ao latim do padre, à frente do caseiro, da governanta, das criadas, o meu pai a acender cigarrilhas durante a comunhão (o vento remexia as dalias secas e os eucaliptos do pântano, que aumentavam e diminuíam segundo o respirar dos limos) chamou-me ao escritório de janela para a estufa das orquídeas e o sopro do mar

- Oxalá a sua esposa não se atrase senhor engenheiro senão o juiz marca-nos o divórcio para as calendas gregas (e contudo não se viam gaivotas, não se vêem gaivotas deste lado da serra) e levantou-se, contornou a secretária, tirou o isqueiro a gasolina do colete e pousou-me a mão aberta na nuca no gesto com que avaliava os borregos e as crias do estábulo

- Faça tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão.

O meu pai de mão aberta na nuca da filha do caseiro, uma adolescente descalça, suja, ruiva, suspensa das tetas das vacas acorçada num banquinho de pau, a filar-lhe o cachaço e a obrigá-la a dobrar-se para a manjedoura sem largar os baldes do leite, o meu pai outra vez escarlata a esmagar-lhe o umbigo nas nádegas, de cigarrilha acesa apontada às vigas do tecto sem que a



filha do caseiro protestasse, sem que o caseiro protestasse, sem que ninguém protestasse ou imaginasse protestar, o meu pai tirando a mão da minha nuca e designando com desprezo a cozinha, os quartos das criadas, o pomar, a quinta inteira, o mundo

- Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão. O meu pai que aos sábados, depois da sesta, mandava o chofer comprar duzentos e cinquenta gramas de bolachas araruta e conduzi-lo a Palmela à moradia da viúva do farmacêutico na rampa do castelo, uma vivenda geminada com cortinas de crochet e um gato de gesso no aparador, que voltava para a quinta à noite a tresandar a perfume barato e passada meia hora se tanto ouvia-o ressonar na poltrona da sala com o chapéu na linha das pálpebras e a última cigarrilha a consumir-se-lhe na boca à medida que os mochos do pântano palravam no jardim, e o advogado vestido de advogado caro com o tom da camisa a ligar com o tom das meias, batendo a unha no mostrador do relógio

- Se a sua esposa se atrasa para a conferência do divórcio estamos fritos o advogado que a minha filha mais velha me arranjou ao aparecer na quinta para ralhar comigo examinando indignada as janelas sem vidraças e as tábuas podres do soalho, examinando indignada um tacho de sopa fria no piano ao lado do retrato da rainha, examinando indignada as cascas no tapete

- Como é que consegue viver sozinho num chavasco destes?

O advogado caro de cabelo cortado num barbeiro caro que me recebeu num gabinete caro com quadros caros encadernações caras em estantes caras a mulher cara e os filhos caros a sorrirem numa moldura de prata e mobília quase tão cara como a mobília do meu pai, o advogado a fingir não reparar no pedaço de corda que me servia de cinto, nos sapatos sem graxa, nas peúgas sem elástico, nas calças gastas, a observar-me no desdém aborrecido com que a minha sogra me observou quando entrei pela primeira vez a derrubar bibelots, envergonhadíssimo, no palacete do Estoril, a minha sogra que jogava bridge com as cunhadas a recolher a vasa numa combustão de anéis e a erguer para mim a sobancelha que se mostra ao jardineiro incompetente culpado de estragar os buxos do terraço

- O menino tem dinheiro para manter a Sofia ao nível a que ela está habituada?

o advogado incomodado com o meu casaco demasiado curto, os meus fundilhos, o meu bigodinho cómico, a brincar com a lapiseira de prata numa nuvem de after-shave e a tentar ao mesmo tempo desembaraçar-se do assunto e ser simpático para a minha filha

- Vamos a ver o que se pode arranjar senhor engenheiro não prometo nada e ao ir-me embora a telefonista mirou-me como se eu fosse testemunha de Jeová ou vendesse enciclopédias e a minha filha mais velha a remexer as gavetas da cozinha onde as cuecas se misturavam com os talheres (os garfos tortos as colheres com verdete as facas que não cortavam)

- Não tem ao menos um fatinho decente? e a Sofia a escovar-me os ombros com o dorso da mão

- Podias arranjar-te um bocadinho para conhecer a minha mãe

e a minha sogra a esquecer-se das cartas assim que despenhei um candeeiro de globo

- O menino é parvo ou faz-se? eu no tribunal em Lisboa escoltado pelo advogado que batia no relógio com a unha, a lembrar-me das pás do moinho escurecidas de ferrugem que cessaram de trabalhar apesar do vento, dos canis vazios e dos lobos da Alsácia sem comida galopando ao acaso pela serra ou a

uivarem do pântano no momento em que uma funcionária começava a soletrar nomes marcando os que respondiam com uma cruzinha a lápis, a lembrar-me de quando levei a minha noiva à quinta em Agosto e o meu pai se achava no pátio numa cadeira de balouço a beber limonada com a mulher do sargento, dama de cetins barrocos que tomava a camioneta de Setúbal nas tardes em que o marido ficava de plantão no quartel e eu para o meu pai

- A Sofia pai e o meu pai a mirá-la com a pálpebra adormecida com que mirava a cozinheira a filha do caseiro as ciganas as criadas, a afundar a copa na testa com um piparote

/

15

- Faz tudo o que ela quiser mas nunca

tires o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

e o advogado inquieto mostrando-me o relógio

- O que terá acontecido à sua esposa?

a Sofia a ajeitar a bandetele corada de timidez, os corvos a gargalharem nas faias, o reflexo da casa a estremecer na piscina, a mulher do sargento a sorrir para nós caretas de madrinha, o meu pai a medir a Sofia, na voz distraída com que falava dos animais no estábulo

- Um cabide um esqueleto nunca petcebeste nada de vitelas

e o advogado de repente sereno, de repente grave, a endireitar-se para o elevador compondo os punhos

- Até que enfim senhor engenheiro e lá estava a Sofia sem bandetele sem vinte anos sem corar de timidez sem me escovar os ombros com o dorso da mão, flanqueada por um advogado tão semelhante ao meu que se diria o mesmo ao espelho, que se diriam réplicas, gêmeos, ambos de cabelo cortado num barbeiro caro, ambos de cheviotes por medida, ambos seguros autoritários severos, flutuando na mesma loção de barbear numa majestade de congros, a Sofia com o anel da minha sogra no dedo da aliança, com a desenvoltura desdenhosa da mãe (- O menino é parvo ou faz-se?)

sem me olhar sem me sorrir sem me dizer

- Podias arranjar-te um bocadinho João e eu para o meu advogado igual ao advogado dela

- Nunca devia ter tirado o chapéu da cabeça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado do vértice dos cheviotes sem entender

- Como? o advogado parecido com os advogados, os

banqueiros, os gestores, os deputados e os ministros que

16

chegavam à quinta no tempo do meu pai, invisíveis nos

vidros opacos de um cortejo de automóveis fúnebres avançando pelo caminho de ciprestes que separava o

portão da casa, me faziam uma festa distraída no queixo comentando sem me verem

- Como tu cresceste se fechavam na sala do piano a tarde inteira com as criadas de luvas brancas num corropio de bandejas, a govemanta a mandar-me brincar para as traseiras, o caseiro a afugentar os corvos e a calar os cães, os advogados, os banqueiros, os gestores, os deputados e

os ministros que regressavam já de noite aos seus carros

imensos, desapareciam na estrada de Lisboa e o meu pai esquecido deles, voltado para a respiração do pântano onde as últimas rolas se sumiam, a Sofia a passar por mim com

a desenvoltura desdenhosa da mãe e o advogado sem

entender inclinando-se para escutar melhor

- Perdão? eu não no tribunal, na quinta, a dirigir-me

ao meu pai entre o choro das rãs

- Nunca devia ter tirado o chapéu da ca-

beça para que se soubesse quem era o patrão

e o advogado com o espanto das sobranceiras pegando-se à raiz dos cabelos

- Perdão? como se dissesse, possosso, não ali no tribunal, no Estoril, no bridge do Estoril diante da janela para as palmeiras do Casino olhando o candeeiro de globo que eu acabara de quebrar

- O menino é parvo ou faz-se? o palacete do Estoril onde acompanhei o meu pai vestido como um camponês, de corrente de cobre, botas de carneira, um chapéu velho na cabeça e a cigarrilha nos dentes, o meu pai que deixou o Nash na garagem com

* chofer fardado a puxar lustro aos cromados e convocou

* único táxi de Palmela conduzido por uma espécie de palhaço de pala de verniz parando em todas as tabernas

17

com o pretexto de descansar o motor e demorando-se horas entre parreiras e moscas, o meu pai acompanhado pela viúva do farmacêutico escondida atrás de um camaféu de rnadrepérola e de um leque sevilhano a que faltavam vare-

tas, com um cãozinho microscópico a latir-lhe guinchos no

colo, a viúva e eu torrando dentro do táxi que cheirava a caixa de sapatos antiga e o meu pai e o palhaço de pala de verniz a chuparem calicezinhos e a esfriarem o radiador com abanos de trança, enodoados de fuligem, de forma que alcançámos o Estoril muito depois do almoço quando tinham desistido de esperar-nos e jogavam bridge no terraço sobre a praia e as gaivotas, e a minha sogra em lugar de indignar-se com a falta de educação do meu pai que empurrava a viúva e o cãozito microscópico protegido por uma capa de lã casa adentro

- O menino é parvo ou faz-se? deixando o palhaço no pátio a cambalear nas hortênsias e a enroscar e a desenroscar o motor do táxi que trepidava explosões e agonias, o meu pai de chávena de chá na mão a mirar a mãe da Sofia e as cunhadas com a pálpebra sonolenta com que mirava a cozinheira, a filha do caseiro, as ciganas, as criadas, sem tirar o chapéu da cabeça nem deixar de fumar, que dali a nada empurraria uma delas para o primeiro quarto livre a fim de lhe erguer a saia e achatar as nádegas contra um armário ou uma cómoda cujas gavetas gemiam, informando quem quer que entrasse

- Faço tudo o que elas querem mas nunca

tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

o meu pai de chávena de chá, a viúva do farmacêutico a alimentar de pedacinhos de biscoito o cãozito horrível, e a minha sogra não furiosa, não indignada, indulgente

- Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o mar a seguir às palmeiras- e as gaivotas no pontão sossegadas e brancas tão diferentes dos corvos desgrehados da quinta

18

- Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

o meu pai calado esmiuçando as cunhadas do bridge na paciência aborrecida com que examinava as

vacas no estábulo, a raspar crostas das botas com o canivete e no entanto eu gostava de si pai, gostava de si, não fui capaz de dizer-lhe mas gostava de si, a mãe da Sofia a oferecer torradas que o meu pai não se dava ao trabalho sequer de recusar ocupado com o lodo das solas, a mãe da Sofia, solícita

- O meu irmão Pedro procurou-o várias vezes por problemas lá do banco quando você foi secretário de Estado lembra-se do Pedro com certeza

e no tribunal em Lisboa o advogado para mim

- O juiz chamou senhor engenheiro o advogado preocupado, inquieto, implorativo, com os cheviotes subitamente baratos e ruços, o corte

de cabelo subitamente vulgar aparado por um barbeiro de vão de escada da Penha de França ou da Amadora

- Não abra a boca durante o julgamento senhor engenheiro não se ponha com essas histórias de patrão

um corredor com empregados que escre- viam à máquina, convocatórias e avisos que proibiam fumar num painel de cortiça, pessoas à espera e ao fim do corredor uma prateleira de livros, um calendário de parede, dossiers no soalho, uma mesa de repartição pública preenchida por códigos e processos e o juiz entrincheirado de caneta em riste por detrás das leis como para se defender de nós, idêntico a um mestre-escola com a metade inferior da cara oculta por tratados com farpas de cartão a mar-

carem as páginas, fitando-me como se pedisse desculpa tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução (soldados marchas militares armas prisões a minha sogra e as cunhadas em Espanha em hotéis de

19

terceira ordem nos arredores de Madrid sem malas de viagem sem passaporte apavoradas tentando ligar para Lisboa sem que lhes respondessem tentando ligar para a herdade e os camponeses a insultarem-nas aos berros a minha sogra e as cunhadas em Espanha com vários casacos de peles uns por cima dos outros com vários relógios de ouro em cada pulso e os irmãos da minha sogra humilhados por civis de pistola na companhia de seguros humilhados por civis de pistola no Guincho os irmãos da minha sogra transportados em camionetas de talho para Caxias para Peniche para Vale de Judeus)

tal como fitei o meu pai quando na semana seguinte ou duas semanas depois da revolução nos chamou à quinta, à Sofia, aos miúdos e a mim e tinha trancado as janelas e aferrolhado os quadros e as pratas, solto os lobos da Alsácia dos canis e despedido as criadas e nos esperava no topo da escada, de caçadeira no sovaco e os bolsos inchados de cartuchos, o meu pai que continuava a fumar cigarrilhas de chapéu na cabeça

- O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a ameaçar com a caçadeira o pântano, o celeiro, o pomar e a azinhaga de ciprestes, os lobos da Alsácia a reboarem nos canteiros decepando os narcisos

- O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

e o advogado baixinho

- Pode sentar-se os lobos da Alsácia que se evaporavam a galope na casa tombando cadeiras, rasgando sofás, destruindo reposteiros, que regressavam ao jardim num temporal de caçarolas e panelas, com pedaços de almofadas, de cortinas, de toalhas e o meu pai disparando contra o susto dos corvos

- O primeiro comunista que se atrever a entrar leva um tiro nos cornos

a obrigar-me a patrulhar com ele o celeiro, a horta, a garagem, os eucaliptos do pântano em que as rãs

20

choravam, a tirar um revólver do cinto, a oferecer-me o revólver e a rosar sob o chapéu

- Se vires um comunista dispara o meu pai mais solitário do que em toda a vida o conheci, sem mulher, sem amigos, sem subordinados, sem cúmplices, afastando à coronhada as vacas do estábulo na ideia de procurar revolucionários nas manjedouras, nas bilhas de leite, nos sacos de sementes, na palha, o meu pai primeiro de joelhos e a seguir de bruços numa poça de fezes e urina, remexendo alfaias

- Não ouviste um barulho não ouviste um barulho?

e um lobo da Alsácia uivou lá fora e o meu pai a tentar levantar-se, a escorregar (- Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco)

a tentar levantar-se de novo

- São eles e mais latidos de cães, mais gargalhadas de corvos, mais suspiros nas faias, o meu pai a embater numa barrica, a embater num ancinho, a gatinhar para a saída

- Dispara a Sofia começou a responder às perguntas no tom de voz do bridge, no tom de voz da mãe, como se eu não existisse, como se eu nunca tivesse existido e o advogado a fazer sinal para o juiz

- Não abra a boca senhor engenheiro deixe-me falar

mas não havia ninguém na quinta, civis de metralhadora na estrada de Lisboa, comunistas junto ao portão, não havia nada salvo os corvos sobre os eucaliptos

e os anjos de pedra, e a partir do ano em que me separei não haveria mais ninguém na quinta excepto eu a construir um barco na garagem para partir um dia, a Sofia calou-se, o juiz mestre-escola moveu o queixo das suas ameias de processos como se promettesse não a reprovar no exame e o advogado cujos cheviotes eram de novo caros

21

- O único bem do meu cliente é uma propriedade sem valor

e a minha sogra no Estoril esquecida das cartas a espiar-me a roupa, desconfiada

- O menino tem dinheiro para manter a

Sofia ao nível a que ela está habituada?

de maneira que após o casamento me convidaram a trabalhar no banco na condição de assinar o

nome ao fim do mês no recibo do ordenado e de não ter veleidades nem projectos, de não falar nas reuniões e de não aparecer no trabalho, na condição, de facto, de não ser, como não era para a minha sogra, como não era para a minha mulher, como não era para os meus filhos

- Como é que consegue viver no meio de um chavasco destes?

eu a construir um barco nos destroços da garagem que os destroços de um carvalho ameaçavam (os ramos baixavam o tecto e as raízes erguiam o soalho)

a construir um barco para partir um dia, não ficar como o meu pai estendido no charco de urina e de fezes do estábulo a tentar em vão gatinhar para a saída

- Dispara e o que toparei à saída são os campos defuntos, os anjos amputados, as janelas sem vidraças, a

horta revolvida pelos cães, a cama amparada ao fogão de lenha sem lenha e o eco da minha tosse nas salas vazias, o advogado buscando alcançar a cordilheira de códigos em

que os óculos do juiz saltavam de tempos a tempos uma escamazinha fugidia

- O meu cliente desistiu do atelier de projectos para se ocupar durante anos de uma das firmas da família da esposa sem receber indemnização ao abrigo da lei ao despedirem-no

quando a verdade é que não me despediram, se limitaram a pedir ao contínuo que me proibisse a

entrada, eu no vestíbulo e ele de mãos no ar

22

- Lamento muito senhor engenheiro são ordens não se rale que o chequezinho do vencimento há-de chegar lá a casa

até me proibirem a entrada de casa também, não desta feita um contínuo mas dois primos da minha mulher à espera no Estoril impedindo-me o quintal, não hostis, não agressivos, não violentos, neutros

- A Sofia quer divorciar-se de ti de modo que veio uma furgoneta da companhia de seguros e mete~ mos-te os tarecos em Palmela

uma mala, um saco de roupa, um álbum de fotografias, o crucifixo de marfim da minha mãe, um caixote com ferramentas e plantas de navios, era noite no

Estoril e chovia, as palmeiras do Casino debruçavam-se para o hotel e eu ainda de chave na mão, incapaz de reagir

- Porquê? da mesma forma que perguntei ao contínuo no vestíbulo do banco enquanto a telefonista e as secretárias me espiavam com dó as nódoas do casaco (e a minha filha mais velha a remexer as gavetas da cozinha onde as cuecas se misturavam com os talheres

os garfos tortos as colheres com verdete as facas que não cortavam - Não tem um fatinho decente?)

- Porquê? e antes que as lentes do juiz tornassem a

surgir num intervalo de argolas de dossier espiando toda a gente como animais medrosos, o outro advogado, a imagem no espelho, a réplica, o gêmeo, a exhibir testemunhos de contabilistas, fotocópias, facturas, números, diagramas e desenhos com setas coloridas para cima e para os lados

- Ocupar-se de uma firma que faliu? eu que não me ocupava de nada, me limitava a escrever o nome onde me indicavam que escrevesse e a rubricar as letras e as quitações que o director de pessoal me apresentava

23

- Por cima dos selos senhor engenheiro obrigadíssimo

que não entendia de empréstimos nem de letras nem de quitações, que não adivinhava que o director de pessoal havia de fugir para Joanesburgo com o dinheiro do banco, e os irmãos da minha sogra já fora de Caxias ou

de Peniche ou de Vale de Judeus a convocarem-me para uma reunião, a não me convidarem a sentar e a sacudirem uma pilha de dívidas

- Que é isto? dívidas, promissórias, contratos, cedências de acções, compras, vendas, cambalhotas cambiais, operações catastróficas _Que é isto?

os óculos do juiz ergueram-se dos códigos, pairaram um momento, ocultaram-se de novo, a Sofia com a idade da mãe, igualzinha à mãe, esquecida das cartas, esquecida do bridge

- O menino é parvo ou faz-se?

e a imagem no espelho, a réplica, o gémeo, expandindo-se no seu aquário de loção a retirar da pasta mais certidões, mais relatórios, mais hipotecas, mais empréstimos, mais provas de dólares sonegados

- Ocupar-se de uma firma que obrigou a

falir ou consentiu que falisse mas disso não se fala mais preferimos esquecer a única coisa que a minha cliente pretende é uma hipoteca a seu favor sobre a quinta

a quinta ao abandono de agora, sem vacas, sem ovelhas, sem tractor, sem porcos, que o pântano devorava a pouco e pouco com os seus eucaliptos monstruosos e o seu choro de rãs, as árvores do pomar emaranhadas e sem folhas, as calhas de rega que o capim engolira, as faias e os ciprestes depenados pelos corvos, a água da piscina, sem reflexos, a apodrecer como uma órbita morta, não a quinta e a casa de dantes, não a quinta e a casa do meu pai, a quinta e a casa de agora, o piano com o retrato autografado da rainha incapaz de uma nota, os quadros no chão,

24

os tapetes desbotados, a capela invadida pelas trepadeiras corri as lagartixas e os vermes da terra na pia baptismal, no

altar, no armário dos paramentos em pedaços, o advogado e a Sofia e a família da Sofia vingando-se do que eu não tinha feito, do que mesmo que o quisesse não saberia fazer e requerendo uma hipoteca sobre nada já que não tenho nada senão um saco de roupa, um álbum de fotografias, um

crucifixo de marfim e este barco na garagem sem motor nem velas para partir um dia, um barco tão inútil como a caldeira de carvão avariada, como a debulhadora sem ventoinha, como o moinho de cartilagens soldadas pelo óxido que negava o vento, o juiz reduzido a uma vozita míope e

a uma suspeita de lentes guardadas por colinas de leis con-

cedeu-lhes a hipoteca sobre a quinta, sobre sombras de miséria e o relincho das gralhas e quando vierem para a

executar na pompa com que vinham outrora os automóveis de enterro dos advogados, dos banqueiros, dos gestores, dos deputados, dos ministros, vão encontrar-me sentado nos degraus da escada à sua espera no meio dos caules dos jacintos e dos lobos da Alsácia que perseguem os coelhos e lhes escavam as luras com os focinhos e as patas, ou

então em lugar de me encontrarem sentado nos degraus da escada à sua espera, sem os ouvir, sem os ver, atento aos pombos de Palmela entre o castelo e a serra, pode ser que eu gatinhe como o meu pai na urina e nas fezes do estábulo

- Que pena o seu pequeno não lhe ter herdado o sentido de humor Francisco

embatendo nos baldes de leite, em barricas, em ancinhos, apontando para eles a caçadeira sem car-

tuchos a que faltava o gatilho, limpando a lama e a palha da cara com o lenço, coberto de urina, coberto de estrume, gritando para os revolucionários de metralhadora de Setúbal e de Azeitão que me assaltavam a casa mostrando o mandato do tribunal, o mandato da justiça

- Vão-se embora não me toquem vão-se embora o primeiro comunista que entrar leva um tiro nos cornos.

25

COMENTÁRIO

Está bem pronto se você afirma que sim eu

acredito só não percebo porque é que o menino João há-de dizer coisas horríveis do senhor doutor para mais com o

feitio dele e ainda vivo a poder recuperar do ataque sabe-se lá. Claro que o menino conhece as linhas com que se cose e

falou de certeza aos médicos a assegurar-se que o pai não melhora e não lhe faz a vida num inferno, quem se atrevia a

correr o risco de ter um velho assim pela frente ameaçando o mundo inteiro com a espingarda? Isto penso eu que não fiz estudos, sou filha do caseiro e a minha vida era entre a

horta e o estábulo, mungia as vacas, tratava do pombal, mudava as tigelas dos cães, ia à capoeira pelas galinhas e

não me sobrava nem uma hora para escolas e livros. Quando chegámos de Trás-Os-Montes o senhor doutor arranjou espaço no celeiro para nós, mandou colocar um tabique a

separar-nos do milho, atamancámos um tecto para nos proteger dos morcegos que andam por aí a falar com voz de gente, pusemos o fogão a um canto, aproveitávamos a pia da adega para as necessidades e lembro-me que no verão acordava no escuro e escutava as rãs do pântano, a insônia dos cães e o desassossego dos bezerros, o meu pai a res-

sonar o mesmo barulho que o moinho, via o candeeiro do senhor doutor aceso no escritório, as laranjas brilhavam na

paz de Agosto ardendo devagarinho como as lamparinas dos santos, e sentia-me bem, sentia-me eterna, sentia-me feliz dado que o tempo parecia parado para sempre e que

27

ninguém ia morrer. De manhã as laranjas apagavam-se, o

tractor começava a trabalhar e como a morte existia de novo

(e, pior que a morte, o tempo)

gritavam-me que me vestisse, penduravam-me em cada mão um balde para o leite, e eu, magra como um pau de azinho, atravessava as colmeias e o tanque dos gansos, empurrada pelo vento, a caminho do estábulo, os animais de nariz contra a parede voltavam a cabeça para mim, e nisto um som de botas no cimento encharcado, um cheiro a cigarrilha a enjoar-me, a palma do senhor doutor apertando-me a nuca

- Não tenhas medo pequena e eu encolhida de medo (ele não melhora pois não, garanta-me que ele não melhora, imagine se ele melhora e me dá cabo do canastro?)

o senhor doutor repimpado num saco de sementes mirando-me sem dizer nada ou observando a espuma que fervia nos baldes e eu sem coragem de pedir-lhe

- Largue-me sem me atrever a pedir-lhe

- Vá-se embora já que além de patrão do meu pai era ministro ou assim, recebia o professor Salazar uma ou duas

vezes por ano

(sabíamos que o professor Salazar vinha por a quinta se encher desde a véspera de polícias à paisana que enxotavam os empregados e espiolhavam tudo, nos

viravam os colchões, nos copiavam as cédulas, havia um jipe da Guarda no portão, um segundo no pântano, um terceiro do outro lado do muro, até que um par de motociclistas subia de sereia aberta a ladeira de ciprestes, mais um carro de tropa, mais outro par de motociclistas e por fim o automóvel com cortinas do professor Salazar, os

polícias à paisana espalhados no roseiral, o professor Salazar, de sobretudo no verão, acompanhado por um

28

cavalheiro de óculos que lhe abria a porta, lhe dançaricava em tomo e lhe guiava os passos, a subir os degraus perseguido de longe pela troça dos corvos e no dia seguinte a polícia voltava e disparava sobre os corvos)

eu sem coragem de pedir-lhe

- Vá-se embora encolhida de medo por ser o patrão, por ser rico, por ser ministro ou assim, por mandar em muita gente em Lisboa, eu a pensar que se dissesse

- Vá-se embora largue-me vá-se embora (se não afiança que não há perigo não lhe conto mais nada pague-me o que me pagar, onde é que eu gastava o dinheiro?)

ordenava à Guarda que disparasse sobre mim como, mal ouviu a revolução na telefonia, foi buscar a caçadeira e quis matar toda a gente, a puxar atrás a culatra e a apontar-nos a arma

- Rua comunistas rua a minha mãe e eu a trotarmos para o

portão com uma trouxa de roupa e o meu pai estendendo os braços aflitos _ Não somos comunistas senhor doutor seja cego nunca quisemos roubá-lo

o senhor doutor descomposto, de camisa fora das calças e chapéu pelas orelhas a ameaçar o tractorista, o chofer, a governanta, as criadas, a própria cozinheira que dormia com ele e me odiava, o senhor doutor a

bater-nos com o cano da arma

- Rua um bando de gente a descer a ladeira de ciprestes no sentido de Setúbal, no sentido de Palmela, as gralhas assustadas no alto, os pombos quietos de espanto, os lobos da Alsácia soltos dos canis, a morderem-nos os calcanhares excitados pelos berros e o senhor doutor a açular os cães.

- Agarra (na última ocasião em que veio o professor Salazar uma porção de jipes da Guarda com um cabo

29

a comandá-los passou a semana anterior a metralhar os corvos, dezenas de corvos tombados no pomar e o cabo a virá-los com a bota

- Para aprenderem que com o senhor presidente não se goza)

um dos lobos da Alsácia fez cair a governanta que chorava, a mala dela abriu-se no cascalho, os cães fugiram-lhe com as saias, as camisolas, os sapatos, o meu

pai quis ajudá-la e o senhor doutor a impedi-lo estalando a culatra

- Eu mato-te meu camelo eu mato-te (quando o professor Salazar saiu do automóvel a quinta era um cemitério de pássaros e ninguém o troçava nem mesmo as rãs do pântano, de garganta inchada de limos)

O senhor doutor para os lobos da Alsácia que rosnavam e se enfureciam uns com os outros a abocanharem a mala

- Agarra o meu pai a proteger a govemanta e a disputar aos bichos as camisolas e as saias, o meu pai quase a

chorar que se lhe notava na cara

- Não somos comunistas senhor doutor fique tolhido se somos comunistas não sabemos nada de política

o moinho à procura do vento e o senhor doutor a aproximar-se do meu pai e a atirar-lhe com a coronha

- Rua (o professor Salazar, conversando com o

secretário, a trepar os degraus, a apertar a mão do senhor doutor que nem para ele tirava o chapéu da cabeça nem

deixava defumar, o professor Salazar que não dava fé da Guarda em sentido, parando a admirar as petúnias antes de desaparecer na casa)

e os lobos da Alsácia espezinhando a horta, atropelando galinhas, derrubando vasos, o tractor a despe-

30

daçar o roseiral, as criadas a fugirem coxeando na estrada de Setúbal levando os sacos de rojo e o senhor doutor que gritava

- Comunistas que trazia um revólver espetado no cinto, tirava cartuchos do bolso, reparou em mim, me chamou

- Tu aí me separou da minha mãe com a caçadeira, me segurou o ombro e o meu pai de joelhos no

cascalho a abraçar o chinelo da governanta contra o peito numa espécie de soluço

- Não vai matá-la pois não senhor doutor? (e através das portas do jardim eu avista-

va o professor Salazar a tomar chá na sala e um polícia à paisana a fazer-me sinais com o queixo)

- Some-te o tractor aos círculos na estufa e o senhor doutor para o meu pai a mostrar-lhe os cartuchos

- Rua escutavam-se as criadas na estrada, os sinos das ovelhas, a água transbordando das calhas de rega, os caules triturados das rosas, o senhor doutor prendia-me * pescoço e conduzia-me ao estábulo apressando-me com

* caçadeira nas nádegas entre os saltos dos cães, o meu pai ainda abraçado ao chinelo da govemanta a olhar-me do portão, o vento tomou a mudar porque o choro das rãs cresceu e eu queria pedir-lhe e não conseguia falar

- Não me mate o nevoeiro do estábulo, cones de estrume na urina e na palha, o senhor doutor dobrou-me para a

frente, encostou-me a uma viga em que doriniam rolas e as

placas do telhado estremeceram, procurou-me no vestido achou-me perdeu-me tentou achar-me de novo, e eu esqueci-me dele e pensei nas laranjas a brilharem na paz de Agosto, ardendo devagarinho como as lamparinas dos santos e não sentia medo, sentia-me bem, sentia-me eterna, sentia-me feliz dado que o tempo parecia parado para sem-

31

pre e ninguém ia morrer, até que as laranjas se apagaram de súbito, a morte (e, pior que a morte, o tempo)

tornava a existir, o cheiro do tabaco a desvanecer-se, e o senhor doutor a recuar um passo

- Para te lembrares de mim comunista de merda

e cá fora não havia lobos da Alsácia, não havia pombos, não havia gralhas, havia a crepitação das roseiras degoladas no silêncio e o definitivo suspiro de gasóleo do tractor, julguei que o jipe da Guarda me esperasse no portão a fim de me prender e não encontrei nenhum jipe, a paragem da camioneta da carreira, com um abrigo para a chuva, deserta como se fosse domingo, fornos dormir ao Barreiro a casa da prima da minha mãe onde íamos aos feriados, duas divisões acanhadas por trás do hospital, o meu pai sentado na marquise sem querer comer, sem conversar, continuava a abraçar o chinelo da governanta no peito, e a prima da minha mãe e

- Heitor

o meu pai calado no meio de prateleiras de bonecas espanholas e de miniaturas de jarrinhos de louça, o marido da prima da minha mãe ofereceu-lhe um

cálice do medronho que o meu pai gostava e o meu pai nada, a minha mãe a tirar-lhe o chinelo

- Heitor

o meu pai, voltado para as ilhazitas de ervas e os barcos podres do Tejo, sem reparar nas ilhas nem nos barcos, e agora acendiam foguetes na rua, entravam estoiros e clarões e riscos vermelhos de estrelhinhas pela janela, a rádio estilhava-se em cantorias, os automóveis buzonavam, as fábricas apitavam sem cessar, o dono do café tocava acordeão no passeio a dançar com a mulher, o marido da prima da minha mãe combatia o medronho e o meu pai nada, tudo no bairro como num sábado de feira ou nas marchas do São Pedro, a Câmara deserta, a esquadra deserta, os navios para Lisboa a mexerem os quadris na

32

estação, um burburinho de operários no Lavradão, a prima da minha mãe deu-me um prato de sopa e uma maçã e da clarabóia via-se o hospital e os doentes de pijama, um pijama idêntico ao que o marido da prima da minha mãe usava nos dias em que não ia trabalhar e ficava a beber medronho e a zangar-se, e corno já me esquecera do senhor doutor acabei a sopa, acabei a maçã, e ao acabar a maçã aproximei-me do meu pai, disse

- Pai ele levantou os olhos para mim, encostou-me a cabeça à barriga e começou a chorar, eu tinha-me esquecido do senhor doutor mas recordava-me das vacas por mungir, sem sementes na manjedoura e atormentadas com as dores do leite, das galinhas e dos pombos e dos pavões sem milho, dos brincos com uma pedrinha azul que deixei na quinta, na lata dos botões, de maneira que qualquer coisa esquisita se me apertou, fiz um esforço para não chorar também, e a minha mãe que se descalçara e afundara o nariz nos tornozelos para tirar um espinho do pé

com uma agulha _ Que é dos teus brincos Odete?

não eram só foguetes, eram morteiros que abanaram os alicerces e enganaram o cuco do relógio que largou a pingar horas sem parar, escancarava o alçapão curvava-se numa vénia piava trancava o alçapão, escancarava o alçapão curvava-se numa vénia piava trancava o alçapão, o meu pai a chorar de cabeça na minha barriga e

o marido da prima da minha mãe a insistir no medronho, danado com o pássaro

- Não tarda um segundo torço as goelas àquilo

a minha mãe a mostrar o espinho a uma

velha de lenço preto embiocada num xaile grande demais para ela, postada no ângulo da marquise onde a humidade do inverno gelara as paredes em cachos de cogumelos cinzentos

-Olhe só o que me entrou no calcanhar Dona Fraternidade

33

e a velha sem atentar nela, espantada com o frenesim do cuco

- Ih Jasus a velha que era mãe da prima da minha mãe sem entender nada, nem os foguetes nem os morteiros

nem a algazarra nem a música, sem entender nada nem interessada em entender, surpreendida pelo vaivem maníaco do bicharoco de pau

- Ih Jasus havia músicos da filarmónica a tocarem cada qual para o seu lado no Lavradio, rapazes com bandeiras, um mulato a escrever a tinta azul num muro, um homem de capacete metalúrgico a discursar no café empoleirado num escadote, a minha mãe, orgulhosa do tamanho do espinho e despeitada com a indiferença da velha, a agitar a pinça diante das lágrimas do meu pai

- Olha só o que me entrou no calcanhar Heitor

o marido da prima da minha mãe enlouquecido pelo piar das horas a jogar a garrafa ao relógio

- Cabrão do cuco o pássaro cessou imediatamente de piar e pendurou-se de uma mola com um enforcado, a prima da minha mãe desprende-o do grampo da parede, arredou os pratos, deitou-o com todo o cuidado (ao cuco e à mansão do cuco e às correntes dos pesos)

no oleado da mesa como um convalescente ortopédico, enquanto o marido, arrependidíssimo, se desculpava a libertar-se das brumas do medronho

- Eu bem o avisei que se calasse o malandro é que não quis ouvir

a velha de mãos postas fascinada pela mola

- Ih Jasus a minha mãe, magoada pela falta de entusiasmo em relação ao espinho, a convocar a família dirigindo-se em desespero de causa às bonecas espanholas

34

- Aposto que me vai dar uma infecção do sangue

o meu pai para o marido da prima da minha mãe como quem desperta de um sono de oito meses ou

acaba de regressar de muito longe

- Se te sobrou algum medronho aceito uma gotita para amortecer

e durante uma semana os meus pais deitaram-se no chão da sala com a minha mãe sempre à espera de morrer envenenada a pedir a toda a hora o termómetro para verificar a temperatura, eu na marquise com

a velha que em lugar de descansar gastava as noites de olhinho aceso no cuco, maravilhada com os pedaços de relógio no oleado da mesa, molas, correntes, pesos, fragmentos de pau, volantes dentados, ponteiros, a velha que se erguia à sucapa, embrulhada no lenço de viúva, embrulhada no

xaile, para lhes tocar com o dedo

- Ih Jasus até que o meu pai arranhou emprego de fiel numa obra, a tomar conta das ferramentas e das máquinas, mudámo-nos para um segundo andar cinco prédios mais abaixo, rente ao jardim do hospital onde os doentes passeavam de muletas ou com tubos no nariz ou transportando frascos de soro na extremidade de um ferro, a minha mãe de pantufa no pé esquerdo derivado ao espinho a palpar-me as orelhas desconfiada

- Que é dos brincos Odete? eu com pena dos doentes, a ver os pardais no fio do telefone e as gaivotas do rio

- Descanse que amanhã já os ponho embora do sítio em que morávamos não se distinguisse o rio, só prédios tão antigos como o nosso

escurecidos pelos anos e os vapores da Cuf, um baldio onde empilhavam tijolos e levantavam andaimes, não se distinguia o rio mas escutavam-se os barcos de Lisboa e sentia-se o relento de cadáver da vazante, a minha mãe que trabalhava a dias para um arquitecto nos intervalos de queixar-se

35

do envenenamento do sangue a chegar-se a mim e a palpar-me as orelhas sob o cabelo

- Que é dos brincos Odete? os vapores da Cuf a enegrecerem-nos a roupa na corda, os lençóis da cama, as caçarolas da cozinha que era um cubículo para amoreiras magras e sem folhas queimadas do amoníaco das chaminés, o meu pai consertou o relógio de cuco que o marido da prima da minha mãe lhe ofereceu para se salvar das insónias da sogra, alvoroçando a família com o seu pasmo

- Ih Jasus o bicho, entontecido pela pancada da garrafa de medronho, piava horas inventadas e meios-dias boreais, punha-se a mangar connosco do postigo até o meu

pai lho fechar com urna dúzia de pregos

- Cabrão do cuco ouviam-se as bicadas de raiva do animal lançando-se contra nós no interior da madeira e quando ele se calou o meu pai despregou o postigo e demos com o pássaro morto, de patas para o ar, num chã o de parafusos e

rodinhas, atirámo-lo ao lixo num pedaço de jornal para evitar o cheiro, o meu pai a consolar a minha mãe que deixara de se atormentar com o espinho assoando desgostos frente à caixa vazia

- Não te apoquentes que no fim do mês arranjo-te outro cuco Irene

e no fim do mês meteu outro cuco no relógio, pintado de encarnado e amarelo, que não cantava nada, chegava ao fim da corda num ímpeto enfatiado, escancarava o bico, fazia a vénia por favor, mirava-nos como se encolhesse os ombros e desaparecia mudo, o meu pai a aplicar pancadinhas no relógio, a desencravá-lo do grampo, a sacudi-lo com força

- O carpinteiro garantiu-me que trina o carpinteiro convocado para se explicar a suspendê-lo pelas asas e a espreitar à lupa a cauda do animal

36

-Se calhar enganei-me e saiu-me urna fêmea sem querer escapou-me o canivete com um periquito assim pequeno acontece

o meu pai aborrecido com o artista
- Periquito o tanas não te encomendei um periquito Vitor

o artista, soberano, a varrer dúvidas com o formão

- Periquitos e cucos para mim é o mesmo

não dão para comer com broa

e sem reboliços de horas nem estrondos de postigos pelo menos descansava-se à noite, pelo menos não me desviavam com chilreios a direcção dos sonhos, os

únicos sons do escuro, para além da tosse do meu pai, era o da torneira do lava-louças a gotejar no esmalte, algum rafeiro aos sobejos e as manobras das locomotivas a mudarem de linha na estação, sem contar os operários da fábrica que discursavam na rua a tratarem-nos por camaradas, a prometerem-nos casas de graça, a afirmarem que éramos livres e eu pensei

- Livres de quê? já que a miséria permanecia a mesma só

que com mais gritaria, mais bêbedos e mais desordem por não haver polícia, os foguetes e os morteiros foram rareando, cansaram-se de besuntar os muros a giz, o do café desistiu do acordeão, os doentes do hospital continuavam na cerca a

sua procissão de agonizantes, a minha mãe de regresso do arquitecto a palpar-me as orelhas sob o cabelo

- Não me digas que vendeste os brincos Odete

eu a fingir que me zangava respondendo com uma vénia à vénia muda do cuco

- Vendi agora senhora de forma que tornei à quinta para os procurar na lata dos botões, tomei uma primeira camioneta no

Barreiro que se encabritava de pontadas nos rins a cada desnível do asfalto, urna segunda em Azeitão com o rádio

37

no máximo e um urso de peluche a dar a dar no espelho e

ao apearm-me, no largo de Palmela, um enterro de pobres saía da igreja e avançava entre crisântemos pela ladeira do cemitério acima, com a família do defunto às cotoveladas à urna para a impedir de se despenhar da carroça, a vida continuava como antes dos foguetes, dos morteiros, do acordeão do café e dos discursos sobre casas de graça e

liberdade, os mesmos reformados nos bancos, os mesmos vendedores de peixe sem clientes, os mesmos camponeses aguardando lque um capataz se condoesse, o mesmo mer-

cado deserto, as mesmas conversas de mulheres, os crisântemos do enterro desapareceram na curva com um

bombeiro de capacete e machadinha atrás, não existia comunismo em Palmela nem cantorias nem bandeiras nem paredes escritas a carvão, o que existia era um infeliz que não se aguentava na carroça a sofrer pela rampa do cernitério acima, o castelo no cabeço e renques e renques de oliveiras esquecidas, a seguir a um aviário e a um restaurante de almocreves com um frigorífico de gelados à entrada voltava-se à esquerda e era o portão da quinta, o nome num azulejo, as colunas de pedra, o caminho de ciprestes na

direcção da casa só que nenhum cão latiu, o moinho parara, as laranjas do pomar, sem brilho, amoleciam no chão, o tractor imobilizara-se estendido de lado sobre as ruínas da estufa e uma roda traseira girava em silêncio, desde há semanas, giraria para sempre

kos vidros quebrados da estufa, os caixilhos quebrados, os vasos quebrados, as pétalas das orquídeas dilatadas e pendentes em grandes lábios roxos)

e vi um lobo da Alsácia a trotar nos tomateiros, murmurando, as vacas do estábulo a lamberem sem esperança as manjedouras vazias, as estátuas amputadas do jardim, a piscina sem água, os restos do celeiro a 4ue deitaram fogo e nem sinal dos brincos de pedrinha azul, nem

sinal da lata dos botões, vi a desorientação dos pombos e a angústia das gralhas, as galinhas picando alfaces e jacintos numa pressa mecânica de bonecos de corda, os eucaliptos

38

aproximando-se da garagem num estrépito de rãs, as janelas da casa escancaradas, a capela sem Virgem nem candelabros de talha e as cadeiras de lona esfarrapadas no terraço, vi a recordação dos polícias à paisana a copiarem~nos as

cédulas e pensei _Os comunistas levaram o senhor doutor

pensei

- Os comunistas vieram com foguetes e morteiros e acordeões e discursos e levaram o senhor doutor acabou-se a caçadeira acabaram-se as ameaças acabaram-se os tiros

e a minha mãe no Barreiro, no andar ainda mais pequeno que o da prima, largando o alguidar das ervilhas para me palpar as orelhas

- Não me digas que vendeste os brincos Odete

pensei ultrapassar o bosque das faias que conversavam sozinhas como os doentes na cerca do hospital

- O que aconteceu aos corvos? porque não lhes escutava a troça, não dava com nenhum grupo de sombras, ora pequenas ora maiores, movendo-se no chão, contornei o prédio pela garagem onde os cromados do automóvel se embaciavam de pó, alcancei os tanques de lavar roupa, as narcejas de plástico das molas no arame

(um pavão empoleirado num choupo gritou um berro de criatura esfaqueada)

os gansos que sopravam no pátio, de língua de fora, a esticarem os pescoços sujos, os pescoços irados para mim, pensei _O que aconteceu aos corvos?

a minha mãe no Barreiro, outra vez ocupada com o alguidar de ervilhas ao mesmo tempo que o pássaro pintado de encarnado e amarelo fechava delicadamente o postigo após uma vénia sem som, a minha mãe para o meu pai ouvir

- Uns brincos que valem três contos de réis no mínimo eu nem quero imaginar

39

o meu pai no quarto, a remexer em coisas que caíam

- Má sorte a minha o que é feito da gravata a minha mãe a descascar ervilhas aos repêlões com uma veia do pescoço aos pulos

- Metes a gravata e encharcas-te de perfume para visitar a galdéria a tua filha vendeu os brincos por aí e nem um ralhete lhe dás

eu a julgar que os corvos emigraram para o Seixal ou a Amora e afinal lá andavam eles a espiar-me da nogueira do poço, não cem, não cinquenta, não vinte, uma dúzia se tanto, agitando os trapos das asas, um casal de cegonhas de Maio fazia ninho no depósito antigo, o meu pai a compor o nó no caco de espelho com verdete

- Qual galdéria mulher? entrei na cozinha em desordem com o frigorífico esbeçado, o fogão coberto de caçarolas onde a

gordura endurecia, os armários sem rede a que faltavam copos e chávenas, um monte de cascas e de ossos na bacia de mármore, os boiões de geleia bolorentos, as aranhas a fiarem naperons de teias na copa, o cuco encarnado e amarelo abriu o postigo, saiu para uma vénia cerimoniosa de mordomo e a minha mãe, com enxofre na voz, a despejar as vagens no caixote e a passar as ervilhas por água

- A desgraçada que vende bilhetes na

estação dos barcos e pinta as unhas de dourado viram-te no sábado a passear com ela no parque não me mintas infeliz

as consolas do corredor aveludadas de pó, a passadeira despedaçada pelos cães, as estantes nuas de livros, os abajurs dos candeeiros em farrapos, restos de cortinas e de toalhas no chão, o meu pai a assobiar modinhas, com o fato dos domingos, de risca no cabelo, barbeado, um adesivo a cobrir um golpe no queixo e uma gravata de ramagens, imensa como um guardanapo, o meu pai, que pairava de felicidade, à cata da graxa dos sapatos no cesto das cebolas e a besuntar as biqueiras com a esponja

- Não vou visitar ninguém vou trabalhar

40

e na sala pequena a poltrona em que o professor Salazar se sentava enquanto a governanta lhe oferecia um pires de biscoitos ou um pires de torradas numa pompa de galhetas, solitários tombados, metade do tapete fora da varanda, o biombo apunhalado, o que sobrava de uma colcha de cama arrastada no soalho, a telefonia sem tampa, hirsuta. de bobinas e de lâmpadas, a ferver vozes confusas, a calar-se, a ferver mais vozes, a calar-se de vez, habitada por uma multidão de criaturinhas que pediam socorro e se afogavam, a n-únha mãe a secar as ervilhas e a acender o lume, a lembrar-se do espinho e a coxear

de novo

- Um dia destes atiro-me a ela juro que um dia destes me atiro a ela e lhe dou cabo da trança

as vizinhas morrendo na telefonia e o depósito, fendido, a jorrar no pátio onde a cozinheira degolava as galinhas sobre um tacho de barro e eu via o sangue e tinha medo e começava a chorar, medo das íris redondas que me olhavam, das patas, das penas, da pele cor-de-rosa sob as penas, medo que a cozinheira me apanhasse pelo pescoço, agarrasse na faca e me degolasse também, me apanhasse pelo pescoço como o senhor doutor no estábulo, a querer perguntar-lhe sem ser capaz de perguntar, curvada para diante na manjedoura das vacas, sentindo o cheiro da aveia, o cheiro das sementes

-Não vai deitar-me o sangue para um

tacho de barro pois não?

o senhor doutor de cinto desapertado, de colete aberto, prendendo-me a cintura com as coxas, a rir-se soprando-me o fumo da cigarrilha na nuca

- Quietinha rapariga eu assustada pelo meu sangue a pingar nas estrias do cimento, pela ebulição das vacas, pelos guinchos do moinho a trambulhar a sul, a querer pedir ao senhor doutor sem ser capaz de pedir

-Jure que não me corta a garganta não me corte a garganta por favor não me corte a garganta

41

os papéis do escritório queimados no ter-

raço, revistas, jornais, álbuns, o retrato do senhor cardeal com o senhor doutor, o retrato do senhor almirante com o senhor doutor, o retrato do professor Salazar com o senhor doutor, o retrato do Papa com o senhor doutor, de casaca e condecoração no peito, a beijar-lhe o anel, o meu pai adocicado de perfume, batendo com a porta a assobiar modinhas nas escadas

- Quando digo que vou trabalhar vou trabalhar

as gavetas da secretária do avesso, o cofre esventrado sem dinheiro nem jóias, um busto de marmorite na alcatifa, o arquivo revolido numa angústia de fuga, eu

a pensar na empregada dos bilhetes do barco, a pensar de quem seria o busto

- Foi-se embora nunca mais volta à quinta foi-se embora

e a minha mãe a tirar o avental aos repelões

-Eu já tas conto desgraçado eu já tas conto

uma gralha a chamar-me dos ciprestes, o

chocalhar de clavículas das margaridas, os cabides a balou- çarem no guarda-fatos sem roupa, a minha mãe para a da trança

- Sua cabra o senhor doutor a largar-me e eu a sacudir o vestido, preocupada com o sangue mas aliviada por não haver tacho de barro nem cozinha nem faca, eu contente

- Não morri e nisto o piano começou a tocar. Começou a tocar não com o som de dantes, na época em que o menino João entalava o caderno das notas no tampo, movia o banco com o indicador para lhe subir a altura, dobrava e esticava os dedos, dobrava e esticava os dedos, dobrava e esticava os dedos de nariz no tecto e a música alcançav celeiro, alcançava a estrada de Palmela, se estávamos a j an-

42

tar o sabor da sopa mudava e havia uma tristeza açucarada nas coisas como se temos gripe ou acontece chover à tarde em Setembro, começou a tocar não com o som de dantes, que transtornava os cães e aumentava o brilho das laranjas à noite, mas numa cascata de ganidos, num sobressalto lodoso, num atropelo choco, o meu pai a apartá-las, cioso de não entortar a gravata nem amarrotar o fato, a minha mãe descalça, de carrapito a cair, enforcada no colar da empregada dos barcos

- Sua cabra o senhor doutor na sala grande agora sem

reposteiros, sem sofás, sem quadros, sem mesa de xadrez, sem lustre, sem mobília, com o terraço inclinado para o

abandono da quinta, os canteiros murchos, o monte de tábuas do pombal, a garagem onde o automóvel sem pneus apodrecia, a minha mãe para o meu pai, em bicos de pés, a

esbofetear a outra

- Solta-me desgraçado o senhor doutor no banco que subia e que baixava carregando ao acaso nas teclas no meio dos seus detritos inúteis, abanando-se como se as colcheias o levassem consigo, e o meu pai zangado por lhe mancharem a

gravata, a empurrar a minha mãe que tombou de rabo no chão

- Mau maria o senhor doutor a insistir na música, a abanar-se mais depressa e a carregar mais depressa nas

teclas, em peúgas, com uma camisa e umas calças ruças, desalinhado, emagrecido, com pêlos brancos no queixo, muito mais velho do que no mês passado, incapaz de dobrar-me contra a manjedoura

- Quietinha rapariga de filar-me o pescoço, de procurar-me na

saia, não sentia medo dele nem do tacho de barro nem da faca nem do meu sangue no cimento, não sentia medo, não sentia pena, não sentia raiva, não sentia nada

- Quietinha rapariga

43

um corvo passou rente à janela, um se-

gundo corvo, um terceiro, as asas batiam nas trepadeiras, nos pilares, na talha de pedra sem estrelícias, um lobo da Alsácia uivou no pomar sem que nenhuma fêmea respondesse, a noite empardecia a copa das faias e dali a pouco os

morcegos, o negrume sem luzes, as cadeiras a estalarem

- Quietinha rapariga não sentia medo, não sentia pena, não sentia raiva, não sentia nada, o piano calou-se de repente e

a minha mãe para o meu pai, a esfregar as costas numa lamúria de gritos _ Ficas ao lado dessa cabra e atacas-me a mim desgraçado?

o piano calou-se de repente e o senhor doutor mirava-me sem falar sobre o caderno das notas e ficou a mirar-me que tempos até na sala se perceber apenas a gotinha da cigarrilha e os castiçais do piano, se perceber apenas o espantalho de uma silhueta de chapéu, a abrir os braços em cruz num soluço de vitória:

- Diz aos teus amigos comunistas que venham rapariga diz aos sacanas dos teus amigos que ve-

nham: já não há nada que me possam levar.

44

RELATO

Uma vez por semana não trabalho no

barco. Fecho o portão à chave para impedir os primos da Sofia de entrarem na quinta e me expulsarem como da casa de Cascais e vou a Lisboa, à clínica, visitar o meu pai num

rés-do-chão de Alvalade onde havia campos e agora existem vivendas e esplanadas e ruas sob as árvores, e lá está ele numa poltrona à janela, sem conseguir falar no meio de outros velhos que não falam também, também de roupão, também imóveis, também de dedos nos joelhos, mirando-me em silêncio num vazio zangado, o meu pai que duas empregadas arrastam à noite para a cama numa aflição de pantufas

-Fazer ó-ó fazer ó-ó quem é que tem muito juízo e faz um ó-ó lindo quem é?

lhe desatam o nastro do pijama, desabotoam a braguilha, colocam um bacio entre as pernas magríssimas, só cerdas e ossos

- Chichi senhor doutor chichi chchchchchchchch então que é isso vamos lá bravo ótimo bravo hoje não nos vai sujar os lençóisinhos lavados pois não seu maroto?

o meu pai de queixo pendente, de nádegas bambas, a tentar limpar o nariz com a manga que treme, e elas solícitas

-Tem o lençinho na algibeira não tem senhor doutor tem sim senhor cá está ele repare no lençinho diga aqui à Fernanda para que lhe serve o lençinho

45

o meu pai calado, submisso, inútil, sem cigarrilha, seni dentadura postiça, sem lábios, sem chapéu, estendido no colchão como um espantalho de cana, as empregadas a comporem-lhe a coberta

- Malandreco a sumirem-se no corredor, a repetirem no quarto ao lado, invisíveis, de vozes amortecidas por um roçar de panos, um roçar de esmalte, a espessura do tabique

- Chichi senhor major chíchi chchchchchchchch então que é isso vamos lá bravo ótimo bravo hoje não nos vai sujar os lençóizinhos lavados pois não seu maroto?

e outro espantalho de cana num colchão, outro malandreco calado, outro malandreco submisso, outro malandreco inútil, as vozes mais longe, no entusiasmo de sempre

- Chichí

o meu pai de moleirinha na almofada e da janela atrás dele a paz de candeeiros do largo, pedaços de fachadas, uni escorrega e um balouço num quadrado de relva azulado da lua, eu pequeno na sala com um Jogo de cubos e o meu pai a pousar o jornal, a tirar a cebola do colete, a esticar o indicador na direcção da porta

- Arrumar imediatamente o jogo guardar a caixa no armário e pildra

em Alvalade a paz de candeeiros do largo, as folhas das árvores no céu lilás, as borboletas do verão espalmadas nos caixilhos, as vozes das empregadas nos antípodas, inalteráveis de zelo

-Chichí eu na sala com receio do escuro, dos ladrões, dos lobos (a governanta a mentir-me

-Não há lobos nenhuns não há lobos onde é que já se viram lobos na quinta menino?)

eu a segurar as lágrimas -Só mais este jogo prometo, só mais cinco minutos pai

46

o meu pai de bochechas côncavas, a respirar em sobressalto pela chaleira dos pulmões, de unhas compridas no rebordo da colcha, o meu pai de perna cruza-

da, sumido no jornal, com o chapéu navegando sobre as

notícias numa aura de fumo, a mandar-me para a morte (a cozinheira a cuidar que eu era parvo

- O menino está a brincar comigo ou quê?)

o meu pai

- Pildra eu apavorado pelo escuro, pelos ladrões, pelos lobos, a tentar salvar a vida e a meter o jogo na caixa o mais devagarinho que podia enquanto as badaladas do relógio da parede soavam uma condenação definitiva, eu a

caminhar para o armário, transportando a caixa dos cubos, a ganhar tempo com passos de infinita cautela como quem transporta uma bandeja de copos a transbordar num convés de navio, o chapéu a erguer-se do jornal, ameaçador

- Não tarda um segundo levanto-me João os lobos muito quietos, de goela aberta à minha espera entre as consolas, os ladrões de máscara na cara a prepararem os sacos em que me haviam de roubar para me venderem na feira aos ciganos de Azeitão (palpando-me os tornozelos como palpavam as mulas)

eu a acender os interruptores que me

separavam do quarto porque toda a gente sabe que nem os

lobos nem os gatunos se dão bem com a electricidade, e na clínica, comigo num banco a olhá-lo, de cotovelo na mesinha de cabeceira repleta de pastilhas e xaropes, um guarda-vento a bater, as vozes das empregadas a crescerem de novo, passos, uma franja a espreitar, um fragmento de aven-

tal, o bâton de um sorriso

- O seu pai é um santo coitadinho o santo erguendo e baixando o peito num

ruído de pedras húmidas que chocalhavam, sem reparar em mim, sem se importar comigo nem com a quinta nem com

a casa nem com os comunistas, sem me oferecer o revólver do cinto

47

- Dispara o santo transformado num mikado de t'oiias, num par de narinas dilatadas, num roberto sem préstimo, e apesar disso eu à espera de uma palavra que não sabia qual era e que não vinha, não viria nunca, que o médico me explicou que nem sonhasse que vinha a mostrar-me análises e radiografias, manchas que contornava com a esferográfica didáctica

- Se o seu pai se conservar assim é uma sorte vamos a ver se prevenimos mais ataques o pior são as

escaras o pior é a possibilidade de uma pneumonia

o médico a arrumar análises e radiografias num envelope castanho e eu a despir-me tão depressa quanto conseguia e a procurar adormecer antes que o meu pai viesse e apagasse as luzes dado que quando dormimos os gatunos e os lobos se desinteressam de nós, nos deixam tranquilos e atacam outras crianças noutra casa, mas os aparadores estalavam no silêncio, as cómodas gemiam, havia uma tosse de assassino em qualquer ponto das trevas (na copa? na cozinha? no escritório?)

o meu pai no umbral a desligar o interruptor

- Só me faltava que um filho meu tivesse cagaço do escuro _eu enrolado debaixo dos cobertores para me defender dos ladrões, tão minúsculo que não dariam por mim se levantassem os lençóis, a segurar a urina na bexiga, a segurar o coração descompassado, a responsável da clínica a tocar-me nas costas, divertida

- E urna da manhã senhor engenheiro acorde faz tenções de se mudar para cá?

uma mulher parecida com a viúva do farmacêutico de Palmela, também gorda, também aparatosa de cetins, também de cãozinho microscópico ao colo, decerto com um gato de gesso numa vivenda repleta de quinquilharia oriental (mandarins chávenas travessas)

48

nos arredores de Lisboa, Olivais, Prior Velho, Mem Martins, Cacém, o espantalho como se o motor

avariado da máquina de cortar relva se lhe desengonçasse no peito, o meu pai que um ano depois da revolução o teimava em esperar os comunistas na quinta devastada a tocar piano na sala num júbilo de vingança, chupando uma cigarrilha apagada de chapéu nas sobrelanceiras, troçado pelas gralhas, pelos corvos, pelas gaivotas transviadas da Arrábida

- Já não há nada que me consigam tirar a responsável da clínica, nos seus gazes luxuriantes, a ajudar-me a vestir a gabardine no vestíbulo com uma lanterna de cobre e um elefante numa peanha, estendendo-me o cachecol, preocupada com o frio

- A sua mana apareceu ontem a visitar o paizinho

o paizinho que gritava para mim esmur-

rando as teclas do piano

- Já não há nada que me consigam tirar

e os eucaliptos a avançarem para ele num atropelo de rãs, os eucaliptos que ocuparão a coxar a

quinta inteira se os primos da Sofia e o secretário do tribunal não vierem expulsar-me um dia destes, acompanhados pela polícia e por uma ordem do juiz, que ocuparão a quinta inteira de grandes folhas negras e de suspiros de juncos, eu

a afundar-me no lodo entre paredes desfeitas, uma reclamação de gonços, um bailado de pés, um som de jarro ou

de prato quebrado, a empregada de franja, invisível

- Dona Cecília o major deu o bafo o major de manta nos joelhos que sentavam para o lanche no sofá da saleta no meio dos restantes espantalhos, cada qual com a sua manta em semicírculo diante da novela da televisão, sem se distraírem com os episódios, sem emitirem um som, os espantalhos sem incisivos ou com um único incisivo que era necessário alimentar à colher como bebés vetustos, berrando-lhes ao ouvido

- Ai essa boquinha fechada senhor arquitecto essa boquinha que não quer comer

49

até que a chaleira de um deles se calava sem aviso como a máquina de cortar relva se calou, o substituíam na semana seguinte por um espantalho idêntico, igualmente incapaz de falar, igualmente de manta, igualmente com duas ou três farripas bolorentas, de boneca de sótão, no crâniozinho calvo, a responsável da clínica a res-

ponder à da franja

- Um momento

e a ajustar-me o cachecol de pestanas em

arco, resignada _ É o meu destino senhor engenheiro se

me aguentam um mês estou com sorte

e embora os espantalhos sentados nos sofás mudassem constantemente eram os mesmos para mim de tal forma a idade acaba por os aparentar, as mãos, o nariz, a testa, o corpo, as cerdazitas do peito, dúzias e dúzias de espantalhos de bacio na virilha (- Chichi senhor professor chichi vamos embora)

dúzias e dúzias de espantalhos babando arroz, massa, caldo, lavados com uma esponja, secados com pó de talco, barbeados aos sábados, de costelas a dançarem no fato gigantesco, de gravata a dançar no colarinho torto

Todo catita para o seu neto seu vaidoso) no dia em que a família os visitava, e uma noite como esta, à saída da clínica, atravessava eu o quadrado de relva azul do balouço, tornada mais azul pelo reflexo dos candeeiros e a humidade dos arbustos, um carro a estacar à minha frente e a minha irmã aos pulos no passeio, pronta a esganar-me

- Não me disseste onde o pai estava não me disseste que teve uma trombose

o meu pai na quinta devastada rodeado de cinza, rodeado de lixo, troçado pelas gralhas, troçado pelos corvos, troçado pelas gaivotas transviadas da Arrábida à cata de peixes na piscina vazia, o meu pai contentíssimo

50

- Já não há nada que me consigam tirar cada vez mais vitorioso, cada vez mais feliz, percutindo as teclas num tropel de galope, o lustre a oscilar, o retrato autografado da rainha a despenhar-se, o chapéu a voar-lhe da cabeça, a cigarrilha a tombar-lhe na camisa, o piano a emudecer de súbito, o meu pai de lapelas pendentes, de braços pendentes, de olhos escancarados para mim e eu _ Pai

o piano a prolongar sozinho uma nota interminável, as gralhas mudas, os corvos mudos, os eucaliptos mudos, o tempo coalhado, a cigarrilha rebolando a fumar na cinza e no lixo, o meu pai a erguer-se do banco, a jogar a mão a um reposteiro sem lograr apanhá-lo, eu a

trotar para ele

- Pai a minha irmã no quadrado azul de relva, a

puxar-me o cachecol

- Não me disseste onde o pai estava não me disseste que teve uma trombose (- Chichi senhor doutor chichi chchchchchchchc vamos embora então que é isso bravo ótimo bravo hoje não nos vai sujar os lençoizinhos lavados pois não seu maroto?)

o meu pai a hesitar, a inteiriçar-se, a amo-

lecer, a espetar a barriga, a gritar para mim o nome que não dizia nunca

- Isabel a deslizar para o sobrado

- Isabel as gralhas mudas, os corvos mudos, os

eucaliptos mudos, as corolas dos narcisos aterradas, o meu pai em segredo, de lábios contra o chão, de ventre contra o chão, de dentadura postiça a deslocar-se, o meu pai quase temo

- Isabel um albatroz suspenso junto ao tecto, aos guinchos na sala, a minha irmã retorcida de fúria

51

-Se não querias que eu soubesse para ficares com tudo enganaste-te aldrabão

eu a correr pelos ciprestes até ao posto de socorros de Palmela, uma marquesa, uma cadeira de dentista imponente que era um trono de engraxador ou de barbeiro ou de príncipe consorte, ou de execuções capitais, um

balde de pensos amolgado e um camponês de bata, perdido de bêbedo, esparramado no trono numa dignidade de soba, alongando para mim a indiferença da pálpebra

- Se partiu uma tibia aguento-se à bronca e ponha pachos quentes que o doutor só cá vem para a semana

um cartaz oftalmológico que parecia con-

ter uma mensagem em código, a equipa de futebol do Palmelense, um fogareiro de esterilizar seringas a assobiar como um ganso, um miúdo de boina a prevenir da porta, agastado

- O meu padrinho manda dizer que está farto de esperar por si para começarem a sueca senhor Carlos

eu a libertar-me da minha irmã no escorrega e no balouço de Alvalade iluminados pela relva da praceta enquanto as empregadas da clínica, lutando com a

má-vontade do cadáver, embrulhavam o major no fato destinado às visitas da família, o camponês de bata a descer da cadeira numa lentidão trabalhosa

- Agora não posso atendê-lo que tenho uma chamada urgente

a minha irmã recuando para o carro a proteger-se com a carteira, um casal debruçado da varanda na

esperança de sangue (a relva azul, o escorrega azul, o balouço azul movendo-se sem que ninguém lhe tocasse)

- Queres bater-me João queres bater-me? acabei por voltar à quinta acompanhado em cortejo pelo camponês de bata, pelo miúdo da boina que espreitava as calhas de rega no pânico das cobras

52

- Há aqui cobras não há? e pelos parceiros da sueca espalhando valetes no capim, uma bezerra soluçava fora do estábulo, tonta de fome, os pardais saltavam ao acaso na eira perturbados pelos eucaliptos cada vez maiores, o camponês de bata esbarrou no piano (- Gaita)

a inclinar-se para o meu pai numa gravidade de entendido

- Cá para mim não tem dúvida carregou-lhe no tinto

e o padrinho do miúdo da boina a rebrilhar anéis

- O problema deste País é que há pessoas que não aguentam nem um decilitro

eu criança espreitando as calhas de rega no pânico das cobras

- Há aqui cobras não há? cobras listradas no tanque, cobras de guisos no poço, cobras de água no pântano, cobras rateiras no telheiro do tractor, no celeiro, no estábulo, um sábado? ao chegar de licença da Tropa o meu pai convocou-me ao

escritório e havia uma rapariga de óculos com ele, sem pintura, sem cetins, sem cãozinho, uma espécie de dactilógrafa ou de telefonista triste e eu pensei

- A última amante a última conquista (as empregadas da clínica a comporem-lhe a coberta

- Malandreco) uma rapariga na bordinha do divã como se

acabasse de entrar ou fosse sair dali a pouco, o padrinho do miúdo aos bordos, definitivo

-Se eu presidisse a este país começava por proibir o álcool repare-me na vergonha deste idiota espojado sem cerimônia na sua casa a curtir o bagaço se

você quiser a gente põe-o na rua num instante

a rapariga dos óculos, intimidada, a em-

purrar as lentes para cima com o mindinho, uma ocasião vi

53

uma cobra de trinta centímetros no terraço, fui buscar a

governanta que dava instruções no quarto da costura, obriguei-a a vir comigo e a cobra sumira-se na horta ou na garagem, nem um jacinto segredava, as rolas alisavam as asas no poial, a governanta a explorar as sardinheiras com a biqueira, repreensiva

- O menino gosta de brincar comigo ou julga que eu não tenho que fazer?

a rapariga dos óculos, vestida de dactilógrafa ou de telefonista triste, sem se atrever a olhar-me, a mim que me apetecia desfardar, tomar banho, ir embora, o

meu pai como se anunciasse que ia chover ou prevenisse que jantava em Lisboa

- Cumprimenta a tua irmã João uma tarde uma cobra deslizou no quarto da costura, enfiou-se no cesto da roupa, o jardineiro veio com o sacho matá-la, a governanta a desmaiar

- Que horror só não se despediu porque o meu pai prometeu calafetar as portas e as janelas e colocar uma rede na chaminé do fogão, mas passou a caminhar para todo o lado de terço ao pescoço e vassoura em punho a fim de se proteger das víboras, eu incomodado pelo blusão militar que dava vontade de coçar-me ponderando dou-lhe um beijo não lhe dou um beijo, eu com um sorriso que não era um sorriso era uma careta congelada

- Muito prazer eu que em lugar de

- Muito prazer em lugar de observar os corvos pela vidraça do escritório devia agarrar na vassoura da governanta e

expulsar a telefonista que visitava o meu pai uma ou duas ocasiões por ano, cerimoniosa, de óculos, vestida como se tivesse mais anos do que os anos que tinha, a segurar a carteira de verniz com as mãos juntas, sentada na borda do sofá como se acabasse de entrar ou fosse sair dali a pouco, uma irmã que eu não sabia de que mãe era da mesma forma que em relação à minha mãe

54

(- Isabel

o meu pai em segredo, de lábios contra o

chão, de ventre contra o chão

- Isabel

o meu pai quase terno

- Isabel) da mesma forma que em relação à minha mãe eu não sabia de que mãe era, lembro-me de discussões, de sons de luta, de baús na entrada, de um carro nos ciprestes para a estrada de Lisboa, do meu pai no alto das escadas a gritar

- Andor sem ninguém para o ouvir, sem ninguém interessado em ouvi-lo tirando os pombos e as rãs, das criadas a chorarem na cozinha, da governanta a deitar-me e a

esperar de luz acesa que eu adormecesse

- Joãozinho Joãozinho do meu pai urrando no alto das escadas para o automóvel que se fora há séculos

- Andor a agitar os braços numa fúria cancerosa
- Andor trancado no escritório dias seguidos, sem

conversar ao telefone, sem dar ordens, sem examinar a horta nem as vacas no estábulo, as criadas deixavam-lhe a bandeja do almoço e do jantar no tapete e ele nem encetava a sopa, o termos do chá e não bebia, o correio e não abria as cartas, o padrinho do miúdo da boina, convidativo, a retirar o baralho da algibeira e a instalar-se no tamborete do piano

- Se a gente mandasse o catraio a Palmela buscar umas cervejas e alinhasse numa suecazita enquanto o velho acorda e não acorda?

eu não sabia de que mãe era porque não me recordo nem da cara nem da voz nem dos gestos, recor-

do-me de uma saia clara a descer à pressa os degraus, uma

gabardine, um guarda-chuva fechado, fotografias que deser-

55

taram dos móveis, quando a Sofia me perguntou, na época em que nos conhecemos

- A tua mãe como era? e íamos a bailes, a jantares, a vendas de caridade, a passeios de iate, acompanhava-a à missa aos

domingos, cabeceava de sono durante as homilias, jogávamos ténis no Estoril, montávamos a cavalo na Marinha, a minha sogra obrigava-me a fazer de quinto no bridge se faltava um parceiro, eu não compreendia o significado das baldas, enganava-me na contagem dos trunfos, a minha sogra a morder a boquilha

- O menino é um pé a Sofia no Guincho a untar-se de cremes no meio das primas, das cunhadas, dos namorados das cunhadas e das primas, mais altos do que eu, mais fortes do que eu, mais bonitos do que eu, mais ricos do que eu

(- O menino tem dinheiro para manter a Sofia ao nível a que ela está habituada?)

no meio de barquinhos e batatas fritas e risadinhas e cochichos que me excluía

- A tua mãe como era? um silêncio amável, um interesse educado, o véu de noiva de uma coroa de flamingos no rastro de um pacote, o camponês de bata a desrolhar cervejas, a

baralhar as cartas no tampo do piano, o meu pai a romper finalmente do escritório no passo de dantes, na autoridade de dantes, eu a estender-me na toalha de praia de modo a que não me vissem a cara

- Nunca tive mãe

o meu pai outra vez com o desprezo maçado com que discutia as opiniões do veterinário a en-

xotar as criadas para o pátio das traseiras, a convocar a cozinheira com o dedo, a comandar-lhe sem palavras que largasse o fogão, a segurar-lhe o pescoço, a Sofia incrédula, de bochechas a luzirem de pomada para o sol, não era um pacote na direcção da barra, eram dois, cada qual com a

sua coroa de flamingos, as primas e as cunhadas pestane-

56

jando de surpresa, os namorados das cunhadas a das primas embaraçadíssimos

- Nunca tiveste mãe? eu diante das discussões, dos sons de luta, dos baús no vestíbulo, do carro na estrada de Lisboa, de uma saia clara a descer à pressa os degraus, a lembrar-me de uma gabardine, de um guarda-chuva fechado, da governanta à espera de luz acesa que eu adormecesse

- Joãozinho Joãozinho mas a não me recordar de nenhum rosto, de nenhuma voz

- Nunca tive mãe a cozinheira debruçada para a mesa de mármore, com uma tábua de estender massa e uma forma de bolos, o meu pai a subir-lhe o avental, a procurá-la com a raiva dos dedos (cobras, cobras nas sardinheiras, cobras)

as criadas a espiarem do pátio de nariz no vidro, eu criança à procura da lata das bolachas que dizia arroz por fora como a lata do grão dizia açúcar e a do feijão café, a vê-los de repente, pregados um ao outro, a abanarem contra a mesa, a cozinha cheia de sombras vivas, eu com bolacha entre a mão e a boca, o meu pai aplicando-me uma bofetadinha pedagógica

- Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

nunca cheguei a beijar a telefonista triste, de mala de verniz, vestida de tia sem idade

- Cumprimenta a tua irmã João a visitar Palmela duas vezes por ano, ajustando os óculos com o mindinho, a minha irmã que eu não sabia de que mãe era, cabeleireira, manicure, modista, uma mulher a dias que minha mãe despediu, ou se aconteciam por causa dela as discussões, os sons de luta, os baús no vestíbulo, eu fardado de tropa, com o blusão a incomodar-me a pele (cobras, cobras nas sardinheiras, nas sardinheiras, cobras)

57

com vontade de me despir, de tomar banho, de ir embora, de cinto a incomodar-me os rins (cobras)

com ganas de voltar para o meu quarto, ler uma revista, um livro, qualquer coisa e esquecer-me do carro pelos ciprestes fora

- Muito prazer eu para a Sofia ao regressarmos da praia, ao

subirmos as escadas no sentido do hotel, do aquário de chernes do bar onde as nossas silhuetas ondulavam

- Não tenho mãe não tenho irmãos sou filho único

o meu pai de lábios contra o chão, de ventre contra o chão da sala, o camponês de bata a estudar as cartas numa excitação canibal, o padrinho do miúdo da boina a oferecer-me mais cerveja

- Em acabando esta partida acordamos o pedinte com uns beliscõezitos e garanto-lhe que o sujeito nunca mais o incomoda

o sujeito que levámos a Palmela, à noite, tropeçando uns nos outros, numa cantoria desalmada, arras-

tando os calcanhares no tojo, de testa suspensa, amparado pelos sovacos entre mim e o camponês de bata, o sujeito que sentámos no trono de dentista ou de engraxador ou de príncipe consorte a animá-lo com goles de cerveja que lhe escorriam da boca num fastio murcho, e o padrinho do miúdo da boina a espavitar o meu pai com umas palmadas

- Se eu presidisse a este país proibía o

álcool e acabavam os madraços o melhor é a gente encostá-lo à parede da igreja que o frio da manhã acorda-o e continuarmos a sueca

uma ocasião o meu pai largou o escritório para assistir ao parto de um bezerro e ficámos sozinhos um defronte do outro, a minha irmã e eu, ela a ajeitar os óculos com o mindinho e a agarrar-se ao corrimão da mala e eu a coçar o umbigo, como dois doentes numa sala de espera, dois desconhecidos num elevador, começou a

58

tornar-se difícil respirar, o tecto baixava, as paredes apertavam-nos, o relógio da estante era um globo gigantesco, a

minha irmã abriu a mala e principiou a refrescar-se com um pedaço de cartão, tirei o lenço da algibeira e assoei-me, o colar dela sufocava-a, a gravata sufocava-me, sentia as

vértebras molhadas, o cabelo molhado, um desconforto de fritos ou de salada de polvo no estômago, destranquei a

janela, a troça dos corvos rebentou-nos na cara, o meu pai escorregou da cadeira de engraxador quando o ás de trunfo abafou o rei e a manilha, o camponês de bata distraíndo-nos para evitar perder o jogo

- Se levássemos o mendigo ao hospital? mesmo de janela escancarada para o roçar de papel almaço das roseiras ela continuava a refrescar-se com o cartão, a minha irmã nem sequer dactilógrafa, nem

sequer telefonista, ajudanta de solicitador em Alcácer, sem marido, sem filhos sem amigos, amortalhada num andarzinho escuro atulhado de móveis escuros salvados de um naufrágio, o padrinho do miúdo da boina, que não cessava

de ganhar, arrebanhando as cartas para contar os pontos

- Hospital uma ova encosta-se mas é à arede da igreja e deixa-se dormir à vontade que o mal dele

e sono

um andarzinho à beira-rio se calhar herdado da mãe ou de um parente marujo que trazia porcarias de Goa, um andar como debaixo de água, com lulas em vez

de pássaros lá fora, corais de árvores, refrações amarelas, uma gata a lamber a própria vaidade no peitoril, almofadas bordadas, a minha irmã a aquecer-se a uma braseira, a

ajeitar os óculos com o mindinho, a fitar-me numa melancolia de viúva, eu a pensar

- De quem é que o meu pai a teve?

a pensar

- Também terá havido discussões sons de luta baús no vestíbulo o meu pai aos gritos

- Andor a minha irmã na casinha de Alcácer sem nenhuma govemanta para a ajudar a adormecer, a surgir de

59

uma copa de prateleiras forradas, de toalhinhas de papel com um bule de tisana coberto por uma manga de lã, e no

entanto conheceu a mãe dela, não cresceu no meio de mugidos, de gralhas e de rãs, o miúdo da boina, maçado da sueca, a experimentar a bochecha do meu pai com as

costas da mão

- O gajo está frio que nem um morto padrinho

o padrinho para quem a sorte mudara e não vencia uma vasa, de anéis desmaiados a atirar as cartas para a marquesa e a mirar o meu pai num soslaio assassino

- O que o malandro está é a encalistar-

-me o jogo

a puxar o meu pai na ideia de se vingar da derrota, a escorregar numa carica de cerveja e a tombarem ambos no posto de socorros derrubando seringas, o padrinho do miúdo da boina a bater com a cabeça no balde

- O camelo agrediu-me palavra de honra que o camelo agrediu-me

o médico da clínica de Alvalade a pousar o

martelinho de borracha

- Se a trombose foi ontem por que é que só mo trazem agora?

a minha irmã a oferecer-me lucialima no andarzinho de Alcácer com um cheiro de alfazema nas gavetas da roupa, a gata a passar do peitoril para a mesa

num derrame de veludo, eu a espiar uma fotografia de mulher emoldurada de margaridas de louça

- Quem será a mãe dela? eu que não tive mãe, não tive irmãos, sou filho único, uma fotografia de mulher parecida com a governanta que ficava ao pé de mim de luz acesa

Joãozinho Joãozinho até eu adormecer

- Será a governanta? uma mulher também com cara de costureira ou de telefonista triste, também de óculos, também

60

vestida como se tivesse mais anos do que os anos que tinha, eu para a minha irmã que desviava a gata, a mostrar o retrato enquanto o rio de Alcácer tragava o largo, tragava camionetas de carga, esplanadas, degraus, o meu pai de lábios no

chão, quase terno _Isabel

a mostrar a fotografia da telefonista triste emoldurada de margaridas de louça

- É a tua mãe? eu que não tenho mãe, não tenho irmãos, não tenho família (a minha filha mais velha a remexer as

gavetas da cozinha onde os suspensórios se misturavam com os talheres

garfos tortos colheres tortasfacas que não cortavam

- Como é que consegue viver num chavasco destes?)

eu, atormentado pela angústia dos pombos, a construir um barco para sair daqui, dezenas de velhos a respirarem em sobressalto pela chaleira dos pulmões, dezenas de espantalhos de roupão a agonizarem diante da novela do televisor, a empregada da franja, a despir o meu pai

-Cheira a chichi e a cerveja que fede pobrezinho

o meu pai sem cigarrilha, sem dentadura postiça, sem chapéu, a tentar limpar o nariz com o punho que tremia, a responsável da clínica, solícita

-Tem o lençinho na algibeira não tem senhor doutor tem sim senhor cá está ele repare no lençinho diga aqui à Fernanda para que serve o lençinho

dezenas de espantalhos de manta nos joelhos, com madeixas bolorentas nos craniozinhos calvos e tufo de pêlos brancos nas pernas magríssimas, mirando-me das poltronas num vazio zangado, espantalhos como corvos

troçando-me dos quartos em gargalhadas mudas, o médico a pousar o martelinho de borracha

61

- Se a trombose foi ontem por que é que só mo trazem agora?

velhos troçando-me dos quartos em gargalhadas mudas, centenas de velhos na praça de Alvalade, empoleirados nos prédios, empoleirados nos candeeiros, descendo no escorrega, dançando no balouço por sobre a relva azul, centenas de corvos antiquíssimos não na quinta, na horta, no pomar, no telheiro do tractor, não no bosque de faias, na cave de Alvalade, troçando de mim na

cave de Alvalade, velhos de falanges como gavinhas de patas, mandíbulas como bicos, membros como farrapos de asas, velhos de penas eriçadas escarnecendo de mim, o

médico, também parecido com um corvo, a escrever uma receita, a estender-me a receita

- Se a trombose foi ontem por que é que só mo trazem agora?

e ao mesmo tempo que me defendia dos bicos, das garras, das asas, que tapava os ouvidos para não escutar os crocitos, o padrinho do miúdo da boina, a oscilar de bêbedo, apertou-me no ombro o brilho dos anéis:

- A gente chegou um bocadinho mais tarde por termos uma sueca para acabar doutor.

62

COMENTÁRIO

Em toda a minha vida fui à quinta de Palmela duas ou três vezes no máximo. Não gosto de vacas, não gosto de porcos, não gosto do cheiro de estrume em

todo o lado, e não gostava do meu sogro a medir-me de alto a baixo como se nunca me tivesse visto e não fosse nora dele há dez anos

-Uma espirra-canivetes magra e sem ancas

não sabes escolher bezerras João

com a maior das sem-cerimónias, o maior dos desplantes, indiferente à governanta, às criadas, aos pequenos, à criatura sentada ao lado dele no sofá, de cãozinho ao colo, uma cinquentona sinistra, possidoníssima, arranjada às cinco da tarde como para um baptizado em

Algés, viúva do farmacêutico ou do notário lá da terra que me falava sempre a tratar-me por querida e a tocar-me no braço, detesto que me toquem e a criatura

pumba a mexer-me no braço, eu a recuar e ela surpreendida, abanando os calores com o leque a que faltavam varetas

- Aleijei-a querida? eu, com as sobrancelhas, a pedir ao João que nos fôssemos embora e o João sem ligar nenhuma, eu

pelos cabelos com as intimidades da mulherzinha a exigir à força, sei lá porquê, que lhe fizesse festas ao rafeiro

- Cumprimenta esta menina Nero

63

o Nero com cara de imbecil, de pata no ar, a lamber-me os dedos com a língua nojenta, comigo ago- níadíssima, quase a vomitar

- João o meu sogro de cigarrilha no queixo, a

mirar-me como se nunca me tivesse visto

- Que raio de pau de virar tripas te lembraste de arranjar João

o João calado, o João no carro com os pequenos na gritaria do costume no banco de trás a discutirem sobre quem ia à janela, o João sem coragem para nada a não ser vigarizar a minha família quando a seguir à revolução ficou a tomar conta do banco, o João a defender o pai em lugar de me defender a mim

-Tem aquele feitio já o conheces não lighes

ao descermos no sentido do portão havia passarada em toda a parte cruzando o caminho à nossa frente, batendo contra os vidros, grasnando, perseguindo o

tractor, perseguindo uma garota meia nua, de perna ao léu, a sair do estábulo com um balde de leite em cada braço, pássaros que nos queriam matar a tentarem romper pelo automóvel dentro, e eu decidida a não voltar a Palmela, eu esquecida da barulheira dos pequenos, eu num grito, a proteger-me com os cotovelos

- Acelera e tive de parar no café da vila para tomar um calmante, um café com montes de bicicletas encostadas à parede cá fora e montes de moscas pousadas nos bolos lá dentro, com um empregado de camisola interior a

limpar o balcão sujo com um pano sujo e a gingar entre galhardetes de clubes

- Branco ou tinto madame? enquanto os pequenos exigiam pastilhas elásticas, rebuçados, chocolates, encantados com os chupa-chupas peganhentos e os pastéis de nata podres, o da camisola interior a remexer louça porquíssima, a esfregar um

64

copo com o pano sujo e a enchê-lo na torneira prolongada por um tubo de borracha numa lástima

-Aqui a água traz um bocado de terra misturada madame também não admira porque a nascente fica mesmo por trás do cemitério

os pequenos era fatal a encherem as algibeiras de bombons bolorentos, os das bicicletas, igualmente de can-úsola interior, a jogarem dominó num chorrilho de insultos, eu a cuspir a água com uma vontade enorme de chorar, a apetecer-me estar no Estoril com a minha mãe e os meus irmãos, em paz e sossego, sem o selvagem do meu sogro, sem a viúva do leque a que faltavam varetas, sem pássaros, sem água com

defuntos dentro, sem maçadas, a apetecer-me não me ter casado ou ter-me casado com qualquer outro menos o João, eu que nem me posso queixar de não me terem prevenido

- Se a menina é tão estúpida que quer dar cabo da sua vida com o primeiro pindérico que lhe aparece é consigo

o dono do café a explorar as cáries com um pedaço de fósforo e a assear o fósforo nas nódoas da camisola interior

- Eu avisei a madame que não bebesse da torneira que chegam a sair bocadinhos de ossos por ali

de modo que em toda a minha vida fui a

Palmela duas ou três vezes no máximo. Há uma data de anos levaram-me ao Alentejo ao crisma da filha de uma

costureira que casou lá de casa e o que vi foi uma multidão de cafres, homens de bigode e mulheres de carrapito, a

mastigarem de boca aberta e a despejarem pratos inteiros de sanduíches de presunto para sacos de plástico, agarrei-me à saia da minha mãe, espantadíssima, e a minha mãe na careta de uma rainha cercada de vassalos que a não merecem, a encolher os ombros conformados

- Por mais que os puxemos esta gentinha é assim

65

isto num convento ou numa igreja abandonada, sem tecto, com painéis de martírios de santos sobre os destroços dos altares, cachorros vadios a lutarem debaixo das mesas por um bocado de frango, um cego a tocar concertina no confessionário, o sacristão aos encontrões ao padrinho a balouçar um gargalo de anis, e a costureira, também de saco de plástico rebentando de comida, com plumas a escorregarem- lhe da testa, a costureira amparada ao casaco de peles da minha mãe a oferecer-nos uma tra-

vessa com palitos espetados nas fatias de morcela que uma

velha, em guinchinhos de pardal, ia enfiando na carteira numa pressa de rapina

- Está a gostar do almoço minha senhora? a minha mãe a esfregar-se à sucapa (- Aposto que me pregaram uma carrada de piolhos)

de cara fechada, sem um sorriso, a fazer sinal ao chofer que a escoltava como um suíço do Vaticano

- O mais possível Aurora a minha mãe já fora da igreja em ruínas, num pátio onde os críancos dos convidados se corriam à pedrada e um grupo de raparigas mascaradas de saguins de realejo, espiadas por manganões de patilhas e botas de carneira, se fotografavam mutuamente numa excitação de gritinhos, a minha mãe a perfumar-se com o vaporizador como quem se desinfecta

- Que pivete meu Deus e mal chegámos ao Estoril mandou-me tomar banho e lavar a cabeça por causa dos percevejos, das doenças e do fumo dos fritos, e sempre que me acontecia ir a Palmela lembrava-me do crisma no Alentejo, as mes-

mas pessoas, a mesma confusão, o mesmo desconforto apesar dos m óveis e dos quadros razoáveis, das porcelanas que não seriam mas se não estivessem coladas e dos retratos do Salazar e da Rainha, apesar das roseiras por tratar e dos buxos a pedirem uma tesourada como deve ser, apesar do chocalho do piano, dos espelhos pretensiosos e

66

do batalhão de criadas mal fardadas, um dia contei à ininha mãe como era a quinta e ela, de saída para a massagem ou para as noelistas

- O que é que a menina esperava de uns

pirosos que nem pobres têm?

enquanto eu tinha um pobre só para mim às quartas-feiras, um pobre a quem me proibiam de dar dinheiro para ele não o gastar logo em aguardente que é aquilo que os pobres fazem assim que se apanham com um tostão no bolso, só sapatos e roupas que já não serviam e

coisas sobradas do jantar da véspera e o veterinário dizia que pelo tempero podiam fazer mal aos cães e embaciar-lhes o lombo, quando o meu pobre morreu de tuberculose na barraca em que morava, numa colina sobre o mar cheia de vento e de ervas e de vazadouros e de florinhas brancas, notei que na cabana dele não havia electricidade nem luz mas existia um lustre pendurado do tecto a balouçar os pingentes de vidro, um canário numa gaiola de cana entretido com uma folha de alface e um corpo no chão no meio de trapos imundos, com uma camisola do meu irmão Gonçalo a servir de cobertor, e após a morte do meu pobre ofereceram-me um pobre mais novo que durasse mais tempo, saudável, ainda sem tosse, baptizado e com as vacinas em dia, aconselhado pelo senhor prior por não ter vícios nem ser capaz de me faltar ao respeito, que tive de mandar embora no Natal seguinte e de me queixar da sua falta de educação nas noelistas porque caí na asneira de lhe dar dez escudos e ao recomendar-lhe

- Agora veja lá não gaste isso tudo em aguardente

respondeu-me maleriadíssimo a virar e a revirar a moeda

-Claro que não menina claro que não fique descansada que vou direitinho ao stand e compro um Alfa Romeo

o que me ajudou a entender que os pobres não sabem colocar-se no lugar deles, ou andam tubercu-

67

losos, a atirarem-nos os bacilos à cara, ou ficam completamente insuportáveis, danados por serem pobres e habitarem barracas de tábuas e placas de zinco na encosta sobre as ondas, com o sol a fazer brilhar a miséria, as latas de conserva vazias e os cacos espalhados na erva, de forma que nunca mais quis um pobre para mim que já me bastam os aborrecimentos da vida, as asneiras do cabeleireiro que não me acerta com o corte e as patetices dos pequenos com a droga, educados por mim sozinha visto o João passar semanas e semanas em Palmela que a seguir ao pesadelo da revolução e à doença do meu sogro se assemelha a um

acampamento de ciganos, encafuado na garagem a construir um barco não se percebe para quê dado não haver água perto, o João que enquanto vivemos juntos era como

se não existisse, não sabia jogar bridge, não sabia escolher uma gravata que ligasse com a camisa, a partir da uma da manhã adormecia de boca aberta no meio das conversas quando se dirigiam a ele, e os meus tios tão ingénuos ou de tão boa fé, que só por o pai do João ter sido ministro e rece-

ber o Salazar na quinta entre as vacas e a passarada, lhe arranjam um posto no conselho fiscal do banco onde ele ia ao fim do mês assinar o nome e receber o cheque, até que uma noite uma das minhas cunhadas me acordou aos berros com se a estrangulassem

- Os russos tomaram Portugal Sofia se a

menina não acredita ligue o rádio

e logo depois outra cunhada minha, e uma

prima, e a minha mãe

- Não faça perguntas não seja histérica não perca tempo e venha imediatamente com os pequenos para Cascais que o senhor prior já cá está escondido

e o que se escutava na telefonia eram

marchas militares e canções sobre o povo e a liberdade e a falta de pão, o mais contra Deus que calcular se pode con-

forme o senhor prior nos explicou, de batina desabotoada, a apertar a cabeça entre as mãos na poltrona do meu pai, a

poltrona de orelhas junto à lareira em que o meu pai se sen-

68

tava a ler revistas inglesas de golfe até o internarem com o cancro, a minha mãe em roupão a trancar as pratas no cofre antes que os pobres, que quanto mais bem se lhes faz mais mal agradecidos ficam, acautelou-nos o senhor bispo na

Páscoa, viessem da encosta roubar-nos, deitarem-se nas nossas camas e comerem aos arrotos na nossa sala de jantar apesar dos esorços do senhor prior para lhes ensinar maneiras na homilia da missa das oito, a missa deles que os pobres se levantam cedo por não terem de ir

que sorte ao Casino nem aos leilões nem ao cinema nem a concertos aborrecidíssimos aos sábados à noite, a minha mãe sustentava com razão que se chega a ter inveja dos pobres (pode dar ideia que é pecado dizer isto mas não é)

devido a não lhes cair em cima, felizmente para eles, uma quantidade de arraiais de São Vicente de Paula e de chás da Cruz Vermelha caríssimos, chega-se

* ter inveja porque a sua única obrigação é esperar em que

* gente os visite e irem à consulta da tuberculose de modo que sobram dias inteiros para o que lhes der na real gana, pedir esmola, tossir, ter filhos, vasculhar os caixotes, brincar com as crostas das feridas, deixar cair os dentes, sei lá, o senhor prior para a minha mãe, de garfo no ar, repreensivo, a bisar o suflé

- Olhe que não é bonito ser-se invejoso, senhora dona Filomena, três Avé-Marias e um Pai Nosso de penitência e é já

a minha mãe mandou fechar as portas e as

janelas para os comunistas não entrarem assim sem mais nem menos, mandou o chofer esconder os automóveis na garagem, mandou as criadas para o quarto rezarem um terço pela conversão dos bolcheviques, a rádio declarou, num intervalo de hinos contra a Virgem, que prenderam o Presidente da República que o senhor bispo colocava ao

nível de São Francisco Xavier e que iam soltar da cadeia os

69

assassinos e os violadores, o telefone não parava de tinir e

eram os primos, preocupadíssimos, coitados a sofrerem vexames na companhia de seguros, no escritório, na imobiliária, no banco, com os contínuos e os escriturários a invadirem-lhes sem autorização o gabinete onde tentavam à pressa transferir alguns tostões para Zurique, invadirem-lhes o gabinete aos palavrões gatunos sabotadores fascistas, a tratarem-nos por você como se os tivessem criado na mesma família em vez de senhor administrador, de senhor doutor, arrancando-lhes à bruta o telefone das mãos, pedindo à tropa para os algemar e fuzilar em Caxias, e o João distraído disto tudo, sem a mínima consideração pela minha mãe, sem a mínima consideração pelo senhor prior, a des-

calçar os sapatos e a ressonar no sofá, a minha mãe de cabeça perdida a sacudi-lo, com o crucifixo em punho na

esperança de uma ajuda do Santo Expedito que nos salvasse da força

O menino é parvo ou faz-se? o João que nisso, por azar, se não assemelhava ao meu sogro, sozinho a pé firme em Palmela, à entrada da quinta, de caçadeira aperrada para matar os mujíques, a vigiar o pântano, a vigiar a horta, a vigiar o

pombal, corajosíssimo, a defender Jesus sob uma revoada d

ombos alarinados e p

Ao primeiro comunista que entrar prego-lhe um tiro na pança

uma matilha de soldados pavorosos, maltrapilhos, de barbas e cabelos compridos, de funcionários da companhia de seguros, do escritório, da imobiliária, do banco, enxovalharam os meus tios de tudo quanto há, tiraram-lhes o relógio e a carteira, amarraram-lhes os pulsos como

se fossem criminosos e arrastaram-nos para Caxias, para Peniche, para Monsanto, para o lugar dos homicidas que andavam, juntamente com os pobres, a ocupar casas em Lisboa, e como diz o senhor prior para que é que um pobre quer um andar na Lapa, para que é que um pobre quer um andar no Príncipe Real, para que é que um pobre quer ar

70

condicionado e talheres e elevadores se não sabe servir-se deles, íamos ver os meus tios em cadeias junto ao rio, os

guardas revistavam a minha mãe e a minha mãe claro

- Os meninos são parvos ou fazem-se? os meus tios que nunca mataram uma mosca, pelo contrário, criaram escolas para ensinar os ceguinhos a ler nos buracos, para os deficientes das duas pernas, para os corcundas órfãos, interessaram-se imenso pelos pretos, que são iguais à gente, e pelos transplantados dos rins, os meus tios, sem gravata nem cinto nem atacadores nos sapatos, a falarem em inglês aos meus irmãos e aos meus primos por causa de problemas em Miami, em

Londres, em Lyon, o rio a afogar as vozes ao esmagar-se na muralha, a minha mãe de mão em concha na orelha, sem conseguir ouvir

- Em Miami o quê? um comunista de barba que tomava notas à sucapa a romper do seu canto com as pupilas a arder

-Que conversa é essa que conversa é essa?

o rio e os esgotos pelo Tejo dentro, areia verde, pescadores no pontão, pedras e pedaços de muro que a vazante mostrava, o meu tio Pedro para o comunista, a pedir à minha mãe que se calasse

- Aborrecimentos de família meu amigo a doença de uma afilhada que vão operar em Genève

o comunista a escrever acusações desesperadas no caderno

- Se julgam que conseguem prejudicar a

revolução enganam-se a exploração do povo acabou

e nessa mesma noite, apesar de Maio, apesar do calor, vestimos casacos de peles uns por cima dos outros, pusemos nos dedos todos os anéis que con-

seguimos, enchumaçámos os soutiens de libras de ouro e de colares, descemos as escadas a tilintar de pulseiras como mealheiros atestados, apertámo-nos em dois Mercedes pesadíssimos de malas com terrinas da Companhia das

71

Índias e castiçais italianos, só descansámos em Madrid, aterradas, esfomeadas, sem saber o que fazer, e no entanto ninguém nos obrigou a parar durante a viagem, não exis-

tiam tanques soviéticos no Alentejo nem homens de gorro de astrakan e botas de bailarinos caucasianos a tocarem balalaika e a vigiarem a estrada, dormimos numa pensãozinha medonha com um salã o de baile no rés-do-chão, um conjunto de flamenco e dúzias de pares de caretas trágicas, luzidios de brilhantina, a estremecerem o sobrado com os calcanhares, deitámo-nos três em cada cama e nem lavatório havia, só uma retrete eternamente ocupada ao fim do corredor de modo que se tentássemos girar a maçaneta vinha um urro de animal ferido do outro lado e um chorrilho de zarzuelas, acabámos por desembarcar em Badajoz que ao menos conhecíamos de comprar caramelos, por regressar a Cascais a sufocar nos anéis e nos casacos e onde o jardineiro, a cumprimentar-nos numa alegria desdentada

- Boa tarde meninas regava as plantas do jardim corno se nada fosse embora houvesse jipes de soldados nas arcadas do Estoril e pobres da colina das barracas a apanharem sol no Tamariz, estendidos nas cadeiras de lona com ar proprietário, lambuzando-se de sorvetes de marraquino sem que nenhum criado os enxotasse, para além de dezenas de vivendas vazias e quase toda a gente conhecida no Brasil, traziam papéis do banco para o João assinar, ele nem erguia a cabeça do sofá onde ressonava vinte e quatro horas por dia e escrevinhava de olhos fechados, sem acordar, sem ler, o João que jurava que não tinha mãe mas tinha, que lhe assegurou a si que não teve mãe mas teve, que nos con- venceu a todos que nunca mais a viu mas viu, continuou sempre a vê-la, e quando o embaixador americano convocou os bolcheviques, lhes passou um raspanete em forma e

mandou que deixassem em paz os meus tios e o senhor prior que voltou a tomar conta dos pobres e das noelistas e dos grupos de casais, que voltou à colina de barracas sobre o mar

72

(era Julho e as ondas tão azuis tão azuis tão azuis, não calcula o azul das ondas, um azul mais forte que esta blusa, nunca, juro que nunca, nem na Sicília, nem na Grécia, vi um azul assim, apetecia ser pobre e morar

numa barraca só pelo azul do mar; que desperdício aquela gente por falta de sensibilidade, não apreciar a natureza e preferir quaisquer cinco escudos a uma vista de sonho, não percebo de que modo Deus lida do céu com pessoas sem maneiras, que trabalho)

o senhor prior organizou tómbolas e laze- res para eles e sopa de graça, aos domingos, no patronato, que éramos nós que íamos lá, púnhamos um avental giríssimo e os servíamos, os pobres sentados, nós a servi-los que Cristo também lavou os calcanhares aos apóstolos, e eles a beijarem-nos a mão e a pedirem mais sopa, se os deixássemos comiam um barril cada um pois a única coisa que lhes interessa não é a Biffilia, não são missas, não é mostrarem-lhes os Jerónimos e o Museu dos Coches, é empazinarem a barriga, eles a pedirem mais sopa e a beijarem-nos a mão

- Obrigado menina outra vez humildes, respeitadores, domesticados, outra vez na ponta da unha, quando disse isto ao

senhor prior o senhor prior chamou-me de parte a aconselhar-me

- Não se deixe enganar pela sua bondade não acredite neles que são falsos como Judas rédea curta e

pouca confiança senhora dona Sofia olhe que eu só a ponho a pau para não ter desilusões

e é completamente verdade, tão verdade que se deixamos de lhes dar de comer ficam logo respondões e exigentes, danados connosco que estamos ali para os fazer felizes, alguns, inclusive, atrevidíssimos, capazes de ordinarices e palavrões de arrepiar, lembro-me de um

pobre, um troglodita enorme com um cão por uma trela que era um bocado de corda, tentando abraçar a minha prima Filipa a rosnar-lhe entre as malgas de caldo verde

- Ai que pedaço de mulher que a menina é que pedaço de mulher que a menina é

73

o senhor prior, escandalizadíssimo, telefonou logo à polícia, o marido da minha prima, quee cchheegggoouu * pensar no divórcio, mexeu umas influências e nunca mais * vimos, o cão ainda apareceu uma ou duas ocasiões no patronato, de focinho baixo, sem dono, a arrastar a corda da trela e a farejar-nos as pernas até que acabou por se sumir também, devem estar ambos de castigo numa esquadra, bem feito, o senhor prior para a Filipa e para o Nuno, a sossegá-los

- Aquele juro-lhes que vai direitinho para o inferno aquele nem o purgatório cheira que eu já encomendei um lausperene para isso

e mal libertaram os meus tios de Caxias, do forte junto aos esgotos da cidade e ao pontão de pescadores coberto de limos que avançava pela água na direcção da foz, chamaram-me ao escritório na Estrela, ofereceram-

-me um gínger-ale, mostraram-me dossiers; e dossiers, imensas cartas, letras, hipotecas, facturas e títulos de dívida tudo com a assinatura do João em baixo, esperaram, muito sérios, que eu dissesse alguma coisa, e como não disse nada o meu tio Pedro agarrou-me o cotovelo e ficou a agarrá-lo que tempos como se eu estivesse a desmaiar ou acabasse de ficar viúva e isso lhe provocasse pena e ternura e fosse da responsabilidade dele tomar conta de mim

- O seu marido roubou-nos um grande silêncio no escritório, um pigarrozinho abafado, rostos consternados, os meus primos a

limparem poeiras invisíveis da gravata, a verificarem o vinco das calças, a fitarem o tecto, de súbito urna voz no corredor

- ó Zé Alfredo O Zé Alfredo eu a olhar para as chinesices dos dossiers, aquelas colunas incompreensíveis de números, aquelas fotocópias, aqueles duplicados, aquelas folhas de várias cores, aquelas prosas _ O que o João fez nestes meses foi rressonar e escrever o nome meio a dormir a seguir à cruzinha de lápis que lhe indicavam

74

um trote de passos, a voz no corredor, cada vez mais alto

- ó Zé Alfredo 6 Zé Alfredo o meu tio Pedro a largar-me o cotovelo com a pena e a ternura transformadas em fúria, a correr para a porta, a abri-la num rasgão

- Que pouca vergonha é esta sua besta? o meu tio a regressar vermelho, com o

coração pulsando no pescoço, ainda de dedos trémulos, a

endireitar o colarinho, a endireitar os punhos, a procurar-me de novo o cotovelo, a acariciar-me de novo com o polegar vagaroso, de novo decidido, com dó, com ternura, a tomar conta de mim

-A dormir ou acordado o seu marido roubou-nos menina está tudo aí

mais silêncio, mais pigarros abafados, mais poeiras invisíveis, mais vincos de calças, mais pestanas no tecto onde não descobri nada divertido, só pintura branca, uma rachazinha em ziguezague e duas lâmpadas de halogénio, cada qual para o seu lado na ponta de uma haste como antenas de lagosta estrábica, eu sem compreender os

dossiers a ir de uma cara para outra

- Roubou-nos? quando o que me apetecia fazer era estar a jogar bridge em Cascais com as minhas primas e a minha mãe que dava a impressão de lhe espetarem alfinetes no rabo

sempre que eu carteava

- Copas Sofia copas a menina é tal e qual como as criadas tão esperta para umas coisas tão cretina para outras

quando o que me apetecia era estar na piscina com os pequenos, no cabeleireiro que já se notam as raízes, na depilação que tenho um rallye-paper amanhã, no leilão de porcelanas onde há umas xícaras e umas jarras que me interessam, a pensar que se apanhasse um táxi depressa e dobrasse a gorgeta. ao motorista conseguia lancear as jarras, eu impedida de me ir embora por uma

paliçada de tios

75

- Roubou-nos? o João afinal comunista, afinal russo, afinal bolchevique, a querer mandar-nos para a Sibéria, sem

piedade nenhuma, a tremer de frio no meio das renas e a sermos devorados pelos ursos, o João afinal contra nós, a odiar-nos, idêntico aos pobres, eu aliás a lembrar-me do João vestido como um pobre na quinta tão miserável e com

tanto lixo como a colina das barracas, sem cinto, de sapatos desfeitos, a deitar-se numa cama coxa encostada ao fogão, o João idêntico ao troglodita do rafeiro, e o meu tio Pedro sempre a afagar-me o cotovelo com delicadezas de cônego, o meu tio Pedro numa evidência tranquila

- A menina não pode continuar casada com um malandro destes

e eu a espiar o relógio com medo de perder as jarras, a concordar com o que me diziam, a aceitar o que me pediam que aceitasse, por exemplo o divórcio na condição de arrematar as xícaras, eu a recordar-me do mar do Estoril, dos snipes do Estoril, das palmeiras do casino, a combinar à pressa um encontro com o advogado do meu tio e a pedir que me emprestassem um automóvel na mira de alcançar o leilão antes de colocarem as porcelanas em

praça, o meu tio Pedro, compreensivo, a virar-se para o meu primo Rodrigo que desamarrotava lá no fundo a lapela com o cutelo da mão, fascinado pelas pernas da estenógrafa

-O Augusto que traga o Rover para a Sofia Rodrigo

e graças a Deus tenho as xícaras no aparador, tenho as jarras na sala e não há ninguém que não as ache lindíssimas e uma pechincha, se digo quanto custaram ficam a olhar para elas de boca aberta

Não posso crer

as jarras que o senhor prior me pediu em-

prestadas para a celebração da Páscoa e o João não viu porque nessa noite lhe transportaram os tarecos para a quinta e os meus irmãos me proibiram de falar com ele e o proibiram a ele de entrar em Cascais, o João pasmado ao

76

portão, a chocalhar as chaves do outro lado dos arbustos, de braços abertos como o São Roque da igreja

- O que é isto? as criadas em peso no alpendre, de pescoço esticado para escutar melhor, ocultas pela vinha-virgem, pela mesa de pedra, o jardineiro entrincheirado nas varas do caramanchão e apostado que a costureira suspensa da janela do sótão de dedal a cintilar, o João a saber perfeitamente que nos roubou e a fazer-se de lucas

- O que é isto? o João que não viu as xícaras nem as jarras nem as obras que fiz para aumentar as traseiras, um quarto de vestir, uma sala de porta almofadada para os pequenos receberem os amigos sem se incomodarem, alarguei a piscina, pus um piso sintético no court de ténis que enquanto andam à pancada às bolas para um lado e para o outro não se drogam nem trocam cheques falsos riem-me beijam-me

namoradas nos corredores, a babarem-se e a comprarem pacotinhos brancos aos ciganos, o senhor prior julga que isto sucede por eles não terem tido a sorte de viver com um pai a sério, o João não os metia na ordem, não lhes ralhava, não falava com eles, ia para a quinta ajudar o meu sogro com as vacas e aparecia-me a cheirar a gusano ou, se estava no Estoril, saía para o Guincho sozinho, verão ou inverno, a lançar papagaios, frio e vento e chuva, um céu de temporal, relâmpagos por toda a parte, os albatrozes recolhidos na fortaleza e ele a trotar na areia, molhado até aos ossos, com estrelas de papel numa ponta de gaita, a núnha mãe siderada

- O seu marido é parvo ou faz-se? o João que não me procurava à noite ao

regressarmos de um jantar de anos, um cocktail no Turf, uma ceia nos fados, deitava-se na cama sem uma palavra, apagava a luz e se eu ensaiava uma festinha pulava estremunhado no colchão numa berraria de incêndio

- O que foi o que foi? e eu a enfiar-me na camisa de noite, a sentar-me no toucador para tirar a pintura e a olhar o sossego das árvores da janela

77

(as bolas de algodão pretas, por que motivo o algodão fica tão preto se me desmaquilha?)

envergonhadíssima por lhe ter tocado

- Não foi nada continue a dormir que não foi nada

o João que não viu as xícaras nem as jarras (- O que é isto?) encostado às grades de braços abertos como o São Roque da igreja, os meus irmãos, confundidos com as begónias, a impedirem-me a entrada, o som das vozes calou-se, escutei passos a afastarem-se a caminho da estação dos comboios lá em baixo ao pé da baía, e uma

serenidade enorme como se fôssemos morrer sem morrer, como se deixássemos de respirar continuando vivos, as trepadeiras quietas, as rosas de chá quietas, as giestas quietas, a

sombra quieta da casa a sublinhar as trevas, o meu tio Pedro no escritório, a passar-me o polegar no cotovelo

- A menina fez o que devia fazer não se atormente

e todavia não estou tão certa assim, não é que goste do João, não gosto, deixei de gostar há que tempos ou como diz a minha mãe nunca gostei, não é uma questão de paixão, não é uma questão de amor, é outra coisa, é acordar de repente, palpá-lo na almofada e não o encontrar, sentir a solidão como uma espécie de poço e do fundo do meu medo ouvir os passos dele a caminho dos comboios, não o atrito da roupa, não a respiração, os passos, o barulho dos passos nas alamedas vazias, quando tentava recordar-me da cara, das mãos, da voz, o que me vinha à ideia era um céu de tempestade, relâmpagos e vento, os albatrozes recolhidos, na fortaleza e uma silhueta a trotar nas dunas do inverno com uma estrela na ponta de uma gaita, não sinto amor, não é amor, deixou de haver amor ou como garante a minha mãe não foi amor nem no princípio, não se pode amar um possidónio que não tem nada a ver

connosco mesmo com um pai importante, amigo do Salazar e deputado ou ministro, foi uma cisma, uma mania, um

78

capricho, uma doença, foi dó, foi de certeza dó e como insiste o meu tio Pedro as pessoas que nos roubam não o merecem dó, merecem ser castigadas por se aproveitarem da ingenuidade e da benevolência alheias já que foi por ingenuidade e benevolência e preocupação com os outros que a minha família foi presa, um ano em Caxias com o Tejo a esmagar-se na muralha e os esgotos e o pontão, os meus tios e os meus primos humilhados pelos comunistas, tratados como bichos, sem atacadores nem gravata, os meus tios e os meus primos sem companhia de seguros sem escritório, sem imobiliária, sem banco, e os bolcheviques e os tropas a insultarem-nos

- Fascistas de maneira que para nos compensarem do roubo ficámos com a quinta de Palmela ou seja um rodopio de vacas e de corvos e os alicerces de um casarão a afundar-se no pântano, o meu primo Martim contou-me que vamos arrasar aquilo tudo com bulldozers, aplanar a terra e construir uma urbanização para fins-de-semana e férias na Arrábida que fica ali a dois passos e é esplêndida, mais sauna e jockey e um golfe que não existe nenhum na outra banda, só prédios de renda económica e indianos e mulatos desses que vêm a seguir ao jantar, tresandando a cebola, despejar o lixo nos contentores em pijama e chinelos, o João, por não ter para onde ir, há-de acabar por mudar-se para a encosta de barracas de tábuas e de placas de zinco dos pobres, com o sol a fazer brilhar a miséria, as latas de conserva e os cacos de garrafas espalhados na erva, há-de acabar por mudar-se para a encosta de barracas sobre o mar como a minha mãe diz que é justo, sem reparar no azul das ondas mais forte que esta blusa, um azul como nem na Itália nem na Grécia, um azul que é mentira, o João a tossir numa cabana sem electricidade nem água mas com um canário, uma folha de alface numa gaiola de cana e um lustre inútil no tecto sacudindo pingentes, com a nortada lá dentro a remexer trapos, pedaços de jornal, restos de cobertores, panos de guarda-chuva, uma bota sem sola, eu da porta, agoniada pelo cheiro da miséria

79

- João o João sem me responder, ocupado a

tossir para um tacho de sopa que eu não comeria nem que me cobrissem de ouro, de casaco gasto, de calças gastas, com um cordel em vez de cinto, vestido de mendigo como no tribunal em Lisboa, a levantar-se, a olhar-me sem me reconhecer através das ramelas, a avançar coxeando para mim, de mão estendida, com um gesso sebento no pulso, eu sem me aproximar muito, por causa dos piolhos, a abrir a carteira e a meter-lhe dez escudos na palma

-Agora veja lá não gaste isso tudo em aguardente

o João a fitar a moeda, a pesá-la, a limpá-la no joelho, a guardá-la no bolso, no meio de nastos, pedaços de latão, fivelas, chaves e inutilidades dessas, as inutilidades que os pobres adoram juntar sabe-se lá porquê, o João o para mim, agitando farrapos numa alegria a que faltavam dentes, o João malcriadíssimo, a assoar o nariz com a fralda da camisa, o João insuportável até não poder mais

-Claro que não menina claro que não: fique descansada que vou direitinho ao stand e compro um Alfa Romeo.

80

RELATO

Sabia que viriam expulsar-me mas nunca

calculei que fosse assim. Imaginava a família da Sofia, polícias, guardas fardados, os advogados do divórcio a entrarem na garagem onde eu acabava o barco ou acordando-me de madrugada na cama que encostei ao fogão da cozinha, imaginava-os empurrando-me no sentido do portão sob a

chuva de Outubro, a olharem-me enquanto eu esperava a camioneta de Lisboa ou de Setúbal porque qualquer camioneta me servia, e já distante de Palmela as folhas dos eucaliptos a chamarem-me ainda, as folhas da trepadeira a

chamarem-me ainda, duas ou três notas soltas de piano e

de repente nada. Por conseguinte sabia que era uma

questão de tempo, que o tribunal assinaria a sentença, que viriam expulsar-me mas nunca calculei que fosse assim, dois homenzinhos insignificantes à paisana, de pasta de cabedal sob o braço, intimidados pela majestade decrépita dos sofás e as molduras de talha dourada em pedaços no

chão, eu a apontar-lhes uma cadeira de palha esburacada

- Não se querem sentar? era Janeiro e as buganvílias impediam a

luz aumentando o silêncio, o meu pai na clínica de Alvalade incapaz de falar, com um bacio de esmalte entre as coxas

- Chichi senhor doutor chichi o balouço vazio para cá e para lá, o moinho do poço a enferrujar-se ao vento, as vacas, os porcos

81

e as galinhas acabaram por desaparecer ou roubaram-nas, ficaram as gralhas e os pombos e os lobos da Alsácia no gume da encosta, fiquei eu a acabar o barco na garagem à espera que me viessem expulsar mas não assim, senhores, não assim, não dois homenzinhos insignificantes a abrirem a pasta, a remexerem papéis, a exibirem uma ordem de despejo que nem li, eu a apontar-lhes uma cadeira de palha esburacada

- Não se querem sentar? um dos homenzinhos com bigode de actor cómico procurando a caneta no bolso

- Tem de me assinar isto e não pareciam criaturas a sério, pareciam os palhaços contratados pela Sofia para os anos dos pequenos, que entravam pela porta da cozinha, se fechavam no quarto dos armários a enfarinhar a cara e apareciam a seguir ao lanche, de luvas brancas, cumprimentando as crianças e tocando pasodobles no saxofone, os palhaços com aspecto de parentes das criadas a quem a Sofia ia à cozinha oferecer uma fatia de bolo de velas e entregar um envelope, eles a partirem rente ao muro de instrumentos no estojo e eu com vontade de dizer aos oficiais de diligências antes que começassem a contar anedotas e a falar espanhol

- Devem estar enganados não tenho bolo de velas não tenho dinheiro não faço anos hoje

os pequenos em círculo no tapete batendo palmas, rebentando balões, puxando-lhes os sapatos enormes, o palhaço do bigode, cujas algibeiras davam a impressão de se multiplicarem como as gavetas das escrivaninhas, a tirar uma nesga de lápis na esperança que eu achasse graça e me risse

- Tem de me assinar isto chamava-os da cerca e os anhucas paravam sob um candeeiro, voltando a farinha das bochechas com o halo da lâmpada a acentuar-lhes a humildade e a submissão, as ondas roíam o escuro além das árvores da China, além dos quintais, eu com cem escudos para cada

82

um e eles de joelhos no passeio, a abrirem os estojos dos saxofones procurando agradar-me

- O senhor deseja que a gente toque um pasodoble para si?

aquela música de cegos capaz de me fazer chorar não sei porquê, comigo a fugir para casa numa saudade esquisita segurando as lágrimas, a minha sogra franzida, a vestir a raposa argentée na entrada

- Que fungagá é este? os saxofones mais alto, ruídos de luta na quinta, discussões, baús, o motor de um automóvel a desaparecer nos ciprestes, o meu pai aos gritos

- Andor o moinho à procura do vento, o tractor no milho num esforço de tripas, uma fila de rolas no telhado da estufa, eu a secar as pálpebras

- É um pasodoble lindíssimo não acha? a minha sogra levitando numa espessura de perfume

- O menino é parvo ou faz-se? o palhaço do bigode a pousar a ordem de despejo na mesa de xadrez em lugar de me comover com um pasodoble

- Tem de me assinar isto um anjo de pedra esvoaçou junto ao tecto sem que mais ninguém o visse a não ser eu como só eu via os lobos e os gatunos nas trevas da infância, o palhaço sem

bigode despeitado por não lhes servir uma fatia do bolo de velas

- A gente tem instruções do tribunal para selarmos tudo

para selar os corvos, o vento, as rãs, os eucaliptos, os murmúrios e as vozes do passado, selar a

cozinheira estatelada de costas no altar e o meu pai de calças pelos tornozelos

- Faço tudo o que elas querem mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

selar o meu pai na clínica também

83

(- Chichi senhor doutor chichi) o do bigode a dividir a ordem de despejo

- O duplicado é seu tome lá e eu a encaixá-lo como uma partitura na

estante do piano _ Duplicado de quê?

visto que debaixo do sarcasmo dos pássaros só existiam mato e paredes de greda que as enxur-

radas de Fevereiro levariam, colocaram lacres solenes nas janelas, nas portas e nos caixilhos sem vidros, fecharam as divisões uma após outra com tiras de adesivo em vez de contarem piadas, de me apertarem a mão com as luvas brancas, de desatarem a soprar o Pisa Morena, e de facto selaram os corvos, as gralhas, os soluços das rãs, selaram a

lacre os mugidos dos vitelos e vieram selando cipreste após cipreste até chegarmos à estrada, uma mudez de campo santo na quinta e eu para os palhaços, a mostrar-lhes o café de camponeses, de operários e de caixeiros viajantes de Palmela, que se calavam sempre que entrava como se fosse

o meu pai 1e os mandasse prender, eu a sentir um eco de música como uma saudade sabia lá de quê, na ideia de uma tarde de aniversário para mim

- De certeza que não lhes apetece uma

fatia de bolo?

um enterro subia a ladeira do cemitério numa atrapalhão de crisântemos, de caixão a escorregar da carroça e o seu cortejo de viúvas à cotovelada à uma, como de costume os desempregados fumavam empoleirados no muro, como de costume os vendedores de peixe sem

clientes e a miséria das pessoas e dos cães, o do bigode a

recuar um passo e a puxar o casaco do outro à medida que o funeral se evaporava numa espira de pétalas douradas

- Quem é que te garante que ele não está armado?

e então reparei num terceiro palhaço ao

volante de um automóvel do Estado entre os olmos do largo e deu-me a impressão de distinguir os irmãos da Sofia no

84

banco de trás, o automóvel onde os saxofonistas entraram sem deixar de mirar-me como se esperassem que eu tirasse uma pistola do cinto e desatasse aos tiros (o meu pai a patinhar nas alfaces da horta

- Dispara que são comunistas dispara) eu que não tenho pontaria nenhuma, com

medo de magoar alguém, que nem sei como um revólver funciona (- Dispara meu palerma dispara)

que detesto estampidos, cheiro de pólvora, sangue, quando era pequeno e o meu pai caçava coelhos e

perdizes não era capaz de lhes pegar ou de encará-los nas pupilas mortas, o automóvel com os irmãos da Sofia acelerou para Lisboa e as pétalas do enterro flutuavam no largo como flutuavam as penas das perdizes nos arbustos, de corações a galope, cada vez mais fracos numa correria inútil, e depois um estremeção, e depois corpos tomados coisas, e depois mais nada, o meu pai a dobrar a caçadeira

- Agarra

eu a aproximar-me, a experimentar com a pontinha do dedo, a fugir com a mão como se queimasse, no

pânico que principiassem a respirar de novo, que o sangue regressasse ao seu estertor como acontece aos despertadores avariados se os sacudimos e as rodinhas palpitam, o

ponteiro dos segundos, animado de um sobressalto de febre, circula a vibrar, eu para o meu pai, debruçado para um

montinho confuso de patas e de bicos

- Não consigo talvez que se eu fosse diferente e não me ralassem com a morte e com o sangue os irmãos da Sofia não ficassem com a quinta, não tivessem enviado um casal de palhaços para me roubar, se eu fosse como o meu pai plantava-me de espingarda no alto das escadas e nem uma metralhadora nem um jipe do Exército ultrapassavam o

portão, o meu pai que se não estivesse na clínica espetava a barriga a agitar a caçadeira sem levantar a voz

- Andor

85

e a tropa e os comunistas e os irmãos da Sofia e os patetas do saxofone a pedirem desculpa e a irem-se embora de rabinho entre as pernas, o meu pai que dizia ao Salazar

- Acho bem assim e o Salazar ouvia-o a acenar com a cabeça, o meu pai que dizia ao Salazar

- Acho melhor assado e o Salazar para o secretário que abandonava logo a chávena de chá para escrever num bloco

- Aponte a opinião do senhor doutor o Salazar que se aconselhava com o meu

pai, diante do assobio das rosas, quanto aos ministros, aos deputados, aos Estados Unidos, à política em África, o Salazar a quem o meu pai apresentou a viúva do farmacêutico que tirava os sapatos e esfregava os pés incomodada pelos calos e o Salazar respeitoso

- Muito prazer e o secretário mais respeitoso ainda a beijar-lhe a mão em que o verniz das unhas estalava

- Minha senhora o cãozinho a tentar morder o secretário numa guinada de ciúmes e a viúva do farmacêutico a esganar o pescoço do bicho até o animal mudar de cor, a repreender a alma que saía aos sufocos pela garganta escancarada

- Nero e quando o automóvel do Estado se sumiu a caminho de Lisboa e as pétalas dos crisântemos amainaram ouvi os sinos da igreja e lembrei-me da prima do meu pai que morou connosco na quinta e me trazia a Palmela para assistir aos funerais

- Repara Joãozinho fascinada pelos panos da uma e pela banda dos bombeiros a seguir à carroça, a prima que comia à mesa

connosco do lado da sala onde a corrente de ar levantava os guardanapos e dormia num cubículo pegado à capela, a prima sem dinheiro, de vestidos puídos, chapelinho com uma

86

pena quebrada e bolsa. de retrós para sair à rua, que as criadas humilhavam todo o santo dia recusando-se a fazer-lhe a cama e a lavar-lhe a roupa, aumentando o volume do rádio se ela lhes dava ordens, deixando-lhe ratos secos nos lençóis, a prima que tricotava num ângulo da cozinha, sob os panos da louça, até a governanta, enervada com aquele trambolho sem préstimo, a rebolar novelos pelo chão, a expulsar num berro

- Não vê que estrova toda a gente senhora? a prima que me procurava à hora do jantar quando eu brincava com os sapos

- Lavar as mãos Joãozinho eu de cócoras no lodo, com limos nos calções, na camisa, tentando espetar um pedaço de cana num macho com bócio a rebentar de paixão

- Você não manda em mim a prima a arrastar-me para casa pelo braço, eu a procurar escapar-me

- Quero a minha mãe a silhueta da governanta junto ao cilindro da água - Largue o menino senhora

a prima que uma tarde me convidou para o cubículo pegado à capela, trancou a porta no mistério de quem prepara a queda de um regime, extraiu a mala dos vestidos puídos de baixo da cama, remexeu caixas de cartã o, véus de missa, maços de fotografias e de cartas, uma marquesa de porcelana sem metade do chinó, uma concha de prata esverdeada de óxido embrulhada num jornal, mostrou-me um estojozito de veludo com um "mafeu de madreperla, um perfil de mulher numa auréola de prata trabalhada que me fechou na mão com dedos que tremiam

- Era da minha avó e agora é teu Joãozinho e a Sofia a descerrar o estojo, a voltar o camafeu para um lado e para o outro e a devolver-mo com

uma careta

- Para que quero eu um pechisbeque destes diga lá?

87

a prima arrumando de novo os tesouros na mala, a proteger a marquesa com um gorro de lã, a embrulhar melhor a sua concha de prata, a prima com uma quebra na voz

- Era a melhor jóia da minha avó não há um retrato em que a não traga ao peito

a coitada da avó num quarto andar ao

Rato apertando a pensão do marido até ao fim do mês e a falar do padrinho alferes para as vizinhas, da pileca que tivera e das férias na Nazaré, quando descia à praia pelo braço de um cunhado notário, a avó que dava lições de violoncelo e publicava sonetos num almanaque de Beja e a Sofia

- Aposto que essa possidoneira lhe calhou no bolo-reí ofereça-o a uma criada João

a prima a empurrar as suas preciosidades para debaixo da cama, com o chapéu de pena quebrada em equilíbrio no toutiço

- Um dia que arranjes noiva tens aí um

belo presente Joãozinho

durante anos e anos perguntava-me pelo camafeu quase todos os dias, chamando-me para o vão do corredor num cicio conspirativo

- Não o perdeste pois não Joãozinho jura que não o perdeste não mintas à velhota

e eu para a Sofia

- Pechisbeque o tanas é uma jóia antiquíssima deve valer um dinheirão

a Sofia a convocar uma das cunhadas como testemunha e a exhibir-lhe o perfil de madrepérola

- Diga lá o que a menina acha disto Madalena?

a cunhada num relance distraído, baralhando as cartas enquanto perguntava os pontos

- Deu-lhe para procurar bodegas nos

caixotes do lixo Sofia deu-lhe para ficar como os pobres?

e ao apanhar o comboio no Tamariz joguei o camaféu ao rio e como era de noite e as luzes da carruagem

88

se encontravam acesas não distinguia a muralha nem as ondas, distinguia a minha cara no vidro da mesma forma que distinguia ao meu lado uma gola de rendas amarelecidas e um chapelinho de pena quebrada numa interrogação ansiosa - Não o perdeste pois não Joãozinho jura que não o perdeste não mintas à velhota

e eu para a gola de rendas, para o chapelinho ridículo, furioso enquanto as estações se sucediam num novelo de lanternas e de relógios hexagonais apontadas ao mar, eu para a bolsa de retrós a que faltavam contas à medida que o revisor me estalava o alicate contra o peito reclamando o bilhete

- A joiazinha da avó não valia um tostão furado sua estúpida

mais lanternas, mais relógios, mais um

pedaço de areia que aumentou e se sumiu, comigo gesticulando para o revisor pasmado, pronto a erguer os galões para o botão do alarme

- A joiazinha não valia um tostão furado ouça bem sua estúpida não valia um tostão furado ouça bem não valia um tostão furado não valia nada sua estúpida

a prima que habitou connosco até a governanta enervada com aquele trambolho a rebolar novos pelo chão a expulsar num berro

- Não vê que estrova toda a gente senhora? a prima sem lhe obedecer, sem falar, de agulhas quietas, a governanta agitando-lhe as chaves contra os olhos

- Não vê que estrova toda a gente senhora? a prima de agulhas quietas, sem tricotar nem se levantar do banco, sem obedecer à governanta, uma das criadas, a mais nova, que às vezes se demorava no escritório com o meu pai e usava um anel de rubi que não sei quem lhe deu (não é verdade, sei perfeitamente quem lhe deu porque a ouvi contar, a vi mostrar a pulseira e o

anel às outras

89

- Reparem e as outras a observarem-lhe o pulso, a

observarem-lhe o dedo

- Porta-te bem porque deve haver mais no sítio de onde isso veio)

a criada a abanar-lhe o ombro

- É surda? primeiro caíram as agulhas, depois caiu a

bolsa de retrós, depois caiu o resto da prima, a governanta a saltar para trás

- Olá e acompanhei o enterro ladeira acima até ao cemitério de Palmela onde os finados, em bicos de pés, percebiam o mar, o meu pai não gritou nem se zangou com

ninguém, permaneceu a cerimónia inteira a mastigar uma

cigarrilha apagada, assistindo às rezas do prior e aos coveiros e ao saco de cal que despejaram na urna e quando acabaram a governanta assoou-se duas ou três vezes e viemos embora com os crepes pendurados da carroça vazia, o meu

pai entrou na estufa e ficou até à hora do almoço a examinar as orquídeas, arranjando-lhes as pétalas em gestos que eu não lhe conhecia, como se as penteasse, e tudo por uma prima que me envergonhou no Estoril

- Para que serve uma bodega destas diga lá?

a contar-me histórias da carochinha e eu imbecil a acreditar nelas

- Era a melhor jóia da minha avó não há um único retrato em que não a traga ao peito

acerca do camaféu de pacotilha, a fazer-me passar por um atrasado mental com a família da Sofia, garantindo que um estilhaço de plástico com enfeites de latão era de madrepêrola e prata

- Um dia que arranjes noiva tens aí um

belo presente Joãozinho

e mal cheguei fui ao cubículo pegado à capela, puxei a mala de baixo da cama, levei-a para o talheiro

90

da garagem, reguei-a com petróleo, atirei um fósforo e passados cinco minutos só restavam cinzas

- Aposto que esse pechisbeque horroroso lhe calhou no bolo-rei ofereça-o a uma criada João

como o meu pai ofereceu a pulseira e o anel

- Porta-te bem porque deve haver mais

no sítio de onde isso veio

passados cinco minutos só restavam cinzas, a concha de prata transformada numa pasta fedorenta, o

chofer que partilhava a cozinha com o meu pai a surgir no telheiro, preocupado com as labaredas e o cheiro a petróleo - Aconteceu alguma coisa menino?

eu a pensar se o meu pai saberia da cozinheira e do chofer

- Não aconteceu nada descansa estive a queimar estrume varre-me isto

e possivelmente sabia, de certeza que sabia da mesma forma que soube da minha mãe e a man-

dou embora, e por saber fazia o que elas queriam mas não tirava o chapéu da cabeça para que se percebesse quem era

o patrão, o meu pai que não me recordo de conversar comigo, me dar um beijo, me pegar ao colo, a pensar que a minha mãe me tivera de outro, o chofer a empurrar as cinzas para um balde

-Com uma fogueira assim e a gasolina que aqui temos foi uma sorte não deitar tudo pelos ares menino

morava num quarto para o átrio de esfolar os coelhos e de manhã pendurava um espelho no fecho e barbeava-se de tronco nu e janela aberta, a assobiar, piscando o olho à cozinheira e binoculando as criadas, nunca entendi o motivo que o meu pai tinha para o não despedir conforme despedia o pessoal de acordo com a bússola dos seus humores, um parasita, um inútil, um chulo cujo trabalho era passar feltros preguiçosos no capot e a escova nas melenas nos intervalos de se enrolar com as mulheres da casa, eu a dirigir-me ao pombal

91

- Quem teve sorte em não ir tudo pelos ares foste tu que ficavas sem mesada

a adivinhar-lhe os insultos resmungados, o

ódio, a vassoura a enxotar os restos como me enxotaria se o deixassem, a mim que o obrigava a recados, a fretes, ir a Palmela pôr cartas no correio, reconhecer uma assinatura em Setúbal, trazer-me a canadiana da lavandaria, que o apanhei um domingo em que vim mais cedo e o meu pai estava numa reunião em Lisboa a tomar banho com a cozinheira na piscina espadanando água num festim de palmadas e de risos

- Que descaramento é este? os dois em pêlo a olharem-me como se

acabasse de ressuscitar, a cozinheira atrapalhadíssima su-bíndo as escadas a pingar gordas gotas lustrosas

- Desculpe menino desculpe menino desculpe menino

eu a pensar porque razão o meu pai a chamaria à capela, lhe agarrava as ancas, levantava o avental e a estatelava no altar, uma criatura que gastava o ordenado em alfinetes de gravata para acalmar as exigências do chofer, a cozinheira a escapar-se na minha toalha nova

- Desculpe menino desculpe menino desculpe menino

o chofer deitado no colchão pneumático a

gaguejar explicações, a apanhar o creme protector da viúva do farmacêutico e a garrafa de uísque do meu pai, a mar-

char como um penitente para o quarto com o espelhinho de barbear no fecho, eu no escritório, segurando com tanta força a secretária que os dedos se me tornaram brancos

- Despeça-os o meu pai em silêncio atrás do jornal, de cara engolida pela sombra apesar do abajur de fôlhos, de súbito vulnerável, frágil, inerte como anos depois na clínica de Alvalade de bacio entre as coxas (- Chichi senhor doutor chíchi)

o meu pai numa espécie de segredo

92

- Há coisas que não entendes João

o meu pai que eu preferia de botas de borracha no estábulo, a contrariar o veterinário sobre a gravidez das bezerras, rasgando a receita e atirando os pedacinhos de papel ao chão

Asneira amigo o amigo que dava aulas em Lisboa, escrevia livros em francês sobre a febre aftosa, aterrorizava os enfermeiros com temporais de violência, do tamanho do meu pai, igualmente gordo, igualmente feroz, a escorregar na bosta num pulinho respeitoso

-Vossa excelência é bem capaz de ter razão

o meu pai que eu preferia a filar o pescoço da mulher do sargento, a afastar-lhe os joelhos com o

bico do sapato, a dobrá-la contra o aparador

- Faço tudo o que elas querem mas nunca

tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

tão indefeso como eu quando vieram expulsar-me, eu que sabia que viriam expulsar-me e todavia não calculei que fosse assim. Imaginava a família da Sofia, guardas fardados, oficiais de diligências, juizes, os advogados a entrarem na garagem onde eu acabava o barco ou acordando-me de madrugada na cama que encostei ao fogão da cozinha, e afinal um par de homenzinhos insignificantes, à paisana, de pasta de cabedal sob o braço e eu a

abandonar a quinta com eles sem me zangar, sem me indignar, sem um protesto sequer como se acompanhasse os palhaços enfarinhados à estação dos comboios ao ritmo de um pasodoble de saxofones, eu aqui no largo de Palmela com os ciganos e os desempregados e os vendedores de peixe sem clientes, aqui no banco sob os olmos a assistir à carroça dos funerais na ladeira do castelo, eu no interior do caixão sob uma chuva de pétalas, a olhar as rolas da tarde indiferente a que me ocupem a quinta, me

ocupem a casa, tomem a minha cadeira à mesa, me

adormeçam na cama, indiferente a tudo isso visto haver sempre lugar para mais um palhaço nas festas de anos de Cascais.

93

COMENTÁRIO

Claro que não foi agradável nem para a minha família nem para mim e por isso mesmo hesitámos, medimos os prós e os contras, adiámos a decisão, chegámos a pensar esquecer o que o João nos fez, porém quando os

nossos técnicos nos mostraram a maqueta e explicaram que a quinta de Palmela dava uma urbanização com dividendos óptimos tivemos de actuar não a pensar no lucro

embora o lucro neste caso não fosse nada para deitar fora

mas somente com a ideia de por um lado recuperar um, pouco do que ele nos roubou (e se recuperámos muito mais do que o

João nos roubou deve-se a um trabalho constante e a uma gestão cuidadosa)

e por outro criarmos postos de trabalho na

margem sul e ajudarmos a melhorar o turismo e a economia do País apesar da maneira inconcebível como nos tra-

taram em Portugal a seguir à revolução, crucificados, enxo-

valhados, presos sem julgamento nem culpa formada nem

direito a um advogado que pusesse os pontos nos is numa

cela em Caxias de mistura com ralé do piorio, à espera a

todo o momento que a tropa ou os comunistas que não perdiam pitada para nos humilhar entrassem por ali dentro e

nos matassem, deitando os corpos ao apetite dos chocos, a

tropa e os comunistas que nem sequer as nossas mulheres pouparam, a atormentarem-nas às três e quatro da manhã

95

com gritos de justiça popular, a levarem-nos de casa o que lhes apetecia, quadros, móveis, faqueiros, no pretexto de que eram provas de sabotagem económica como se um

óleo do século dezoito ou uma cómoda Império tivessem a

ver com o fascismo, eu por exemplo (inquieto com essa parvoíce da democracia e preocupado com a independência dos pretos já que a

única coisa para que esses macacos servem é arreganharem o dente, satisfeítíssimos, nos calendários das missões, agora independência por amor de Deus não me façam rir)

eu por exemplo estava muito sossegado no

escritório a falar ao telefone com o delegado na Suíça no intuito de transferir para Zurique a miséria de uns dólarzitos sem importância a ver se compúnhamos a vidinha no estrangeiro e nisto

abrem-me a porta sem bater e sem rodar a maçaneta, ainda pensei que se tratasse da secretária que o

meu mal (para não referir o apartamento de quatro assoalhadas em Camaxide)

foi ter-lhe dado confiança e vestidos italianos a mais, mas não era a secretária porque uma hora antes de ela atravessar a sala sente-se o perfume que comprei no

free shop a vinte contos o frasquinho, era um chefe de secção do banco que não vinha com os filhos receber bugigangas na festa de Natal dos funcionários e fingia não me ver para não se levantar quando eu passava, um idiota que com a

carga de maçadas que logo às nove horas me caem em cima me esqueci de despedir, seguido de uma dúzia de goelas vocíferantes e de pistolas frenéticas, eu para o de Zurique tapando o bocal com a palma

- Um momento atordoado, admiradíssimo, sem perceber nada muito menos as sinalefas de aflição que a secretária esbracejava no meio deles, não por mim (que não acredito no amor que me jura quando lhe entalo o cheque entre o despertador e o meu retrato)

96

mas pelo Honda prateado, descapotável, de dois lugares, que lhe começara a pagar, e o chefe de secção, um pindérico com cara de Massamá que devia beijar-me os

sapatos, arrancando o fio do telefone da parede sem respeito pela minha idade que sessenta e sete já cá cantam, a mostrar um papelucho escrito à máquina e a apontar-me às pistolas

- O Tio Patinhas é esse eu de auscultador na mão a olhá-los e a tentar compreender o morse da secretária, apavorada que a semana na Serra Nevada se lhe fosse à viola, uma das pistolas a revistar-me a algibeira com tal ímpeto que me

rasgou a alpaca _ Põe-te em pé

assim mesmo, por tu, não exagero nem

isto, um bronco que eu não conhecia nem dos eléctricos

- Põe-te em pé eu sem largar o telefone, de algibeira esbeijada, arrastando o fio cortado atrás de mim, de auscultador na orelha a falar ao mesmo tempo com Zurique e com a pistola

- Perdão? e cinco minutos depois descia as escadas para a rua no centro de uma chusma de militares maltrapilhos que os caixas aplaudiam, que os comunistas aplaudiam, que as empregadas da limpeza aplaudiam, que até a

cabra da secretária, após um momentinho de hesitação, aplaudia mais forte do que os outros, de dedos tão carregados de ouro que ainda hoje estou para saber como lograva movê-los, cá fora os aplausos transformados em ameaças, um contínuo a pontapear-me o traseiro, um pacote a cuspir-me e eu de auscultador na orelha, incapaz de distinguir se era o pessoal do banco ou o delegado de Zurique quem me insultava, eu para o bocal enquanto me empurravam para uma furgoneta do Exército

- Perdão? na cela de Caxias dei com os meus irmãos, os meus sobrinhos, os meus sócios, cada qual com o seu

97

telefone em punho, a arrastar um pedaço de fio na ilusão de transferirem uma ninharia de dólares para Denver, para Paris, para Tóquio, para Barcelona, todos eles sem atacadores nem gravata a perguntarem à uma aos aparelhos mudos

- Perdão? à noite chamaram-nie ao primeiro andar, com um grumete a escrever à máquina num canto, devorando com o bico do indicador o milho das teclas, e um fuinha de óculos, no gênero do marido da costureira da minha mulher, a ordenar-me que confessasse os números das contas no estrangeiro, eu para Zurique, esquecido que o telefone ensurdecera de vez

- Livre-se de se descair com os números das contas Carvalho

o grumete, cansado de bicadas, a atarrachar a têmpora para que o fuinha desse fé de que eu

endoidecera, e o fuinha, indiferente à chave de parafusos do grumete, a avançar para mim de braços em ângulo de gafanhoto como se fosse devorar-me

- Não te convenças um segundo que vais continuar a explorar a classe operária

eu que não exploro classe operária nenhuma, pelo contrário, farto-me de ajudar os que pedem esmola nos semáforos, de contribuir com sacos de feijão para a

sopa dos pobres, tirem a limpo a gorjeta que deixo nos restaurantes e logo vêm, e semanas sem parar o grumete analfabeto e o fuinha teimoso com a lenga-lenga da exploração da classe operária, eu que ia tendo notícias simpáticas que as coisas melhoravam no País apesar dos pretos, mas-

carados de gente, às cambalhotas de alegria no sertão, esperançosos de mandarem nas palhotas deles quando a

verdade é que continuavam a alombar e a apanhar palmatoadas só que não éramos nós a mexer o pau, eram os russos, eu que ia tendo notícias simpáticas que as coisas melho-

ravam no país, que a igreja reagia finalmente para defender os cristãos e os americanos não nos deixavam cair, a responder todo calmo, de perninha cruzada

98

-Para saber os números das contas terá de falar para Zurique

a olhar-lhe com dó a camisa de algodão, a

calça de sarja, os sapatos de saldo, a sofrer-lhe o hálito, de almôndegas e de tabaco frio, que cheirava ao que cheiram os

quartos dos choferes e não se trata apenas da roupa e do hálito que me enervam nos subalternos, é a ânsia de quererem parecer o que não são e os leva a endividarem-se para se assemelharem uns aos outros na mobília, nos diminutivos e nos Fiats, era Setembro e a praia de Caxias invadida por bandos de criaturas eni cuecas a chapinharem nos esgotos perturbando as tainhas, como eu costumo dizer o que toma difícil fazer desta terra uma terra civilizada é o amor dos portugueses pela porcaria que justifica que nos demos tão bem com o pivete dos escarumbas ao ponto de alargarmos o universo de mulatos, ao ponto de qualquer dia, pelo ca-

minho que isto leva, não sobrar um branco em Lisboa e circularmos por aí com saiotes de maçarocas de milho, a

dançar batuques, a pôr argolas no nariz e a comer escaravelhos cozidos, mas voltando aos suburbanos há pormenores que eles coitados não aprendem por mais que a gente os eduque, por mais amestrados que pareçam estar, continuam a dizer lábios em lugar de beiços, funeral em lugar de enterro, vermelho em lugar de encarnado, prenda em lugar de presente, vista em lugar de olho, conduzir em lugar de guiar, falecer em lugar de morrer, escutamos uma palavra dessas e sentimos um arrepio a paralisar-nos a espinha, quando a minha secretária, para não ir mais longe, se me

sentava ao colo e me chamava fofo perdia a erecção para um mês, é uma tristeza ter de afirmar isto mas a verdade é que existem três categorias de pessoas, nós, os possidórios e aqueles que os possidórios chamam piroso, de modo que

pergunto eu como é possível haver democracia, o meu

voto valer o mesmo que o de um sujeito amancebado com

uma megera que dá dois beijinhos em lugar de um e me pergunta

99

- Tudo bem? quando me encontra, e previne

- Com licença antes de desligar, como é possível o meu voto valer o mesmo que o voto de um energúmeno para quem a felicidade é um Mercedes amarelo e elogia de borracho as raparigas, no que me diz respeito apesar de contratar um decorador que tornou o apartamento de Carnaxide decente o borracho da minha secretária não descansou enquanto não povoou as estantes de patinhos de faiança e de retratos dela, de fato de banho, em Albufeira onde passa as férias, de chinelos ortopédicos, entre mosquitos e espanhóis a cortarem as unhas dos pés diante de toda a gente, instalada num daqueles aldeamentos fatais para comerciantes do Porto, senhoras que vendem jóias a prestações e clínicos gerais com oito emblemas de médico no vidro da frente do automóvel, e depois disto, vá lá compreender-se, armam uma revolução e é a nós que prendem, pela parte que me toca dei fé da impossibilidade da democracia em pequeno, ao queixar-me à minha mãe da estupidez de uma criada, e a minha mãe das profundezas do Paris-Match onde se inteirava do casamento de uma princesa qualquer (O teu lado Campo de Ourique, o teu ladozinho Penha de França, resignava-se o meu pai)

- Se ela não fosse estúpida não era criada na minha opinião a grande asneira do Salazar foi ser tão ingénuo que consentiu que essa gentinha, as Fernandas, as Fátimas, os Vitor Manuel, os Carlos Albertos, enriquecesse, comprasse andares no Cacém, entrasse na Universidade, entrasse no Exército e o resultado, pudera, aí está, cartões dourados, engarrafamentos, Telheiras e partidos políticos, os comunistas quase a tornarem conta disto, a organizarem festas com cantorias e discursos na poeira da Ajuda e a excursionarem pelo Norte a catequisar os camponeses, que por gostarem demais da sua vaca para a partilharem com o vizinho corriam à pedrada aqueles frades ateus, os comunistas a ocuparem casas de

100

mistura com os vagabundos e os párias da cidade, prontos a largarem os canteiros da avenida e a refastelarem-se em sofás que não lhes pertenciam desde que os não obrigassem a separar-se das garrafinhas de cerveja, eu a tentar arranjar na prisão os negócios da família, a dar instruções de compras e de vendas na hora das visitas, a provocar uns

rombozitos calculados no banco e na companhia de seguros que nos nacionalizaram, a mudar representações para o

Brasil, a convencer os franceses a fecharem a torneira aos bolcheviques, a aguentar a imobiliária com capitais aus-

tralianos, a aproveitar o pateta do marido da minha sobrinha Sofia, de quem todos troçavam sem que ele desse nota, para umas operações financeiras que nos iam mantendo a cabeça à tona de água, o pateta do marido da minha sobrinha Sofia filho de um burgesso que engordou com o Salazar em direcções-gerais e ministérios e comprou quase de graça uma quinta enorme em Palmela onde criava porcos e orquídeas, palavra de honra, uma quinta entre a serra e o

Portinho que se a urbanizasse como deve ser me rendia um balúrdio, o burgesso para ali a fornicar as sopeiras mergulhado até às virilhas em cocó de vitela, de chapéu enterrado nas fontes para esconder os cornos que não se viam mas que todos apontavam quem lhos plantou na testa, eu em Caxias a lutar pela família para que a minha mulher e as outras mulheres da tribo continuassem a gastar fortunas em cabeleireiros e terrinas e os idiotas dos meus filhos e dos filhos dos meus irmãos enfiassem no nariz a cocaína suficiente para não virem ao escritório

aborrecer-me com ideias e projectos de empresas, nem desatarem a contar acções e a quererem tirar-me o lugar como eu fiz ao meu velho assim que me cansei de ser verbo de encher e de ver numa dor de alma o crédito a apodrecer parado, prometi isto e aquilo, acenei

com umas poltronas no conselho fiscal, uns postos de administrador aqui e acolá, umas promoções discretas, umas garantias vagas, juntei cinquenta e dois por cento, convoquei uma assembleia-geral extraordinária (e o meu pai espantado

101

- Uma assembleia-geral extraordinária para quê?)

e nomeei-o por unanimidade presidente honorário, nós a batermos palmas, a minha filha Mafalda a entregar-lhe uma peça de cristal veneziano caríssima, algumas tias, que os casacos de peles assemelhavam a ursos, comovidas por baixo dos cremes, secando o olho com uma pontinha de lenço, o meu pai estupefacto, a pendurar-se-me da manga sem ligar ao cristal nem à Mafalda que era a neta preferida dele

Presidente honorário presidente honorário?

eu a acenar à Mafalda para que não se impressionasse e entregasse o vidro, a Mafalda que parecia com vontade de atirar a peça ao chão e desatar a fugir, alguns gestores a vacilarem de remorso, o meu irmão Miguel a jogar-me um olhar sangrento e a sair porta fora, eu a interromper as palmas para abraçar o meu pai, segredando-lhe ao ouvido num cochicho de emoção filial, numa

expressão comovida

- Tenho cinquenta e dois por cento e se

não aceita imediatamente faço-lhe a vida negra

a Mafalda, sem desfitar-me, lá se resolveu a avançar com o boneco que o meu pai, caído no assento, se recusava a receber, e eu numa solicitude enternecida, a rodear-lhe os ombros com o braço

- Faço-lhe a vida negra juro que lhe faço a vida negra pai

mais aplausos, mais lágrimas, mais lenços, mais um irmão, desesperado comigo, a bater com a porta, a galinha da minha mulher interrogativa, a Mafalda a hesitar de novo e eu a tirar-lhe o vidrinho e a colocá-lo

como um rei mago (o rei mago preto que devia ser mais subserviente do que os outros precisamente por ser preto)

no colo do velho, a beijar-lhe a testa antes que ele repetisse como num sonho, do seu poço de assombro

102

- Presidente honorário presidente honorário?

eu num assobio de zanga pela boca risonha

- Aceite o presente que tenho fitas gravadas que lhe estragam a vida

o velho a querer chamar-me

- Malandro e a não ser capaz, a querer chamar-me

- Pulha e a não ser capaz por saber que o fritava num molho de escândalos de pelo menos trinta anos de maroscas em relação à massa da família, que o fritava como uma codorniz na caçarola das suas vigarices sem me

dar à maçada de lhe tirar as penas sequer, ele a agradecer as palmas como se o fuzilassem, a segurar o cristal com mãos cegas, a abandonar a sala da assembleia-geral num passo de brinquedo de corda, comigo a ampará-lo pela gelatina dos sovacos num carinho pressuroso, a metê-lo no automóvel recusando o auxílio do motorista, eu num último conselho com um último beijo

- Se cair na asneira de abrir essa boqui~ nha diga adeus à reforma e de caminho diga também adeus à pega da sua namorada

urna dactilógrafa quarenta anos mais nova

que o meu pai e quarenta vezes mais gastadora que a minha mãe, uma loura ordinaríssima, enteada de um padeiro, que tinha sido Miss Salvaterra de Magos no concurso de beleza dos bombeiros voluntários e que tornava feliz um econo-

mistazeco lá do banco nas pausas de acompanhar o velho a Roma e a Banguet, a Mafalda no meu gabinete, de beijo a treirner corno sempre que se indignava, com os

dentes de cima a descoberto igualzinha aos cachorros com esgana

- O pai não tem vergonha do que fez ao avô?

e eu como se não escutasse, a servir-me de uísque numa lentidão regalada e a estender-lhe um copo

103

que ela recusou a empurrar-me o pulso, de dentes cada vez

maiores sob o beijo arregaçado, à beira de um ataque epilético que se lhe notava na cara

-Enquanto o avô não estiver no cemitério o pai não descansa pois não?

expliquei-lhe pacientemente que ela não percebia, era tonta, não era isso, o avô já não tinha idade para se preocupar com as empresas, que as emoções, o desgaste, os conflitos, o coração, a tensão arterial, a diabetes, o último check-up na Mayo, que era necessário que descansasse, necessário poupá-lo, dar-lhe tempo para se distrair longe de problemas e maçadas, que além disso com a idade as faculdades diminuem, as pessoas tomam-se mais estreitas, mais rígidas, havia métodos e processos novos que o meu pai rejeitava, é impossível gerir os assuntos da família como um merceiro, claro que não estou a comparar o seu avô a um merceiro, que horror, que disparate, mas a me-

nina que sempre foi inteligente (mentira, não é nada inteligente, graças a

Deus que nenhum dos meus filhos é inteligente, se fossem um bocadinho inteligentes

repare que não falo em muito, falo num bocadinho inteligentes

já me tinham oferecido há séculos uma peça de cristal, uma reforma suficientemente agradável para arejar a pluma com as Misses Salvaterra de Magos que entendesse e o título de presidente honorário que como

todos os títulos é igual a título nenhum)

mas a menina que sempre foi inteligente compreende onde quero chegar, a Mafalda mais mansa, os

dentes a din-únuírem, o beijo a deixar de tremer, eu olhando para ela a pensar em como é fácil amansar um idiota garantindo-lhe que é esperto, e a seguir à Mafalda fui aos restantes gabinetes e fiz o mesmo ao meu irmão Miguel e

ao meu irmão Gonçalo e depois de lhes confessar que os

admirava, de lhes afiançar que eram gênios, assegurei-lhes sob palavra de honra uma fatia mais activa na companhia

104

de seguros, uma fatia mais activa na direcção do banco, ou seja um carro maior, um escritório do tamanho de uma sociedade recreativa (até lhes colocava uma orquestra de mam-

bos lá dentro se eles quisessem)

e uma designação mais pomposa para dois pesos mortos, não tomei a ver o meu pai porque o

ingrato do velho negava-se a receber-me, mandava dizer que lhe doía a cabeça, que estava a dormir, que tinha saído, eu no hall, a ouvir os guinchinhos e as gargalhadas da Miss no andar de cima, a Miss que me apareceu na imobiliária enfeitada como um bolo-rei, de pulseira no tornozelo, anéis nos polegares, vestido de lycra a imitar leopardo, tanto quanto me lembro acompanhei-a uma ou duas vezes a um hotel discreto a fim de me inteirar nos lençóis, que é onde se fala nisso, se o meu pai planeava uma tramóia das suas, mal comecei a acrescentar zeros ao cheque a dactilógrafa contou-me que o velho dava umas telefonadelas, desligava numa fúria e se lamentava, a insistir no gin, da deslealdade e da cobardia dos sobrinhos, assinei o cheque

- Se os sobrinhos deixarem de ser desleais e cobardes não me importava de saber

visto que é importante andar atento às inconstâncias dos meus primos, uma cambada de fracos esporeados pelos apetites das mulheres, de patetas pequenos demais para as ambições que têm, se ao menos possuísse um amigo sério ao pé de mim em que pudesse confiar, o

hotel não era mau, o colchão não era mau, o serviço era sofrível, a Miss que desde que assinara o cheque se tomara mais compincha, num arrulho, a fazer-me chiribibibi no queixo

- Não confia em mim? ondulando no edredon a tratar do futuro que o meu pai não era eterno, a Miss que gostava de se

dedicar a um homem, juro que fui feita para me dedicar a sério a um homem, seja cega se não fui feita para me

dedicar a um homem, que gostava de gravar discos, de ser

105

bailarina na revista, de uma carreira no teatro que a entretivesse nos momentos em que o objecto da sua dedicação se visse forçado, que chatice, a trabalhar, porque se pode perfeitamente ser artista e ser séria, ser artista e ser fiel, não ir a ceatas depois dos espectáculos, a boites, não frequentar bares, o senhor não imagina que caseira eu sou, se encontro um cavalheiro que me trata bem afianço-lhe que os outros

não existem, eu a brincar-lhe com o biquinho do peito

- Hei-de falar a um empresário fixe ela a correr-me as unhas postiças no cabelo que por acaso era preciso olhar duas vezes até se perceber que eram postiças, a esclarecer-me

- Eu com o seu pai sou mais filha que amante sou uma espécie de pupila

de forma que voltávamos ao hotel de vez em quando para reflectir em conjunto sobre os deveres das pupilas e os telefonemas do velho e eu ia dizendo que o

empresário estava em digressão no Brasil, uma semana no Rio, uma semana em São Paulo, uma semana no Amazonas, no meio da selva, a oferecer Shakespeare aos índios mas trocámos

telegramas e assim que ele chegasse a Portugal arrancava com uma peça nova, um show à Broadway em que os actores, além de representarem, cantavam e

dançavam, de maneira que queria ver fotografias dela e

conhecê-la o mais depressa possível, a Miss entregou-me um envelope cheio de retratos em roupa interior, a fazer carinhas à objectiva, que um primo, por acaso homossexual, me tirou em Salvaterra de Magos diante dos meus pais, se o senhor não acredita (que tenho a certeza que acredita, por que não havia de acreditar, está farto de saber que sou unia

rapariga séria)

pergunte-lhes, eu a sepultar o envelope na

algibeira das calças, onde me incomodava a perna, na ideia de não me esquecer de despejar a lingerie no cesto dos papéis, pensando em como seria Salvaterra de Magos que nem sonho onde fica mas onde temos de certeza uma

106

dependência com um paspalho ao balcão, eu a varrer Salvaterra de Magos num gesto magnânimo

- Pergunto agora aos teus pais é claro que acredito pequena

acreditei nela e ela acreditou no empresário do Brasil até segurar na minha mão, sem me juntar fosse a quem fosse, setenta por cento da família e cessar de me importar com manobras do velho que se ia resignando a pouco e pouco à sua peça de cristal e deixava de conspirar nas minhas costas, e portanto urna tarde, aperfeiçoava eu as patilhas no espelho do quarto do hotel e a dactilógrafa saía do chuveiro com o turbante da toalha na cabeça, inforniei-a a apontar um cheque com o dobro do dinheiro

- É a última vez que venho aqui ela a tirar-me cabelos da gola e a abraçar-me por trás _ Arranjaste um apartamentozinho para nós borracho?

e eu de olho no espelho concentrado em

acabar o nó que detesto nós de gravata às três pancadas

- Acho que ficas melhor com o meu pai do que comigo ele tem mais tempo do que eu para te cuidar da carreira no teatro

os braços dela de súbito moles, a respiração a apressar-se-me na nuca, o turbante a desfazer-se, uma vozita. infantil a tranquilizar-se a si própria, a conversar

consigo mesma

Estás a brincar comigo só podes estar a

brincar comigo estás a brincar comigo não estás fofinho?

ao ir-me embora vi-a sentada na cama, de mandíbula caída, apertando a cabeça nas palmas numa incredulidade infinita

- Que parva eu sou e tive de pedir à secretária que não me

passasse as chamadas, de prevenir a segurança que a pusesse na rua no caso de aparecer no banco, escreveu-me uma carta de ameaças com mais erros de ortografia do que insultos e

107

contudo, honra lhe seja feita, não era mentirosa ao afirmar que se dedicava a sério a um homem dado que acabou por instalar-se de armas e bagagens no Estoril para melhor amar o meu pai com uma fidelidade e uma dedicação sem

limites, as minhas irmãs e as minhas primas visitavam o

velho e eram recebidas por uma pulseira no tornozelo e um vestido de lycra a imitar leopardo que as tratava por coisinha, lhes oferecia cadeiras e fazia chiribibi no queixo do presidente honorário numa familiaridade conjugal, as minhas irmãs e as minhas primas passadas, a contratarem à pressa um advogado que impedisse a dactilógrafa de entrar para a família e herdar os zero vírgula oito do meu pai que elas julgavam que eram vinte e nove e era bom que julgassem e não me moessem o juízo com desconfianças e

insinuações maldosas quando tudo o que fiz foi proteger a

família e é conveniente, conhecida a obtusa ingratidão dos meus parentes, a família ignorar que está a ser protegida, as minhas irmãs e as minhas primas para mim, cambaleando no medo de se tornarem pobres como os pobres a quem davam camisolas e sopinhas ao domingo, de roda do espertalhão do prior, um vivaço e peras que até nem era feio e não havia ano que não comprasse um BMW novo à minha custa, as minhas irmãs e as minhas primas para mim, a girarem no gabinete num turbilhão de pó-de-arroz

- E agora?

e eu a despachar processos, exausto daquele ciclone de chantungs

- Aos oitenta anos o pai tem direito a divertir-se um bocadinho como lhe der na gana ou não tem?

adverti o advogado para se manter sem

fazer ondas porque as ondas me enjoam, para serenar as

madames e lhes responder que sim mas também visto me encarregar de resolver o assunto e contentar toda a gente de uma forma discreta, almocei com o médico do meu pai para saber se a diabetes, a tensão arterial e o coração do velho o aguentavam muito tempo, se não era aconselhável uma dessas intervenções cirúrgicas complicadas, para trocar

108

artérias por próteses de borracha, que se demora meses a

convalescer ligado a três dúzias de máquinas, com três dúzias de tubos nos orifícios do corpo, a comer à colher chávenas de caldo até uma pneumonia redentora salvar o

desgraçado de máquinas, tubos e canjas, o médico que eu

nomeara dias antes director do hospital da companhia de seguros, dividido entre o ordenado e uns tímidos estertores deontológicos, recordando-se das prestações da moradia no Restelo e a pender para o ordenado tingindo-o de um

assomo de ética descorada

- No estrangeiro os resultados desse tipo de intervenções não são maus comparados com os nossos têm técnica têm experiência têm meios se quiser contacto uma clínica em Los Angeles e o seu pai volta de lá novinho em folha

eu definitivo, firme no meu patriotismo -O exemplo vem de cima se todos os doentes são operados em Los Angeles não passamos nunca mais da cepa torta como é que os nossos cirurgiões progridem diga lá?

o médico que sem o hospital da companhia de seguros teria de regressar à balbúrdia da Portela

- Há um colega que se especializou na

Escócia mas duvido que com o coração e a idade do seu pai o aceite assim que vir as análises torce logo o nariz

eu persuasivo, a aumentar o número de camas na enfermaria da companhia de seguros

- Temos por aí imensa rapaziada acabadinha de sair das aulas à espera de uma oportunidade é preciso dar chances à juventude

um jovem decidido, de barba a despontar, estendeu-o na marquesa e o meu pai nem chegou às máquinas e aos tubos e tão pouco necessitou dos bons ofícios da pneumonia, apagou-se logo (sem sofrimento)

com a primeira baforada de anestésico, tomara eu que quando vier a minha hora me aconteça o

109

mesmo a dormir em lugar de pesar quarenta quilos e gemer semanas seguidas de um cancro no pulmão, antes do enterro, ao transferirem o velho para a Basílica da Estrela num cortejo interminável de lambe-botas e de hipócritas, man-

dei uns tipos eficazes, que já me tinham resolvido umas questõezecas incómodas, em missão diplomática ao Estoril, a dactilógrafa, em desabillée de plumas de avestruz, tombou desamparada no sofá ao primeiro argumento

- Não me batam levem o que lhes apetecer mas não me batam

e visto ser ela que lhes apetecia levar meteram-na sem bagagens, embrulhada em penas, num táxi para Salvaterra de Magos onde, como a Miss gostava de se dedicar a um homem, aposto que se casou com os

bombeiros que a elegeram rainha de beleza ou com o primo que a fotografava diante dos pais, de gatas na cama em calcinhas de fêlhos, porque como eu costumo dizer a vida é azul se souberem tirar partido das contrariedades, a mim

por exemplo a cadeia serviu-me para chegar aos noventa e

três por cento mediante umas transferências engenhosas, deitando as culpas para cima do marido da Sofia, persuadindo os meus irmãos e os meus sobrinhos da sua conversão ao bolchevismo, persuadindo o juiz das suas vigarices comunistas, a Sofia ficou-lhe com a quinta por conta das ilegalidades e dos roubos, ou seja a família ficou-lhe com a quinta, ou seja eu fiquei-lhe com a quinta, distribuí cargos para amaciar os cépticos que há sempre quem julgue por si ao duvidar da seriedade alheia, e principio a urbanização no mês que vem, um campo de golf, ténis e piscinas a dez minutos da Arrábida, arrasámos o que sobrava da casa, queimámos o capim, queimámos os gerânios, assoreámos o pântano, destruámos os eucaliptos, a horta, o pomar, abatemos uns cães magríssimos, semi-selvagens, de beijo trémulo como a minha filha Mafalda, que andavam por ali aos saltos a uivar aos guindastes e a morder os operários, envenenámos os corvos e as gralhas até nem um pássaro agoirento esvoaçar nas redondezas a perturbar-nos os hós-

110

pedes, na semana passada foi a missa do meu pai, com a

família em peso e os que se dizem amigos e os empregados e os oportunistas que nunca faltam na esperança de uma

migalha que por acaso sobeje, o vivaço do prior, que tem pretensões a suceder ao bispo, gesticulou uma homilia dramática acerca de camelos e agulhas que encheu de notas de dez contos a bandeja do ofertório, e a minha mulher para mim, baixinho, da sua gruta de astrakan, a minha mulher que se trata das depressões no psicólogo e que por vezes apanho a observar-me à sucupa durante o pequeno-almoço numa espécie de rancor resignado

- Apetecia-me estar morta apetecia-me que estivéssemos todos mortos

e palavra que há alturas em que pensando bem não deixo de lhe dar razão.

111

segundo relato

(A malícia dos objectos inanimados)

RELATO

Dei por as coisas acontecerem quando o

Joãozinho começou a chorar. Eu estava no jardim preocupada com a febre das roseiras, a construir uma tenda que as

protegesse do vento e de início não julguei que fosse a criança a chamar-me mas uma pomba viúva num cedro ou um ganso perdido no novelo dos buxos até que me puxaram a

saia, eu sem me voltar

- Quietos Adamastor o vento tombou de súbito, as pás do moinho calaram-se, os gerânios e as estrelícias deixaram de murmurar nos canteiros, escutava-se a bica da água na piscina e um risinho de corvo sobre as faias, o lobo da Alsácia, a gemer, arrepanhava-me a saia, eu enxotando o animal

com o pé

-Quietos Adamastor e uma vozinha sufocada de lágrimas lá em baixo, pendurando-se-me na roupa

- Não é o Adamastor Titina sou eu de modo que lhe peguei ao colo, procurei um joelho esfolado que era o que sucedia a cada passo, tropeçar nos cubos dos guarda-sóis, bater numa estátua, magoar-se na pedra dos canteiros, separei-lhe a franja com

medo de ver sangue

- O menino caiu? e nem feridas, nem sangue, nem arranhões, nem uma nódoa de lama sequer, só um dedo apontado, o

nariz no meu pescoço, um estremeção de lágrimas

115

- A mãe o pai a mãe o pai e portanto dei por as coisas acontecerem quando o Joãozinho começou a chorar. Hoje pergunto-me se não devia ter feito alguma coisa na época em que principiaram as questões entre o senhor doutor e a senhora dado que quer um quer outro me escutavam, a senhora por exemplo era rara a manhã em que não me pedia opinião sobre isto ou sobre aquilo, as criadas, as despesas, a casa

- O que achas Titina? e o próprio senhor doutor, tão diferente do homem em que se tomou depois, me convocava ao escritório e me mandava sentar como se fosse igual a ele para falar do estábulo ou da horta ou das alterações no pomar

- Dá aqui uma ajuda Titina o Joãozinho sem feridas, sem sangue, sem

arranhões, sem uma nódoa de lama, só um dedo apontado, o nariz no meu pescoço, um estremeção de lágrimas

- A mãe o pai a mãe o pai e caminhei para casa esquecida da febre das roseiras, com a minha sombra e a sombra da criança confundidas como se o menino fosse meu, como ainda hoje, que ele cresceu, teve filhos, o senhor doutor me expulsou da quinta, os do tribunal expulsaram o menino e deixei de o ver, continuo a pensar que era meu, que é meu, foi comigo que ele começou a andar e a falar, era comigo que adormecia, era por mim que a meio da noite chamava, apavorado com o escuro

- Estão ali os lobos Titina eu a embalá-lo, a acariciar-lhe as mãos, a afagar-lhe a cara até os lobos se irem embora e os gatunos se sumirem, até julgar que ele dormia, lhe soltar devagarinho os dedos, me levantar, me aproximar da porta e a voz

do Joãozinho

- Titina o menino que me pertencia por preferir estar comigo a estar com o senhor doutor e a senhora, me acompanhava, pegado a mim, à cozinha, à sala de costura,

116

ao correio, à confeitaria e ao mercado a Palmela, me fazia desenhos no livro das contas, me fazia barcos de papel com

as facturas, a quem dava banho e levava ao médico, para quem descascava a fruta, a cortava aos bocadinhos e esmagava as aspirinas numa colher de açúcar, que limpava, que vestia, o Joãozinho que não pertencia aos pais, me perten- cia, o filho que apesar de não ter tido era meu, agarrado a mim com toda a força que podia

- O que aconteceu Joãozinho? a porta do quarto aberta e o senhor doutor e a senhora a discutirem, a senhora a tirar roupa das gavetas e a amontoá-la na cama, a tirar as escovas da cómoda, a arrancar vestidos dos cabides, a pisar blusas, a pisar êcharpes, a pisar aquelas calças lindas de cetim que usava

quando tinha visitas e arrastava agora atrás de si presas a

um salto, não uma senhora mas duas ou três senhoras reflectidas em ângulos diferentes nos espelhos, e o senhor doutor também dois ou três senhores doutores gesticulando uns com os outros como se estivessem zangados consigo mesmos, não com a senhora, a impedirem-lhe a passagem * a senhora, que não a conhecia assim, ameaçando-os com * secador do cabelo

- Larga-me a lutar com aqueles senhores doutores todos

- Larguem-me o senhor doutor a agarrar no secador e a desfazê-lo no tampo da cómoda

- Quem é o tipo quero saber quem é o

tipo Isabel

uma caixa de pó-de-arroz esmagada, frascos de perfume no chão, o abajur da mesinha de cabeceira em pedaços e a senhora a procurar uma sandália, às punhadas ao senhor doutor

- Larga-me os espelhos quebrados multiplicavam os

dois ou três senhores doutores por dez ou vinte ou trinta que repetiam

117

- Quem é o tipo quero saber quem é o

tipo Isabel

o senhor doutor a abaná-la até que um dos reflexos nos viu a mim e ao Joãozinho ao meu colo que não era filho deles, era meu, o único filho que tive, o reflexo a olhar para nós _Desaparece Titina

a senhora a olhar-nos também como se o filho não fosse filho dela e não era filho dela, era meu, apertado contra mim de nariz no meu pescoço, a senhora

ou uma fracção da senhora numa fracção de vidro, só as

mãos, as pernas, a testa, um bocadinho de queixo, a olhar-nos um instante puxando um baú de encontro à cama e a enchê-lo de blusas, vestidos, sapatos, xales, de permanente desalinhada, sem pintura nem bâton nem verniz nas unhas ao contrário de quando me explicava, a telefonar à companhia de táxis e a verificar a costura das meias

- Se perguntarem por mim fui às compras a Palmela

enquanto o marido estava no ministério em Lisboa, a senhora pela vereda de ciprestes abaixo e no

fim da vereda, a seguir ao portão, um automóvel à espera nos olmos do largo, regressava a cantarolar, sem compras nenhuma, queria falar-lhe do jantar e ela, à cata dos saís, abrindo a água da banheira em passinhos de dança, a desabotoar o casaco e a girá-lo por cima da cabeça no vértice do dedo

- Faz o que quiseres Titina é-me indiferente

falar-lhe do senhor doutor ou das criadas ou do governo da casa e ela a tirar a válvula com o pé e a jogar-me um piparote de espuma

- Agora não Titina tem paciência passa-me a toalha

azulejos embaciados de vapor, prateleiras embaciadas de vapor, a janela tão embaciada de vapor que não se distinguiam o pomar nem as gralhas, apenas manchas

118

verdes para lá dos caixilhos e uma marca no peito que a disfarçava com creme a rir-se

- Um cachorrinho mordeu-me Titina um cachorrinho amoroso felpudo

a princípio as compras em Palmela eram uma ou duas vezes por semana e depois três e depois quatro e depois cinco, ao sábado e ao domingo o telefone tocava e se eu atendia desligavam, se o senhor doutor atendia desligavam, se a senhora atendia ficava que tempos aos

cochichos, o senhor doutor perguntava quem era e a senhora, desembaraçadíssima, respondia que era uma condiscípula do colégio com quem eu não conversava há dez anos, imagina como o tempo voa, um dia destes vou visitá-la a Coimbra, podíamos passar umas feriazinhas em Coimbra não podíamos Francisco?, a ganhar confiança, fartinha de saber que o senhor doutor não largava o ministério, de maneira que era raro o fim-de-semana em que uma rapariga que eu não vejo há séculos não se lembrasse, morta de saudades, de telefonar para Palmela, a senhora às gargalhadinhas, aos meneios, aos segredos, a suspirar para o

bocal, de olhos fechados

-Eu também a voltar para a mesa como se flutuasse, a enrolar uma bolinha de pão esquecida de comer, os corvos

* troçarem na horta, os gerânios a troçarem nos canteiros, * senhor doutor que gostava que as amigas da senhora gostassem dela, sem desconfiar de nada

- O peixe fica sem graça Isabel em Agosto a senhora, radiante, tão radiante que até me deu um beijo e com tanta bagagem como se

partisse por cem anos, foi um mês de férias a Coimbra sem deixar endereço

Sei lá onde a Luísa mora eu depois telefono

a senhora a fazer uma festa ao menino

- Só me lembro do apelido de solteira que não serve de nada que interrogatório é esse Francisco?

119

a senhora que trocava o nome das amigas, lhes trocava as famílias, lhes trocava as histórias, se enganava nas anedotas do colégio, não telefonou, só escreveu uma vez de Espanha a contar que como estava em Coimbra aproveitou para dar um saltinho com a amiga a Madrid, o senhor doutor a sentir a falta dela que se lhe notava na cara, sozinho à mesa, sozinho na sala a estudar os livros dele ou a folhear o jornal, de mãos nos bolsos no corTedor a fumar cigarrilhas para a frente e para trás corno uma alma penada, a senhora chegou com um ar aborrecido, largou as

malas na entrada, afundou-se logo no sofá, franzida de enjoo, sem cumprimentar ninguém

- Estou estafada os corvos perdidinhos de riso, as rãs perdidinhas de riso, o senhor doutor a sentar-se-lhe ao lado dela e ela a distanciar-se como se a picassem

- Tem paciência Francisco estou estafada olhando os quadros, os móveis, o piano como se detestasse tudo aquilo, como se tudo aquilo a irritasse, a pegar numa revista de moda, a largar a revista, a pegar num cigarro e a esquecer-se de acendê-lo, a apagar com um sopro o isqueiro que o senhor doutor lhe estendia

- Não me deixas em paz nem um momen-

to Francisco?

atirando com a porta do quarto das visitas, * rodar a chave, a aparecer no dia seguinte, às onze, já estava * marido no ministério, a senhora em roupão, besuntada de pasta para as rugas, meneando a cabeça desgostosa no terraço onde o jardineiro aparava a vinha-virgem e os buxos

- Que feio que isto é meu Deus eu que podia ajudá-la se tivesse inteligência, estudos, educação, se não tivesse ido servir aos doze anos para Paços de Ferreira, a senhora sem ligar ao menino, sem tocar no chá, a bater com a colher na compoteira, na

manteigueira, no bule, a provar uma torrada e a abandoná-la no prato, resmungando em francês, as gralhas mudas a es-

preitarem-na do parapeito fingindo que catavam as penas,

120

eu com vontade de as correr à vassourada que corrê-las à vassourada, graças a Deus, ainda sei fazer e tenho corpo para isso, e de súbito o telefone a chamar e a senhora num pulo, soltando a colher, transfigurada

- Eu atendo Titina o tractor mais perto, o moinho a girar com

tanta velocidade que não se distinguiam as pás, só uma cin-

tilação de metal enlouquecida pelo vento, a senhora em lugar de suspiros para as condiscípulas do colégio

- Eu também de sobranceiras franzidas, estendendo um funil com a boca para que eu não escutasse

-Não aguento mais amor juro que não

aguento mais tem de ser amanhã

e a vida pareceu-lhe de novo alegre, bebeu o chá frio, comeu as torradas geladas, vestiu-se, arranhou-se, pintou-se, passou horas a envernizar as unhas, mandou vir um táxi e foi às compras a Palmela, eu nervosíssima a ralar com as criadas, a pôr defeitos em tudo, a descompor a cozinheira, a descompor a modista, a discutir com o jardineiro por causa de um narciso murcho, o relógio a devorar horas num granizo de badaladas infinitas, o Joãozinho a choramingar de fome ou de sono atrás de mim

- Agora não menino as faias escureceram, a vereda de ciprestes escureceu, os corvos sumiram-se nos eucaliptos do pântano, as luzes de Setúbal, as luzes da serra, uma espécie de halo do mar que se não via, um automóvel no pátio, um som

de passos nos degraus, o senhor doutor intrigado, a pousar a pasta na mesa da entrada, a abrir a porta do quarto das visitas, a porta do quarto, a porta da sala, a pegar no menino ao colo que não era dele, era meu, era por mim que ele chamava se caía ou tinha medo do escuro, o senhor doutor alargando o nó da gravata

- A senhora Titina? o senhor doutor na capela, na estufa, no

roseiral, na horta, a dar a volta à casa e eu escutando-lhe as

121

solas no cimento, no tijolo, no cascalho, na terra, o senhor doutor esgaseado e eu sem poder ajudá-lo porque não tinha inteligência, não tinha estudos, fui servir para Paços de Ferreira aos doze anos

- A senhora Titina? a pegar no telefone, a hesitar, a prendê-lo no gancho, eu com vergonha mas não sei de quê, só sei que não me apetecia assistir àquilo, e nisto uma claridade de faróis pelos ciprestes acima, as árvores iluminadas uma a urna, um barulho de motor a crescer, os tacões da senhora nos degraus, o senhor doutor que dava pena vê-lo

- O que aconteceu Isabel? que dava tanta pena vê-lo que se eu fosse a senhora não me ia embora por dó, a senhora sem reparar nele nem o ouvir

- O jantar está pronto Titina? a sentar-se à mesa, a tirar o guardanapo da argola, a servir-se da água como se nada fosse, a sala de jantar pareceu-me de repente tristíssima, uma sala de jantar de pobres apesar do luxo dos móveis, o senhor doutor a levantar o jarro que tremia

- O que aconteceu Isabel? a senhora a fitá-lo e a desinteressar-se dele

- A sopa Titina o Joãozinho a choramingar a pedir colo, a pedir rebuçados, a pedir chichi sem que ninguém lhe ligasse, sem que nem eu lhe ligasse

- Titina as criadas saltitando de curiosidade na cozinha, empurrando-se umas às outras na excitação das desgraças

- Ele vai bater-lhe não vai dona Titina ele vai bater-lhe quanto queres apostar que vai bater-lhe

as criadas tão contentes como as gralhas acotovelando-se de êxtase

- Ele vai bater-lhe não vai dona Titina ele vai bater-lhe quanto queres apostar que vai bater-lhe

princípios a chover porque se escutavam as janelas, o telhado, as laranjeiras e os anjos de pedra a chamarem por mim com voz de gente

- Titina havia adeuses de asas e de ramos nos caixilhos, a senhora trancou-se sem uma palavra no quarto dos hóspedes com o primeiro relâmpago, tão próximo de nós que apagou as lâmpadas da casa e os compartimentos se transformaram num labirinto de trevas cheio de volumes de armários e de espelhos ociosos, vazios nas molduras de talha de onde todos os rostos se retiraram, um segundo relâmpago, um terceiro, os uivos dos cães, os ganidos de dor dos cas-

tanheiros, e no espaço instantâneo de uma descarga de trevas o senhor doutor na porta do quarto de hóspedes como um

crucificado de igreja

- Isabel

o menino a choramingar no escuro a pedir colo, rebufados, chichi, e Deus me perdoe mas quem me apetecia nesse momento pegar ao colo não era o Joãozinho,

era o pai, pegar-lhe ao colo, afastar-me do quarto de hóspedes com ele apertado no peito, de nariz no meu pescoço, despi-lo, deitá-lo na cama, tapá-lo com a coberta, e ficar de mão dada, a balouçar devagarinho o corpo até o senhor doutor adormecer.

COMENTÁRIO

A dona Titina pode dizer o que quiser porque não era da senhora que o senhor doutor gostava era

de mim. Entrava na cozinha de cigarrilha na boca, chapéu na cabeça, polegares enfiados nos suspensórios de elástico, mandava com um gesto de mão as criadas para o pátio de matar os coelhos e as galinhas, olhava a costureira com as pálpebras adormecidas até ela largar o ferro e se sumir no corredor, apontava o queixo à mesa de pedra onde eu

estendia a massa

- Tu aí fazia menção de abrir a porta da copa e

de fugir também a esconder-me no meio dos boiões de geleia e dos sacos de arroz e o senhor doutor atravessando-se-me no caminho com a cigarrilha quase a tocar o meu nariz

- Tu quieta e era a mim não era à senhora que ele dobrava contra o lava-louça, a mim que agarrava com força o cabelo, eu a pedir

- Não me aleije por favor não me aleije o menino Joãozinho a espiar-nos do jardim até ele se afastar sacudindo-se como um galo molhado, eu regressar ao fermento da massa, a costureira recommear a engomar, o relógio tocar cinco da tarde ao meio-dia, e na sala a voz do professor Salazar para o senhor doutor

- Por amor de Deus não se desculpe compreendo perfeitamente que tenha tido de telefonar ao ministério

de modo que a dona Títina pode dizer o que quiser que não me rala, que o senhor doutor só começou a procurar-me depois de a senhora se ir embora apesar de eu

ver os lençóis sem manchas na altura de os lavar no tanque, dizer que também esta, que também aquela, que a viúva do farmacêutico, que a filha do caseiro, que uma bailarina ou uma fadista por conta em Lisboa, dizer o que lhe der na

gana que eu sei

embora o senhor doutor nunca falasse por não ser homem de conversas

que era de mim que gostava, o professor Salazar a vir de propósito a Palmela com o secretário e aqueles agentes todos a fim de discutir o governo do País, jipes patrulhando a quinta, a Guarda a pedir o bilhete de identidade ao tractorista e a afastar as pessoas com raquetas encarnadas, e a meio das decisões sobre o Ultramar, Portugal uno e indivisível do Minho a Timor, a civilização cristã, Afonso de Albuquerque, o milagre de Fátima, a última barreira contra o comunismo ateu mas deixando-nos de blá-blá-blá e passando a assuntos sérios damos a África aos pretos ou não damos a África aos pretos, o secretário (que a mim não me tiram da cabeça que não fosse maricas bastava ver-lhe os tiques e a forma como olhava o chofer)

encolhendo os ombros a pousar a torrada

- Os pretos sabem lá o que querem o ventinho de Março no capim, uma

promessa de humidade a alterar-nos os ossos, o professor Salazar a bater a caneta num dossier

- Que grande novidade que você me traz Rodrigues se os pretos soubessem o que querem não havia problemas eram brancos

uma promessa de humidade a crescer para nós em grandes manchas escuras que não enganavam as

126

rolas na crista da estufa nem os meus tornozelos a enferrujarem-se de cristais, o professor Salazar servindo-se de açú- car a medir os prós e os contras de dar a África aos pretos, de súbito noite, de súbito os primeiros pingos nas roseiras, a dona Titina numa dobadeira a acender as luzes, o senhor doutor levantando-se do sofá a pedir autorização ao professor Salazar

-Com licença o secretário a retomar a torrada num murmuriozinho de espanto

-Por acaso conheço um preto que usa óculos e é professor de francês o senhor presidente não acha esquisitíssimo?

eu ocupada no forno com medo de crestar o arroz não ouvi a resposta porque as criadas desataram a fugir para o pátio, a costureira se escondeu no corredor, a dona Titina, que espetava o garfo no soufflé, trotou para o quarto do menino Joãozinho a avisar em duas notas, uma para cima e outra para baixo

- Ba nho a fita das moscas enrolava-se e dançava com o ímpeto da chuva, eu fechava o forno e ocupava-me da sopa, e um pigarro, e uma bafurada de cigarrilha, e uma voz nas minhas costas

-Tu aí uma voz que me levantava a saia e me prendia com força o cabelo

- Tu quieta a janela escancarada num bofetão de vento, uma madeixa de ramos a esbracejar na cozinha, a fita das moscas a pegar-se-me ao carrapito, os agentes e os guardas a patinharem nos canteiros e a voz outra vez na sala para o

professor Salazar _ Tinha-me esquecido de dar um recado ao director-geral

outra janela escancarada num bofetão de vento, o telheiro da garagem a afundar-se na lama, um fio

127

de água tombando no tapete, o professor Salazar esverdeado pela lâmpada do abajur de fôlhos, o professor Salazar nunw

moldura do escritório a sorrir entre o senhor doutor e o professor Caetano a defender-se de um segundo fio que se

lhe despenhava na moleirinha

- Faça alguma coisa Rodrigues os pássaros de faia em faia sem encontrarem abrigo, um jipe da Guarda a quebrar um anjo e a

derrubar estátuas, o secretário gritando no terraço para os carros da tropa

O senhor presidente não quer a chuva aqui

eles de gatas na)ania a combaterem as

nuvens com as espingardas e a dona Titína pode dizer o

que quiser que não era da senhora que o senhor doutor gostava, era de mim, pode dizer que a senhora era mais bonita do que eu e de peito mais alto porque não dormiu com cabras, não andou a pedir esmola nas aldeias da Beira assustada com os dentes dos cães nem tinha dois pares de sapatos sem sola e um único vestido comprado nos ciganos de Azeitão, e no entanto quando a senhora partiu não foi uma mulher de colares e anéis que ele procurou, foi a mim, que aos quinze anos pari uma criança sozinha, que o senhor doutor escolheu para ordenar

- Tu aí a sepultei com as mãos junto à ribeira, ela e eu molhadas uma da outra, quentes unp da outra, sangrando o mesmo sangue, a mim que o senhor doutor disse a magoar as coxas com os dedos

-Tu quieta

e eu quieta, oca, vazia como depois de abandonar a minha filha que não me chamou, não me conheceu, não a minha segunda filha, a primeira, a segunda de quem também ninguém sabe excepto o senhor doutor e a dona Titina, nem as criadas, nem a costureira, nem o tractorista, nem o chofer que me oferece o que o senhor doutor deixou de me querer dar embora seja de mim que gosta, o

128

senhor doutor que não entrou mais na cozinha a esticar os suspensórios, a mandar embora a dona Titina e as criadas e a costureira, eu a depenar um frango de alguidar entre os joelhos a fingir que não dava por ele, e o senhor doutor a prender-me o cabelo com uma das mãos e a tocar-me onde eu inchava com a outra, lançando a cigarrilha para o

alguidar do frango

- E esta? eu olhava-o e não o via a ele, via o negociante de leitões que me levou para lá dos estanhos, dos barros, do recreio da escola onde as figueiras bravas começavam, tangendo-me as nádegas com a varinha dos porcos e mesmo sem vento as figueiras falavam ou então era o dos leitõe:s que falava ou então era a minha voz que falava sem que o som passasse da garganta

- Deslargue-me e o senhor doutor tacteando-me a barriga como se eu fosse urna égua ou uma borrega prenha

- E esta? nessa noite o lobo da Alsácia que estropiara a perna numa farpa de arame uivou sem descanso no canil, e a seguir a uma baforada de nevoeiro os primeiros corvos arrepiados de frio, a filha do caseiro a contornar o poço e a descer com os baldes de leite, o chofer arrastando a mangueira no pátio para lavar o automóvel, eu esvaída, tonta, enjoada e a dona Titina a encostar-se-me à porta

- O senhor doutor manda que vás ao escritório

a dona Titina que pode dizer o que quiser que não me rala por não ser verdade, e eu a vestir-me e uma vertigem, eu a procurar os sapatos amparada à cómoda e o quadro da santinha a andar em círculo como os carrinhos de choque nos domingos de feira (o que eu mais desejava no mundo era comprar uns brincos de ouro minhoto ao ourives e não tinha dinheiro, o negociante de leitões prometeu-me uma nota e não pagou, prometeu

129

- Se fores comigo pago-te uma not7

e eu a limpar a terra da saia

- Que é da nota malvado? eu tão envergonhada a limpar a terra da saia e ele a dar-me com a varinha

- Qual nota? e foi a única vez, juro pela memória da minha mãe que foi a única vez)

e quando a santinha resolveu pai-ar fui caminhando ao comprido da parede a pensar

- Vou cair o corredor a oscilar, um boneco de porcelana, um mouro de turbante, ora perto ora longe, as vozes a repetirem-se a si próprias num atropelo de sílabas e mesmo antes de chegar ao escritório

- Entra o senhor doutor à secretária, barbeado, de gravata, vestido com o fato de mandar nos portugueses com que aparecia no jornal a cumprimentar deputados e a inaugurar hospitais, a secretária com uma pilha de livros, o retrato do professor Salazar, o retrato de uma actriz ou assim com uma estola de peles e as clavículas ao léu, o Presidente da República, o cardeal, o Papa, o senhor doutor

- Há quanto tempo? e no momento em que ia respond--r que não sabia, não contara as semanas, trabalhara demais para me lembrar disso, a secretária principiou a balouçar, o Presidente da República e o Papa andavam em círculo como os carrinhos de choque da feira, apetecia-me estender-me no chão e morrer, senti o corpo aumentar de tamanho, tornar-se compridíssimo e depois curto e depois compridíssimo, veio-me uma ânsia ao estômago, um impulso de onda, tentei apoiar-me no telefone que tombou no tapete, no candeeiro que me deslizou dos dedos, o senhor doutor a afastar a cadeira

- Pára com isso mas eu era um dos carrinhos de choque da feira, dava uma volta e roçava por ele, dava outra volta

130

e roçava por ele, tendas de bifanas pipis fritos música farturas, ainda vi o meu pai, ainda vi o ourives a oferecer-me brincos de ouro minhoto, ainda vi o negociante de leitões e quis pedir-lhe o dinheiro, o rodopio que me levava e trazia impedia-me de me indignar com ele

- Que é da nota malvado? Limpei a terra da saia e não encontrei a saia, limpei a terra do cabelo e não encontrei (; cabelo, encontrei o Papa a sorrir-me e o Papa sumiu-se, decidi explicar ao senhor doutor e o senhor doutor esgueirando-se da cadeira a pôr a pasta à frente

- Cuidado com o meu fato cuidado com o meu fato

o tronco dobrou-se-me num ressalto de mola, pendurci-me na cortina como um sineiro na corda, o mundo inteiro basculou comigo, o senhor doutor veio ao meu encontro em grandes gestos de braços como se um

rochedo se lhe despenhasse em cima

- Cuidado com o meu fato caramba cuidado com o meu fato

quis avisá-lo

- Desculpe explicar-lhe

- Desculpe pedir-lhe

- Desculpe e apesar de o senhor doutor lutar contra mim a primeira golfada atingiu-o no colarinho, na gravata, no rosto, vomitei no casaco de inaugurar hospitais, nos dossiers, nos livros, na fotografia do professor Salazar, ele num

canto do escritório um cicio de socorro

- Titina

eu a suplicar-lhe perdão, a afirmar-lhe

- Gosto de si e o senhor doutor a espemear no soalho num murrnório de criança

- Titina

eu que nunca gostei de ninguém antes, do negociante de leilões, do sacristão de Mortágua, do aleijado da guerra de Espanha que me oferecia as moedas da caixa de esmolas para me tocar um bocadinho no convento dos leprosos

- Ora vejamos ora vejamos do ourives dos brincos minhotos que nem

a miséria de uma pulseirinha me entregou em paga, um homem mais idoso que o meu pai a espremer a bomba da asma fazendo sinaízinhos com a mão

- Espera aí e me meteu na furgoneta no meio da lona, dos estojos, do cesto de verga do almoço e não foi capaz, aplicava a bomba reunindo energias a acenar a mãozinha

- Espera aí e julgava que era agora e não era, o ourives com medo que os colegas o troçassem

- Devem ter sido as batatas que me caíram na fraqueza aposto que foram o raio das batatas se não contares a ninguém quando voltar trago um presentinho para ti

mas não tornei a ver a furgoneta sem pára-choques nem tinta junto às restantes furgonetas sem pãrachoques nem tinta arrastando os escapes nos calhaus, a dona Titina a pisar o Papa e o cardeal e o professor Salazar, o

senhor doutor de costas no soalho comigo às cavalitas no

seu ventre, a olhar para ela, a olhar para o filho, a olhar para mim não dando por ninguém como o cego de Pinhel, a

dona Titina com o menino pela mão

- Minha Nossa Senhora

e as paredes e o tecto aquietaram-se, a alcatifa era de novo sólida, a cabeça atarrachou-se-me ao pescoço e eu podia pensar@ falai@ dizer ao sqhor doutor

- Gosto de si mas é impossível dizer

- Gosto de si quando se está sentada em cima do homem de quem a gente gosta, não sentia vertigens nem tonturas,

132

sentia vontade de o ajudar a erguer-se, de lhe assear as

bochechas e o cabelo com o meu lenço, mas é impossível dizer

- Gosto de si a um homem parecido com uma vela de sebo a pingar lágrimas de sebo pela cara abaixo, a dona Tifina a vir com um balde e uma esfregona e a atirar-lhe a esfregona à cara nos gestos de quem caia

- Minha Nossa Senhora a dona Titina que entrava em prantos pelo que quer que fosse enquanto eu choro como choram os pinheiros para dentro do púcaro de resina sem ninguém dar por isso, são necessários anos para um único púcaro e não se vêem as lágrimas, quando eu era pequena passava dias a fio à espera na caruma e assistia às nuvens, aos milhafres, aos que roubavam lenha com uma carroça e um machado e o líquido nem por sombras aumentava, o mesmo bocadinho de pasta grossa no fundo e era tudo, se ao menos o senhor doutor percebesse que eu sou como os pinheiros, que não é por falta de gostar que me calo, não é por falta de gostar que o chofer e eu, é porque gosto de si que aceito que o chofer e eu, se me dissesse

- Larga-o eu largava como larguei o aleijado da guerra de Espanha, o negociante de leitões, o ourives, os outros, bastava dizer

- Larga-o não pedir, dizer

- Larga-o que se quisesse que eu largasse eu largava, se suspeitasse que queria que eu largasse eu largava, por que é que nunca me disse

- Larga-o por que razão quer que eu me deite com o chofer, por que razão olha a luz acesa dele comigo a olhar a luz acesa do escritório, e ouve a cama, e o ouve falar, e me ouve descer as escadas às duas da manhã, raspar os

133

sapatos no corredor e passar e tornar a passar e tornar a passar na esperança que me chame e não me chama, na esperança que _ Tu aí

na esperança da sua mão no meu pescoço, da cigarrilha contra o meu nariz

-Tu quieta e depois de meses sem me perguntarem nada porque ninguém se atrevia a perguntar-me nada, a

cochichar à minha frente, a espantar-se com a minha barriga, a admirar-se que me custasse cozinhar e demorasse o dobro do tempo a preparar um coelho ou a depenar um frango, a

dona Titina, as criadas e a costureira fingiam não se aperceber, o menino Joãozinho não se apercebia, na manhã em que vieram as dores e me senti tão pesada que mal lograva andar, era Junho, a garagem estava pronta, faziam obras na estufa e a água rompeu de mim para os lençóis e era água, não a pasta dos pinheiros, a água, os ossos da bacia separavam-se-me como as pranchas se afastam e entendi então quanto sofrem as casas, e mais água, e mais dores e * meu tronco a arredar a coberta, a escorregar para o chão, * avançar com as cartilagens rebentando unia a uma, o senhor doutor a notar as minhas patas de ganso, a notar o avental molhado, a compreender que eu sofria como sofrem as casas, a pegar no telefone, e lá fora o jardineiro regava as estrelícias, as gralhas e os corvos pousavam no espantalho novo que não assustava um pardal, eu como se uma

coisa demasiado grande e poderosa rasgasse os reposteiros do meu ventre a procurar sair, eu que nunca na vida pedi fosse o que fosse a pedir-lhe que aquilo que crescia e se alargava em mim me não matasse, eu no espaço de duas dores, no espaço de ir morrer

- Ajude-me os operários enrolavam-se no interior da estufa como lagartas num casulo ofendendo as orquídeas, os pombos curvavam o pombal com as asas, as rãs arredondavam a superfície do pântano e o senhor doutor a condu-

134

zir-Me ao estábulo através das corolas prestes a explodirem das petúnias

- Descansa que tens o médico à espera rapariga

as vacas alinhadas a mirarem-nos com olhos de geleia, os fardos de palha, os baldes, os sacos de sementes, um pedacito de céu com cegonhas e um

peneireiro mais alto que as cegonhas além das telhas de vidro, uma nuvem mais alta que o peneireiro a correr para leste, a manhã a dançar grãos de poeira de janela a janela, a filha do caseiro escarranchada num banco à saída para a quinta, os melros que quando abandonavam os ciprestes as

árvores, sem pássaros, deixavam de existir, e o veterinário de mangas arregaçadas, corri urna maleta de instrumentos

-Não entendo a sua pressa ao telefone senhor ministro não há nenhum animal que vá parir

as cegonhas sumiram-se e o peneireiro e a

nuvem mas escutavam-se os operários na estufa, escuta-

vam-se os eucaliptos e o ranger de madeira dos meus ossos

e o veterinário, surpreendido

- Não entendo a sua pressa senhor ministro não há nenhum animal que vá parir

as pálpebras do senhor ministro adormecidas como sempre que me prendia o pescoço e dobrava contra o lava-louças ou o tampo da mesa, o senhor ministro quebrando os arames de um fardo com uma turquês, espalhando-o com o pé e obrigando-me a deitar, o peneireiro reapareceu no céu, um dos lobos da Alsácia farejava-me, a

dor voltou e foi-se e voltou de novo, cessei de ver o peneireiro para só ver o escarlata da dor e a biqueira dele a

tocar-me a testa e a empurrá-la para o interior da palha

- É que não reparou bem amigo não deu conta que a bezerra é esta faça-me o favor de começar.

135

RELATO

Fiquei muito caladinha porque o senhor doutor havia de falar comigo mais cedo ou mais tarde, era uma questão de tempo, a fazer o serviço do costume, a orientar o pessoal, a ocupar-me das despesas, a pôr ordem na

casa, e às segundas-feiras quando ao chegar de Lisboa me

chamava ao escritório para conferirmos as contas, eu lhe dizer o que se passava e ele me explicar o que queria e o

que não queria, sentia-o olhar à sucapa para mim por trás dos óculos de meia-lua de se inteirar das facturas e de decifrar os números, sentia que lhe apetecia perguntar-me

- E agora Titina? a roer-se de indecisão sem que mais ninguém pudesse ajudá-lo visto que mais ninguém o estimava ou tinha pena dele, envelhecera, o corpo tornara-se-lhe mole, o cabelo começava a faltar-lhe, a noite instalada nas árvores e- o senhor doutor a somar as parcelas da carne, do peixe, do gás e das obras no telhado sem atentar no que somava, indiferente ao dinheiro, na pressa de agarrar-me o braço e perguntar _E agora Titina?

a noite instalada nas árvores e eu que o ouvia na aflição do seu silêncio

- Como? a hesitar pergunto não pergunto, eu, também de óculos, a espreitar as facturas sobre o seu ombro, a juntar os ordenados, os bolbos de gerâneos, a venda do

137

leite e das galinhas e dos porcos, de mão em concha na orelha como se um defeito me impedisse de escutar o que

não fora dito

- Como? os olhos do senhor doutor a desfocarem-se um bocadinho, a darem-se conta da sua fraqueza e a focarem-se logo, zangados, acompanhando as parcelas com o

bico do lápis, a enganarem-se, a escreverem a prova dos

nove numa agenda ao lado, o senhor doutor, a perceber que eu percebia, sem tirar a cigarrilha que lhe queimava a boca para que eu não desse fé da tremura dos lábios e a empurrar as facturas para mim

-Não disse nada hoje não tenho cabeça para contas traz-me essa tralha amanhã

eu a ir-me embora e a entender o medo dele de que eu me fosse embora igual ao medo do Joãozinho que o abandonassem sem defesa no escuro, de forma que era como se ambos me chamassem ao mesmo tempo, cada um deles em lágrimas na sua ponta da casa

- Titina cada um deles a querer que eu me sentasse ao pé de si, de luz acesa, a protegê-los dos lobos até o sono

lhes apagar o receio, a manhã voltar muito depressa e conse-

guirem viver, de tal modo que se calhar ainda hoje chamam por mim à noite e já não posso valer-lhes, eu a levantar-me para ir ter com eles e a terapeuta ocupacional da Misericórdia de Alverca no momento em que eu estendo os dedos para a maçaneta da porta

- Onde é que julga que vai dona Albertina? a conduzir-me de volta à sala dos bordados e das flores de papel enquanto as camionetas que segiiam para norte abanavam as paredes todo o santo dia, as minhas colegas ornamentavam toalhas e barras de lençol das nove ao meio-dia e das duas às seis, espetavam corolas de malmequeres em flozinhos de arame, a terapeuta ocupacional obrigando-me a instalar-me no meu banco, a pegar na agulha

138

- Acha que aos oitenta e com as artérias nessa miséria tem idade para o laré dona Albertina?

e o que vejo da janela é a estrada de Alverca, os pilares de um viaduto que se esqueceram de acabar a esfarelarem-se nas ervas, uma enfiada de prédios onde ninguém habita salvo os mendigos de África com as suas panelas e os seus colchões sem recheio, entrando por um

campo de entulho e de oliveiras dentro, o que vejo da janela é o terminal dos autocarros lá em baixo, a sombra das nuvens movendo-se na terra e eu a enganar-me no bordado porque a minha cabeça não se encontrava em Alverca, encontrava-se na quinta

- O senhor doutor e o menino necessitam de mim

o senhor doutor que quando eu levava o uísque de antes do jantar avançava o corpo na poltrona cor-

rendo a mão ao comprido da testa, e eu a pôr-lhe gelo no

copo cuidando não o ter escutado

- Perdão? com dó compreende, com vontade de iniciar a conversa como se lanceta um abcesso e a gente alivia, ao abrirem-me o queixal na policlínica custou-me um bocado mas o sofrimento sumiu-se, o senhor doutor, igualzinho a uma criança, escondido no jornal como se o jornal fossem as palmas com que tapava a cara

- Deixa os pilares do viaduto de Alverca, um aqui outro ali imitando um monumento antigo desses que as

peessoas vêm de longe retratar e os professores fazem palestras, acerca de romanos e de gregos, maravilhados com uns pedregulhos quaisquer comidos pelo tempo, os quais além de serem feios não possuem utilidade nenhuma, os

pilares do viaduto reduzidos ao esqueleto de ferro, com tra-

pos de tijolos e cimento pendurados, que ainda não houve um

idiota de barbas a lembrar-se de declarar Vê-se logo que é um templo fenício, a enfiada de prédios clandestinos dos mendigos de África ainda não promovida por lapso a patri-

139

mónio nacional, a terapeuta a tirar uma corola de malmequer e uma colega minha que não acertava com o orifício e a cravá-la a direito no arame

- Se necessitassem de si dona Albertina não a enfiavam numa espelunca destas

embora nem o senhor doutor nem o Joãozinho sonhem que eu estou em Alverca dado que se s3nhassem tenho a certeza que já me teriam levado porque não se

governam sem mim para lhes meter o pessoal nos ei.-,Cos, as contas em ordem e lhes orientar a casa, o senhor doutor então, tão esquisito com as camisas, tão esquisito com o pó, a deslizar o mindinho no tampo das có modas e a exhibir uma penugenzita que nem à lupa se notava

- Esta porcaria Titina o senhor doutor que me convocava aos gritos por causa de uma linha na passadeira, de um tapete dos centímetros torto, de uma dedada de caracacá numa salva

- Agrada-te o desmazelo Titina? e a terapeuta ocupacional a desmanchar o meu bordado no pretexto que me enganara no desenho e

fizera um papagaio no lugar de uma rola

-Tenha juízo dona Albertina onde é que se viu um doutor necessitar de uma velha?

no lugar de uma rola da quinta, as rolas que tivemos de fazer uma caixa em cima de estacas a que os

lobos da Alsácia não chegassem, os lobos da Alsácia não chegavam mas chegavam as gralhas de maneira que era

uma confusão de ovos diferentes e passarada de toda a qualidade a bicar-se e a lutar pelo milho, e podia ser velha e contudo era eu que lhes metia o pessoal nos eixos, era a mim que eles procuravam se surgiam maçadas, não eram

os amigos, não era a família, era a velha, e a velha

Ai Titina se o meu pai descobre estou frito)

em Palmela a pagar multas de estacionamento do Joãozinho, a velha

Ai Titina que gastei a mesada e fiquei liso)

a vasculhar o porta-moedas e a emprestar-lhe dinheiro para as propinas que nunca se lembrava de me devolver, a velha (- Ai que caraças o governador civil telefonou agora mesmo a dizer que vem jantar Titina)

a mudar a toalha à última da hora, a mudar o centro da mesa, a esticar a comida, a inventar menus, a velha

Não quero que os polícias do professor Salazar me estraguem as estrelicias Titina)

a levantar a vassoura para enxotar os su-

jeitos de pistola que cirandavam entre as faias e as estátuas à cata de assassinos a dar-lhes com a vassoura no lombo e a fechar o portão atrás deles

- Tomem uma laranjada sossegada no café e livrem-se de me entrar cá dentro que quando o professor Salazar estiver para sair eu aviso

de modo que não tenho dúvidas que o se-

nhor doutor e o Joãozinho não descansann enquanto não me

toparem em Alverca, não tenho dúvidas que telefonaram à Judiciária, aos hospitais, à morgue, botaram anúncios no jornal a oferecer recompensas de quinhentos escudos como

as viúvas dos caniches e dos gatos persas, mais dia menos

dia aparecem na Misericórdia, pregam uma descompostura à terapeuta por não lhes haver escrito a contar que eu cá estava, junto ao cimento etrusco da ponte, e me levam com eles para lhes endireitar a vida, endireitei a vida ao senhor doutor na tarde de domingo em que ele corrigia o relatório do ministério a protestar com a dactilógrafa que lhe empastelou a prosa, eu mudava as flores das jarras e uma criança pequena desatou a chorar no cubículo da cozinheira como choram os melros se lhes morrem as crias, eu preocupada em não quebrar nenhum caule, a criança a chorar e o céu tão transparente que se viam os penedos da serra e os pontinhos dos falcões em círculo sobre os penedos à procura de cobras, e o senhor doutor a diminuir de tamanho na poltrona, a deixar cair o relatório a deixar cair o lápis

- Safa-me desta embrulhada Titina que mandava nas pessoas em Lisboa, conhecia o Papa e recebeu uma condecoração do Vaticano, que o professor Salazar visitava para decidir o que se fazia em Portugal, que punha (- Prenda-me esse camelo major)

e tirava (- Solte-me o rapaz major) quem lhe apetecia da cadeia com um telefonema, o senhor doutor para mim, a quem o Papa nunca deu uma medalha e que sou pobre

- Salva-me desta embrulhada Titina que não possuía relações nem influência nem conhecimentos nem importância nenhuma, tudo o que sabia fazer era mudar as flores das jarras e governar uma casa, eu de avental a abarrotar de jacintos enquanto a criança se calava no quarto da cozinheira com um vai-vem de berço, um berço de sininho avariado que ela desencantou na trapalhada do sotão, a vi carregar à noite tentando não fazer barulho e eu para a cozinheira a fingir-me ignorante

- Roubaste o quê Idalete? e ela carregando o berço para o quarto, numa voz que respirava mal de pessoa cansada

- Não roubei nada senhora que não sou gatuna

a criança que trouxera há três semanas do estábulo num pano de sementes, protegendo-a com os chinelos da curiosidade dos cães, e que guardava sem a mostrar como não se mostra uma chaga ou uma doença da pele mas eu espreitei na fechadura e vi-a, vi os cabelos pretos, as

pálpebras inchadas, vi-a subir a blusa para lhe dar o peito, cortar fraldas com a tesoura num pedaço de fronha, meter o polegar na boca para a menina chupar, vi a cara do veterinário a guardar a ferramenta e a despedir-se do senhor doutor

- Foi o melhor que se arranjou senhor ministro não sou médico

142

o veterinário a acelerar tão depressa que por pouco não se esmagou na coluna do portão, de faróis acesos apesar do sol, conduzindo como se tivesse três garrafas de vodka no bucho, vi a criança como vi o sangue na palha e farrapos sujos e uma gelatina num balde, vi a filha do caseiro, com as gralhas em torno, a abrir uma cova na balsa e o senhor doutor

- Salva-me desta embrulhada Titina quando podia telefonar ao major das cadeias

- Solucione-me um incomodozito major e pronto, e em vez disso o senhor doutor para mim que não tenho conhecimentos nem influência

nem o Papa para o que der e vier, como se eu fosse a única pessoa viva do mundo

- Salva-me desta embrulhada Titina quando podia enviar a cozinheira e a criança para Cabo Verde

- Amanhã há algum barco para Cabo Verde? e na minha opinião a culpa disto tudo não é do senhor doutor, é da senhora, é do automóvel que eu

sempre soube de quem era nos olmos de Palmela, e o senhor doutor sabia de quem era porque no dia seguinte à senhora se ir embora ligou ao major das prisões

- Tenho um embróglio para si major as horas a passarem, o senhor doutor plantado diante do telefone, o major sem responder, o Joãozinho de bibe, enfarruscado como de costume que ainda estou para entender como conseguia enfarruscar-se em dois minutos numa casa limpa _ Dá-me uma banana Titina

as faias a murmurarem sem cessar o meu nome, e o senhor doutor para o major, a esmurrar a parede

- Anda a brincar comigo ou quê? não eram só as faias agora, eram os ciprestes, os choupos, o canteiro de gladiolos, os eucaliptos a prevenirem-me no seu sopro de folhas

143

- Vais morrer o Joãozinho a puxar-me o avental porque era altura de jantar e me esquecera dele

- Uma banana Titina não só os eucaliptos, os legumes da horta, as laranjeiras do pomar que me odiavam, a nespereira que não dava flores

- Vais morrer de galhos esculpidos contra o muro da quinta

- Vais morrer e o senhor doutor a esmurrar a parede, surdo para o filho, surdo para a ameaça da árvore

- Anda a brincar comigo ou quê? mesmo aqui em Alverca, quando a noite chega, continuo a ouvir os eucaliptos e os gladiolos apesar de não haver eucaliptos nem gladiolos, só oliveiras e os pilares do viaduto descamados pelos mendigos de África, ouço as árvores de Palmela, páro de bordar a escutá-las e logo a terapeuta à cabeceira da mesa

- Cansou-se de trabalhar dona Albertína? mesmo aqui em Alverca conversam comigo e ameaçam-me, esteja eu na sala ou no recreio a seguir ao jantar

- Vais morrer se olho pela janela vejo os prédios aban-donados entrando campos dentro mas vejo a quinta também e a casa onde não me recordo, depois de tantos anos, se fui feliz ou infeliz, recordo-me do frio do inverno e de um calorífero de espiral primeiro pálida e a seguir vermelha que me queimava sem me aquecer, da chuva em Janeiro, de assistir ao casamento do Joãozinho e de estar com as criadas a atirar-lhe arroz no adro da igreja, recordo-me que às

vezes o coração falhava e eu caía num túnel até ele recomeçar a bater e todavia não me recordo se fui feliz ou infeliz, recordo-me do senhor doutor para o major, a esmurrar a parede

144

- Anda a brincar comigo ou quê? de uma cigarrilha acesa no chão a furar a carpete, do meu padrinho, desculpe, não, o meu padrinho não, o meu padrinho era dono de uma drogaria, morava em

Lisboa, usava bengala e parece-me que faleceu antes de eu ir para a quinta ou faleceu logo a seguir, recordo-me do major para o senhor doutor

- Desta feita não é possível ajudá-lo senhor ministro há questões em que é melhor nem tocar

e o senhor doutor a olhar o major de fósforo a arder nos dedos

- Não é possível ajudar-me não é possível ajudar-me será que deixei de contar neste País major?

o relógio cantou três badaladas o que significava que era dez da noite, as criadas deitadas, eu a pensar que era preciso levar o peixe ao fomo de novo, o Joãozinho cheio de fome, cheio de sono, pasmado com o senhor doutor, com o major, a puxar-me sem descanso o avental

- Urna banana Titina dez da noite, os mochos aos gritos sem que eu descobrisse onde se ocultavam enquanto havia luz, procurei-os no annazém, no celeiro, nos tanques de lavar roupa cobertos pelas figueiras bravas, a lanterna do quarto do chofer apagou-se mas o reflexo permaneceu nos azulejos do pátio, o peixe com a gordura a pegar-se à travessa, o major que viera de propósito de Lisboa, num carro com

polícias à frente e outro carro com polícias atrás, de mão na lapela do senhor doutor para lhe acalmar a fúria

- Instruções do Presidente do Conselho senhor ministro infelizmente há certos cavalheiros que não nos convém hostilizar em nome do interesse do Estado e do equilíffrio do regime

e então tive a certeza que o senhor doutor sabia quem esperava a senhora nos olmos porque ficou que tempos a segredar consigo mesmo numa espécie de eco

- Eu tramo aquele malandro

145

o piano tocou uma nota que arrepiou as cor-

tinhas da sala, só um suspiro de vento a estremecer as pinhas e os ramos secos da lareira

Vais morrer distinguiam-se luzinhas acesas no lodo, almas penadas sem destino, julgo eu, ou pode ser que em

lugar de almas penadas fosse o reflexo da lua, da candeia do alpendre, o senhor major com a mão na lapela do senhor doutor para lhe acalmar a fúria

O senhor Presidente do Conselho diz que depois fala consigo senhor ministro o senhor Presidente do Conselho diz que lamenta imenso e pede-lhe o favor de não tomar atitudes precipitadas que comprometam a situação

o piano onde uma professora de Setúbal ensinava o Joãozinho a tocar músicas que dão vontade de nos deitar e de fechar os olhos e que são como ter gripe sem gripe, aqui em Alverca há músicas assim no rádio, paro de bordar e a terapeuta ocupacional

Então dona Albertina?

p

áro de bordar e é como se a minha vida inteira fosse esta doçura sem lágrimas no interior de uma lágrima só, o senhor doutor sem desfrutar o major, a abrir a porta do jardim

Saía os carros com os polícias de gravata a

conversarem cá fora, os lobos da Alsácia desconfiados, rosnando nos canis, os candeeiros de Palmela e o halo do castelo e o contorno da serra, tenho a certeza que o senhor doutor e o Joãozinho vêm buscar-me, não o hão-de consentir que eu fique aqui, passaram vinte anos e não mudei assim tanto, canso-me mais depressa, custa-me mais andar, mas

não perdi o jeito de governar uma casa ao gosto deles, de tomar atenção à roupa e à limpeza, o major ofendido com o senhor doutor por o mandar embora sem o cumprimentar, num tonzínho magoado

146

- São instruções do senhor Presidente do Conselho senhor ministro não são minhas, o senhor Presidente do Conselho afiançou-me que o senhor ministro era um patriota e o primeiro a entender que não devemos alienar os grupos económicos por agora precisamos dos grupos económicos do nosso lado

o Joãozinho a puxar-me o vestido à beira do choro, e o major de braços abertos numa expressão de empreitada sem sucesso

- Está a ser injusto comigo está a jogar a

nossa amizade às urtigas sabe perfeitamente que sou pelo respeito às famílias e que se dependesse de mim dava um

apertão ao homem que ele nunca mais se esquecia

o céu era maior em Palmela do que em

Alverca, maior do que em Lisboa também, mais estrelas, mais caminhos de vapor, mais pó a brilhar, o senhor doutor

- Saia não tomou a falar com o major ao telefone

e se ligava para a quinta gritava-me junto ao telefone para que ele ouvisse

- Comunique a esse cavalheiro que não

estou em casa

e acabou por vingar-se do ricaço sem que o professor Salazar desconfiasse, sem que o major desconfiasse, sem que o ricaço dos olhos de Palmela desconfiasse sequer, corridos anos o Joãozinho, ignorante de tudo, casou

com a sobrinha do outro e o senhor doutor a recebê-la na quinta com a mulher do sargento ao lado como se fosse a esposa, assustando-a com modos de operário, com modos de emigrante

- Magra demais e sem ancas nota-se logo que não entendes de vitelas João

a visitar a sogra do filho no Estoril, de botas de cameira, com o chapéu até às orelhas e uma cor-

rente de berloques no colete, acompanhado pela viúva do farmacêutico, falando com as senhoras ricas como os

147

vagabundos falam e comportando-se como os vagabundos se comportam, o Joãozinho a pensar que era para hurrulhá-lo e não era, era um restinho de vingança, um restinho de ódio, saudades da senhora porque fique sabendo que era da senhora que o senhor doutor gostava, o garfo paralisava-se-lhe a meio do jantar, as pupilas murchavam, a ideia partia-lhe para muito longe e eu a cuidar que era uma falha no serviço, eu que não sei se fui feliz ou infeliz e contudo sei orientar uma casa

- O ensopado não está bom senhor doutor? não sei bordar grande coisa, não sei espetar flores de plástico em arames, porém sei do que uma

casa precisa, aqui em Alverca, por exemplo, faltam garfos à mesa, há copos substituídos por boiões de iogurte e de geleia, panos de enxugar louça no lugar de guardanapos, uma teia de aranha no meu quarto do candeeiro ao tecto e

do tecto ao candeeiro, e sei que não vou permanecer aqui muito tempo, não acredito que o senhor doutor e o Joãozinho me abandonem entre oliveiras e pilares, quando mostrei a teia de aranha à terapeuta ela desatou a rir de tal maneira que se tornou lilás

- Preferia um hotelzinho de luxo dona Albertina preferia um hotelzinho de luxo?

só não quero que venham em Maio na altura da excursão a Fátima em que nos metem a todas no autocarro e a estrada se encontra cheia de barracas de sanduíches de paio e de criaturas de joelhos, o ano passado vi um homem arrastar-se para o santuário de barriga no chão como uma osga e a mulher a protegê-lo da chuva com a

sombrinha, o homem, exausto de ser cobra, sentava-se a descansar e ela, aborrecida, alfinetando-lhe as nádegas com as varetas

- Com o raio da promessa que fizeste nem daqui a um mês lá chegamos

barracas de sanduíches de paio, de vinho a copo e de padres a benzerem por vinte escudos santinhos

148

que se tomam cor de nabiça no escuro, fico a assistir aos doentes nas cadeiras de rodas voltando para casa tão chupadinhos como chegaram só que a tossirem mais e com pontadas nos rins em consequência da chuva, a terapeuta ocupacional remoçada pelas cerimônias, toda fé, toda alegria, a distribuir-nos pandeiretas e gaitinhas a caminho de Alverca e das ruínas cartaginesas de cimento, dando estalinhos com os dedos em ímpetos de rancho folclórico para quarenta pensionistas a desfalecerem de sono

- Tudo a bater o malhão meninas tudo a bater o malhão

o autocarro a espantar os padres das Virgens cor de nabiça com as pandeiretas e as gaitas, vilas perdidas, o cadáver de uma mula na berma, eu a tentar manter-me acordada para o caso de o senhor doutor e o Joãozinho me aguardarem na Misericórdia e regressarmos a Palmela, tinha

saudades da casa, da quinta, do Joãozinho me chamar ao quarto sem coragem de olhar para mim, girando com o indicador o globo terrestre do liceu na

prateleira dos livros

- Ai Titina que gastei a mesada e fiquei liso e eu a vasculhar o porta-moedas e a em-

prestar-lhe dinheiro para as propinas que nunca se lembrava de me devolver, a pensar em como tudo teria mudado nestes vinte anos, a piscina maior, mais estátuas no jardim, eles um nadinha mais velhos, uma ou outra ruga, um ou outro cabelito branco, e nisto lembrei-me do choro da criança no

cubículo da cozinheira, um choro como o dos melros se lhes roubam as crias, o senhor doutor a diminuir de tamanho na poltrona, a deixar cair o dossier, a deixar cair o lápis, o

senhor doutor que mandava nas pessoas em Lisboa, que conhecia o Papa, que o professor Salazar visitava para decidir o que se havia de fazer em Portugal, o senhor doutor numa aflição que tremia

- Salva-me desta embrulhada Titina eu para aqui e para ali em Azeitão em Setúbal no Seixal na Amora no Montijo em Sesimbra, a bater

149

a portas, a lojas, a comerciosinhos perdidos, a perguntar, a conversar com pessoas, a insistir, a explicar, a conhecer a modista sem marido nem filhos de Alcácer, a falar ao senhor doutor, o senhor doutor a chamar a cozinheira ao escritório e a cozinheira, a trancar o cubículo à chave

e a guardar a chave no avental

- Não a impedir o senhor doutor de entrar no cubículo

- Não a cozinheira sem que a cara se alterasse como as pinturas dos quadros que sorriem há séculos

- Não a cozinheira capaz de matá-lo, capaz de matar-me

Não o senhor doutor a empurrá-la para o lado, a forçar a fechadura com o joelho, a romper no compartimento estreitinho com a cama, a pagela, o armário vazio (o varão com três cabides sem roupa)

o berço antigo do sotão, prestes a desfazer-se em placas de ferrugem, almofadado por uma toalha de banho, tudo em mau estado, tudo apodrecido, quando me

inclinei para o berço e peguei na criança ela cessou de dizer

- Não imóvel, inerte como se desistisse de tudo, indiferente entre o armário e a cama, a caminhar devagar atrás de nós vendo-nos descer os degraus sob a confusão dos pombos, o chofer a trazer o automóvel do telheiro da garagem, a esperar-nos junto ao anjo que lia um livro sem letras com as órbitas cegas, a árvore de galhos esculpidos contra o muro da quinta

- Vais morrer nós no carro, na vereda de ciprestes na

direcção do portão, o pomar, a horta, a filha do caseiro a espiar-nos do estábulo, eu no banco de trás com a criança

150

1 COMENTARIO

Quando o senhor ministro ligou às sete da manhã a mandar-me ir à quinta por ter uma vitela a parir, a minha mulher, acordada pelo telefone que atirei ao chão ao estender o braço para o aparelho, acendeu o candeeiro do lado dela, começou a fazer-me sinais para tapar o bocal

- Quem é Luís? e de repente dei conta que vivia há trinta e

cinco anos com um monstro. Costumo levantar-me às nove, de persianas já subidas, o dia no quarto, a roupa metade na

cadeira metade no chão, porque me dispo às escuras, e quem me sacode o cotovelo é urna'criatura de robe, mais ou menos penteada, mais ou menos maquilhada, mais ou menos suportável, e não este ser com a alça da camisa a escorregar do ombro, fazendo-me sinais para tapar o bocal no receio que tenha dado um ataque à cretina da mãe

- Quem é Luís? eu incrédulo a olhar em tomo certificando-me que era de facto o meu quarto, a minha mobília, o casaco enrodilhado no tapete, o sapato vazio à espera de um Natal que não havia e se houvesse a melhor prenda que me podia dar era tomar-me viúvo, eu para a inquietação da fronha

- O ministro por causa de uma vaca ainda não foi a tua mãe descansa

a claridade de Setúbal nos estores igual ao âmbar da morgue onde o Cristo com cara de passador

153

de droga, falecido de overdose, aguardava a autópsia na parede, as cortinas semelhantes a toalhas mortuárias, o mármore da cómoda com ossos de caixas e escovas alinhados para o exame do médico legista, a minha mulher a amainar devagarinho como um polvo adormece, mergulhando os

tentáculos na areia do lençol

- Que alívio eu, com medo que ela me devorasse, a vestir-me à pressa antes que me pedisse do seu sono

- Não me dás um beijinho Luís? e fosse obrigado a rebolar para aquela coisa mole numa blusa de fêlhos e a roçar o queixo numa testa barrada de creme hidratante, enquanto uma palma molhada me beliscava a orelha

- Até logo Luís a lembrar-me de uma rapariga morena, gorducha, a enfiar-me a aliança no dedo na fotografia do álbum, eu a aquecer café na cozinha rezando para que ela não en-

trasse a chinelar a ajudar-me com o gás, com o açúcar, a abrir o armário sobre o microondas

- Nunca soubeste onde param as châvenas Luís

a despedir-se de mim no alpendre estragando-me a manhã com o seu adeusinho de adolescente decrépita, eu a atravessar o quintal a pé coxinho, de gravata pendurada do pescoço, dando nós nos atacadores, a tirar o carro da garagem e a bater como sempre com o escape no muro, e nisto o reposteiro da sala a afastar-se numa lentidão de teatro

- Adeusinho Luís comigo a ver-me chegar à noite a casa, exausto do consultório com centenas de cães a ladrarem na sala de espera, e encontrá-la no vestibulo, vibrante de entusiasmo, com os membros anteriores no meu peito, lambendo-me o queixo numa alegria húmida, eu a empurrá-la com as mãos

- Quieta

154

depois do arroz-doce passeava-a à volta ' do quarteirão p@la trela do braço, estacando diante de cada montra de pronto-a-vestir como num tronco de plátano, a seguir a novela, a seguir o jornal, a seguir a cama, escutando-a na almofada a arrulhar pFornessas

- Luís enquanto os eflúvios de desejo se atenua-

vam misericordiosamente com a ajuda anestésica da dobrada, de forma que à medida que me arredava da vivenda de Setúbal ia ganhando viço, as ruas iam ganhando cor, sentia o rio e o cheiro de pescado da lota para além do cheiro das fábricas, o mundo era de novo agradável e leve, passei pela estátua do poeta, passei pelo parque, passei pela entrada do liceu para assistir à chegada das alunas cujas pernas me

começavam a comover com a idade, mas às sete da manhã ninguém abria o portão, não tinham despegado os taipaís da pastelaria em frente e o mais que podia fazer era adivinhar os andares em que moravam pelos autocolantes nas janelas e imaginar-lhes a nudez sob as t-shirts de algodão com Ratos Mickeys e Charlie Browns estampados, as alunas que às vezes, em tardes de sorte, aparecem no consultório a acompanharem as mães e os rafeiros e não param quietas, não ficam sossegadas, não me vêem sequer, a mexerem nas seringas, no estetoscópio, nas compressas, cirandando em

torno da marquesa desinteressadas de mim, as mães a fazerem aos animaizinhos as festas que eu gostaria de fazer às filhas

- São lombrigas? eu, sem reparar nos bichos, a tropeçar nos biscoitos anticárie vitaminados, nas latas de comida e nas túbias de borracha, com vontade de segurar as alunas pelas mangas enodoadas de gouache, colocar uma coleira ao meu pescoço e pedir-lhes

- Levem-me ansioso por descobrir com elas um universo secreto de cadernetas de cromos, livros de quadrinhos e nomes de rapazes escarranchados em motoretas, escritos

155

com o indicador na respiração dos vidros, esquecido dos meus cinquenta e seis anos, pronto a usar jeans rasgados na

coxa, rabo de cavalo e argola no lóbulo que são os passaportes para um país interdito de música rap e de pastilhas de balão, eu

- São lombrigas? brutalmente desperto para um quotidiano de pestes suínas onde a vida, a empurrar-me para baixo, me

afunda na poltrona diante da novela como a minha prima afogava gatos no tanque, a receitar xaropes com a alma, sem que ninguém suspeite, correndo-me em estalactites como as grutas do Minho

- São lombrigas? as mães vão-se embora, os rafeiros vão-se embora, as alunas do liceu, aí de mim, vão-se embora também

- De que é que estás à espera Cristina? o servente a limpar a marquesa com um desperdício

- Já só nos faltam dez e entra uma criatura da minha idade, corada pelo esforço, a empurrar um São Bernardo obscuro do tamanho de um boi. Se o senhor ministro não me tivesse mandado ir à quinta por uma vitela a parir, arrumava o

automóvel frente à cerca do liceu e ficava por ali até que a

campanha tocasse, pasmando para as alunas a fingir que lia um livro sobre a febre aftosa, ou de capot erguido a pretexto de uma avaria no distribuidor, feliz com tantos soquetes, tanto cabelo sem laca e tantas unhas roídas, a procurar recordar-me como era a minha mulher na altura em que a

conheci, acabava eu de vender uns terrenozitos em Barcelos e de montar o consultório e havia aquela empregada de balcão gorducha na papelaria vizinha, tão atenciosa comigo ao encomendar-lhe blocos timbrados, a mirar-me à sucapa, a não dar importância aos restantes fregueses, a trepar o escadote para tirar borrachas da prateleira de cima e eu lhe avaliar as ancas, eu que maldizia a sorte no consultório sem

156

clientes e de súbito o besouro a dar sinal, vesti a bata, compus a melena, avancei para a minha primeira tosquia com uma ruga de competência veterinária a unir-me as sobrancelhas, e a empregada da papelaria na entrada, a cheirar a perfume e com um bocadinho de decote, entregando-me os blocos de receitas com o meu nome impresso em letras trabalhadas ,

- Sabe que fica lindamente de bata? de maneira que casei por gratidão de me

acharem lindamente de bata e por estar farto da residencial em que me queimavam os colarinhos com o ferro e me

tiravam o elástico às peúgas, com a mãe dela a abanar a cabeça de júbilo e a minha mãe a abanar a cabeça de desgosto perante um magote de setubalenses em jejum demorado limpando num rufo os pastéis de bacalhau do copo de água, a minha mãe siderada com tanto apetite, tanto colete de fantasia e tanta pluma, a chamar-me de parte num

cochicho rancoroso

- Palavra de honra a minha mãe a recusar retratar-se con-

nosco e com os padrinhos no receio que a pusessem em exposição na montra do fotógrafo entre um sargento da Manutenção que a tratava por ó filha e uma dama capaz de dobrar barras no circo esganada por um pedaço de raposa com tinha, regressando a Barcelos a protestar

- Palavra de honra no comboio, que se calhava falar comigo resniungava de minuto a minuto

- Palavra de honra numa decepção tenaz, que faleceu a murmurar

- Palavra de honra perante o espanto do padre, a minha mulher abandonou a papelaria sem saudades do escadote, eu abandonei a pensão com a roupa numa lástima, e como entretanto iam surgindo umas ténias e umas línguas saburrosas comprei a vivenda ao pé do estádio sem calcular que a

157

empregada gorducha ia dedicar-se a tempo inteiro a enve-

lhecer com entusiasmo e a surgir de surpresa no consultório para me ver de bata

- Sabes que ficas lindamente de bata Luís? enquanto o servente decorava pequineses de lacinhos vermelhos para a exposição da Filantrópica, após o casamento viajámos alguns agostos a Marbella a tropeçar? em cada esquina com portugueses de Setúbal, adormecemos alguns invernos à lareira eléctrica, a imitar autêntica, com achas de baquelite escarlate que comprámos num arraial juntamente com o pobrezinho de louça a contar tostões no tremó do escritório, e quando me imobilizei um segundo e

dei por mim, apercebi-me que vivia com um monstro. É fácil lembrar a data desta descoberta trágica porque ocorreu na

manhã em que o senhor ministro telefonou para ir à quinta ajudar uma vitela a parir, eu que estive em Palmela três semanas antes e não encontrei ne-nhum animal grávido. mas aquilo que um protegido do professor Salazar afirma, por mais estranho que seja, ou é verdade ou os jornais vão garantir amanhã que é verdade o que equivale ao mesmo, e se a gente os contraria dá com os costados na polícia, de farol na cara e um chefe de brigada a convencer-nos com

estalos evangelizadores, de que lado se acham o interesse do país, a virtude e a razão. Portanto e para mal dos meus pecados nem sequer assisti à entrada das estudantes no

liceu que me daria energias para aguentar a infelicidade do dia, atravesssei Setúbal, meti direito ao largo com o cemitério no alto e enterros a subirem e a descerem numa revoada de parentela e de crisântemos (a parentela a consolar-se na taberna e os crisântemos, ougados, suspensos dos palmitos)

e só a mim não me calhava a dita de galgar a ladeira com a minha mulher inconsolável e a minha sogra na carroça, e do largo a vila e o castelo e a serra, a chatice do panorama habitual, porque motivo, explique-me, nada se altera neste país, após atravessar Setúbal e Pali-nela e os olmos onde em tempos aconteceu um escândalo com peixe

158

graúdo do qual não devo falar para evitar problemas que maçadas já eu tenho de sobra, agora, por exemplo, é o reitor do liceu a mover-me um processo com a mania, calcule a estupidez, que lhe persigo as meninas, após Setúbal e

Palmela e os olmos do largo um caminho que se apressaram a asfaltar quando deu ao Presidente do Conselho para frequentar estas bandas, no fim do caminho as colunas de pedra que ladeavam o portão, os ciprestes conduzindo à casa onde o senhor ministro nunca me convidou a entrar talvez por considerar-me um empregado como os outros apesar de eu ser professor em Lisboa, uma casa em que o Presidente do Conselho tomava chá e decidia o destino dos portugueses defendido por uma dúzia de sujeitos que me

encostavam ao carro

- Essas mãozinhas no tejadilho depressa

e me palpavam os bolsos à cata de granadas regicidas se me topavam na capoeira a medir a temperatura às galinhas, o senhor ministro que nunca me convidou a passar com ele um bocado da tarde sob as laranjeiras do pomar, tratando-me como um subalterno proibido de ir além da coelheira, do chiqueiro dos porcos, do estábulo, eu que tenho opiniões, que leio, que até podia fornecer-lhe uns

conselhozitos sensatos acerca da melhor maneira de orientar Portugal, a meu ver, olhe, o que a gente necessitava, sobretudo o reitor do liceu, um palerma que me chama tarado e me incomoda com os tribunais, é de rédea curta e cacete, e se o professor Caetano, que era um fraco, em lugar do delírio das liberdades nos apertasse o freio e distribísse umas palmadas a tempo não haveria a desgraça da revolução, de modo que deixava o automóvel à sombra do celeiro, pegava na maleta, os lobos da Alsácia ferviam-me em tomo, saltando como gordura numa caçarola ao lume

focinhos olhos orelhas latidos patas caudas no estábulo a filha do caseiro, de pés descalços no estrume, mugia as vacas, sem lhes lavar as tetas nem lavar as mãos, para baldes com palhas e insectos mortos dentro, e o senhor ministro para mim apontando-a com o orgulho do queixo

159

- Faço tudo o que ela quer mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que se saiba quem é o patrão

uma pequena de cabelo emaranhado que talvez se percebesse que não era feia depois de a esfregarmos horas seguidas com lixa três e a deixarmos uma semana no alguidar de lixívia, um vintena de rolas no pau de fileira, guinchos de ratazanas no forro do telhado, varejeiras tenazes agarrando-se-nos à cara, eu para o senhor ministro a exa-

minar um bezerro com otite

- Bela moça a luz das onze entre as tábuas, ancinhos e pás deixados ao acaso para nos fazerem tropeçar, um extintor ferrugento pendurado de um prego, eu a pensar que deviam limpar o chão com creolina para diminuir o pivete de urina e excrementos a não ser que o pivete, o que não estranharia, proviesse directamente da bela moça, que habitava

com os pais uma parte do celeiro dividindo as trevas e o milho com as aranhas e as cobras, mais a pagela de São Roque, colada com tiras de adesivo, a presidir aos mosquitos, aos caixotes dos móveis e aos canecos oxidados, o senhor ministro a chupar a cigarrilha sob a grita dos corvos, considerando a ninfa

- Não é má não é má ele que podia escolher em Lisboa as mulheres que quisesse e no entanto, derivado ao que lhe sucedeu com a esposa, puxava-lhe o pé para o chinelo e contentava-se com ruínas como a mulher do sargento e a viúva do farmacêutico mais os seus vestidos que pareciam papéis de rebuçado cheios de cores e com laçarotes nas pontas, recebia-as na sala onde não me recebia a mim, e ficava com as ordinárias e uma bandeja de espirituosos a assistir à tarde no halo cor-de-rosa e azul das laranjeiras, e eu de gatas no pombal, com a boca seca, sufocado de tosse por ser alérgico às penas, a combater a varicela dos borrachos, eu no chiqueiro a aplicar zaragatoas nas anginas dos leitões e no

entanto se o senhor ministro me ligava às sete da manhã a

mandar-me ir à quinta por uma vitela a parir, eu mesmo

160

ignorado, mesmo desprezado, a quem nem sequer ele apertava a mão como não apertava a mão ao tractorista ou ao chofer, mesmo se a artrose me tolhesse o ombro levantava-me da cama e ia, e no estábulo, onde a noite se prolongava nos morcegos das traves, nenhuma bezerra ajoelhada, ne-

nhum animal grávido, nenhum bicho com dores, eu para a filha do caseiro, a palpar as vitelas sem compreender

- Qual é? que se voltasse a Setúbal, com poucas carroças de ciganos e poucas can-úonetas na estrada, chegava a

tempo de extasiar-me com os soquetes e as tranças e os joelhos esfolados, que se fosse o senhor ministro tirava-me das minhas tamanquinhas e inaugurava colégios de meninas dia sim dia não, mas como a existência é injusta em lugar disso eu no estábulo a perguntar à filha do caseiro que me

passava com a mangueira por cima e me estragava os sapatos

- Qual é? pensando em Setúbal, pensando no liceu, * verificar no relógio que a campainha da entrada já tocara * me restava esperar que as estudantes, por sorte, aparecessem à tarde no consultório a acompanharem a mãe e o rafeiro, eu a recapitular as bezerras uma a uma enxotando varejeiras, a hesitar vou lá cima não vou lá cima à casa com receio que o senhor ministro se indignasse de me encontrar sem autorização nas escadas, e nisto vi-lhe o chapéu na

esquina da estufa amparando uma criatura que de início se me afigurou a governanta e que não era a govemanta, deslocando-se como se transportasse no avental qualquer coisa de pesado e frágil que excitava os cães e ameaçava quebrar-se, e por alturas da barraca dos bolbos de flores reconheci a cozinheira que me ajudava na matança do porco e que topava às vezes a escolher um coelho ou uma galinha para a canja do professor Salazar, quando a quinta se coa-

lhava de tropas e de guardas e os secretas cirandavam nos canteiros a desconfiar das estátuas, a cozinheira que me

fitava em silêncio como a do estábulo, sem me responderem com receio que o senhor ministro se zangasse ou

aguardando que os corvos

161

(ou as gralhas ou os pavões ou os gansos) respondessem por elas, eu
- Bom dia e as criaturas mudas, a aproximar-me e

as criaturas a afastarem-se, eu que não tinha qualquer von-

tade de tocar-lhes, que era inimaginável para mim tocar-lhes

como me era inimaginável tocar no monstro lá de casa, a mesma, Deus me perdoe, repugnância, como se a minha mãe se enraivesse dentro de mim

- Palavra de honra que por nada deste mundo tocaria na

do sargento ou na viúva, vestida de rebuçado, que herdara do marido a farmácia, o cãozinho, e o gato de gesso na mesa

de jantar, alegrando as saudades num fogo de artifício de transparencias e de rendas, e a razão que encontro para o

ministro se servir de aventesmas assim é que terá tido problemas ou azares com aventesmas diferentes e lhe falta o ânimo para repetir a experiência e ser a troça da vila, que até chifres e frases obscenas lhe desenharam a carvão no muro e ele próprio a raspá-las com uma esponja, uma

brocha e uma panela de cal como quem oculta uma ferida por baixo do penso e a ferida continua a doer e a supurar no adesivo, de maneira que os chifres e as frases, mesmo invisíveis, aposto que continuava a vê-los e a magoar-se com eles dado que mesmo inexistentes existem, e se calhar maiores, se calhar mais vivos, se calhar com erros de gramática que aumentam o despeito e a vergonha, o senhor ministro que devia imaginar do caseiro

- Foi este que devia imaginar do tractorista

- Foi este que ao entrar na taberna de Palmela e o

dominó suspenso, a sueca suspensa, os clientes de nariz no copo, o dono ao balcão entretido com o rádio, os desempregados à espera de um feitor improvável, devia imaginar

- Foram estes que me chamaram cabrão

162

e devia ter ganas de os correr à paulada, de ver braços quebrados, cabeças abertas, corpos na serradura e nos tremoços do chão

- Foram estes e ainda que os matasse a todos os desenhos e as palavras lá estavam a gritarem de troça furando a

camada de cal

O MINISTRO É CORNUDO e como é que se faz para apagar a humilhação, o ultraje, e portanto suspeito que proibiu as amantes de conversarem con-úgo a fim de evitar mais paredes escritas, mais desenhos, a mangação da vila, como suspeito que as

proibiu de conversarem fosse com quem fosse excepto a

governanta e as criadas, de conversarem com o próprio filho ou com o professor Salazar no caso de o professor Salazar esbarrar nelas na quinta, como julgo que pediu ao professor Salazar que a secreta vigiasse a viúva do farmacêutico colocando-lhe um agente na saleta e outro no portão a fim de a vigiarem não só a ela mas se vigiarem mutuamente, escrevendo relatórios

semanais acerca um do outro que lhe iam entregar ao Cais das Colunas, o senhor ministro a avançar para mim, na direcção do estábulo amparando a cozinheira que se deslocava devagar como se transportasse no avental qualquer coisa de pesado e frágil que excitava os cães e ameaçava quebrar-se, enxotando os lobos da Alsácia e a trancar a porta com a filha do caseiro a mungir urna

vaca a dois metros de nós, os morcegos pendurados na

trave, as rolas no pau de fileira, a água na calha da rega, o

sino de Palmela não na vila, na quinta, no centro da quinta, a dobrar finados no interior do meu pasmo, eu a pensar

- Não posso a pensar
- Não quero a pensar
- Não consigo a remexer a maleta à cata de um forceps, de uma tesoura, de linha, a pensar

163

- Não posso não quero não consigo o senhor ministro empurrando-me para o

ventre da cozinheira enquanto a espuma do leite transbordava do balde

- Se acontecer qualquer azar à cria torço-lhe o pescoço faça o favor de começar.

Nessa tarde, às três e vinte, arrumei o automóvel frente ao liceu para assistir à saída das aulas, esquecido do consultório, das tosquias, dos ossos vitaminados, da sala de espera repleta de sarnas e de ténias, o servente intrigado com a minha demora a inventar uma urgência em

Azeitão, eu esquecido da quinta, do senhor doutor, da cozinheira crucificada na palha e do sangue e dos gritos e do último assopro que lhe esvaziou a barriga, eu frente ao liceu não apenas às três e vinte, às quatro, às cinco, às seis, frente ao portão fechado do liceu, junto da pastelaria onde às sete e meia retiraram as mesas e as cadeiras da esplanada, levaram os guarda-sóis amarelos, colocaram os taipais e se foram embora, eu na rua sem ninguém, de candeeiros acesos, janelas iluminadas para o jantar, figuras deslizando nas cortinas num jogo de sombras de cinema antigo, sentado no automóvel decidido a ficar ali para sempre, decidido, agora que não se via o liceu, que não se via a pastelaria, que as janelas se apagaram e as alunas deixaram de existir, a ficar para sempre na noite de Setúbal, na noite da noite de Setúbal, na noite da noite da noite de Setúbal até escutar no silêncio do largo, das casas e das árvores, um soluço de corvo, um soluço angustiado de criança.

164

RELATO

Não me lembro que dia da semana era mas lembro-me de ser dia de limpar a capela e ao passar pelo escritório do senhor doutor os estores encontravam-se subidos porque havia luz sob a porta e lá dentro o rádio aceso e a voz dele ao telefone

- Que história é essa homem que diabo de história é essa?

e o relógio da cozinha soou uma porção de badaladas e portanto amanhecia. Não me lembro que dia era e todavia estávamos em Abril dado existirem gralhas novas no pomar e laranjeiras com pontinhos brancos, o se-

nhor doutor deixara o ministério zangado com o professor Caetano que visitara uma ou duas ocasiões a quinta para o

convencer a voltar, recebido não na sala do piano, com a

fotografia da rainha a assistir à conversa, mas no quarto ao

lado, mais pequeno, quase sem móveis, no qual dava ordens ao caseiro, ao tractorista e ao padre após a missa

que considerava equivalente a lavrar campos ou a melhorar canteiros

o senhor doutor numa cadeira de braços apontando ao professor Caetano uma cadeira sem braços, e se eu rodava a maçaneta e aparecia com o tabuleiro do bule e das chávenas e o prato das torradas afastava-me com as costas da mão antes de o professor Caetano poder abrir a boca

- Este Presidente do Conselho não bebe chá Titina

165

furioso por o senhor almirante não o ter escolhido para dirigir o país, ele que na tarde em que o professor Caetano falou na televisão a agradecer os aplausos tirou da parede o retrato do senhor almirante em que se

abraçavam a sorrir

- Atira-m.@ este ventríloquo ao lixo

3 o professor Caetano que após uma hora a fingir não entender as humilhações se despedia no alto das escadas a insistir

- Se mudar de opinião avise-me estava a

pensar em si para a Defesa ou para os Negócios Estrangeiros

e o senhor doutor a dar meia volta sem que o outro tivesse tempo de descer os degraus

- A próxima vez que o camelo aparecer açula-lhe os lobos da Alsácia às canelas

o senhor doutor, capaz de comer o mundo inteiro, a bater com tanta força a porta do escritório que os

pombos se sumiram e, parvoados no pântano e uma cascata de porcelanas se despenhou em torrente do aparador, a porta * abrir-se de novo num salto, o senhor doutor a correr para * jardim na esperança de encontrar o professor Caetano entre as estátuas

- Bandalho o senhor doutor para um lado e para o

outro dias a fio no terraço, a repetir como uma afronta

- Negócios Estrangeiros Negócios Estrangeiros

e se o senhor almirante ligava a procurá-lo declarava no bocal, a raspar uma crosta do papel da parede com a unha

- Se não for para me nomear Presidente do Conselho não estou

de modo que o professor Caetano deixou de visitá-lo e o senhor almirante se limitava a mandar-lhe pelos anos um coronel com um cestinho de gardénias que ele se apressava a entornar sem cerimônia nenhuma no

pântano diante do oficial siderado

166

- Bandalho os cestinhos de gardénias cessaram e mili? tares idosos e antigos colegas chegavam aos domingos em

zumbidos conspirativos, reuniam-se a suar na estufa perguntando baixinho

- Não há microfones pois não tem a cer-

teza que não há microfones escondidos?

e o que eu escutava ao servir-lhes refrescos eram tosses e pigarros, e o que eu via ao entregar-lhes os

copos eram pobres velhotes inofensivos, em camisa, desidratados, à beira da síncope, enxugando-se com o

lenço, à procura de bobines e de gravadores nos saquinhos de sementes e na terra dos vasos, militares que prometiam regimentos façanhudos e colegas que profetizavam aldeias inteiras desembarcando de autocarro em São Bento, abades cabeludos aos berros nos púlpitos de Trás-os-Montes, você vai ver isto é facilímo acredite, a assembleia disposta a votar por unanimidade

por unanimidade afianço-lhe o derrube do usurpador enquanto um cava-

lheiro centenário, a dormir num banquinho de lona de nariz nas orquídeas, emergia de tempos a tempos do seu coma para exigir a espreguiçar-se num crocito sonâmbulo

- Não me vou daqui sem as Finanças não

me vou daqui sem as Finanças

e até à noite, já sem se distinguirem nas

trevas, distribuíam pastas, secretarias, embaixadas, comen-

das, direcções-gerais, esquartejando Portugal entre si como um borrego, com o velhote a insistir numa teimosia férrea

- Não me vou daqui sem as Finanças partindo finalmente numa prudência de sussurros, com medo de aparelhos de escuta da polícia disfarçados nas guelras dos peixitos do lago, a esbarrarem no caramanchão e na capoeira enervando as galinhas, a picarem-se nos espinhos das rosas que boiavam no escuro, o senhor doutor para mim desiludíssimo

- Uma cambada de gágás Titina

167

ele que pregara o mapa do país no escritório, a somar distritos, a somar quartéis, a somar deputados, a inventar um código para mensagens secretas, a escrever

discursos de tomada de posse, a enviar a casaca à lavandaria, a pedir-me que engomasse o laço branco, a ressuscitar as condecorações da gaveta, a interessar-se, a entusiasmar-se, a crer, solicitando-me a aprovação de olhinho a luzir

- O que achas Titina? todo alegria, todo expectativa, todo mistérios para a mulher do sargento e a viúva do farmacêutico que pescavam com a unha um grão que lhes ardia na vista, o senhor doutor remojado

- A Pátria vai dar uma grande volta meninas

de forma que ao passar pelo escritório e

dar com os estores subidos porque havia luz sob a porta e lá dentro o rádio aceso e a voz dele ao telefone

- Que história é essa homem que diabo de história é essa?

cuidei que era a tal grande volta meninas que ele planeava há anos, cuidei que a província inundava São Bento, com os bispos adiante, a ameaçarem os traidores com aquelas varas douradas a fim de empoleirarem o cava-

lheiro do banquinho no andor das Finanças, que eu supunha uma espécie de porta-moedas gigante a estourar de dinheiro, com a fotomatom da esposa na lâmina de gelatina destinada às caras da família, e então, esquecendo-me de limpar a

capela, de vitrais manchados pelo desrespeito dos pardais, parei a escutar no corredor, de frasco de arear a santa na mão, e o senhor doutor aos berros por cima da música da telefonia

- Não são as nossas tropas diz você embaixador Nogueira como raio é que não são as nossas tropas?

o senhor doutor desesperado a mudar o rádio de posto, a encontrar as mesmas notícias e a chamar-

-me num desamparo de naufrago

- Titina

168

ele diante do mapa do país a cravar tachas azuis e amarelas no Porto, no Ribatejo, no Algarve, com o roteiro de Lisboa desdobrado na secretária, cheio de cruzes e de traços a lápis, a marcar números que não lhe respondiam, a conferir na agenda, a marcá-los de novo, sem dar fé de mim, sem me ver ali de frasco de arear a santa na mão, a atravessar-me com os olhos procurando-me para além da porta, com a cinza da cigarrilha a sujar-lhe o colete

- Titina

e pensei

- O filho foi-se embora e deixou o pai no

lugar dele

porque o Joãozinho se casara há anos, morava em Cascais e nunca perguntava por nós, nunca

escrevia, nunca vinha à quinta, ignoro como fazia sem mim para enfrentar os lobos, os gatunos, o escuro, e agora era o senhor doutor a implorar-me que o livrasse das trevas da manhã, do seu terror que crescia no fulgor dos corvos e das faias, do pomar ainda sem sol ou com o sol lutando em vão para se desembaraçar dos eucaliptos libertando as rolas, o senhor doutor a gesticular ao telefone

- Ninguém me descobre o que se passa caramba?

eu com a capela por limpar, as criadas à boa vida à espera que entrasse na cozinha e lhes dissesse tu fazes isto tu fazes aquilo tu mudas-me a roupa das camas

tu chegas-me num instantinho ao talho de Palmela que há imensas coisas para fazer lá em cima, e não só as criadas, as galinhas e os pombos à espera também, os lobos da Alsácia fechados nos canis, de focinho contra a rede de arame, aguardando as tigelas da comida, o tractorista no pátio por causa de uma peça do motor, o jardineiro a aparar os buxos errados, a casa toda dependente de mim e o senhor doutor ora a din-iinuir o rádio e a chamar-me atravessando-me com os olhos

- Titina ora a subir o rádio a cravar tachas em Penafiel, a rodopiar sobre si mesmo, a levantar o auscultador

num repelão, a amarrotar a casaca que eu lhe deixara na poltrona, cremoso de espanto

- O quê? a casaca acabadinha de ser trazida da lavandaria num invólucro de plástico para a apoteose da tomada de posse, as condecorações alinhadas por ordem de importância no intuito de as pregar no peito e ficar igual ao retrato com o Papa, o discurso num rolo atado com uma fita com as cores da bandeira, o jardineiro assobiando a rapar a vinha-virgem em tesouradas implacáveis e o assobio a flutuar no escritório numa alegria feroz enquanto os ramos

tombavam um a um do outro lado dos caixilhos, ele entornado na poltrona, a enrodilhar a casaca

- Traz os comprimidos do quarto Titina de dedos a bailarem incapaz de segurar no remédio, de desrolhá-lo, a entornar água nos joelhos, o assobio do jardineiro a calar o rádio, a calar o telefone, a ensurdecer-me de tal modo que me apetecia cobrir as orelhas

com as palmas, e o senhor doutor de repente lilás, a fazer-me sinais para que lhe batesse nas costas num mugido rouco

- Fícou-me engasgado Titina e eu a socar-lhe as costelas primeiro ao de leve, com receio de aleijá-lo, e depois cada vez com mais vontade por me lembrar da cozinheira, da mulher do sargento, da viúva do farmacêutico, do que ele fazia diante fosse de quem fosse sem se importunar com o Joãozinho,

sem se importunar comigo, eu a arranjar-lhe o peixe com o cabelo quase a roçar a cara dele e o senhor doutor impassível, conversando com a mulher do sargento e a viúva do farmacêutico, a socá-lo, por me achar menos que as outras, nas omoplatas, na coluna, nos rins, ele de mãos no ar

- Já cuspi o comprimido podes parar Titina

eu que tinha ocasiões em que me perfumava, calçava saltos altos e até aos cinquenta anos quase não tive rugas, e comigo ao pé era à cozinheira que o senhor doutor falava

-Tu aí

era à criada mais recente, desembarcada do comboio da Beira na semana anterior ainda a cheirar a fome e a cócó 'de cabrito que ele avisava a unir as pestanas numa careta de cansaço

- Tu quieta e eu com ânsias de me sumir pelo chão, a

fingir-me entretida com o cesto da roupa, os boiões de framboesa, o livro das contas, eu capaz de os fazer em picado e no entanto submissa, obediente, a trotar para a sala, a trotar para a piscina se o senhor doutor me reclamava

- Titina a trazer-lhe capilé para as amantes, a montar cadeiras no terraço, a encomendar gelado, chocolates, bolachas de araruta para elas, a passear o cãozito medonho da viúva do farmacêutico que mo estendia como se eu fosse sua escrava até o animal lograr três gotas avarentas numa

raiz de faia, eu que o acompanhava desde a época em que se casou com a senhora com quem eu preferia viver a não viver com ele, não tomar conta dele, não lhe substituir o sabonete quando o sabonete acabava, não o impedir de gastar dinheiro mal gasto, não estar por perto se necessitasse de mim, e o Joãozinho também não entendeu e foi-se embora, despediu-se sem me beijar

- Adeus Titina não escrevia, não telefonava, não me mostrava as crianças, os meus netos, não os netos da senhora, os meus netos, não vinha a Palmela procurar-me de ma-

neira que o senhor doutor e eu formávamos um casal sem parentes nem amigos a envelhecer sozinho numa casa

imensa, ele distraído de mim e eu atenta ao mínimo sobressalto do seu fígado, do seu coração, dos seus pulmões, preocupada com o ácido úrico, o colesterol, o enfisema, a segredar ao especialista enquanto o senhor doutor se vestia no biombo

- Não é nada de grave pois não? eu que não suportava a ideia de o ver numa

cama, de boca torta, alimentado a caldos, que sei que um

171

dia destes vem a Alverca buscar-me, entra pela Misericórdia dentro com aquela segurança, aquela majestade, aquela autoridade, afastando a terapeuta ocupacional como se afasta um moscardo aborrecido

- A tua bagagem Titina? sem ligar aos bordados, aos malmequeres de feltro, às minhas colegas deslumbradas com um homem assim

- A tua bagagem Titina? um homem a quem toda a gente obedecia em Lisboa, com quem o professor Salazar se aconselhava para dirigir Portugal, que mandava prender os que lhe desagradavam e soltar os que lhe apetecia sem necessidade de abandonar o escritório, discava o aparelho e pronto

- Apanhe-me fulano e largue-me beltrano major

e o major de cócoras, às vénias, desfazendo-se em solicitude

- perfeitamente senhor ministro o Barbieri resolve-nos isso num instante

o senhor doutor de automóvel arrumado entre os pilares do viaduto escanzelados de cimento e tijolos,

com um pedaço de cartaz a suicidar-se ao vento, as empregadas da Misericórdia estarrecidas, ao notarem o anel de noivado que me enfiou no dedo com uma pérola do tamanho de uma azeitona de Elvas, o senhor doutor a dar a volta ao carro para me abrir a porta, a manter a porta aberta de chapéu na mão numa delicadeza de príncipe à espera que eu recolhesse o vestido e me acomodasse no assento, a dar outra volta ao carro para se instalar ao guiador e a partir comigo, Alverca fora, na direcção de Palmela, o senhor doutor no escritório, a tomar desta feita o comprimido sem

o entalar na garganta, empurrando-o para o estômago num abanão de ganso à medida que o último cacho de vinha-virgem tombava e o assobio do jardineiro que me degolava as plantas diminuía e se calava, o senhor doutor alheado do mapa, alheado do roteiro, a erguer-se da poltrona onde a

172

casaca se transformara num trapo para atender o telefone numa dificuldade de inválido

- Um golpe comunista e as nossas tropas quietas general Pina um golpe comunista e as nossas tropas nos quartéis?

o locutor a anunciar qualquer coisa acerca

de tiros, das pessoas não andarem na rua e de evitarem combates, imaginei logo bombas, canhões, chacinas, cadáveres amontoados no Terreiro do Paço, o assobio do jardineiro, mais longe, destruíra goivos e túlipas na tranquilidade sem remorso dos carrascos, eu preocupada que o jardim -se tornasse numa vala comum de flores defuntas porque não era da senhora, não era do senhor doutor, era meu, preparei a terra, preparei o adubo, comprei os rebentos, protegi-os do sol, mondei as ervas ruins, reguei-as no verão de manhã e à tarde, impedi as criadas e os lobos da Alsácia de as calcarem, impedi o Joãozinho de as arrancar às braçadas, o jardim pertencia-me como a casa e o governo da casa me pertenciam também, como cada objecto me pertencia, como o senhor doutor me pertencia sem ter reparado que era meu, e no alpendre da piscina a parva da mulher do sargento numa arrogância de patroa, a vibrar as lantejoulas do leque

Traga-me outra limonada depressa que estou cheinha de calor

a mulher do sargento que cruzava as pernas como as rameiras cruzam, penteava o cabelo corno as rameiras penteiam, tinha brincos e anéis como as rameiras têm

- Traga-me outra limonada que estou cheinha de calor

eu a decidir, partindo o gelo numa esquina do mármore, ponho veneno das baratas no jarro, eles desatam a espernear e acabou-se, ainda peguei na embalagem com uma caveira pintada, ainda a chocalhei para escutar os grãos lá dentro e arrependi-me porque essas coisas descobrem-se mas deitei mais açúcar do que devia e

173

se ela fosse doente dos açúcares como a minha colega de quarto aqui em Alverca, sempre a mergulhar uma tirinha no bacio, espichava horas depois com o marido ao lado

- Gracinda Gracinda

e a polícia a julgar que se distraiu e abusou das duchesses na pastelaria, eu a pousar-lhe o copo na mesinha de verga

- Quer mais minha senhora? quando senhora não era a rameira, era eu que me conservava para um homem e não me vestia para o

cio dos rafeiros, senhora era eu e a mulher do sargento nem

- Obrigada sequer o senhor doutor nem

- Obrigada sequer corno se estivesse ali para lhes satisfazer os caprichos, eu com montes de trabalho na cozinha e na sala de costura, os cristais a pedirem um pano, o pedreiro por via do telhado da garagem, a mulher do sargento a deitar beijinhos na palma e a soprá-los para o

senhor doutor numa ordinarice de rameira

- Faz tenções de ficar aí especada Titina? não dona Titina, só Títina, assim mesmo, Titina

- Faz tenções de ficar aí especada Titina? quando toda a gente me trata por dona, é uma questão de deferência, é uma questão de ser verdade, a mulher do sargento que não me conhecia de parte nen-

huma que eu não sou da laia dela, trabalho, não passo o

tempo refastelada nas esplanadas com as amigas a namo-

rar os empregados, a fumar e a ratar na vida das pessoas honestas

- Faz tenções de ficar aí especada Titina? que só faltou tratar-me por tu e eu arrependida de não ter posto veneno

- Se me tornas a pedir limonada é que nem ginjas

174

veneno das baratas não só para a mulher do sargento mas também para o senhor doutor que a devia ter chamado à pedra e não chamou, que se a fulana não ligava a princípios ligasse ele por ela, eu numa redoma de pranto a voltar para casa com os lobos da Alsácia a acompanharem-me com dó que os animais valha-nos isso entendem-nos, e o senhor doutor ao telefone, a ordenar-me que lhe aproximasse a poltrona da casaca, quer dizer a poltrona onde a casaca se concertinava de vincos, e quem estava lá para estender-lha não era a mulher do sargento, era eu, o senhor doutor a tirar um segundo comprimido do frasco e a mastigá-lo sem água, ele que não conseguia mastigar comprimidos

- As nossas tropas passaram-se para os

comunistas diz. você isto é alguma brincadeira de crianças isto é algum filme que bodega de tropas me arranjou general?

o senhor doutor a ligar para o Ministério do Exército e nada, para o Ministerio da Defesa e nada, a esquecer o orgulho e a ligar para o major e nada, os ministérios vazios, a secreta vazia, o telefone dos quartéis da Ajuda e do Carmo interrompidos, canções sem moral no rádio, o locutor a garantir que tomaram o aeroporto e a televisão e cercaram a polícia política, que Lisboa lhes pertencia e como se isso não fosse suficiente para me aborrecer o canalha do jardineiro a estragar a relva e a trucidar os goivos, as criadas radiantes com o feriado a pilharem-me a dispensa e o senhor doutor para o bocal num segredinho amargo

- Responda-me com sinceridade embaixador Nogueira os comunistas controlam esta gaita ou não

controlam é que se os comunistas controlam esta gaita temos de nos pôr ao fresco quanto antes

a mirar as condecorações num encolher de ombros, o discurso de tomada de posse atado com as

cores da bandeira num sorriso de escárnio, as fotografias do escritório como quem se despede do Papa, do cardeal, do núncio apostólico e do professor Salazar que já tinha

175

morrido coitadinho, a despedir-se de si mesmo, a tirar a casaca da cadeira e a lançá-la ao chão com invólucro e tudo, e só então reparei na passagem dos anos e como

tínhamos mudado ele e eu em tanto tempo na quinta, compreendi que o Joãozinho não nos visitava em Palmela para não encontrar espectros onde deixara pessoas, um segundo rádio na cozinha com canções sem moral, centenas de rádios na vila com canções sem moral, a filha do caseiro a abandonar o estábulo com os baldes de leite, o moinho a tentar uma volta coxa, duas voltas coxas, a imobilizar-se e no entanto

que esquisito pareceu-me que existia vento, que as

hidrângeas estremeciam e o capim se inclinava, o senhor doutor ao telefone num tom que eu nunca tinha ouvido nem quando procurava convencer a senhora a ficar com a gente

- Pronto já percebi Nogueira com a Pide inutilizada com o Governo preso com a tropa fandanga vendida aos comunistas amanhã sem falta temos os russos na Baixa e ou nos penduram num candeeiro ou nos arranjam bilhetes de comboio para a Sibéria não se preocupe comigo e desapareça o mais depressa que puder

devia ser tardíssimo porque as rolas e o telhado da estufa aumentavam na luz, se suspeitava o mar na refracção das nuvens e a casa, senhores, parada à minha espera porque nada

funcionava sem mim embora apenas eu estivesse consciente disso, nem sequer a terapeuta ocupacional que se lhe digo que mais de vinte pessoas dependiam das minhas instruções me manda estar calada e bordar que distraio as colegas, o senhor doutor a abrir o cofre e a esvaziar as gavetas da secretária lá dentro, a

espreitar da janela se os soldados soviéticos entravam no portão e hasteavam bandeiras no celeiro, a desligar o rádio, a cortar o fio do telefone, a ordenar-me que metesse as

trancas nas portas e soltasse os cães, a ordenar-me enquanto entalava a pistola no cinto e trazia a caçadeira do armário

176

- Quero toda a gente daqui para fora Titina expulsando-me juntamente com o pessoal, o tractorista, o caseiro, estalando a culatra e disparando para os cedros numa revoada de corvos

- Rua comunistas a estufa branca, as rolas brancas, o céu branco e os eucaliptos negríssimos, o senhor doutor a apontar a cigarrilha para mim e a empurrar-me com a coronha

- Rua comunista os cães aos pulos no jardim, a entrarem e

a saírem das salas num reboiço de latidos, os eucaliptos negríssimos e a culatra a estalar outra vez e a disparar não para os cedros, não para as gralhas que se multiplicavam alarmadas nas copas, a disparar na minha direcção

- Rua comunista e dei-me conta de como a minha mala não pesava quase nada, não tinha quase nada conforme a terapetita ocupacional me perguntou no dia em que cheguei à Misericórdia de Alverca

- É só isto que traz dona Albertina? e eu a sorrir calada porque ela não ia compreender que não trazia só aquilo, que possuo uma casa e

uma quinta inteira e árvores e corvos em Palmela, um estábulo de vacas sem falar nos porcos nos perus nos coelhos nas galinhas nas rolas nos pombos, possuo um jardim urna? piscina um roseiral e uma estufa de orquídeas, vinte empregados incluindo as criadas para dirigir e andar de olho em cima a impedir que me roubem pois qualquer criatura inteligente sabe como é o pessoal nos dias de hoje, e não vou ficar muitos meses nem muitas semanas a bordar papagaios diante dos quintais dos mendigos de África e dos pilares do viaduto dado que mais dia menos dia, talvez já amanhã, talvez já logo à noite, o senhor doutor vem buscar-me de carro, abrir-me a porta para eu entrar, contornar o automóvel, instalar-se ao guiador, e com as minhas colegas nas cortinas levar-me de regresso a Palmela, levar-me de regresso ao que é meu.

17,7

COMENTÁRIO

Com a crise de emprego a crescer por aí a gente agarra-se ao que aparece e a mim o que apareceu foi um lugar de terapeuta ocupacional na Misericórdia de Alverca. Depois de me separar do Adérito vivia com a miúda em Odivelas num rés-do-chão de duas assoalhadas e a cozinha onde a Tânia e eu comemos porque pus a cama na sala e com os sofás e o móvel-bar da aparelhagem não me sobra espaço para a mesa, quando o Adérito morava connosco a Tânia era bebé e dormíamos os três no quarto mas agora, aos onze anos da minha filha, não me sinto à vontade, é impossível, se ainda estivesse casada

lagarto lagarto lagarto tinha de arranjar um apartamento maior porém felizmente o Adérito lá resolveu ir-se embora, consegui um empréstimo, comprei a parte dele e pronto, não é que nos déssemos mal, não dávamos, não o havia cenas, não havia discussões, não havia mulheres que isso também não admitia, o problema foi que a partir de certa altura can-

sei-me de uma pessoa capaz de ficar semanas inteirinhas a um canto a olhar para ontem não mexendo uma palha e um

belo dia dei por mim a desejar que se apaixonasse e me desamparasse a loja, a apetecer-me convidar as colegas dele cá para casa a ver se pegava e não pegava, eu a conversar com as moças e o Adérito sem abrir a boca, nem uma graça, nem uma opinião, nem uma pergunta, e em contrapartida à noite a mão dele no meu peito e eu com um safanão

179

- Tira daí o sentido o Adérito a insistir como se não ouvisse,

eu a repetir o safanão

- Deixa-me dormir não quero e no dia seguinte ganhei coragem, fui à agência de viagens, atravessei, um túnel de secretárias, de cartazes de férias nas Bermudas e de cruzeiros a Tânger, o

Adérito recebia uma cliente a atender o telefone e a procurar um voo para Londres no computador e eu espalmando os

dedos na secretária de tal forma que se o verniz não fosse vitalizante partia a unha do mindinho

- Vou divorciar-me de ti a cliente a girar no banco tilintando berloques e o Adérito a imaginar que eu imaginava coisas, o

Adérito que me conhecia o feitio

- Não tenho nada com esta senhora Lina

é a primeira vez que a vejo seja cego

e a cliente ora para mim ora para ele

- Isto é de doidos varridos isto é de doidos varridos

uma caramela dessas que usam meias de rede e colares de esferas do tamanho de bolas de snooker a chamar o gerente aos gritos, e o gerente, um homem diga-se de passagem interessante, de bigode e entradas, sem se recordar de mim embora tivéssemos estado um ao lado do outro no pôr-do-sol do aniversário da firma onde me mostrou o retrato dos criancos e sugeriu que podíamos almoçar para a semana numa tratoria agradável, o gerente que o decote da caramela começava a interessar, amparando-lhe a zanga pela cintura

- Há crise Adérito? e eu antes que o gerente e a outra saíssem de braço dado para um resto de tarde numa pensão do Salitre, a bater pestanas que também possuo os meus truques

- Não há crise nenhuma senhor Elias vou-me divorciar do meu marido

e a caramela que em matéria de ciência não me ficava atrás e devia gostar que lhe amparassem a

180

cintura pretextando fugir de mim para se encostar ao gerente entre uma boneca russa e um florde encaixilhado, de berloques no ar, medalhas de ouro, corações de ouro, uma ferradura, uma figa gigantesca

- Isto é de doidos varridos isto é de doidos varridos

o Adérito a perseguir-me na cozinha em Odivelas, comigo a trotar do frigorífico ao fogão e a acender fósforos para descongelar o bacalhau espiritual, o Adérito a alternar a súplica com a ameaça, a ameaça com o pedido de desculpas, o pedido de desculpas com a declaração de arnor e a declaração de amor com o desafio

- Não julgues que me divorcio não julgues que me vou embora quem não está bem muda-se

1 ainda aguentei umas noites sem posição no sofá, a ouvi-lo ressonar no quarto, acordando quando se levantava a tossir e acendia a luz do corredor, e como se tal não bastasse no andar por cima do nosso, que no prédio não há um som que não se ouça, a cabeceira do divã a bater na parede e a ginecologista a estimular o marido numa berraria de esfaqueada

- Força Zé força Zé uma dúzia de pancadas em frenesim, um rangido de molas, uma pausa de exaustão e o Zé, que encon-

trava carregando sacos de compras nas escadas ou a tirar os

prospectos de supermercados e de telepizas da caixa do correio e a enflá-los à sucapa na nossa, o Zé num queixume moribundo

- Preciso de beber um copo de água Marina estou com a boca sequíssima

e dez minutos depois, com o prédio em

peso numa expectativa ansiosa a torcer pelo rapaz, o divã a saltar novamente, a cabeceira a bater na parede, as molas aos guinchos para trás e para diante, o meu sofá a vibrar

com os choques, a doutora, incansável

- Força Zé força Zé o Adérito, sobressaltado por aqueles recor-

des, a querer entender-se con-úgo porque essas coisas pegam-se

181

- Chega-te para o lado não sejas má Lininha

eu a usar como escudo o prato alentejano que servia de cinzeiro e a prometer partir-lhe a cabeça com

uma ceifeira mal amanhada

- Tira daí o sentido o Adérito derrotado de regresso ao quarto, a puxar o nastro do pijama, eu de ceifeira a pino para o que desse e viesse e no andar de cima a mudez trágica que prolonga as catástrofes, pequenos ruídos dispersos de sobreviventes, raspar de chinelos, uma torneira, uma arca arredada, o apito da água para o chá, o Adérito a tomar à carga com as súplicas as ameaças os pedidos de desculpa as declarações de amor e os desafios, eu a insistir, se me aparecia com

ramos de flores, chocolates de cenas de caça na camp, um

estojo azul com um anelzinho de turquesa

- Vou divorciar-me de ti e o Adérito patético, a guardar o estojo na

algibeira versão não queres mais fica

- Não saio de casa sai tu o Adérito a chorar-se para os meus pais que eu queria abandoná-lo, desgraçar-me, que não me ralava com a filha, andámos quinze dias naquela teima, saís de casa não saio de casa, quem não está bem muda-se, não fui eu que me quis divorciar de ti, de mistura com partes gagas, encontrões, argumentos acerca de qual de nós ficava com a Tânia, tipo

- Exijo a miúda comigo tipo

- Não admito que a minha filha viva com outro homem

tipo

- Descansa que a Tânia cresce e hei-de explicar-lhe quem tu és

e eu estafada porque após estas guerras peninsulares de discussões, amuos, estrondos de portas e

profecias tenebrosas não lograva dormir com as cavalarias da doutora

182

- Força Zé força Zé a médica que o ano passado acabou por engravidar, calar-se e trazer paz a Odivelas que os restantes condóminos são normaizinhos benza-os Deus, dois ou três impulsos a despachar que já não é nada mau e chega, e só tornei à cama derivado ao Adérito se embeijar por uma rapariga lá da agência de viagens com um peito para cada banda num amuo glandular e se mudar com ela para uma urbanização da Rinchoa, um cacho de edifícios tortos num charco de lama a léguas do comboio, com tábuas por cima dos buracos dos esgotos que eu nem de borla aceitava, ainda me foram ambos a Odivelas na esperança de levarem metade da mobília e as prendas de casamento da família dele e eu acompanhada pelo advogado, a erguer a ceifeira

- Tira daí o sentido o advogado que esse sim me ficou com a mobília e as prendas de casamento na conta que me apresentou a seguir ao divórcio, se quando terminar este livro lhe apetecer escrever um romance de advogados traga o

gravador, vamos para um sítio calmo, uma estalagenzinha no

norte, eu dito-lho num fim-de-semana. do primeiro ao último capítulo e sobeja imenso tempo para visitar Guimarães e

brincar à escondidas no castelo que aos trinta e três anos, não vai acreditar mas é verdade, continuo menina, continua a apetecer-me

não se ria jogar à macaca e isso, a Tânia protesta sempre

- ó mãe ao ver-me andar na borda do passeio aos

saltinhos como uma maluca para não pisar os intervalos das pedras, se a levo ao Jardim Zoológico não é por ela, é por mim, fico horas perdidas a bater palmas defronte das jaulas e a oferecer amendoins aos bichos, a Tânia envergonhadíssima com as minhas figuras

- ó mãe e é uma pena não poder brincar na Misericórdia mas como o provedor insiste e tem razão não se

183

deve dar confiança às pensionistas, quarenta e seis mulheres algumas do roubo, da droga, da prostituição, desde adolescentes de treze e catorze anos, com mais experiência, do que eu, até gagás de oitenta, todas elas a procurarem fugir de Alverca num instinto de vadias apesar da alimentação e da dormida, a procurarem escapar-se de regresso a

unia existência miserável onde se sentiam livres, livres de se injectarem, apanharem doenças, amanhecerem de cabeça esmagada num beco, serem infelizes, em lugar da segurança da sopinha certa, dos lençóis lavados, de aprenderem uma profissão de bordados e artesanato que elas argumentavam não lhes servir para nada como não lhes servia para nada a missa na sala de jantar e os discursos evangélicos do provedor que se esforçava ao máximo para lhes dar conforto, não me diga que não gostou das instalações, do asseio, a vista pode não ser grande coisa mas

não há estreiteza, temos a circular nova, o viaduto, campos, um bocadinho de Tejo e não conheço melhor que um bocadinho de Tejo para descansar os olhos, em Alverca aproximo-me da janela e só enxergo mulatos desocupados a riscarem a pintura dos automóveis com pregos, bêbedos e

pobreza, por que motivo julga que desço os estores e corro as cortinas, bêbedos, pobreza e autocarros escavacados a caírem aos pedaços nas crateras das ruas, tive de colocar grades por fora dos caixilhos, de comprar um alarme caríssimo que apita ao mínimo golpe de vento, de arranjar uma

fechadura de quatro entradas por via dos gatunos, não me

atrevo a ir ao cinema à noite a Lisboa, a um bar de música ao vivo, a uma discoteca, a um espectáculo, trago a miúda do ballet às seis da tarde e ficamos na cozinha como um casal de náufragos entre milhares de náufragos com os seus medos, as suas grades e as suas fechaduras e ao descermos para o emprego até seringas se encontram nas escadas, eu a ajudar a Tânia com a cópia e a geografia e

nisto uma brisasita qualquer, o estafermo do alarme aos uivos e a vizinhança no meu patamar desancando-se sem dar fé que se conhece porque até os plafóniers; nos furtam,

184

como quer que me apeteça ler, que me apeteça distrair-me, falta-me paz, falta-me uma companhia, e ao menos na Misericórdia não tenho tempo para pensar e sinto-me a salvo de maçadas na condição de não acamaradar com as pensíonistas, elas bordam e arranjam flores e a mim pagam-me para as obrigar a coser e a fazer malmequeres, isto quer às gagás quer às drogadas, é o socialismo perfeito, a igualdade perfeita, tudo à volta de uma mesa comprida e eu à cabeceira a impedir preguiças com um ponteiro como nas escolas para animar o braço desta ou daquela

- Então? quarenta e seis pensionistas, as novas que me odeiam e as gagás que nem me vêem, com aqueles ros-

tos indiferentes que se tomam mais velhos se por acaso

riem, as gagás _ Preciso de urinar

ao ajudá-las a erguerem-se para as levar à sanita dava com a saia molhada, o assento molhado, o chão molhado, eu repreensiva

- Dona Fernanda ou dona Mécia, ou dona Teresa ou dona Manuela e um alheamento absoluto, uma impassibilidade de índio de que saíam de repente para um apelo desdentado

- Minervino e por aqui verifique o meu tormento das nove à uma e das duas às seis a receber um ordenado que merecia a triplicar, com as prostitutas e as drogadas a

insultarem-me mal me distraía

- Puta eu sem descobrir qual fora a passar em revista cabecinhas inocentes que bordavam, narizinhos inocentes atrás de pétalas de pano, boquinhos inocentíssimas que acompanhavam as músicas do rádio, e o viaduto de Alverca na janela, os prédios inacabados, as camionetas de carga na direcção de Lisboa, um ciscozinho assoreado de rio, eu a pensar na minha vida à procura do lenço na carteira que a tristeza sabe como é dá-me para a sinusite, um falsete lá do fundo

185

- Puta comigo a agitar o ponteiro e urna paz de anjos na sala, uma paz de berçário, eu no quarto de banho de pálpebras descompostas porque não é fácil compreende, não é fácil, não é chamarem-me isto ou aquilo que me dói, é o que me tornei, é a ecografia dentro de quinze dias, é a

Tânia que não demora nada faz vinte anos e se vai embora

Adeus mãe é o apartamento de Odivelas, o despertador a arrancar-me bocados de carne às sete da manhã, o comprimento dos sábados, principalmente o comprimento dos sábados, a Tânia e eu aborrecidíssimas no centro comercial, a Tânia e eu aborrecidíssimas numa esplanada, a Tânia e eu aborrecidíssimas na Gata Borralheira, chamem-me puta à vontade que eu aguento mas eliminem Odivelas, o despertador, os sábados, o serão nos meus pais com a minha mãe a lamentar-se da úlcera da perna, se você adivinhasse o que são os sábados para uma mulher sozinha, e mal me apeio da camioneta, mal entro na Misericórdia, mal me sento à mesa dos bordados e dos malmequeres de pano, mal me

volto para a esquerda, interessada num barquito do Tejo, no traçozinho de uma chaminé a caminhar no lodo

- Puta

e uma gagá que apanhou o palavrão como as gaivotas apanham os excrementos no ar

- Preciso de urinar sua puta de maneira que se não fosse a responsabilidade da Tânia despedia-me da Misericórdia e ia como um fuso ter com a minha cunhada casada com um ricaço na Suíça que anda sempre a propor eu ancorar em casa dela para tomar conta dos catraios, que me disse inclusive que levasse a Tânia, e a mim pode parecer-lhe parvo mas custa-me tirá-la aos avós, tirá-la do ambiente dela, dos amigos, do colégio, a miú da acostumada a Odivelas, às ruas, às pessoas, e eu a impor-lhe Genebra, uma língua que não sabe, estrangeiros, o comer diferentíssimo, imensa neve, se a Tânia fosse outro gênero de garota vá que não vá mas

186

com a inteligência dela sinceramente tenho medo, o ano

passado por descargo de consciência mandei-a aos testes à psicóloga e a psicóloga impressionadíssima, a mostrar-me

os relatórios

- A Tânia é uma menina especial e não lhe digo isto por ser minha filha digo-lhe por ser verdade, a Tânia é realmente uma menina especial, uma maturidade, um poder de observação, uma esperteza que me deixa palavra de honra sem fala, e que apesar da sensibilidade não dispensa o Clube Disney aos

domingos de manhã, põe o som no máximo no único dia da semana em que posso dormir até mais tarde, não descansou enquanto não lhe dei onze Barbies mais os vestidos da Barbie e o chalé da Barbie com três pisos cor-de-rosa e um

jardim de plástico e o bebé da Barbie e a piscina da Barbie em forma de coração com lacinhos e o marido da Barbie de queixo quadrado e cara de imbecil que dói e pastilhas elásticas endurecidas que nem à faca se despegam do assento das cadeiras e cinco metros de papel higiénico corredor fora e o meu bâton estragado e os meus perfumes vazios principalmente o francês que andei a poupar séculos para conseguir comprá-lo e a pasta de dentes

não aguento isto, não me pergunte porquê mas não aguento isto

apertada pelo lado da rosca e eu com ganas de estrafergar a Tânia, de a mandar mais às Barbies por encomenda postal para a Rinchoa e o Adérito e a patroa que a aturem até não existir uma única cadeira sem gotas de pastilha elástica a pingarem do assento, eu livre para receber o João em Odivelas, jantarmos tranquilos, ouvimos uma

musiquinha simpática, sentir-me menos só, conversarmos, o João pode não ser novo, não ser rico, usar um cordel em vez de cinto e os sapatos sem graxa mas é melhor que nada, preocupa-se comigo, fala con-úgo, conta-me a vida dele numa quinta em Palmela ou Azeitão ou Setúbal que para mim o outro lado é todo igual, detritos, pântanos podres e gaivotas, o João com um aspecto desamparado de quem tem medo do escuro

(é tão fácil uma mulher descobrir os homens que têm medo do escuro)

que conheci na Misericórdia de Alverca por causa das terças-feiras em que tocava à campainha para saber da mãe que parecia não conhecê-lo da mesma forma que ele parecia não conhecê-la ou conhecê-la mal, o João o a hesitar no corredor com a sua prenda de doces, a sua

prenda de fruta, a olhar as serventes numa angústia de órfão, a perguntar-me a mim que fui a única pessoa que não passou por ele como se fosse uma sombra ou nem sequer existisse _ A dona Isabel?

a minha mãe que se divorciou do meu pai quando era pequeno e o que me lembro dela

Lina são ruídos de luta, gritos, insultos, um baú no topo das escadas e um automóvel a caminho de Lisboa, o que lembro dela são revoadas de pombos, o murmúrio de papel cavalinho das roseiras, o moinho desorientado à procura do vento, o que lembro dela é o silêncio na casa, o cochicho das criadas na cozinha, o meu pai trancado no

quarto, a Titina a chorar pelos cantos, os lobos da Alsácia a ladrarem toda a santa noite e os corvos à gargalhada no pomar

Lina e eu inclinada para a mãe

- Dona Isabel o que lembro dela são as bezerras na escuridão do estábulo, os gansos a perseguirem-me no capim com o silvo dos bicos, os gatinhos que a cozinheira afogava sem piedade

Lina Lina no tanque e uma ou duas bolhas a subirem da água, é um frango degolado só patas e asas a correr a

correr, o meu pai de chapéu na cabeça e barba de oito dias

- O seu filho dona Isabel a puxar os suspensórios de elástico e a

chamar a cozinheira, o que lembro dela é o restolhar da

188

vinha-virgem, as vénias dos jacintos, a conversa das dalias, os anjos de calcário afundados na relva, os ciganos e os gatunos escondidos no pátio (vestidos de preto como os contrabandistas vestidos de preto como os mortos)

armados de sacos com que me queriam levar

Lina

e eu

- O seu filho dona Isabel está aqui o seu filho

e o que achei mais estranho foi a dona Albertina que me massacra com lérias que nem ouço acerca de um passado de grandezas, de majores, de polícias, a dona Albertina de agulha parada a fixar o João, a querer abraçá-lo, beijá-lo, a chamar-lhe menino, a exigir ir-se embora com ele

- Vamos embora esperei tempo demais por si

e o João que não a conhecia claro, nunca a

tinha visto na vida, a procurar desprender-se

- Largue-me uma criatura Lina que eu não fazia a menor ideia quem pudesse ser a pendurar-se aos guinchinhos de mim, a pendurar-se aos risinhos de mim, a pendurar-se entre soluços de mim até que a Lina e as serventes a arrastaram para o

quarto, amarraram à cama, fecharam a porta, e eu a escutá-la

Joãozinho sem descobrir onde a velhota aprendera o

meu nome e felizmente que era hora da saída e ofereci uma laranjada à Lina no café de Alverca, conversámos imenso, falou do Adérito, da Tânia, do andar em Odivelas e do comprimento dos sábados, e apesar de ter mais vinte anos pode ser que não lhe desagrade de todo, pode ser que me aceite, combinei para a semana jantar com ela e a miúda, irmos à Feira Popular, a Lina afastou as chávenas, pousou

189

(é tão fácil uma mulher descobrir os homens que têm medo do escuro)

que conheci na Misericórdia de Alverca por causa das terças-feiras em que tocava à campainha para saber da mãe que parecia não conhecê-lo da mesma forma que ele parecia não conhecê-la ou conhecê-la mal, o João o a hesitar no corredor com a sua prenda de doces, a sua

prenda de fruta, a olhar as serventes numa angústia de órfão, a perguntar-me a mim que fui a única pessoa que não passou por ele como se fosse uma sombra ou nem sequer existisse

- A dona Isabel? a minha mãe que se divorciou do meu pai quando era pequeno e o que me lembro dela

Lina são ruídos de luta, gritos, insultos, um baú no topo das escadas e um automóvel a caminho de Lisboa, o que lembro dela são revoadas de pombos, o murmúrio de papel cavalinho das roseiras, o moinho desorientado à procura do vento, o que lembro dela é o silêncio na casa, o cochicho das criadas na cozinha, o meu pai trancado no

quarto, a Titina a chorar pelos cantos, os lobos da Alsácia a ladrarem toda a santa noite e os corvos à gargalhada no pomar

Lina e eu inclinada para a mãe

- Dona Isabel o que lembro dela são as bezerras na escuridão do estábulo, os gansos a perseguirem-me no capim com o silvo dos bicos, os gatinhos que a cozinheira afogava sem piedade

Lina Lina no tanque e uma ou duas bolhas a subirem da água, é um frango degolado só patas e asas a correr a

correr, o meu pai de chapéu na cabeça e barba de oito dias

- O seu filho dona Isabel a puxar os suspensórios de elástico e a chamar a cozinheira, o que lembro dela é o restolhar da

188

vinha-virgem, as vénias dos jacintos, a conversa das dalias, os anjos de calcário afundados na relva, os ciganos e os

gatunos escondidos no pátio (vestidos de preto como os contrabandistas vestidos de preto como os mortos)

armados de sacos com que me queriam levar

Lina

e eu

- O seu filho dona Isabel está aqui o seu filho

e o que achei mais estranho foi a dona Albertina que me massacra com lérias que nem ouço acerca de um passado de grandezas, de majores, de polícias, a dona Albertina de agulha parada a fixar o João, a querer abraçá-lo, beijá-lo, a chamar-lhe menino, a exigir ir-se embora com ele

- Vamos embora esperei tempo demais por si

e o João que não a conhecia claro, nunca a tinha visto na vida, a procurar desprender-se

- Largue-me uma criatura Lina que eu não fazia a menor ideia quem pudesse ser a pendurar-se aos guinchinhos de mim, a pendurar-se aos risinhos de mim, a pendurar-se entre soluços de mim até que a Lina e as serventes a arrastaram para o

quarto, amarraram à cama, fecharam a porta, e eu a escutá-la

Joãozinho sem descobrir onde a velhota aprendera o

meu nome e felizmente que era hora da saída e ofereci uma laranjada à Lina no café de Alverca, conversámos imenso, falou do Adérito, da Tânia, do andar em Odivelas e do comprimento dos sábados, e apesar de ter mais vinte anos pode ser que não lhe desagrade de todo, pode ser que me aceite, combinei para a semana jantar com ela e a rfuída, irmos à Feira Popular, a Lina afastou as chavenas, pousou

189

a palma na minha palma, perguntou-me se tinha medo do escuro e eu senti uma coisa cá dentro, um consolo, um júbilo, um alívio, a certeza de regressar a casa a seguir a

uma viagem sem fim porque quando uma mulher pergunta a um homem se tem medo do escuro é sinal que quer ficar com ele para sempre, é sinal que quer ficar com ele muito tempo.

190

terceiro relato

(Da existência dos anjos)

RELATO

Um dia, tinha eu nove ou dez anos, a minha madrinha disse-me

- O teu pai vem visitar-te amanhã e não senti nada porque não sabia o que a palavra pai queria dizer como não sabia o que a palavra mãe queria dizer, sabia que as minhas vizinhas, as moças da minha idade e as outras raparigas da escola viviam com

homens a que chamavam pai e com as mulheres a que chamavam mãe mas ignorava o que um pai ou uma mãe pudessem ser dado que se um pai ou uma mãe fizessem o que a minha madrinha fazia (dar-me de comer, mandar-me deitar, tratar de mim, ralhar-me)

não se dizia pai e mãe por outro lado e ma-

drinha por outro, dizia-se a mesma palavra para tudo e portanto havia mais qualquer coisa ou menos qualquer coisa no pai e na mãe que eu não compreendia o que era da mesma forma que não compreendia a razão de morar com uma senhora de idade numa casa sem homem e sem os objectos que os homens põem na prateleira do chuveiro, a navalha, o assentador, o pente, a brilhantina, e não só faltavam os objectos com que os homens povam as casas como faltava roupa de homem, tosse de homem, um jornal numa cadeira e sobretudo o cheiro dos homens nos sítios em que habitam, cheiro da oficina, do vinho e do vomitado do vinho, cheiro do tabaco, cheiro do suor, o cheiro a azedo que

trazem aos domingos do café, cheiro de homem, vozes de homem, zangas de homem na cozinha visto que os homens se zangam para as mulheres chorarem e se zangam ainda mais quando elas choram e isso aprendi com os pais das minhas vizinhas ao escutá-los a gritar com as mães delas à noite, e a seguir aos gritos e às lágrimas começavam a ri-lhes no vestido e calava-se tudo salvo as árvores do largo, um silêncio esquisito que aumentava o escuro e o tamanho do rio e que apenas entendi muito mais tarde no

momento em que o César me disse

- Deita aqui e o meu corpo se transformou num túnel de mudez em que martelavam os ecos do meu sangue, ao passo que em nossa casa não existiam gritos nem lágrimas, os silêncios resuiniavam-se aos silêncios sem estranheza de quando a gente dorme e podia perceber-se um pássaro nas

copas, o atrito da água ou um estalo de móvel, principalmente no verão, com os arnários e as arcas a chamarem por mim

- Paula Paula de maneira que quando a minha madrinha me disse

- O teu pai vem visitar-te amanhã não senti nada porque não sabia o que a palavra pai queria dizer, fiquei apenas curiosa já que nenhum homem nos entrara em casa com a sua tosse, as suas zangas, os seus cheiros, a imaginar um homem na nossa sala, na nossa cozinha, no quintal das traseiras, um homem grande demais para o espaço em que eu vivia por os homens me parecerem desajeitados e enormes, por aos nove ou dez anos os homens se me afigurarem um vendaval confuso de ordens e de pêlos, não fiquei contente por ter um pai, não fiquei com vontade de conhecê-lo por medo dos seus jornais e dos seus berros, fiquei curiosa a supor o que o meu pai faria em nossa casa, que roupa usava, que poltrona escolhia, se passava a mão na minha bochecha e se a mão na minha bochecha me aleijava, de que falaria com a minha madrinha, se me levava com ele para longe de Alcácer e de repente

receei que me levasse e principiei a chorar e a ver as cegonhas fazerem o ninho na chaminé do notário, a primeira cegonha deitada no ninho e a segunda imóvel, não a vogar, imóvel, a minha madrinha a pousar o abano do fogão

- O que foi Paula? garantindo que não me tiravam de Alcácer e esqueci a visita e momentos depois escureceu, os globos dos candeeiros para cima quietos e redondos e para baixo a oscilarem estilhaçados no rio, e momentos depois adormeci, e momentos depois, um instantinho depois, era dia de novo, a janela outra vez, o largo outra vez, a ponte outra vez que nessa época o meu sono durava um segundo se tanto e admirava-me que sonhos compridíssimos coubessem num espacinho de nada, sonhos por exemplo em que eu dava um pulito e voava que séculos, sonhos por exemplo em que bichos de chifres com corpo de bois e cara

de gente galopavam atrás de mim, eu não lograva correr, os pés pesadíssimos agarravam-se ao chão, e no instante em que * bicho batia em mim, pumba, lá estava o sol nas vidraças, * minha madrinha à minha beira e eu afinal mexia os pés

- O bicho? o sossego das casas, o sossego das árvores, * gato a olhar para mim do peitoril, tão bonito que não parecia autêntico, parecia pintado como o quadro do quarto * as latas de bolachas que eram mais bonitas do que a vida, * minha madrinha a enrolar a trança na nuca num gesto de cântaro em busca da cabeça que não tem com os braços das asas, a minha madrinha que não ligava a bichos com chifres * aquecer-me o leite, a cortar-me o pão, a verter a panela para * tacho do gato que abandonava o peitoril num deslizar de seda

- Despacha-te que me trouxe uma blusa, uma saia e umas peúgas por estrear da gaveta, me escovou a franja, me limpou uma nódoa do sapato com o dedo, me obrigou a vestir um casaco de malha apesar do calor e me empoleirou num

banco como se eu fosse de louça

195

- Não te amarrotas que vem aí o teu pai a minha madrinha a ordenar que me endireitasse, a esticar-me o laço da cintura, a atarrachar-me os brincos nas orelhas como para a missa a mim que detestava brincos, uma ocasião perdi a pedra de um brinco, uma pedra menor que um grão de areia por não haver dinheiro para falésias, e gastámos o fim-de-semana à cata dela rezando a Santo Antônio e abrindo tesouras no chão visto que sempre que se abre uma tesoura no chão se encontra o que desapareceu e com efeito demos com a coralina a brilhar, microscópica, entre os fios do tapete, a minha madrinha a compor-me a fita, a tirar-me uma pestana da cara, a

aperceber-se de um buraco numa meia, a colocar os óculos * a coser o buraco, a arranjar-me a gola, a rodar-me a saia, * trazer sabão e uma toalha molhada para me lavar os joelhos, * arrumar a casa, a mudar a posição dos naperons e a ser-

radura do gato _ Não te amarrotas que vem aí o teu pai

a comprar uma garrafa de espumoso na

mercearia e a plantá-la no centro da mesa juntamente com

um cálice polido no avental, uma tigela de marmelada e

um pacote de biscoitos, a esconder a vassoura por trás do tanque de lavar a roupa, a cortar-me as unhas à pressa, a enganchar uma roca de alfazema no rebordo da pia na ideia de melhorar o cheiro, a empurrar as chávenas lascadas para o fundo do aparador e a cobri-las com o prato com as

palavras Recor-dação de Castelo de Vide por baixo, a substituir os chinelos por sandálias que se notava que a apertavam pelos suspiros dela, pela forma como as olhava na febre de as descalçar, a espanejar as almofadas por causa do pêlo do gato, a instalar-se diante da porta, direita como eu, no canapé de dois lugares e assento de madeira que era um

tormento para o rabo, a levantar-se de súbito, num trote angustiado, a fim de corrigir uma cortina, a deixá-la tal qual conforme estava e a regressar como uma penitente, esfregando as nádegas, às sevícias do canapé, a minha madrinha e eu, rígidas como múmias no cuidado de não estragar uma

196

só prega, de olhos fixos na porta à espera que batessem, e dez horas e onze horas e doze horas e nós numa imobilidade heróica e nada, o gato a roçar-se de fome e a minha madrinha entredentes sem baixar o queixo no pânico de se despentear

- Quietos Bênfica o gato a sumir-se no corredor, ofendido, treze horas, catorze horas, vinte para as quinze e eu com sede, de bexiga a rebentar, doida para largar o banco e a minha madrinha que me vigiava pelo canto do olho

- Quieta Paula a desabar de suor, o sol das quinze a pino derretendo-lhe a gordura e o perfume e ela sem se atrever * deslocar-se um milímetro que fosse, quinze e dez, quinze * quinze, quinze e trinta e cinco e o motor de um automóvel * aumentar e nós suspensas, o motor a diminuir e a ir-se embora para Setúbal, para Lisboa, para o raio que o parta, eu com comichão no nariz e sem poder assoar-me, com

comichão nas costas e a aguentar a comichão, com o sol nas pernas e as pernas a arderem, vermelhíssimas, entre a saia e as meias, eu num gemido moribundo a precisar de hospital, de bombeiros, a precisar dali a pouco de uma máquina que me reanimasse, de oxigénio e de soro nas veias

- Se calhar o meu pai esqueceu-se madrinha

e a minha madrinha a precisar de soro também

- Cala-te ela a dizer -Cala-te e a baterem à porta corno se o

- Cala-te fosse uma senha, um código, um sinal, a minha madrinha a apear-me do banco em cautelas infinitas, a alisar-me a mim, a alisar-se a ela, a caminhar para a porta numa lentidão régia preparando um sorriso de simpatia deferente, pronta a achar graça, a aplaudir, a concordar, girando a maçaneta na pompa de quem exhibe um sacrário

197

- Faz favor senhor ministro e Alcácer e o rio e as árvores do largo e a

ponte e os camionistas do Algarve na esplanada e as vi-

zinhas roídas de curiosidade para contemplarem o meu pai, de pescoços esticados até nós, e não era ministro nenhum era a neta da amante do padre com uma Nossa Senhora de Fátima a ponto de cruz na algibeira do bibe, uma parvalhona de alto lá com o charuto que me batia com a régua no recreio da escola, que por tudo e por nada ameaçava espetar-me a agulha do c-asso no olho, que o ano passado me deitou um gafanhoto na marmita do almoço sem razão absolutamente nenhuma, só porque eu disse

- A tua avó é amiga do padre

e as colegas começaram a fazer barulho com as pastas e a cantar à volta dela

- A tua avó é amiga do padre a tua avó é amiga do padre

a minha madrinha e eu na soleira, escarlates do sol, de bexigas do tamanho de zepelins e virilhas apertadas a segurari-nos o chichi, a minha madrinha e eu de toiles em ruína e não era o meu pai era a parvalhona da neta do amante do padre que pertencia à espécie de criaturas que têm sobranceiras até no intervalo das sobranceiras onde começa o nariz, e agora ambas as cegonhas se deitavam no ninho, chocando uma contra a outra as castanholas dos bicos, a maré vazava e com a maré a vazar uma tira de praia sem

qualquer cova de passos prolongava a muralha, a neta da amante do padre para a minha madrinha

- A minha avó manda perguntar se a dona Alice lhe empresta dois ovos

a amante do padre que morava numa casa

idêntica à nossa também com um quintaleco, quer dizer uns palmos de legumes e urna nogueira a, definhar, a

amante do padre, já velha, que não saía à rua a cozinhar petiscos para o abade, arroz malandro canja febras pataniscas, ou a passar a ferro as batinas e as faixas do sacerdote que atravessava Alcácer por alturas do jantar, de frasco de

198

licor de morangos no sovaco, medindo a empregada do café, a minha madrinha a olhar para a neta da outra incapaz de falar, desiludida, a respirar como um peixe, e eu a pensar que estando protegida podia ir num instantinho buscar a régua e bater-lhe, buscar o compasso e furar-lhe uma vista, fui lá dentro, remexi no estojo, ainda pensei no canivete mas o canivete estava com a lâmina romba e não cortava, e então trouxe o tira-linhas que não tem só uma agulha grande, tem duas, voltei de tira-linhas em punho sem

reparar fosse no que fosse, só com a morte da neta na ideia, embora aos nove ou dez anos não soubesse muito bem o que significava morrer, morrer era uma pessoa mal-educada estendida de sapatos em cima da cama sem que as

restantes se enervassem com ela por estragar a colcha com os tacões, era uma cara tapada com um lenço e imensas varejeiras em cima e depois suspirava-se, comiam-se san-

duíches e levavam-na de castigo para um internato onde não estragasse colchas ou então entregavam-na aos ciganos que já têm tudo estragado, as mulheres, as mulas e a vida, cheguei à porta sem atentar na minha madrinha que repetia à toa, a organizar o carrapito com a ponta dos dedos, numa

atrapalhação que dava dó

- Faz favor de entrar senhor ministro faz favor de entrar senhor ministro faz favor de entrar senhor ministro

leve o braço atrás, dei vagamente conta que a neta aumentara de tamanho e usava chapéu e cigarrilha e suspensórios de elástico, que as vizinhas e os camionistas da esplanada pasmavam para ela numa incredulidade respeitosa, que as cegonhas flutuavam sobre ventos contrários, dei vagamente conta dos carros da polícia e dos agentes à paisana espalhados entre as árvores que vigiavam o largo, levei o braço atrás cheia de fome e sede e impaciência e raiva, levei o braço atrás

- Morre morre morre a antecipar o sangue, o lenço na cara, as varejeiras, espetei com toda a força as agulhas do tira-linhas

199

na barriga do meu pai e ele a massajar o ventre, sem se queixar, amolgando as nádegas no canapé de madeira, a

aceitar o cálice de espumoso, biscoitos, marmelada, a prender-me a cintura e eu a escapar-me para o vão da janela

- Não quero ir consigo largue-me e a minha madrinha a enovelar-se de desculpas como se o mundo inteiro dependesse dele e se mo-

vesse ou imobilizasse consoante os seus humores

- A Paulinha não lhe cravou o tira-linhas por mal senhor ministro juro que a Paulinha não lhe cravou o tira-linhas por mal

o meu pai sempre de chapéu na cabeça a

sacudir a cinza da cigarrilha para o prato da Recordação de Castelo de Vide que a minha madrinha trouxe do aparador como um tesouro sem preço, o meu pai a espiar os barcos numa espécie de saudade, a calá-la com a mão a fim de escutar a água contra os cascos, o contrário dos pais das minhas colegas, sem jornal, sem cheiro a azedo, sem cheiro a vinho, os polícias a espreitarem-nos da janela rodeando a

casa para o protegerem, enxotando as vizinhas dos peitoris e os comunistas da esplanada, atirando outra vez os afogados à água e impedindo as traineiras de ancorar, trepando à chaminé do notário para algemarem comunistas escondidos e enviarem-nos

é bem feita a apodrecer no Tarrafal, nisto uma voz autoritária

- Um dois três o hino lá fora e eram as minhas colegas da escola vestidas de domingo como eu, com roupa nova como

eu, laçarotes e fitas como eu, escovadas e penteadas e hirtas como eu, agitando bandeirinhas de papel encarnadas e verdes, perfiladas por alturas com a professora a reger, era a neta com um ramo de flores e eu a pensar

-Mato-a digo à polícia que lhe dê um tiro

e a mate

era o presidente da Câmara a desenrolar o papel do discurso, os irmãos do Santíssimo de velas acesas,

200

os bombeiros voluntários com o auto-tanque novo homenageando o meu pai a uivos de alarme, as prostitutas de cabelos de sereia da estrada de Setúbal desabafando em coro

- Viva o senhor ministro viva Salazar

o meu pai a suspirar no canapé dos tormentos

- Que chatice a agradecer o hino, as flores, o discurso, o alarme dos bombeiros, os vivas, o meu pai

- Que chatice a abraçar o presidente da Câmara e a prometer um liceu, um posto médico, uma rainha de beleza com coroa e ceptro e olhos azuis, uma estação meteorológica, um templo grego, uma revista de poesia visual, um bairro operário e um avançado brasileiro, o meu pai enquanto a professora insistia no hino, a molhar o cansaço no espumoso

- Que chatice a ordenar à polícia que lhe escolhesse uma

prostituta da estrada de Setúbal sem piolhos nem doenças para o acompanhar ao Terreiro do Paço, a ir-se embora esquecido de se despedir da minha madrinha e de mim, o meu pai no automóvel acenando sem entusiasmo às alunas da escola

- Que chatice defendido pela polícia que apontava as

metralhadoras para nós lançando ao chão o maneta da lotaria por atrapalhar o cortejo, calando aos empurrões a

professora que teimava no hino, enxotando os desocupados e as vendedeiras de peixe com as coronhas e despenhando os tabuleiros de corvinas, e quando a poeira e as barbatanas assentaram sobrávamos no largo a minha madrinha e eu, a minha madrinha de mãos cheias de biscoitos e eu de tira-linhas em riste decidida a assassinar a neta, para além das cegonhas na chaminé do ninho e de um bêbedo a afastar-se às curvetas felizes, cujo patriotismo se misturava com o ultraje das gaivotas

- Viva Salazar

201

a minha madrinha e eu a bebermos um golinho de espumoso que picava na língua como uma perna dormente à medida que o rio cessava de existir com o avanço da noite e eu olhava as cigarrilhas na Recordação de Castelo de Vide, a pensar

- Afinal um pai é isto afinal um pai é só isto

o meu pai que não tomou a Alcácer por receio de discursos e hinos, não construiu o bairro operário nem o posto médico nem a estação meteorológica nem o

templo grego, não nos ofereceu o avançado brasileiro nem

a rainha de beleza de pestanas de latex, encontrava-o na

televisão a cumprimentar arcebispos e a arengar escuteiros, meses depois o gato deu em vomitar coisas estranhas e

enterrámo-lo junto ao muro do quintal, e outros meses depois a neta já não me batia com a régua, tomou-se minha amiga, ensinou-me a depilar as sobrancelhas e as pernas e

emprestava-me anéis não de ouro mas iguaizinhos a ouro

com diamantes maiores que os verdadeiros, levava-me aos bailes à Amora e a Sines com um primo que guiava um

automóvel de aluguer e enquanto conduzia me afagava os joelhos

- Que linda que tu és Paulinha o primo chamado César que me disse

- Deita aqui e eu punha os anéis e os colares da neta e contava à minha madrinha que ia a Grândola procurar em-

prego, a Vila Franca concorrer às Finanças, e o César apontando-me o banco de trás a parar o táxi na pedreira

- Deita aqui e o que eu sentia não devia ser prazer porque se fosse prazer tenho a certeza que me apetecia chorar e não ligava aos pinheiros nem às roupas nem à poeira do mármore a entrar-me nas orelhas nem me importava que o César me arrancasse um botão e importei-me

- Arrancaste-me um botão eu que nunca me preocupei com botões para mais um botão vulgaríssimo, de pasta, sem enfeites,

2 021

que se arranjava em qualquer esquina e não valia um chavo, num sítio da blusa que a minha madrinha não fiotava, eu que queria lá saber de botões espantada comigo, sem

entender a minha zanga, a escapar-me como uma lagartixa de baixo do César

Arrancaste-me um botão e o César a tactear-me sem me ver como se o acordassem à força às cinco da manhã

- Que horas são Adelaide? a julgar-se em casa, estendendo o braço para o despertador que não havia, para o estore que não tinha, a reconhecer-me devagar admirado de se achar comigo na pedreira no meio dos pinheiros, o César a alinhar as madeixas como se uma visita o surpreendesse no quarto

- Paula e a neta na pastelaria, toda segredinhos de entusiasmo ao meu ouvido

- Que tal? o César noutra mesa com a mulher, a conversar com ela muito sério e a sorrir-me às escondidas, mas que deixou de me sorrir quando vieram dois polícias de Lisboa, se fecharam com ele no posto, lhe tiraram a licença do táxi e o puseram com a cara numa desgraça e a coxear

uma semana, o César deixou de procurar-me, não respondia às minhas cartas, se eu lhe telefonava desligava o aparelho a suplicar num guinchozinho de terror

- Larga-me a neta a evitar-me também, a sair do café mal eu entrava, a mudar de passeio logo a seguir aos polícias a convocarem e o patrão a despedir do emprego, e quando lhe toquei no ombro para lhe perguntar porquê

- Tem paciência vai-te embora antes que o

teu pai dê cabo de mim

eu que nunca vira o meu pai, não sabia nada dele salvo que inaugurava orfeões e cumprimentava príncipes ingleses, a compreender por fim o motivo das pessoas me fugirem ou se não conseguiam fugir se apres-

203

sarem a concordar comigo, terem medo de mim, me detestarem. que se lhes percebia na cara, me tratarem por menina, me fazerem passar à frente na mercearia, na peixaria, no

talho, não aceitarem o dinheiro quando queria pagar

- Era só o que faltava menina a mim que recebia no solicitador o dobro do ordenado das restantes por um quinto do trabalho, com o patrão a oferecer-me feriados por tudo e por nada, a colocar um travesseiro de penas na minha cadeira, a pendurar um retrato do professor Salazar em cada sala, a mudar-me a fita da máquina de escrever todos os dias, a propor-me de dez em dez minutos

- No caso de se sentir cansada não apareça amanhã menina Paula

e o presidente da Câmara a dar o nome do meu pai ao chafariz novo e ao coreto, a convidar-me para jantar sempre que tinha visitas, a sentar-me à cabeceira como se fosse importante e rica, a louvar o regime para mim porque eu representava o regime, eu a compreender por fim o motivo de o senhorio não nos cobrar a renda, de haver sempre prendas de fruta e criação lá em casa, de me pedirem que livrasse este da tropa, que internasse aquele numa enfermaria de Lisboa para lhe operarem a hérnia, que arranjasse um lar para a minha tia a quem as chuvas de Março levaram a barraca, a compreender o motivo de nenhum rapaz ter coragem para me namorar derivado aos polícias que chegavam sem dar cavaco, se reuniam com os pretendentes e lhes deixavam a cara num bolo e a perna a coxear uma semana, a compreender por fim e a tomar a camioneta para o Terreiro do Paço direitinha ao ministério, eu nas arcadas de pedra frente ao Tejo repletas de mendigos e tocadores de concertina com o púcaro de folha em equilíbrio nos joelhos, eu para o contínuo que me impedia a entrada

- Venho falar com o meu pai quando o que recordava do meu pai era um chapéu na cabeça, uma cigarrilha e suspensórios de

204

elástico, a agradecerem hinos, flores, discursos, o alarme dos bombeiros, os vivas, suspirando

- Que chatice e a molhar o cansaço no espumoso, o contínuo para um segundo contínuo com mais estrelas prateadas na gola, apontando uma unha comprida que hesitava

- Diz que é filha do senhor ministro diz que vem falar com o pai

e lá fora a cidade de veias abertas a sangrar generais de bronze, pombos e leitarias para o Tejo, vivendas com motor a gasóleo de margem a margem numa demora de fragatas, o contínuo com mais estrelas de prata inclinado para um contínuo com uma estrela dourada, os dois a mirarem-me de lado, a mirarem-se entre si, o da estrela dourada a contra-gosto

- Documentos

pessoas a entrarem e a saírem com rectângulos de cartão na lapela e tudo feio, tudo em decomposição, tudo trôpego como no solicitador de Alcácer, a pintura com manchas, o reboco descascado, uma mesa de ferro-velho a desfazer-se a um canto, e eu no meio da desgraça das paredes, da desgraça da mobília, a pensar divertida

- É disto que o César tem medo é disto que a neta tem medo é disto que a peixaria a mercearia e o talho têm medo

a pensar em como se podia mandar no

país atolado em lixo, com mendigos a tocarem concertina nas arcadas do poder, eu para os contínuos tão decrepitos como as arcadas que não se me afiguravam de pedra mas

de cartão a esfarelar-se

- Só quero que digam ao meu pai para me

deixar em paz

arcadas de cartão a esfarelarem-se, o monumento do rei em tabopan, o castelo com ameias de lona e por cima pavões baratos, movidos a corda, comprados num droguista falido, e eu Se a neta aqui estivesse se o César

205

aqui estivesse se o solicitador aqui estivesse se o presidente da Câmara de Alcácer aqui estivesse que vergonha para o meu pai, que vergonha para o Salazar, os pavões do droguista às voltas tontas, de corda avariada, e o Governo parecia-me um circo ambulante desbotado e sem dinheiro, um teatro de robertos com os bonecos brandidos pelos infelizes dos contínuos que deviam dormir em prédios demolidos nos

intervalos das sessões, o chafariz, calcule-se, com o nome do meu pai, o coreto com o nome do meu pai, que tourada, eu com vontade de me rir do senhor ministro, do Salazar, dos moços que não tinham coragem de me pedir namoro

- Digam ao meu pai que só quero que me

deixe em paz

e nesse domingo os polícias vieram a

Alcácer para me transportarem a urna quinta em Palmela com uma vereda de ciprestes, um pomar de laranjeiras, um

roseiral onde mesmo sem vento se escutava o vento e as pétalas tilintavam como síninhos de vidro, a casa lá em cima e no topo das escadas o meu pai sem me beijar, sem me

sorrir, que nunca se interessou por mim, as criadas a espiarem-me por uma frincha, urna senhora de preto a espiar-me por uma frincha, a cozinheira de avental com um coelho morto e uma faca, a cozinheira

vai achar engraçado o que lhe vou contar mas há coincidências assim todos os dias

que tinha o nariz e o queixo como os meus, do escritório do meu pai via-a preparar o coelho, via o avental cinzento de pêlos e o meu nariz e o meu queixo, quer dizer um nariz e um queixo idênticos ao meu nariz e

ao meu queixo debruçados sobre o alguidar de vísceras, o meu pai que não reparava em coisa alguma sem dar fé da semelhança, o meu pai que se você lhe chamasse a atenção havia com certeza de ficar de boca à banda, uma filha minha com nariz de cozinheira desculpe mas só por anedota, desculpe mas não é possível, que era bem capaz de convocar a polícia e o prender para o meter na ordem, e agora um sujeito a entrar no escritório e o meu pai

206

- Cumprimenta a tua irmã João um sujeito sem um nariz como o'ineu ou

um queixo como o meu, com uma guita a servir de cinto e os sapatos sem graxa, que internou o meu pai numa clínica para ficar com a minha parte da casa e da quinta, o sujeito mascarado de pedinte de opereta (- Cumprimenta a tua irmã João

e ele a friccionar um no outro os sapatos sem graxa)

que escondeu o meu pai em Alvalade na

esperança que eu não viesse a saber quando ele morria, que escorraçou o meu pai de Palmela para não dividir fosse o que fosse comigo, porcelanas, quadros, pratos, móveis, dinheiro, eu em Alcácer, sozinha neste cubículo do largo desde que a minha madrinha

não quero falar nisso agora sozinha neste cubículo do largo como a

minha madrinha o deixou porque não mudei nada, as chávenas quebradas, o prato de Castelo de Vide, o canapé, as

gravuras, o meu iri-não a gastar a minha parte da casa que vendeu, da quinta que vendeu porque na semana passada tomei a camioneta de Palmela e tinham derrubado o estábulo e o celeiro, cortavam as laranjeiras, assoreavam o pântano e decepavam a raiz dos eucaliptos, não se percebia de onde soprava o vento por não existir o moinho, enquanto os

lobos da Alsácia nos fitavam magríssimos do mato da colina e construíam moradias e prédios no lugar dos canteiros sem autorização do meu pai, na enfermaria de Alvalade incapaz de uma palavra, eu furiosa com o meu irmão diante das paredes tombadas, do que restava dos tectos, do pátio que era agora um cone de tijolos e pedras onde nenhuma cozinheira com o meu nariz e o meu queixo preparava coe-

lhos num alguidar de barro, e nesse momento

não, nesse momento não, mais tarde, ao vir-me embora, ao passar pelo portão sem grades com um dos pilares estendido na erva a designar Setúbal, a designar Alcácer

207

posso estar enganada o que não faz qualquer mal por não ter importância mas deu-me a sensação ao chegar à camioneta que a cozinheira do meu pai, pelo menos ia jurar que era ela, a tal das parecenças, a tal do meu nariz e do meu queixo, me aguardava do apeadeiro com um embrulhinho na mão como se pretendesse falar comigo e entregar-mo e contudo não tive tempo de me cer-

tificar se era ela e sendo ela se era por mim que esperava dado que o condutor fechou a porta automática e tive de saltar para o degrau a fim de não chegar ao largo de noite, e ao voltar-me tentando distingui-la pelo vidro de trás já o

apeadeiro se desvanecera na curva e fosse quem fosse que ali estava, como não fazia tenções de regressar a Palmela, não a tomaria ver.

208

COMENTÁRIO

O médico em Luanda disse-me que por causa de África eu não podia ter filhos e África para mim foram vinte e seis anos seguidos no mato em Angola, não numa cidade, não numa vila, no mato, no mato-mato, sem luz eléctrica, sem conforto, sem nada, apenas a casa do chefe de posto vazia, a cantina do meu marido, uma data de pretos miseráveis à volta, preguiçosos como o diabo, coçando a barriga frente ao rio, e o médico para mim, a

abandar a cabeça _ Com vinte e seis anos de África o que é que a senhora queria?

vinte e seis anos a beber água do filtro, a comer peixe seco que ninguém nos comprava, a apodrecer de paludismo uma semana por mês e a dormir numa esteira por trás do balcão até nos mudarmos para a casa vazia, de varanda de colunas sumida no capim e nem um só vidro para amostra nas janelas. O meu marido levou a camioneta a Malanje e regressou uma semana depois com meia dúzia de tarecos e uma bebedeira de caixão à cova, a gritar em

entusiasmos de noivo que me trouxera de presente uma mobília completa, a mobília completa eram cacos

imprestáveis, que nenhum mulato de bom senso aceitava que lhe dessem, um esqueleto de sofá, uma cadeira de balouço sem palhinha, uma mesa de tábuas de barrica furtada num baldio qualquer, o meu marido com a ajuda do indiano tão sem dinheiro como nós e tão preguiçoso como os pretos

209

que gostava de se intitular nosso empregado, a plantar-me aquilo no que sobrava de soalho

- Vais ficar com um palácio e peras Alice ou seja um prédio desabado em que chovia como na rua, buracos do tamanho de armadilhas para linceas onde a gente enfiava os pés o tempo inteiro, um telégrafo, ferrugento a servir de arinário que volta não volta, igualzinho aos reformados, se lembrava do antigo emprego e desatava a tíqueteaquear pedidos de socorro num empenhamento ferrugento, o meu marido radiante, a balouçar a

cadeira roçando as nádegas no chão, com um hálito de cerveja capaz de matar osgas no tecto

- Que tal o palaciozinho Alice? e o médico a aconselhar-me vitaminas e um cruzeiro à Grécia, vitaminas aliás que me custaram quase tanto quanto o pacote custaria se eu tivesse dinheiro para calhaus históricos

- Com vinte e seis anos de crocodilos e mosquitos o que é que a senhora queria?

crocodilos e mosquitos era o menos, uma pessoa habitua-se às terças conforme se habitua àqueles lagartos resumidos a um olho à deriva no rio que de quando em quando engoliam um preto como quem engole uma drageia, o que não fazia grande mal porque os pretos nasciam às ninhadas ao ponto de eu pensar que as mulheres deles, em vez de engravidarem, punham à noite uma dúzia de ovos nas cubatas e de madrugada, ao acabarem de chocá-los, havia um novo bando de pretinhos aos saltos no capim, de maneira que crocodilos e mosquitos eram o menos, o pior era ninguém nos comprar nada na cantina a não ser o meu marido que se tomara o único cliente de si próprio, a gastar-

-nos uma grade de cerveja num vê se te havias acompanhado pelo indiano que parecia ter oito braços como os deuses dele para poder segurar oito gargalos e apressar o nirvana, que consistia em ficar de pálpebras reviradas, a babar-se de felicidade numa monção de perdígotos, crocodilos e mosquitos eram o menos, o pior era eu nas pranchas de jangada

210

atadas umas às outras que nos serviam de cama, a. navegar uma lua de oito dias que me descia em cascata pelas pernas, com o telégrafo a sobressaltar-me a agonia com os seus discursos delirantes e as mangueiras a desfazerem-se em lágrimas sob a chuva de Novembro, o pior era o fornecedor de Malanje, um chinês minúsculo e gelado, de órbitas impiedosas semelhantes a ranhuras de caixas de esmolas tortas, que se a própria mãe caísse na asneira de lhe dever um tostão a acompanhava de arroz chau-chau e a comia com pauzinhos, escoltado por um segundo chinês que a adivinhar pelas banhas e pelo contentamento do sorriso já comera a mãe de certeza, cortando-nos o crédito e as mercadorias, o meu marido quase de joelhos

- Não me deixe sem a cervejinha amigo e o chinês que se o mato fosse Lisboa usava sapatinhos de lona, não levantava cabelo e não aborrecia os brancos, apontando as grades para o que tinha a mãe no umbigo

- A cerveja também e sem nirvanas na cantina o indiano, reduzido à desgraça de dois braços humanos, deu à sola para Luanda à procura de um oásis de imperiais e tremoços ou acabou numa garganta de jacaré como pastilha para a

tosse, e eu e o meu marido sem sabermos o que fazer no meio dos pretos que não faziam nada a não ser filhos que se coçavam ao lado dos pais frente ao rio, observados por olhinhos à deriva desejosos de uma escorregadela alimentícia, eu a assistir ao pranto da chuva nas mangueiras e o médico para mim, a explicar-me numa estampa de enciclopédia, com os órgãos numerados, que as trompas me murcharam, a percorrer com a lapiseira o trajecto das células e a parar num losango cor de carne chamado trinta e sete

-Com vinte e seis anos de África minha senhora é que nem ginjas a canalização entope aqui

o meu marido a quem a falta de cerveja, julgava eu, tirava o gosto à vida, a levar aos ais e aos suspiros pela preguiça dos pretos, o meu marido, julgava eu,

211

enfiado na sanzala a refogar melancolias na mandioca, chegando a casa e tombando na cadeira de balouço sem palhinha, a segurar a testa com a palma torturada

- Não me digas nada Alice porque, julgava eu, sofria em silêncio a arquitectar suicídios, que foram a única coisa que jamais projectou, em virtude do chinês haver interrompido, em

plena ascensão para a ruína a sua trajectória de homem de negócios de sucesso, o meu marido que não se deitava comigo, não me tocava, saía em pijama a meio da noite, num trote sonâmbulo, no intuito, julgava eu, de tomado pelo desespero se oferecer corno vitamina aos jacarés, até que comecei a reparar por acaso numas crianças mestiças que nunca vira antes, brincando aos cantineiros no capim, até que comecei a reparar por acaso em criaturinhas café com leite espigando ao balcão numa eloquência de lojistas, e o meu marido em casa, cada vez mais exausto, esparramado na cadeira de balouço sem palhinha em depressões comerciais

- Não me digas nada Alice o meu marido a ver-me avançar com uma

presa de elefante do tamanho de um cajado na mão

-Está quietinha com o dente do animal Alice

esquecido da agonia, cheio de gana de viver, sem conseguir libertar-se da cadeira, erguendo os

joelhos para defender a incubadora de mulatos e a proteger a desvergonha da cara com os braços cruzados

- Põe-te a pau que me aleijas Alice e o médico de Luanda a guardar a enciclopédia na estante entre enciclopédias com gravuras de ténias e mais gibóias do gênero que nos moram a ressonar

nas tripas consoladas de chocos com tinta numa paz de vigários

- Com vinte e seis anos de África e os

desgostos que teve o que é que a senhora queria?

e é possível que aleijasse o meu marido com o cajado do dente visto que a zanga era forte e o elefante

212

pesado, e para ser completamente franca lembro-me do berro que soltou, da cadeira desfeita, de uma última'súplica

- Pela tua saudinha Alice para ser completamente franca lembro-me do meu marido a correr pelo capim, dos pretos que coça-

vam a barriga a pensar na morte da bezerra a quem aquela agitação scandalizava, e como da varanda se avistava o rio e os olhinhos a flutuarem nos caniços lembro-me da boca de um crocodilo mesmo junto à margem a espreguiçar-se de repente, lembro-me, com uma certa alegria, do meu marido a tropeçar numa raiz, do meu marido no ar, a perder um dos chinelos numa cambalhota inesperada, lembro-me corno

se fosse hoje do derradeiro ganido, um segundo antes de se

evaporar no esófago do bicho

- Alice e o médico de Luanda a imaginar a cena e

a calcular o que eu padeci, emocionado que graças a Deus há médicos sensíveis, a dar-me pancadinhas compreensivas na mão

- Coitada o jacaré trancou os lábios com o meu marido dentro, mergulhou no lodo para proceder à digestão é até hoje, abandonando cinco dúzias de mestiços aos horrores da orfandade, eu, viúva, entreguei os tarecos aos escarum-

bas que os fitaram, a catar as virilhas, numa indiferença de desprezo por não serem Império, e recolhi de luto rigoroso à capital, onde a acumulação de detritos e fazendeiros do café dificultava o trânsito nas ruas, com uma marginal de palmeiras e urna prostituta, nascida com cada árvore, encostada ao tronco e pronta por grandeza de espírito a ajudar os

fazendeiros a lavarem o dinheiro nos lençóis sujos da ilha, uma cidade onde os pretos coçavam um pedacinho menos a barriga e se mexiam um pedacinho mais que no mato graças ao argumento pedagógico de um pontapé com alma ou de uma bofetada a tempo, amontoados em bairros de iniséria na companhia de cães que eles sovavam por seu turno porque o instinto educativo, contagioso como é, se

213

pega, pretos, cães e burros mortos entre cabanas de zinco e placas de cartão tremendo como pudins ao menor vento, pretos capazes de verem mosquitos na outra banda oferecendo-se aos domingos o luxo de óculos bifocais, requinte de toilette que lhes proporcionava a satisfação de caminharem às apalpadelas a bater o nariz nos candeeiros, eu no Bairro da Cuca em casa da minha prima Alda à espera do pacote de Lisboa ao lado do tanque da roupa, olhando os imbondeiros com a minha prima Alda a suspirar pela Cova da Piedade

- Ai quem me dera na Cova da Piedade, Alice

a Cova da Piedade, senhores, a mesma desgraça do que em Angola com a diferença de os pretos sermos nós, os mesmos vazadouros, os mesmos baldios, os mesmos edifícios trôpegos, os mesmos burros mortos a impedirem-nos a porta, a gente a inventar comida a partir de cascas e de ossos e a coçar a barriga por não haver emprego, a minha prima Alda casada com um barbeiro que à falta de clientes portugueses enforcava numa toalha os habitantes do musseque mais à mão

- Anda cá e aparava carapinhas, em ímpetos de jardinagem, com a tesoura de podar, a minha prima Alda também murcha das trompas derivado a África mas a quem os filhos não faziam falta dado que tudo o que pedia ao mun-

do era morrer de fome na Cova da Piedade em lugar de morrer de fome em Luanda como se morrer de fome onde os pretos somos nós fosse melhor do que morrer de fome onde os pretos são outros, como se lhe desse prazer ser maltratada e humilhada e batida, como se Portugal fosse um país

deixem-me rir em que merecia a pena morar, com o sol a colorir a pobreza e o mar por toda a parte principalmente onde não desejavamos que estivesse, se houvesse menos mar sempre tínhamos um bocadito de espaço para umas

nabiças e umas couves, se houvesse menos mar plantávamos batatas e jantávamos, existindo nesta terra um Governo inteligente vendia logo a porcaria do mar e do calor aos suíços que são ricos ou aos giganos que são espertos e

arranjavam maneira de se livrar das ondas a retalho, vendia o mar aos suíços que se pelam por iodo e comprava uma postazinha de bacalhau do alto para a gente, a minha prima Alda que preferia a Cova da Piedade ao Paraíso

- Ai quem me dera em Almada quem me dera no Feijó Alice

e escrevia-me para Alcácer no Natal a con-tar do enfisema do marido que por via do inchaço dos pulmões nã o aguentava a tesoura de podar, não enforcava os do musseque na toalha, não ajardinava carapinhas e me

passa as tardes de bruços respirando como um sapo debaixo do imbondeiro do quintal, não supões a mágoa que dá quando rasteja aos assopros para casa Alice, o

homem a levantar as narinas para mim, incapaz de falar, implorando que lhe meta a faca do pão no bucho e acabe com aquilo e qualquer dia acabo, mas enquanto acabo e

não acabo conta-me depressa como está a Cova da Piedade Alice, como está a minha irmã, como está a minha mãe, e eu a responder-lhe que a mãe pelo menos não se lamentava de nada mas sem acrescentar que no cemitério, sobretudo como umas pazadas de terra na boca, as queixas são difíceis, a responder-lhe que a irmã conseguira um emprego de relações públicas bem pago com horário nocturno mas sem acrescentar que alternava, de calças justas a imitar pantera, numa discoteca de Arroios, com o apoio moral de um

moço benemérito que ela apoiava por seu turno, visto o amor ser um sistema de trocas, pagando-lhe uns fatinhos ingleses e as prestações do descapotável amarelo, a Alda na volta do correio, comovida com a prosperidade da família

- Dá-lhes cumprimentos meus

e eu de cócoras a bater com os nós dos dedos na lousa da mãe dela

215

- A Alda manda cumprimentos tia a acenar para o descapotável amarelo, desses baixinhos como cigarreiras que durante o dia cobrera os faróis com as pestanas, desses que ficamos deitados nos

estofos que aliás, por coincidência, era uma posição a que a pantera se habituara por ofício, eu a acenar para o descapotável amarelo que atravessava a Cova da Piedade num roldão de cometa

- A Alda manda cumprimentos Idalina a Alda suponho eu realizou a promessa, deu-lhe um acesso de eutanásia, meteu a faca do pão no

bucho do barbeiro e foi de cana porque deixou de escrever, poupando-me as pancadinhas na lousa que me magoavam as falanges e os acenos ao descapotável que não me atropelava por acaso para além de gastar uma manhã inteira a vir de Alcácer à Cova da Piedade cumprir deveres de família, eu que à chegada de Luanda arranjei duas assoa-

lhadas no largo dos camionistas do Algarve debaixo das amoreiras enfezadas e dos protestos das gaivotas, que depois do número trinta e sete da enciclopédia do médico me resignara a não ter filhos e a prova é que comprei umas

pulseiras que tilintam e tudo para me fazerem companhia, a que somei um gato branco, magro como um orçamento, convertido na lota por intermédio de uns saflos estratégicos, eu que me resignara a não ter filhos até ao dia em que a

governanta do ministro apareceu num carro com chofer a sondar as viúvas da vila com a Paulinha ao colo, e como

uma criança apesar das fraldas, dos incisivos de leite, e das maçadas das vacinas sempre faz mais companhia que as pulseiras com a vantagem adicional de podermos ralhar-lhe e aplicar-lhe uns sopapos se qualquer coisa nos aborrece, por exemplo um cano avariado ou a mulher da praça que nos roubou nas bananas, aceitei acompanhar a govemanta a Palmela para falar com o ministro numa quinta esquisitíssima cheia de passarada e vacas, eu que o mais graduado que até então conhecia era um sargento da Marinha que me

acostou a bombordo em nova a oferecer-me sereias de

216

aquário e miniaturas de galés em frasquinhos de gasosa, ainda guardo na gaveta, é uma questão de procurar, um

retrato com o corsário tirado na feira de Castelo de Vide, no telão pintado de encaixar a cabeça, eu de ninfa do canto nono dos Lusíadas e ele de Vasco da Gama a abraçar-me embora no que respeita a namoro nunca passássemos da encadernação quanto mais da versalhada do texto, uma

quinta meio arranjada meio desarranjada com a passarada a ensurdecer-me de guinchos e a governanta vestida como

as freiras quando não se vestem de freiras e parecem ainda mais freiras do que com as toucas, os crucifixos e a trapalhada das saias em cima, a govemanta a guiar-me até ao escritório do ministro por um labirinto de salas atulhadas de uma espécie de ferro-velho de ricos, cristais, estátuas, quadros, móveis, cavalgando-se com a inércia sem clemência das coisas, a governanta esticando o pescoço respeitoso para um arco de estuque onde uma bronquite arremessava

pedras de tosse

- Dá licença senhor doutor? e o ministro, que desilusão, tinha um chapéu de reformado da sueca da Fonte Luminosa e suspensórios de droguista em vez de uma farda com medalhas, de uma coroa de ministro e um manto de arminho de mí~ nistro, da mesma fon-ria que em lugar do ceptro de ministro empunhava uma cigarrilha fedorenta que se compra por uma bagatela em qualquer taberna de Alcácer, o ministro

para a govemanta _ É esta mulherzinha Titina?

o ministro que se o meu marido não estí-

vesse no estômago de um crocodilo em África lhe dava logo

com uma garrafa de cerveja para o ensinar a respeitar-me, o ministro com o Salazar, o Papa, o almirante e mais criaturas de beijar meninos e de mandar nas pessoas na parede, que se lhes conhece logo a autoridade pelo número de cachopos em que pegam ao colo com um sorriso de avô, a tirar da pasta um maço de papéis com o escudo da República no alto

217

- Vinte e seis anos em África? a passarada que dava um arrozinho de tordos que era uma maravilha a bicar as cortinas, eu com esperança de torcer o pescoço a um deles para o fritar no pão, sem mencionar as rolas que se as pilhasse em Angola lhes chamava um figo, mais o chiar de um moinho de poço que não recebia óleo desde a Monarquia, o ministro trazia a minha vida

escrita de trás para a frente e da frente para trás, os penhascos de Castelo de Vide, o gelo do inverno, a

minha falecida mãe que até silvas comeu a caminhar para mim entre sobreiros, o namoro com o meu marido, o malvado domingo de Páscoa, já com o pressentimento que me arrependeria, a fiar-me (dezoito anos, percebe9)

na conversa do porque toma e porque deixa, em que caí na asneira de ir passear com ele ao lagar do notário, eu debulhada em lágrimas a assinar o nome no registo e o meu padraço possosso por me faltar o que queria que eu tivesse _ Sua cabra

e três semanas a vomitar de castigo estendida em sacos de tomate no porão do cargueiro de Lisboa a Benguela para aprender a ser virtuosa e não me interessar por lagares, e ao desembarcar um enxame de pretos ajudando-me com a mala numa amabilidade tal para me

aliviarem do peso que nunca mais a vi, o que resolveu de vez o problema da bagagem, o ministro para mim a sublinhar-me a existência com um lápis encarnado enquanto a

passarada do arroz de tordos insistia na janela

- Não trouxe de lá nenhuma doença que se pegue espero eu

o ministro que guardava na pasta não só a

minha vida mas a vida dos meus pais, dos meus in-nãos, dos meus sobrinhos, dos meus primos, a viagem de dois meses por savanas e charcos e gorilas de pesadelo e rinocerontes ulcerados e pragas leprosas de macacos, numa camioneta que ia perdendo rodas enquanto nós perdíamos coragem

218

até à cantina destroçada onde ficámos, incapazes de seguir mais longe porque a terra era plana, devia acabar'pouco depois num despenhadeiro sem corrimão e nós tombávamos decerto, espaço fora, no desamparo de um vazio de estrelas, o moinho sem óleo chiava em desordem, espalhando paz a cada cotovelada de vento, um arrepio de mocho tresnoitava as árvores, um som como de rosas ciumentas, o Papa muito sério na moldura, o cardeal muito sério na moldura, e o ministro como se o chapéu de refôrmado fosse de facto uma coroa, os suspensórios de droguista um manto de am-únho, a cigarrilha de taberna o ceptro do seu poder, o ministro para a governanta que o fitava no pasmo deslumbrado que se reserva aos astronautas e aos fiscais de impostos

- A cozinheira que traga a catraia Titina uma gaivota, esses ratos do céu, nadava sobre as faias, uma criatura de avental entrou a chinelar no escritório com uma trouxa de lençóis apertada no peito, a governanta atrás da criatura de avental

- A catraia eu dobrada pelo peso dos eucaliptos, pelo peso das faias, a perguntar-me se a criatura de avental, a

cozinheira como o ministro lhe chamava, seria a ama da criança, eu surpreendida com a ordem e a desordem da casa, os anjos de arribação pousados no quintal como patos nos juncos, um cheiro de orquídeas que não sabia de onde vinha a embalsamar-nos numa mortalha de defunto, eu a decidir que seria a ama porque a governanta me contara em Alcácer que era uma orfã que tinham, eu a quem o médico de Luanda mostrara na enciclopédia a secura das tronipas a resolver que uma criança faz mais companhia que as pulseiras e o ministro para mim

- Pode pegar na pequena peguei na pequena, uma rapariga caminhava lá em baixo para o estábulo com duas bilhas de leite, e a governanta para a criatura de avental, a ama, a cozinheira, que desde que me entregara a criança dava a impressão de querer matar-me

219

- Não tens de tratar do frango para o jantar do senhor doutor?

e à saída dei com ela no pátio a degolar um frango para um alguidar de estanho e a mexer-lhe o sangue com a ponta da faca lutando com os estremecimentos do bicho, a limpá-lo de vísceras como se o bicho fosse eu que não a conhecia, nunca a vira antes e nem sequer tive tempo de lhe fazer mal nenhum, eu que a vinha livrar de cólicas, otites, fraldas e lágrimas, a quem ela devia agradecer que a desembaraçasse da miúda e em lugar disso aquela zanga parada, aquela raiva imóvel, a faca dançando e as tripas tombavam-me no alguidar, o fígado tombava-me no alguidar, os pulmões tombavam-me no alguidar, primeiro

um e depois outro como sapatos que se descalçam na borda da cama, eu a ajudá-la e ela fervilhando vinganças a preparar-me num tacho, só descansei em Palmela ao colocar grosas de ciprestes entre mim e a faca, no mês seguinte a

governanta apareceu em Alcácer com a trouxa de lençóis

- Tome lá e como não tinha a quem me afeiçoar tirando as pulseiras que falavam mas ouvir está quieto fui-me apegando à cachopa, dormíamos no mesmo quarto, sobressaltávamo-nos com os mesmos trovões, sofremos papeira e sarampo ao mesmo tempo e como éramos ambas orfãs passeávamos à tarde ao comprido do rio a ver os

albatrozes comerem o rastro de entrecosto grelhado dos paquetes de luxo, a ver os naufragos que davam à muralha na mira que o jacaré, farto dele, me devolvesse o marido, uma noite havia alguém à porta, uma sombra a respirar no

crochet do reposteiro e não era uma vizinha nem um cigano nem um pedinte nem um gatuno nem a amiga do padre por azeite ou por alho, e no umbral primeiro e na sala depois, no canapé de madeira que torturava as nádegas, lá estavam o chapéu na cabeça, a cigarrilha, os suspensórios de elástico, e eu sem garrafa de espurnoso para lhe oferecer, um pacote de biscoitos, uma tigela de doce, com a roupa da casa, despenteada, de sapatos velhos, eu que se adivi-

220

nhasse senhor ministro tinha tomado banho, trazido a celha da arrecadação, aquecido água, olhando as minhas mãos a pensar Vou ao cofre num instante e ponho o anel no dedo, ponho o colarzinho, a levantar-me da cadeira de verga e o

senhor ministro a parar-me com o desprezo do beijo

- Tu quieta o senhor ministro numa saleta de pobre com móveis de pobre e pagelazitas de pobre e eu a dar-me conta do tapete no fio e a afligir-me com isso, das chávenas sem asa, da pastorinha que perdera a ovelha, da ferrugem dos canos, do candeeiro lascado, do bico torto do fogão, o

senhor ministro a dirigir-se para o quarto onde o gato dormia, onde a Paulínha dormia na única cama que alguma vez tivemos, com a única colcha, com os únicos lençóis,

eu com vergonha do lavatório de esmalte, da cartolina a

substituir a vidraça, da tábua solta e da telha que faltava, a impedir-lhe o quarto, os lençóis, a colcha, a cama, e o senhor ministro empurrando-me como se eu fosse um incómodo, um estorvo, um empecilho, como se roubasse o que lhe cabia por direito

- Quero ver a minha filha disse ele,

221

RELATO

Só quero o que me pertence: uma vida um bocadinho melhor do que a minha madrinha me conseguiu dar em Alcácer no largo dos camionistas entre o rio e a ponte, a ver os automóveis para o Algarve e a desejar ir com eles, um apartamento em Lisboa não importa se pequeno, não importa em que bairro, não contar tostões o mês inteiro, não escolher o supermercado mais barato, poder comer no restaurante de vez em quando o almoço que não fui obrigada a cozinhar, esquecer aos sábados no cinema que ao meter a chave à porta não há ninguém do outro lado à minha espera, com quem me preocupe, a quem compre roupa, uma companhia para passear em Julho no sul de Espanha que não é caro agora, pedirmos a um estrangeiro para nos tirar uma fotografia abraçados, de chapéu de palha, diante de uma estátua, e colá-la no álbum com folhinhas de papel de seda a protegerem os retratos, nós dois numa estalagem com um casal amigo (a Fátima e o Feliciano, a Fernanda e o Dimas, a Elisete e o Amadeu)

a arrumar o álbum entre a aparelhagem e os três volumes da Enciclopédia da Família, só quero um casaco de inverno decente que este além de fora de moda não aquece nada, ir ao cabeleireiro no dia dos meus anos, ser tratada por dona Paula em lugar de você ou Paulinha ou menina, só quero uma vida um bocadinho melhor e o advogado

- O seu pai não a perfilhou não deixou um documento uma carta é difícil

o meu pai não me perfilhou mas toda a gente sabe que sou filha dele, do fascista, depois da revolução, logo no dia seguinte porque a democracia é urgente e não espera, o solicitador que me lambia as botas, me tratava nas palminhas, só faltava ajoelhar se eu passava, agora de foice e martelo na lapela a entregar-me um envelope com um mês de ordenado

- E caladinha que vais cheia de sorte rua a neta da amante do padre que se dava bem comigo e me pedia livros emprestados a cuspir-me na cara _ Traidora

as vizinhas a pisarem-me as couves, a matarem-me a criação, a despejarem-me baldes de lixo no quintal, a quebrarem-me os vidros à pedrada, o prato de Castelo de Vide ainda o arranjei com cola mas nota-se, os miúdos da praça a tentarem pregar-me rasteiras, a tentarem bater-me

- Exploradora eu que nunca explorei fosse quem fosse, nunca tive dinheiro, morava numa casita sem tina nem retrete, para as necessidades servia-me de um buraco, num telheirito onde se gelava em Fevereiro, atravessando as alfaces de guarda-chuva aberto, e apesar disso as vizinhas a escreverem-me na parede

- Nazi a entrar na pastelaria e tudo calado de repente a olhar a criminosa, a assassina, o senhor Vergílio que era a calma em pessoa de súbito agitado, nervoso, servindo a clientela como se não me visse, e o César que tomava café ao balcão com a Adelaide, para o senhor Vergílio tão vermelho que dava dó

- Desde quando atendes fascistas Ferreira? a neta a levantar-se num ímpeto da mesa, enojada comigo, ferrando-me com toda a força uma pancada nos rins quando passou por mim, a gritar com asco da vitrina dos pastéis de feijão

224

- Não sabia que o Ferreira era da Pide e o senhor Vergílio antes que lhe dessem cabo dos doces e das coisinhas de plástico dos guardanapos, que em Dezembro me obrigava a aceitar de graça

- Era só o que faltava o cabaz do Natal de laço azul no celofane

e uma garrafa de Porto que sabia a rolha, o senhor Vergílio para mim num mugido assanhado

- Desaparece o cabaz do Natal com um bolo-rei, saquinhos de nozes e pinhões, bombons de licor, uma asa con-

gelada de peru, o senhor Vergílio a desfazer-se em sorrisos se me encontrava no largo

- Que tal o cabazinho menina? que escrevia no jornal de Alcácer elogios ao meu pai, todo mesuras, todo efes e erres, a tratar-me por tu depois da revolução como tratava os ciganos, o rapaz da perna atrofiada e o vendedor de cautelas, o senhor Vergílio apontando-me o indicador na direcção da montra como se

eu lhe pedisse esmola ou pretendesse roubá-lo

- Desaparece e durante dois anos suportei em silêncio a criação envenenada, o vazadouro da horta, a mobília em fanicos, até que num mês de mais aperto fui a Palmela para

o meu pai me ajudar e dei com a quinta de tal forma em

pantanas que não reconheci a estufa nem o roseiral, só percebi que não me enganei no portão pelos gritos dos corvos, a casa lá em cima, um tiro de repente contra as folhas das árvores, o meu pai nas escadas a agitar a caçadeira

- Comunistas de merda um segundo tiro e desta feita um uivo, um salto de cão, a calha de rega a estilhaçar-se-me aos pés, o meu pai a tirar cartuchos da algibeira, a introduzi-los nos canos, eu com o cimento da calha a evaporar-se à minha frente, os ramos a caírem, o eco do chumbo no balde amolgado do poço, eu que durante dois anos suportei em

silêncio humilhações e insultos, as janelas sujas, as paredes riscadas, o senhorio que me recusava a renda

225

- Por amor de Deus menina a queixar-se ao tribunal dos danos que não fiz, o empregado dos correios entregando-me a intimação num prazer triunfal, a sala de audiências repleta de camionistas e vizinhas de punho no ar que me chamavam fascista, eu sem água nem luz, sem dinheiro, que comia sabe Deus o quê a pensar que felizmente a minha madrinha se poupava a desconsiderações e pedradas, se poupava à vergonha, a

neta a falar em justiça popular, em mais-valia, em ditadura, chamando toda a gente por camarada, ameaçando aos berros o juiz que não ousava responder-lhe nem mandá-la calar, o juiz a adiar o processo com um pretexto qualquer, a ligar o motor, a fugir entre assoadas, bengalas, escarros, na quinta em pantanas um terceiro tiro, um quarto, um quinto, eu na

base das escadas encostada à floreira

- Pai

e o meu pai a sorrir-me da aba do chapéu

- Isabel o meu pai também sem luz e sem água, também sem telefone, tão sem dinheiro quanto eu, obrigando-me a sentar num resto de cadeira da sala

- Isabel a instalar-se ao piano, prestes às lágrimas, num vendaval de notas

- Fica comigo Isabel e cuidei que não queria que o visse chorar de maneira que cruzei a sala, desci os degraus, a meio da vereda de ciprestes o piano calou-se e de repente um estalo de culatra, um tiro de caçadeira na calha de rega, o meu pai brandindo a espingarda

- Comunista de merda eu para o advogado

- Só quero o que me pertence

e o advogado a ajeitar a parte dos óculos que cavalga o nariz

- Não duvido que lhe pertença não é o

caso só gostava que me explicasse como provamos isso

226

eu que não tenho hábitos de rica, não me

interessa ser rica, apenas pretendo uma vida um bocadinho melhor do que a minha madrinha me conseguiu em Alcácer, um apartamento em Lisboa não importa se pequeno, não importa em que bairro, não contar tostões o mês inteiro, não escolher o supermercado mais barato, poder comer no restaurante de vez em quando o almoço que não fui obrigada a cozinhar, esquecer aos sábados no cinema que se meter a chave à porta não há ninguém do outro lado à minha espera, a quem compre roupa, corri quem passeie em Julho no sul de Espanha que não é caro agora, e o meu irmão a mentir-me, o meu irmão que nunca gostou de mim a inventar desculpas

- Partilhar o quê se me ficaram. com tudo? a tentar que eu engolisse histórias da carochinha acerca da ex-mulher, da família dela e da forma como um tio espertalhão lhe roubou a quinta e a casa, moveu uns cordelinhos, enfiou Palmela no bolso e eu, claro, sem acreditar numa palavra

- Está bem abelha o meu irmão a fingir de coitado que quem o visse na rua lhe metia uma moeda de dez escudos

- Tome lá na mãozinha, a internar o velhote em Alvalade para se abotoar com a herança e me levar, cuidava ele, à certa, a morar em Odivelas num apartamento que com-

parado ao meu era um palácio, com uma criatura despachada que podia ser sua filha e com a filha insuportável da criatura que podia ser bisneta, o tipo de criança (costuma encontrar-se no dentista e na bicha do banco)

que a mãe considera espertíssima e o resto do mundo impertinente, a mãe considera viva e o resto do mundo metediga, a mãe considera com imenso espírito de observação e o resto do mundo malcriada, o tipo de criança que ainda não abriu a boca e a gente, com comichão nas mãos, já prestes a aplicar-lhe um beliscão retorcido na

227

bochecha, uma bochecha redondinha ótima para beliscões, o tipo de criança enervante com ideias próprias, às vezes com óculos, às vezes de arame na boca, quase sempre com fio, a mexericar em tudo, a pisar-nos sem pedir desculpa e não só a não pedir desculpa mas a olhar para nós como se fôssemos os responsáveis de ela nos pisar, o tipo de criança que em crescendo pinta o cabelo de roxo, usa brincos de fantasia, trabalha num guichet e quando, após horas de espera, chega a altura de sermos atendidos, previne a pousar o cigarro com o filtro encarnado de bâton

- Um momento e passa séculos a conversar da saia que viu nessa manhã numa loja dos Restauradores com a colega do lado, a recusar-nos os papéis por um dos quadradinhos se achar mal preenchido, obrigando-nos a repetir tudo e a

voltar ao princípio da fila, o meu irmão num apartamento em Odivelas, ótimo, com móveis de bambu e soalho de tijoleira que tornara eu para um dia de festa comprados com a vendazinha da quinta, a imaginar-me de bil mental e

a atirar-me poeira para os olhos

-O apartamento é da Lina não é meu

garanto-te que me ficaram com tudo

como se uma mulher da minha idade ou

menos

- Está bem abelha ainda por cima alta, jeitosa, de casa posta em Odivelas que de camioneta é o mesmo que Lisboa, se casasse com um velho barrigudo, mal enjorcado e sem

meios, como se uma mulher nova e desembaraçada se lhe apetecesse um teso não arranjasse num instante, era só o trabalho da escolha, um teso da idade dela, ginasticado, magro, sem rugas e de corpo lisinho, eu a examinar uma estampa com um ursito brincalhão por sinal bem engraçado, uma colecção de moinhos de barro e de miniaturas de balanças cromadas por cima das cassetes de vídeo, a marquise fechada com um cesto de revistas, plantas, estores de palhinha e tecto falso de pinho, a mesa de tampo fumado onde eles comiam, a examinar aquilo tudo sem acreditar

228

é óbvio numa só frase do meu mano

- Está bem abelha a filha da jeitosa, sentada num tapete de Arraiolos que faz favor, mudando o canal da televisão cada cinco segundos numa berraria que me punha doida, desenhos animados, um jogo de andebol, uma novela mexicana, um concurso de beleza, a filha da jeitosa para mim como se eu não implorasse outra coisa

- Vou mostrar-te a peça de teatro em que entrei lá na escola

um som cavo, riscos no ecrã, uma professora desfocada a sorrir, mais riscos e a seguir aos riscos a câmara a tremer, uma panorâmica da assistência rendida, meninas mascaradas de coelhos com pompom no rabo e orelhas e tudo às cabriolas desencontrados no palco, o meu irmão, esquecido de mim, encantadíssimo com os roedores,

* jeitosa encantadíssima com os roedores, e a filha da jeitosa

* parar o filme e a espalmar a vaidade da mão na bicharada pulante

- Esta aqui sou eu os coelhos, alinhados por alturas, a can-

tarem em coro, gesticulando como podiam, uma parvoíce qualquer, a filha da jeitosa a parar de novo o filme e a designar o oitavo coelho a partir da direita, um roedor esprenéfico, de par de estalos, a dar às ancas, de cordão de ouro na patinha e ténis lilazes

- Esta aqui sou eu ajeitosa a arranjar-lhe com orgulho o laço do cabelo

- A professora prometeu que para o ano

se te portares bem, te mete num trono a fazer de rainha dos coelhos

o meu irmão que com o dinheiro da quinta comprou à mongolóide o fato de láparo, se arruinou em moinhos de barro, tectos falsos e balanças cromadas para não mencionar os bambus, o vidro fumado, a cama toda

229

volutas e arabescos, cheia de almofadas de cetim como as dos artistas do telejornal, para não mencionar o apartamento em Odivelas numa rua sossegada, residencial, com

árvores e relva e miúdos monhés

ao contrário do que se pensa há monhés bem na vida

andando de patins e bicicletas no passeio,

e o advogado a estranhar, o advogado que na minha ideia não entendia peva de preços como não entendia peva de códigos e que eu, ingénua como um eleitor, fui mais do que imbecil em passar-lhe cartão

- Uma casa de duas assoalhadas em Odivelas não é assim tão cara

os coelhos desajeitadíssimos, com a professora que gastou um mês no mínimo a ensinar-lhes a palermice da coreografia a bater palmas e a esbracejar, sacudindo os pompons entre coqueiros de esferovite e girassóis de plástico, a agradecerem o sucesso em vénias desencontradas

excepto o segundo da esquerda que chorava como uma madalena gritando pela avó, e a filha da jeitosa para mim, de comando em punho, a imobilizar o espectáculo com vénias e a rebobinar a cassette

- Não pescas nada disto idiota eu que tenho uma televisão antiquíssima a

preto e branco, sem comando nenhum, cuja imagem se corrige com umas pancadas em cima até se distinguirem os

bonecos e o som voltar, de maneira que se me apetece uma entrevista ou um filme passo os serões de pé ao estalo ao aparelho, uma televisão que quando a ligo desata a borbulhar línguas estrangeiras e me dá o discurso do presidente da República boliviano ou o serviço meteorológico das Filipinas, eu com o braço moído de esbofetear a caixa e o meu irmão repimpadinho na poltrona, com a jeitosa apaixonada pelo capital dele a acariciar-lhe a careca, o meu irmão de parabólica, doze canais, um décimo terceiro por cabo e som estereofó nico, não é que tenha inveja, não tenho, não me interessa ser rica, os ricos que se afoguem em notas,

230

quero lá saber, só pretendo o que é meu, acho que não é pedir muito gostar de uma vida um bocadinho melhor, uma

casita em Lisboa, não contar tostões o mês inteiro, não escolher o supermercado mais barato, comer de vez em quando no restaurante o almoço que não fui obrigada a

cozinhar, esquecer aos sábados no cinema que se meter a

chave à porta não há ninguém do outro lado, com quem me preocupe, a quem compre roupa, uma companhia para passear em Julho no sul de Espanha que é lindíssimo, a

gente inscreve-se numa excursão de autocarro com dom-iida e pequeno almoço incluídos, fazemos imensas amizades com

peessoas bem dispostas que tocam pandeireta e ferrinhos a viagem inteira e mostram-nos uma data de castelos e igrejas dos mouros pelo preço da uva mijona, ainda que não pareça tenho trinta e nove anos e direito a gozar a vida, há sempre homens solteiros e divorciados nas viagens a Espanha, angariadores de seguros, delegados de propaganda médica,

às vezes engenheiros e assim, se moças piores do que eu

que posso não ser grande coisa mas não sou aleijada, namoram sargentos do Exército e se casam por que razão hei-de morar sozinha em Alcácer a passar os domingos na pastelaria com a neta a quem aceitei as justificações e as desculpas, ao procurar-me uma tarde, de ramo de estrelícias, no solicitador

- Deixei-me ir na conversa que estupidez perdoa

e somos de novo amigas, visitamo-nos? conversamos, trocamos receitas de molhos, olhamos o César que concorreu à Junta pelos democratas-cristãos e já vai em três meninos e sobretudo aborrecemo-nos, que maçada, em conjunto, envelhecemos, que chatice, em conjunto, a neta tem de ser operada a um mioma, eu com dores de cabeça de manhã trago a tensão arterial numa miséria e em contrapartida o meu irmão com uma saúde de ferro em Odivelas, tapete de Arraiolos que manda ventarolas, telefone portátil azul celeste e o advogado afligido pelo tique de torcer o queixo no sentido do ombro

231

-A solução que eu vejo é você ir à tal clínica como quem não quer a coisa e convencer o seu pai

contei a visita em Odivelas, contei da jeitosa, dos luxos dos bambus, perguntei a opinião à neta na pastelaria e a neta e o senhor Vergílio furiosos com o

egoísmo do meu irmão

- Grande malandro a clínica de Alvalade numa praceta de edifícios ainda melhores que Odivelas, cheios de arquitectos e directores de pessoal, entre a Avenida do Brasil e a Avenida de Roma, com balouços, escorregas e umas traves de pau para os gaiatos se desequilibrarem e partirem um braço que se eu pudesse embrulhava em papel dourado e oferecia de prenda de anos ao coelho, a clínica com o nome numa placa INSTITUTO DE DESCANSO O RENASCER e lá dentro uma porção de múmias esqueléticas, descansadas e renascidas, de caldo a escorrer-lhes pelo canto da boca, a

ofegarem asneiras e a urinarem nas ceroulas, um rés-do-chão sombrio a tresandar a molho bechamel azedo e a amoníaco, atravancado de cairias e de cadeiras de rodas com o seu inválido, de fraldas debaixo do pijama, a ganhar viço no assento, de dentadura postiça na algibeira para a não almoçarem por engano ao recuperar a mocidade, eu pasmada com aquele cemitério de entusiastas enfeitado de muletas e pantufas e

bacios com empregadas de avental às três pancadas e touca desprendendo-se dos ganchos a estimularem aos berros as bexigas dos cadáveres

- Chichí senhor major chíchí um chichi lindo

de olho apagado no tecto, com duas ou três farripas nos craniozinhos pilados, indiferentes à beleza de esvaziar a próstata, à estética da uretra, à formosura da filtração renal, os cadáveres empilhados em sofás como as

cadeiras de pernas para o ar em cima das mesas nas cervejarias fechadas, com um rádio generoso a derramar sobre eles acidentes aéreos sem sobreviventes e música de dança, o meu pai em pleno renascimento num cubículo que devia

232

ter sido dispensa para armazenar feijão e chouriço em

incarnações pretéritas, o meu pai sem majestade alguma, a

quem não pediam directivas acerca da maneira de governar o país, não inquiriam

- E agora senhor doutor o que fazemos à Europa?

não perguntavam

- E agora senhor doutor o que fazemos à África?

não mandava em ninguém, não era ministro, nem deputado, nem governador-civil, que se ordenasse como antigamente _Prendam-me este e enfiem-no num barco para o Tarrafal

pensavam que enlouquecera e se ririam dele sem respeito nenhum, que se ordenasse como antigamente

- Soltem-me aquele e nomeiem-no presidente da freguesia do Calvário

lhe dariam pancadinhas nas costas e reco-

mendavam que largasse a bebida, o meu pai alimentado a

xaropes e colherinhas de compota com uma tira de lençol ao

pescoço para os seus bolsados de lactente e eu a explicar-lhe que só pretendo o que é meu, uma vida um bocadinho melhor do que a vida em Alcácer, não contar tostões o mês inteiro, comer

no restaurante de vez em quando o almoço que não fui obrigada a cozinhar, esquecer aos sábados no cinema que se meter a chave à porta não há ninguém do outro lado, a

mostrar ao meu pai as páginas que o advogado me entregou, a entalhar-lhe a caneta nos dedos

- Só preciso de uma rubricazinha só preciso que me assine aqui

e o meu pai a desviar a cabeça das casas e

dos telhados e das árvores, de lábios apertados numa

sucessão de pregas onde o restolho da barba crescia ao acaso, a endurecer de repente, a aumentar a altura, a aumentar de volume, o meu pai quase de pé de gengivas ao léu

233

- Anda comigo para Palmela Isabel os papéis amarrotados no chão, a caneta a rolar para debaixo da cama e a sumir-se numa falha do sobrado, uma empregada de avental às três pancadas e touca desprendendo-se dos ganchos a assomar à porta

- Há azar?

o meu pai a bolsar um líquido castanho significando decerto que renascia no instituto de descanso, que dentro em breve tomaria a Setúbal, reparava a quinta, consertava a piscina e a estufa, contratava um chofer, um feito@, um tractorista, criadas, se sentava comigo no pátio sobre o bosque de faias e eu havia de ter dinheiro para uma

excursão de autocarro a Espanha com dormida e pequeno-almoço incluídos, havia de fazer amizade com pessoas bem dispostas que cantam canções alentejanas durante a

viagem toda, convidava a neta para madrinha quando me casasse com um rapaz instalado, angariador de seguros, delegado de propaganda médica, engenheiro ou assim, colava uma fotografia no álbum, abraçada a ele de chapéu de palha diante de uma igreja árabe, e era feliz feliz como nunca fui na vida.

234

COMENTÁRIO

Às vezes de manhã quando afastos as cortinas vejo as caravelas ancoradas no mar logo diante de casa. Não é o salva-vidas pintado de encarnado dos Socorros a

Náufragos, não são traineiras, não são canoas e não são barcos de recreio, são as caravelas do Infante, homens barbudos de gibão a carregarem sacos e tonéis, é o rei de cachucho no indicador sentado numa cadeira de veludo a abanar-se com o leque de avestruz no centro de pajens e

aias e astrólogos e anões e cadelas, é um conde de joelhos a desdobrar um mapa e a explicar-lhe a Índia

um mapa que se compra na Rua de São Bento e se emoldura na sala para alcançar Goa sem largar o sofá

as caravelas aparelhadas no mar logo diante de casa com bandeiras e estandartes e divisas e os comandantes de incisivos pálidos, desmantelados pelo escorbuto e pelas febres, de espadim na amurada, eu para a minha mãe

- Olhe as caravelas mãezinha e a minha mãe que se levantava cedíssimo para arrumar a casa antes de tomar a camioneta para o

emprego em Sines, que trabalha que se farta desde que o

meu pai faleceu aparecendo-me no quarto a limpar as mãos

* um pano

- Quais caravelas Romeu? sem acreditar em mim, a pôr os óculos e

* espreitar pelas cortinas no sentido errado em que só havia

235

cabanas de pescadores, uma forca e o povo descalço, eu a apontar-lhe a praia à direita, onde erguiam um toldo para o

rei se proteger do sol e três juntas de bois, mergulhadas na espuma quase até aos chifres, arrastavam um canhão para bordo

- Ali em frente no mar a minha mãe que tem a mania que em

Alcácer não existe mar, só rio, uma ponte para o Algarve, uns tantos prédios e o castelo a desfazer-se, incapaz de se

aperceber do vento, das ondas negras e do comandante de cabelos de estopa grisalha com um tricórnio em cima a medir o horizonte por intermédio de um aparelho que brilhava, a minha mãe que me disse

- Embora ao hospital Romeu me levou ao médico a Lisboa, uma sala carregada de gente em bancos de capela

- Anda-me outra vez com a cisma das caravelas doutor

sem entender que não era cisma nenhuma, que os navios partiam de facto numa lentidão de pesadelo para o Brasil e para a Índia, sem dar fé dos monges com

tochas, do incenso do bispo e das bênçãos gregorianas, a fazer sinais disfarçados ao médico aparafusando o indicador à testa e o médico para mim a tranquilizá-la com a palma

- Ora vamos lá tomar um remediozinho à noite contra as caravelas

e o remédio para além de me tirar as cara-

velas tirava-me acção, baralhava-me as pernas, prendia-me a língua, o solicitador zangado comigo porque lhe adormecia em cima dos processos

- Não queres um travesseiro para encostar a cabeça Romeu?

a menina Filomena e a menina Paula a rirem-se de mim, a menina Filomena que se casou o ano

passado com o sobrinho do senhor Vergílio da pastelaria e

convidou todos os colegas menos eu para a festa em que houve baile e tudo, e a menina Paula que se calhar por usar

236

óculos e não ser tão bonita não casou com ninguém, e o

solicitador, encorajado pelas gargalhadas delas, num trinado afectuoso de educadora de infância

- Um travesseiro e uma chupeta Romeu? e como agora nem a menina Filomena nem a menina Paula se riram o solicitador que derivado aos comprimidos era uma mancha que tremia, plantou-se no

soalho, afastou as pernas e engrossou a voz, de barriga empinada como um pegador a chamar pelo touro

- Meia hora para acabares a petição e se tiveÉ erros não sais daqui antes das nove

o solicitador que não me despedia por ser

conhecido de um primo do meu falecido pai e ter pena de mim

- Um desgraçado o que é que quer não faz nada de jeito mantenho-o por esmola no escritório

de maneira que o meu trabalho era copiar processos, ir aos correios, colar selos nos envelopes, com-

prar aspirinas para a menina Filomena

- Ai que me estalam as têmporas Romeu e dava-me pena a menina Paula não necessitar de aspirinas, não me chamar numa careta de sofrimento

- Ai que me estalam as têmporas Romeu e eu atravessando o largo a trote para lhe aliviar as dores visto que gostava dela, mais discreta, mais calada, com saias mais compridas, sem pintura na cara, a menina Paula que morava sozinha desde que a madrinha se suicidou, trepou a um banco, pendurou uma corda do lustre e pronto, o lustre descolou-se um bocadinho com o peso mas como não era de vidro, era de plástico, aguentou-se, e

o senhor César que tinha ficado de passar por lá a fim de arranjar a torneira da cozinha, encontrou a porta encostada e logo a seguir à porta o par de sapatos a balouçar-lhe à altura do nariz, e de chave de fendas na mão o veio ao solicitador prevenir a menina Paula que com a miopia enfiava as

lentes nos papéis para conseguir ler

237

- A tua madrinha está no lustre Paula e tudo calado de imediato, tudo quieto mesmo as marés, as gaiotas, as camionetas na ponte, o

solicitador que avançava na minha direcção para ralhar comigo congelado com uma perna no ar, tudo de tal modo silencioso que se escutava o caruncho a tricotar o sobrado, de tal forma mudo que se escutava o pestanejar

tao tao da menina Filomena, que se escutava a menina Paula a desenflar as lentes dos papéis, reparei pela primeira vez que havia pó no escritório, os móveis eram tão tristes que mesmo em Agosto se acendia a luz eléctrica a partir das duas, a menina Paula que morava sozinha, gastava os domingos na pastelaria com um queque e um chá de limão sem ter com quem falar desde que a menina Filomena casou, eu, com as caravelas na ideia, entrava às vezes com a minha mãe dado que ao fim-de-semana, se havia dinheiro, comprávamos duzentos e cinquenta gramas de bolo-rei para a sobremesa do jantar, a menina Paula franzida como um pequinês limpava o vidro dos óculos com o lenço a observar as pessoas no orgulho de testa erguida dos cegos, eu acotovelando a minha mãe que verificava na balança se não a enganavam no peso e arrancava uma a uma, como crostas, moedas dolorosas da carteira para pagar ao

senhor Vergílio, eu para a minha mãe como quem anuncia as

caravelas do Infante ancoradas no mar logo diante de casa

- A menina Paula mãezinha e a minha mãe que os clientes atropelavam, distraída, curvada pela doença dos ossos, a pedir ao senhor Vergílio uma guita para o embrulhinho porque gostava de o prender no mínimo

- Qual menina Paula Romeu? e se me virasse para o que ela chamava rio e não era rio, era mar, topava homens barbudos de gibão a

carregarem sacos e tonéis, o rei numa cadeira de veludo espanejando calores com o leque de avestruz no centro de pagens e aias e astrólogos e catatuas e anões e cadelas,

238

topava o conde de joelhos e três juntas de bois, mergulhadas na espuma quase até aos chifres, arrastando um canhão para bordo, as cabanas de pescadores, a força, o povo descalço, e a minha mãe que não queria que eu conversasse com

raparigas ou que namorasse com medo

- Deixa-te estar assim que estás bem que se servissem de mim e me troçassem, a cumprimentar a amiga do padre e a puxar-me o braço

- Anda para casa Romeu eu a dizer adeus à menina Paula que olhou para trás julgando não ser com ela e como atrás só existia a parede e não estava segura de não haver engano me

respondeu com um sorriso hesitante, e a minha mãe que pode ser distraída mas não é parva a apanhar o sorriso e a

puxar-me com mais força

- Anda para casa Romeu um rés-do-chão de renda antiga no pátio da taberna com os matraquilhos no alpendre, alugado pelos meus pais há vinte e cinco anos meses depois de eu nascer, a cozinha onde a gente come e vê televisão à entrada, um quarto para cada lado e a pia cá fora, um pátio de senhoras viúvas como a minha mãe, com a cisma de tomarem conta de mim e me pregarem sermões

- Tu vê-me lá isso que volta não volta são internadas com

fracturas da anca regressando a coxear mais magras e mais velhas a lamentarem-se das enfermeiras, das injeções, da dieta, o pátio onde se me sucede chegar um nadinha mais tarde tenho as viúvas amotinadas e a minha mãe a arrepiar os cabelos com um copo de água e o frasco do remédio para tratar caravelas, entornando uma dúzia de pastilhas num pires

-Engole-me este comprimidinho Romeu um comprimidinho para o teu bem filho, um comprimidinho para não abusarem de ti, explica à mãe-

zinha não me mintas com quem estiveste Romeu, explica-me se te deram vinho, se te deram tabaco, se te deram droga,

239

se a mulher da sapataria te fechou no armazém e desabotoou o vestido, e as viúvas de placas soltas na boca em cambalhotas de cuspo _ Há criaturas senhores que nem os inocentes respeitam

eu que após o jantar vejo um instantinho de televisão enquanto a minha mãe levanta a mesa, lava a louça numa celha, dá corda ao papagaio de feltro que grita durante cinco minutos oscilando para trás e para a frente numa felicidade complicada

- Quem manda? Salazar Salazar Salazar cada vez mais vagaroso até que acaba por se calar a meio da frase e da dança numa expressão de atrasado, vejo um instantinho de televisão o mais

quieto que consigo para não estragar as figuras de barro com que a minha mãe atravancou a casa, vejo a jarra de flores a

estremecer no frigorífico sempre que o frigorífico, igual a

uma pessoa muda de posição e se coloca de bruços a res-

mungar no seu sono, e assim que o relógio de folha em

cima do naperon assusta Alcácer em peso desatando a berrar que são dez horas a minha mãe sem interromper o crochet

- Romeu cama o retrato do meu pai, pasmado, que toda a

gente achava que eu saía a ele, de gravata na parede com o

colarinho oculto pela gordura das bochechas, o relógio gesticulando ponteiros a estrebuchar de fúria no naperon, e

a minha mãe

- Romeu cama e a mesma coisa aos sábados, aos domingos, aos feriados, o solicitador, o pátio, as viúvas, a televisão, tirando Setembro na altura em que íamos quinze dias à terra da minha mãe onde os parentes ainda hoje têm pena dela por causa do meu pai, não por ser gastador que não era, não por lhe bater que não batia, não por a tratar mal que não tratava, mas por não saber governar-se, por lhe ter dado o mesmo trabalho que uma criança dava, que eu

dava, os parentes a abanarem a cabeça para mim quinze dias seguidos

240

- Um chaparro como o Januário eu também pasmado, também gordo, também grande, também de bochechas sobre o colarinho, sem saber o que fazer entre tios desgostosos, eu no degrau do quintal a somar oliveiras, quinze dezasseis dezassete dezoito, e a família da minha mãe estarecida

-Tal qual o Januário Virgem Santíssima ao fim de quinze dias o comboio para Alcácer, o papagaio num meneio feliz

- Quem manda? Salazar Salazar Salazar as caravelas da Índia e do Brasil à minha espera no mar, ao fim de quinze dias eu a toque de caixa para a farmácia na pressa de comprar aspirinas para a me-

nina Filomena

- Ai que me estalam as têmporas Romeu ao fim de quinze dias a menina Paula à secretária, de lâmpada acesa sobre o cabelo como as auréolas dos santos, a dactilografar um memorando de lentes no papel, o cabelo não era preto consoante eu pensava, era castanho com fios brancos, não havia sol, havia nuvens, um clima cinzento e uma brisa nas árvores, chovia em Alcácer e o escritório ainda mais triste, mais fúnebre, as tábuas choravam como bichos doentes se as pisávamos, eu

a somar os cabelos brancos da menina Paula como somava as oliveiras, quinze dezasseis dezassete dezoito, e a menina Paula para mim

- Nunca me viste Romeu? chovia em Alcácer, a minha mãe maldizia a gota impaciente com o papagaio que bailava e discursava sem que lhe dêssemos corda

- Quem manda? Salazar Salazar Salazar

e uma perdão duas gaivotas na varanda do escritório a espanejarem-se da chuva, três gaivotas que apareceu outra a grasnar, o solicitador de cachecol e gabardine tossindo de gripe no gabinete dele, e a menina Paula incomodada

241

comigo como quando nos espreitam o jornal sobre o ombro a erguer os óculos do memorando

- Nunca me viste Romeu? duas. gaivotas porque a terceira regressou à muralha, sempre que se abria a porta uma corrente de ar no meu pescoço, eu a imaginar tisanas que me sabiam mal e me queimavam a língua, a minha mãe a descer aos sacões o mercúrio do termómetro

- Entala isto no braço Romeu vinte e quatro cabelos brancos mais um

comprido junto à orelha que eu não tinha a certeza se era branco ou castanho visto que, conforme a luz, ora me parecia castanho ora me parecia branco, aproximei-me para me

certificar e a menina Paula imóvel numa expressão que ia mudando a pouco e pouco e eu não entendia, uma expressão de quem morreu ou vai ressuscitar, uma expressão sei lá agradecida, a menina Paula mais pequena afinal do que eu pensava, de dedos quietos no teclado da máquina e boca aberta atrás dos óculos, a menina Filomena tinha ido ao banco pagar o gás e não havia ninguém no escritório excepto o solicitador a fungar no gabinete, não havia clientes, não havia telefones a tocarem, e ela a girar na cadeira e a encarar-me, apertando-me o pulso

- Romeu o cabelo era branco, vinte e cinco, vinte e cinco cabelos brancos só do lado esquerdo, portanto com mais vinte e cinco do lado direito faz cinquenta, empurrei-lhe o queixo com o polegar a voltar-lhe a cabeça para tirar as teimas e a menina Paula obediente, mole e de cera excepto as mãos, a centímetros do meu nariz

- Romeu os joelhos dela contra as minhas pernas, a

biqueira do sapato rija que se farta a esmagar-me o pé, o

peito a avançar e a recuar e o fio com um corãozinho de madrepérola, o fio

que engraçado a avançar e a recuar com o peito, a respiração dela a fazer-me comichão na garganta, e no momento

242

em que eu ia em onze cabelos brancos e os procurava entre os castanhos a afastar madeixas, e a menina Paulá, de olhos fechados, chamava por mim como se não soubesse onde eu estava

- Romeu uma rabanada de vento escancarou a janela assoprando páginas, atirando com a porta, eu, a trancar a janela, a apanhar as páginas, a fixar a porta no gancho, a acertar folhas batendo-as num tampo, o solicitador no gabinete entre assoos e espirros

- Partiu-se alguma coisa? eu a pensar

- Onze não me posso esquecer onze a menina Paula escarlata, a menina Filomena que sempre que pagava o gás recriminava a sua sorte e recriminava a vida a regressar do banco e a pendurar o casaco no cabide do armário em que estava o meti casaco e

uma samarra que ninguém tinha a mínima ideia de quem fosse mas não deitávamos fora no receio de que o dono viesse qualquer dia e nos insultasse de gatunos, uma samarra de gola traçada e um rasgão na manga, a menina Filomena para a menina Paula a folhear o livro de ponto

- Estás com um aspecto esquisito não te sentes bem?

onze cabelos brancos na raiz da testa e portanto se calhar trinta ou quarenta, trinta mais vinte e cinco cinquenta e cinco, quarenta mais vinte e cinco sessenta e cinco e zero gaivotas na varanda, zero no rio, zero no sol, as gaivotas que com o equinócio se abrigam na igreja ou no

alpendre da pensão, o solicitador sumido no cachecol desembulhando rebuçados para os brônquios, o solicitador que detestava agonizar sozinho com um tom alegre na voz

- Engripou-se Paula? a menina Paula que se adoecesse não tinha quem lhe preparasse tisanas, lhe baixasse o mercúrio do termómetro, a ajudasse a deitar, lhe trouxesse o papagaio para o quarto a distraí-la da febre, a menina Paula que

243

daqui a nada era velha e sozinha e quase paralítica como a

amiga do padre, já se lhe notavam rugas a crescerem, mais claras do que o resto da pele, nos ângulos dos lábios, a

menina Paula que não telefonava nem recebia telefonemas, de quem não se lembravam no Natal, para quem o carteiro não trazia postais, a chuva a abrandar e as gaivotas de novo

atentas aos esgotos do rio, um losango azul a separar as nuvens, pessoas sem sombrinha no largo, as árvores outra vez compostas, a minha mãe a tirar o oleado dos bonecos de barro, a secar a mobília com um pano e uma esponja, e

no escritório a menina Paula que se eu lhe somasse com atenção os cabelos todos devia dar mais de mil, que desistira de falar com advogados e de perseguir o irmão que morava

com não sei quem não sei onde e a menina Filomena chamava vigarista por causa de uma quinta qualquer em

Setúbal, uma cidade enorme com imensa gente na rua e

imensos cafés e um parque e um estádio e um quartel onde fui com a minha mãe há sete anos à inspecção para a tropa, a minha mãe que me proibiu despir-me

- Quietos Romeu quando eu ia despir-me como os outros e exigiu, a discutir com um soldado de bata, entrar comigo no ginásio cheio de rapazes nus a taparem-se com as mãos encavacados de vergonha dela, a minha mãe caminhando como um homem por ali fora e outro soldado de bata, mais idoso e com tiras douradas nos ombros, a barrar-lhe o caminho com o aparelho de borracha de meter nos ouvidos para escutar os pulmões

- Que merda do caraças vem a ser esta?

e o primeiro soldado -Eu disse-lhe que não podia meu major eu disse-lhe que não podia meu major

os rapazes completamente escondidos nas

mãos, a minha mãe em bicos de pés cochichando segredos ao soldado das tiras douradas, o das tiras douradas a acalmar-se e a olhar de esguelha para mim que tinha duas vezes

o tamanho dele e o tamanho dos outros e que pesava pelo

244

menos o triplo do que cada um deles pesava, o das tiras douradas a fechar-se connosco numa saleta sem postigó, com um aparelho de encostar a gente e ver as tripas e o fígado a lutarem e a mexerem-se que eu bem os sinto à noite, o das tiras douradas para mim a meter um cigarro na boquilha

- Ora mostra lá isso um som de botas a correrem, uma cometa distante, eu a fitar a minha mãe pedindo-lhe licença e a minha mãe a dar uma volta à fechadura pelo sim pelo não

- Agora podes Romeu o das tiras douradas trouxe mais dois soldados também idosos, também de boquilha, também com tiras douradas, um deles de cócoras a palpar-me e a lavar-se com álcool e os restantes de pé a assistirem ao exame, observando-me numa conversa estrangeira a minha mãe a vigiar pronta a ameaçá-los, a gritar por socorro, a defender-me, se me tentassem fazer mal, com a sombrinha, com as unhas, com o tacão, e o que se lavava com álcool escrevendo num bloco, dando o bloco a assinar aos colegas

- Veste-te uma furgoneta passou a chocalhar caixotes, a chocalhar garrafas mesmo pegada ao ginásio, eu a fitar a minha mãe a pedir-lhe licença e a minha mãe a estender-me a roupa que segurava no colo

- Veste-te Romeu lembro-me que ao calçar-me troquei os

sapatos e me custava andar, lembro-me dos três soldados grisalhos mirando-me como se eu fosse um bicho a fumarem na saleta sem postigo, lembro-me de coxear ginásio fora, da minha mãe a abrir caminho à minha frente, de rapazes nus, dezenas e dezenas de rapazes nus cujos corpos não se assemelhavam ao meu, cuja nudez não se assemelhava à minha, e de novo Setúbal, imensa gente na rua, o

estádio, o parque, as viúvas à nossa espera com piedade de mim, os clientes da taberna a interromperem o dominó com piedade de mim, a minha mãe a dar corda ao papagaio de feltro para me entreter e o papagaio oscilando satisfações perras

245

- Quem manda? Salazar Salazar Salazar o papagaio cada vez mais vagaroso até se

calar a meio da frase e da dança

- Salazar Sala numa expressão de atrasado, debruçado para o retrato do meu pai também gordo, também grande, também de bochechas sobre o colarinho, o papagaio num

estremeção de desespero

- Um chaparro como o Januário a minha mãe de avental a tirar a panela do grampo, a tirar a garrafa de azeite da prateleira decorada por um frisozinho de papel de seda, a cortar cenouras e batatas para a sopa do jantar, a minha mãe entre as suas conchas e as suas figurinhas de barro

- Vai mudar de fato Romeu o fato do meu pai de calças que não se usavam já, de casaco que não se usava já, de colete de riscas como o vendedor de xaropes, o fato, a gravata de pintas e a

camisa lilás do meu pai, como no retrato idêntico a mim em que lhe pintaram a boca e reforçaram as sobrancelhas com um risco de lápis, eu idêntico ao meu pai no espelhinho redondo da barba, a consternação das viúvas apinhadas num

só cacho de xales

- Tal qual o Januário coitado a minha mãe a alisar o fato com o ferro, a sublinhar os vincos, a verificar os botões, a limpar uma

nódoa de bolor com o elixir dos dentes, a guardar a pinça da gravata num saquinho de lona que misturou com as cebolas para enganar os gatunos, a ligar a televisão e eu de pijama à espera da sopa enquanto a taberna escurecia, o rio escurecia, acendiam tochas em redor da forca e nas caravelas do Infante, os bois transportavam o canhão lavrando a espuma com o arado dos chifres, o relógio a esbracejar dez horas e

a minha mãe sem interromper o crochet

- Romeu cama um divã encarocado de espigas com um

cão de veludo na almofada e a minha mãe a travar o relógio que se o deixassem sangrava como um porco a noite inteira

246

- Tens o cãozinho Romeu? eu, que não adormeço sem o cão, a esmagar o bicho com o meu peso, o bicho sem cauda, de pupilas de verniz, que ia emagrecendo ao largar sumaúma por um

buraco do ventre, o quarto preto e a minha mãe preta contra a porta clara e para além da porta o fogão e a mesa e a celha da louça e eu a segurar uma pata do bicho, impedindo-o de aproveitar o meu sono para se escapar de mim

- Tenho o cão mãezinha e agora a porta preta também e o fogão e

a mesa e a celha da louça desaparecidas no escuro, o som da água na muralha, o som de nenhum vento nas árvores, a televisão a conversar a tocar música, a conversar de novo, a televisão distante, a minha mãe distante, a casa distante, a minha vida distantíssima de mim de tal jeito que só o cão e o lastro de urina na bexiga me impediam de voar, não me levantava para fazer chichi com medo de me evaporar de Alcácer como essas sementinhas peludas que flutuam e de perder a minha mãe porque não sei remendar roupa, não sei cozinhar, entrego o ordenado inteiro e não posso comprar carne e atacadores e sabonete, as viúvas não param de perguntar entre suspiros

- O que vai ser de ti quando a tua mãezinha falecer Romeu?

e o dono da taberna a somar dívidas a giz na ardósia

- Onde está o problema intema-se o que menos falta por aí são clínicas de anormais

o dono da taberna que no Santo Antônio me conduziu para longe dos foguetes, dos morteiros e das varas de estrelinhas, ordenou ao filho da dona Liberdade que me baixasse as calças e apontou-me a lanterna para mangarem comigo, os dois contemplando-me no entusiasmo do vinho

- Tens uma razão de viver que mete inveja Romeu

eles a rirem-se às palmadas nos joelhos e

eu no meio do pinhal, do eco de túnel que prolonga a caruma

247

como se um comboio galopasse nas trevas, eu ora apoiado num pé ora apoiado no outro a rir-me com eles, a dar palmadas nos joelhos com eles, a divertir-me com eles que me

ofereciam bagaço, me ofereciam cerveja

- Dá-me um bocadinho do que tens a me~

nos Romeu

os morteiros amarelos e vermelhos a rebentarem no castelo, bolhinhas azuis que explodiam na torre, corolas de lágrimas a chorarem nas ameias, eu repimpado no chão de gargalo na boca, com as agulhas a picarem-me as nádegas, e vai na volta a minha mãe, surgida do nada, de guarda-chuva no ar, a desancar o filho da dona Liberdade

- Safado morteiros, bolhínhas, corolas de lágrimas, o tango da filarmónica no coreto enfeitado com manjericos de papel, uma cana de foguete a tresandar a pólvora mesmo ao pé de mim e o filho da dona Liberdade

- Não fui eu dona Olga foi o senhor Levi não conte nada ao meu padrasto o Romeu baixou as calças porque quis olhe a alegria dele

eu a rir-me às palmadas nos joelhos e não era de satisfação era de incômodo, era um mal estar que enjoava, a minha mãe acendeu o bico do fogão, aqueceu café, trouxe uma colher de azeite e depois outra e outra e

outra para eu vomitar, e por mais que me esforçasse não conseguia vomitar só conseguia dar palmadas nos joelhos e rir-me como o senhor Levi e o filho da dona Liberdade se riam, rir-me tanto que derrubei uma pantera de porcelana em posição de ataque e um campino de gesso a espetar um palito num tourozinho encaracolado com focinho de ovelha, * filarmónica de tango em tango rompendo pratos no coreto, * senhor Vergílio a cantar desafinado por cima dos trombones e a minha mãe atando-me uma toalha ao pescoço

- Bebe mais café Romeu a minha mãe que foi ter com a esposa do senhor Levi e a esposa do senhor Levi que se levantava às três da manhã, trabalhava na lota, possuía músculos de

248

homem e não era de graças, a avançar taberna dentro en-

xotando a pontapé cães vadios aos sobejos e jogadores de dominó, a esposa do senhor Levi a lançar-se aos gorgomilos do marido

- Vadio merdoso paneleiro eu cansado de aplicar palmadas nos joelhos, cansado de rir, cansado de bagaços e cervejas a adormecer no tampo de oleado diante da televisão acesa, eu a acor-

dar de manhã agarrado ao bicho de sumatima que a minha mãe me pôs no colo para me ajudar a descansar, o papagaio de feltro no poleiro

- Quem manda? Salazar Salazar Salazar os perus selvagens a voarem para nordeste, um solzito de cristal a badalar nas árvores, eu a lembrar-me dos morteiros, das bolhinhas azuis e das corolas de lágrimas que choravam nas ameias, a sentir um estremeção de catástrofe no peito, a sentir o gosto das colheres de azeite, a

vomitando por fim sobre as bochechas espantadas do meu pai, a minha mãe entre duas golfadas procurando roubar-me o

animal de sumatima.

- Cuidado com o bichinho Romeu as caravelas ancoradas no mar, a força, o rei, homens de gibão a carregarem sacos e tonéis, um

conde desdobrando mapas a explicar a índia, bandeiras, estandartes, divisas, eu a patinhar como um pinguim cozinha fora, para a minha mãe, radiante

- Olhe as caravelas mãezinha e a menina Paula que desistira de falar

com os advogados e de perseguir o irmão que morava com não sei quem não sei onde e a menina Filomena chamava vigarista por causa de uma quinta qualquer, de dedos quietos no teclado da máquina e boca aberta atrás dos óculos numa expressão que mudava a pouco e pouco e eu não entendia

- Esqueci-me de uma pasta de processos em casa Romeu ajuda-me a trazê-la

a menina Paula sem pintura nas bochechas, nas pálpebras, mais pequena do que eu imaginava, amor-

249

eiras, prédios, gaivotas, a casa da madrinha no largo dos camionistas com o lustre descolado do tecto, um sofá de pau que devia ser um suplício para quem o ocupasse, um prato de Castelo de Vide num aparador de chávenas sem

asa, uma espécie de indiferença triste nas coisas, a menina Paula com os cabelos castanhos e brancos misturados, vinte e cinco cabelos brancos só do lado esquerdo

- Romeu o peito a avançar e a recuar, o fio com um coraçãozinho de madrepérola a avançar e a recuar também, os joelhos contra as minhas pernas, a biqueira do sapato rija que se farta a esmagar-me o pé, a menina Paula a centímetros do meu nariz, mole e de cera e prestes a desmaiar excepto as mãos que me apertavam os pulsos

- Romeu a menina Paula de olhos fechados virando as pálpebras para um lado e para o outro como se não soubesse onde eu estava

- Romeu eu que estava ali na casa dela encostado a

uma cómoda ou a um aparador que tremia sob o meu peso, a voltar-lhe a cara contra a luz, a apartar madeixas para tirar teimas, a menina Paula a furar-me a barriga com o

osso da anca, a prender-me as costelas para evitar que eu fugisse

- Romeu mas eu não ia escapar-lhe nem fazer-lhe mal, só me interessava saber quantos cabelos brancos tinha de facto, só me interessava olhar para além dela e das árvores e da ponte do Algarve e da língua de areia que prolongava Alcácer e da esplanada do largo as caravelas do Infante, negras na água negra, ancoradas no mar.

250

RELATO

O meu filho nasceu três meses depois da morte do meu pai quando já nem a quinta nem a casa existiam em Palmela e um ou dois lobos da Alsácia trotavam pela serra em busca dos canis desaparecidos, e durante o tempo em que estive no hospital não me senti triste nem alegre, senti-me indiferente a olhar a janela com um bocado de céu do outro lado da cortina e a parteira para mim a aus-

cultar-me a barriga ~ Como vão as dores dona Paula?

não existiam a quinta nem a casa, existia um porteiro de uniforme e vivendas e campos de golf e j ar-

dineiros a tratarem da relva e um restaurante onde tinha sido o pântano e um edifício que dizia Administração onde tinha sido o celeiro e uma torre que dizia Bar onde tinha sido o estábulo, o meu pai morreu sem que nenhum jornal falasse nele, a rádio se interessasse, a televisão desse o retrato, nós a sairmos de Alvalade com o caixão e outro cliente a ocupar-lhe o lugar antes de as empregadas mudarem a fronha e os lençóis, um velho que arrastava metade do corpo como quem arrasta malas e apertava no braço o pijama e os chinelos num pedaço de jornal, o céu do outro lado da cortina e a parteira a subir-me a coberta até ao queixo

- Dorme cá esta noite dona Paula e amanhã de manhã assim que o doutor chegar logo se vê

eu que não me sentia triste nem alegre, sentia-me como aos domingos, no canapé de madeira, a

251

ligar a televisão a desligá-la, a levantar-me, a folhear urna revista de divórcios de actrizes, a pensar ir ao cinema a Lisboa, a procurar o horário das camionetas na gaveta com aquelas letras e números minúsculos impossíveis de ler, a

trazer a lupa do quarto e a aperceber-me que se tratava do horário do ano passado, eu,,o meu irmão, a jeitosa e a filha da jeitosa no cemitério, a filha da jeitosa, espertíssima, cheia de vida, que não dava descanso aos falecidos a limpar-lhes * retrato com a bainha da saia, a sapatear-lhes nas lápides, * mexer-lhes nas jarrinhas de flores, a trepar pelas cruzes

como um chimpanzé, a jeitosa

- Tânia os coveiros baixaram a uma do meu pai, uma viúva de vassourinha prestável espanjava os crisântemos do marido, e a filha da jeitosa aos pulinhos, agitando os braços abertos como se voasse, em ímpetos de romper pelos jazigos a alvoroçar os finados

- Cu cu os coveiros pegaram no saco de cal, despejaram-no na tampa do meu pai, a viúva aos espirros, aflita com o pólen, a espanjar-se a si mesma dos crisântemos, danada com o esposo

- Nem agora paras de me dar trabalho a filha da jeitosa a bater palmas no meio de prateleiras de mogno

- Cu cu a jeitosa com orgulho no bulício da pequena

- Tânia os finados amarelos, de dedinhos no peito, piscando as pestanas assustadas

- Desanda o meu irmão com uma guita no lugar do cinto, os sapatos sem graxa, a gravata como uma corda de enforcada pendurada do lustre lá de casa, uma enforcada de olhos abertos que me viam

espere aí espere aí enganei-me não era o que eu queria dizer não escreva isso

252

eu distraída da televisão a imaginar que se

fosse para a cozinha e fizesse um bolo ou agarrasse no tricot e acabasse o cachecol ou engomasse a roupa da semana o

tempo corria mais depressa e era segunda-feira, telefones, gente, requerimentos, a Filomena de cotovelos sobre a máquina de escrever, a massajar as fontes

- Vai buscar-me uma aspirina à farmácia tem paciência Romeu

o pobre do Romeu azelhíssimo, a derrubar cadeiras e a descer as escadas para o largo, mas pelo menos as pessoas respiravam e falavam, pelo menos os relógios moviam-se, e a parteira ao encontrar-me acordada, observando o céu agora preto na janela, enquanto o corpo se me ia transformando num saco que pulsava

- Um comprimido para dormir dona Paula? o Romeu, desalinhado da pressa, com a aspirina e o troco, a insistir com a Filomena para que verificasse o dinheiro nunca se sabe nunca se sabe, a encher um copo de água na torneira do quarto de banho, a transportar o copo sobre o pires que tremia em passinhos cau-

telosos, o soalho reduzido a um fio de arame cinco metros acima do chão, um silêncio no escritório igual ao silêncio dos circos, a orquestra calada, os espectadores tensos, eu

de coração num pingo

- Vai acontecer uma desgraça vai cair vai partir uma perna

os coveiros a arrumarem as pás, a afastarem-se, esta parte do cemitério sem mármore, só terra fresca, esboço de veredas marcadas com fragmentos de tijolo, varas de ferro com retângulos de cartão, a filha da jeitosa

- Um dó li tá. ao pé-coxinho entre as campas, um melro a pesar-se num galho como num prato de balança, a Filo-

mena a engolir a aspirina com uma careta e muita água, a

fechar o alívio das pálpebras, a abri-las como se recuperasse de um desmaio

253

- Obrigada Romeu o céu preto nos caixilhos, o sangue a bater-me nas unhas, nos tornozelos, nos joelhos, membranas que se rompiam uma a uma, o assobio do monta-cargas, a campainha na enfermaria ao lado, o César assustado com o despertador eléctrico

- Dez horas chiça a levantar-se à pressa, a calçar-se, a roçar-me a boca no pescoço

- Um comprimido dona Paula? o velho que ocupou o lugar do meu pai em Alvalade puxava com minúcia de ourives dois ou três cabelos de orelha a orelha como linhas de pauta ocultando a calvície, dois ou três cabelinhos preciosos, cintilantes de laca, que o tapavam todo, o velho de roupita cuidada, laço catita, anel de iniciais no mindinho, que ocupou o lugar do meu pai e as empregadas despiam aos repelões tirando-lhe a carteira, os óculos, a placa

- Chichi senhor conselheiro chichi o velho de beijo a vibrar e perninhas inseguras, com os cabelitos preciosos a murcharem pendurados da orelha, pedindo-me que o ajudasse, que o levasse con-úgo, o velho para as empregadas que o instalavam à força numa

cadeira de rodas, a calcarem-lhe os ombros

- Não o velho que nós, atrás da urna do meu pai às topadas aos armários corredor fora, escutávamos da porta como um cachorro a soluçar por auxílio num casal longíssimo

- Não o céu preto nos caixilhos, o monta-cargas a estacar num safanão metálico, a lâmpada da sala de pensos a acender-se e a apagar-se, eu não me sentia triste nem alegre sentia-me como aos domingos, a folhear revistas de divórcios de actrizes, a porteira a depositar-me o comprimido para dormir na mesinha a fim de eu o tomar e me esquecer da noite

254

- Conheces o feitio da Adelaide Paula sabes o que a casa gasta se não lhe chego à hora do jantar dá-me cabo da molécula o serão inteiro

o Romeu preocupado comigo a rondar-me a secretária com o tronco enorme, a barriga gigantesca, a

fralda amarrotada a pular-lhe do umbigo

- Não lhe apetece uma aspirina dona Paula? eu a escrever à máquina, incomodada, e o

Romeu a um palmo, a olhar para mim com o carão gigantesco, de mãos no ar como se pretendesse catar-me, amistoso, submisso, assustador, o Romeu que morava com a mãe num casebrezito de reformado e então lembrei-me que era

eu pequena, recordo-me perfeitamente, eu pequena, a minha madrinha viva e um vizinho também gordo, também grande, também com uma cabeçorra deste tamanho, enlouqueceu de repente, desatou a espumar, quebrou a mobília a soco e depois de quebrar a mobília saltou o muro do quintal esparvoando as galinhas, apareceu-nos na cozinha a agitar uma tranca, eu com cinco ou seis anos, sem um pai para me defender, a minha madrinha no quarto, agarrei-me como podia a uma boneca sem me atrever a chorar, eu a quem o médico tapara uma das vistas com uma coisa de baquelite para corrigir o estrabismo, as minhas colegas fascinadas

- Posso tocar? o vizinho a acalmar, a pegar-me ao colo, eu ao colo dele com a boneca, a fungar lágrimas e a pensar

- Vou morrer a filha da jeitosa, de fita de cetim no cabelo, jogava à macaca no intervalo dos túmulos, escandalizando a viúva da vassourinha prestável que trazia uma garrafa de Carvalhelhos para mudar a água à jarra porque a água mineral anima as flores, cem gramas de melro no ramo, o meu irmão defronte da campã do nosso pai, oitenta e sete em números brancos sobre fundo azul como nas portas das casas, oitenta e sete oitenta e sete oitenta e sete, o da n-únha

255

madrinha é trinta e cinco e aposto que não haverá ninguém para se preocupar com o meu, a jeitosa, que ficava bem de luto, na altura em que o melro se evaporou do ramo e a

viúva da vassoura começou a resmungar, a jeitosa a con-

tragosto, num soslaio sangrento na direcção da mulher

- Tânia a noite no hospital é como a noite num velório, ruídos abafados, cochichos, correntes de ar, desconforto, estendi-me para o comprimido de dormir e os

bombeiros chamados para amarrarem o vizinho e o carregarem de ambulância até Lisboa enxotando carroças e

automóveis para as bermas com o apito da sereia, deram com o louco comigo ao colo esquecido da mobília partida, da tranca, da família, a perguntar-me o nome da boneca que era Rosa Maria e ma roubaram, o louco, com a expressão do Romeu, a afagar a boneca numa paixão canhestra e

eu a colocar a boneca, a colocar a máquina de escrever entre nós dois, eu alto para que a Filomena ouvisse

- Não tens nenhum processo para copiar Romeu?

e o Romeu, o vizinho, o Romeu a enrolar-se em desculpas como os mendigos se enrolam em jornais no

inverno, no pânico que eu me ofendesse, me zangasse com

ele e não tomasse a falar-lhe, o Romeu cuja solicitude metia dó, se lavava assim-assim e se calhar tinha fome, recuando para uma secretária em que apodreciam papéis e um can-

deiro estragado e onde o infeliz se acorava como um urso a hibernar

- Claro que tenho menina Paula desculpe e o vizinho, o Romeu, o vizinho para os

bombeiros com uma camisola de mangas sem buracos para as mãos, a minha madrinha espreitando sobre os capacetes deles (oitenta e sete a seguir a oitenta e cinco e antes de oitenta e nove que não morreu ainda oitenta e sete e o que sucederá a urna pessoa debaixo da terra num caixão?)

256

o vizinho que era a primeira criatura no

mundo, para além de mim, a interessar-se pela boneca e a

achá-la bonita, segurando na tranca numa sofreguidão repentina enquanto um dos bombeiros levantava o machado

- Só acompanho com vocês se a criança vier

a seguir ao funeral o meu irmão, com quem a jeitosa principiava a embirrar, convidou-me a almoçar em

Odivelas e tinham comprado mais balanças, mais bambus, pendurado na marquise um relógio cujo ponteiro dos mi-

nutos era uma faca e cujo ponteiro das horas era um garfo e que em vez de badaladas produzia o barulho de uma colher de pau numa caçarola vazia, a filha, cheia de maneiras, punha os lábios em beijo para cuspir os caroços, e pela mudez do meu irmão e o mau feitio da jeitosa, que se

lamentava de trabalhar como uma moura a fim de sustentar três bicos, desconfiei que ele, suspirando à cabeceira sem

lhe responder, não me mentiu acerca da herança e aquilo que o nosso pai (oitenta e sete um montinho de terra ao sol com o número oitenta e sete perto do muro do cemitério por quase não sobrar um palmo para os mortos tantos mortos

meu Deus)

aquilo que o nosso pai nos legara eram

corvos e vento e o meu ódio por ele, o meu irmão para a

jeitosa, humilde, a perdoar-se, com a claridade de Odivelas, uma claridade que tomara eu em Alcácer, a iluminar-lhe o bigode

- Só na semana passada respondi a seis

anúncios amor

eu a sentir a falta do cheiro do César na cama, no fim-de-semana em que a Adelaide foi a Mértola, ao baptizado do sobrinho, deixei a porta encostada, o César chegou como um gatuno à meia-noite com ideias de sair às quatro da manhã porque Alcácer é pequena e essas coisas sabem-se, e no fim-de-semana de Mértola não acendi a tele-

257

visão, foi o César quem a acendeu abrindo a boca ao meu lado, quem folheou as revistas de divórcios de actrizes, quem passou o tempo inteiro enjoadado no sofá porque as

emissões acabavam cedíssimo, afastando a perna se me

encostava a ele, deitando-se sem me procurar e vestindo-se às três da manhã como se fossem cinco, eu no escuro a ouvi-lo dormir no desejo que ele não desse pelas horas e

tomasse o pequeno-almoço comigo, eu a entender mas como se não entendesse, a passar por tonta sem me ralar

- São só três horas amor sem vontade de tomar a camioneta e ir ao cinema a Lisboa, sem vontade da segunda-feira, do Romeu, da Filomena, dos clientes, do solicitador, e a jeitosa para o meu irmão, arrumando os pratos numa fúria

- Julgas que alguma empresa neste país dá trabalho a um velho?

o meu irmão com a claridade de Odivelas a iluminar-lhe o bigode, a claridade de Odivelas que tomara eu uma assim em Alcácer e prédios assim e ruas assim e lojas assim de bijuteria, de sapatos, de cosméticos, a gente, mesmo sem dinheiro, fica ali a olhar, o meu irmão com a claridade de Odivelas a aumentar-lhe a idade e a filha da jeitosa escaminha, imitando um parálítico a arrastar os pés, torcendo as franjas do tapete a repetir aos balidos

- Velho velho velho a marchar como um soldado que soprasse uma corneta imaginária

- És um velho és um velho és um velho eu que podia passar todos os fins de semana com o César se ele quisesse, fins de semana e dias da semana e estações do ano e férias sem me aborrecer nunca, podia ir passear a Grândola e a Sines, adorava ir ao cinema e ficar de braço dado a ver o filme, adorava ter no quarto uma fotografia sua e na cómoda uma fotografia de nós dois numa moldurinha de veludo castanho, que se ele mexesse urna falange pedia dinheiro no emprego, comprava uma

258

televisão maior e urna parabólica para o César ter mais canais em casa e se entreter, o do desporto, o das notícias americanas, o das mulheres nuas, não lhe faria cenas nem interrogatórios se me participasse que na sexta-feira tinha um jantar com os rapazes e não esperes por mim que chego tarde, não lhe procuraria restos de água de colónia nem

marcas de pintura, Deus me livre, na camisa, o César completamente vestido com uma espécie de felicidade na ex-

pressão como se fosse agradável ir-se embora, um César

num didactismo de estratégia

- Imagina que me vêem e contam à Ade-

laide já imaginaste a bronca?

sobrou-me comida que nunca mais aca-

bava que ele era um pisco à mesa ou eu dava-lhe fastio, amêndoas, bombons, queijo, depois do fim de semana de Mértola telefonava para a repartição

- O senhor César por favor outras vozes e o César muito pronto, que eu reconhecia-o logo, a desligar o aparelho

- É engano eu que guardei tudo em taparueres no frigorífico à espera que houvesse mais baptizados em Mér-

tola e lhe apetecesse voltar, a filha da jeitosa dançando mazurcas à roda da mesa de tampo fumado, em uivos

comanches, para o meu irmão e para mim, que só por urna

negra não lhe assentei com uma balança na moleirinha

- Vocês dois são velhos que se farta vocês

dois são velhos que se farta vocês dois são velhos que se farta

miúdos de skate e de patins para baixo e

para cima, no andar em frente uma moça a regar sardinheiras, a jeitosa, que via perfeitamente a filha, muda e queda lá dentro, como o meu pai no féretro que o coveiro

abriu para o beijarmos antes das pás e do saco de cal, as mãos como se essas raízes misturadas a fingirem polegares fossem dele que não eram, dado que se lhes pertencessem

259

mandava prender o coveiro como mandava prender a jeitosa e a filha da jeitosa e quem nos fizesse mal a nós como mandava prender o espertalhão do César a desligar o telefone

- É engano o César a gabar-se de mim com os colegas * eu sem coragem para entrar na pastelaria e enfrentá-los, * apontarem-me com o queixo e a segredarem mentiras, eu no lugar do costume, de onde se via o largo, com o queque e o chá de limão, a sofrer o peso do olhar deles, da troça deles, o Romeu com a mãe a comprarem uma fatiazita de bolo inglês ao senhor Vergílio, tão estreitinha que em duas dentadas se engolia, a levarem-na para casa como se acabassem de aviar uma sobremesa a sério, o Romeu a dar comigo, a acenar-me adeus e os clientes para quem o Romeu era um pretexto de paródia escondendo as gargalhadas nos guardanapos, o Romeu a acenar-me adeus cambaleando de alegria, a mãe do Romeu, vaidosa do seu bolo, a puxá-lo pela manga na direcção da porta, a mãe que o defendia com a sombrinha das partidas dos rapazes sempre a abusarem dele, a mangarem-lhe com a inocência, com a gordura, a embebedarem-no de cerveja pelo Santo Antônio e ele

* amparar-se às árvores, a tropeçar nos degraus das casas,

* tombar no largo, a rir-se com os outros, a dar palmadas nos joelhos com os outros, a aceitar um cigarro, a tossir, foguetes e morteiros que abanavam as paredes e a parteira elogiosa

- Já tomou o comprimido dona Paula muito bem amanhã assim que o doutor chegar resolve-lhe a situação num instante

e contudo não era sono o que eu sentia da mesma forma que não me sentia triste nem alegre sentia-me (oitenta e sete número oitenta e sete não me posso esquecer oitenta e sete)

não vai entender o que lhe digo mas sentia-me como no dia em que me chamaram porque o lustre

260

da sala se descolou um bocadinho do tecto e a primeira coisa que me veio à cabeça não foi zangar-me com a minha madrinha, perguntar-lhe a razão, perguntar-lhe onde arranjou a corda, não foi surpresa, não foi desgosto, foi

- Estou sozinha e o que faço agora? a minha madrinha que não se queixava de nada, tinham-lhe aumentado a pensão lá de Angola, comia com apetite, às vezes apanhava-a a assobiar enquanto lavava a louça, andava bem, o César voltou com o senhor Vergílio de lápis na orelha, solene, a quem apetecia dizer-me qualquer coisa e não era capaz, o César a pegar na tesoura de

escamar o peixe e a trepar para um banco que por pouco não se desequilibrava e caía de costas no soalho

- Ajuda aqui Ferreira um grupo de gente à porta que não cessa-

va de aumentar, caras que conhecia e naquele momento não me lembrava o nome, lembrava-me do meu pai há muitos anos, no canapé de madeira, na altura em que era ministro, mandava em Portugal, mostravam-no todos os dias nos jornais, tinham medo dele, respeitavam-no, o meu pai suspirando numa fadiga enorme

- Que chatice e a tourada durava até a mãe do Romeu o descobrir, ralhar com os bêbedos, os ameaçar com a polícia e o levar com ela para casa se é que se pode dar o nome de casa às barracas do pátio, cubículos gelados, comidos pelo fedor do rio e cheios de estatuetas que se comprem barato, e não precisamos de estragar por já estarem estragadas, nas

feiras e nas tendas de ciganos do mercado, a mãe do Romeu a puxá-lo pela manga e ele perdido de riso a cambalear asneiras, a despedir-se dos que o desprezavam em abraços sem fim, a mãe a afugentar-lhe os amigos de guarda-chuva no ar, a mãe como se conversasse com uma criança

- Romeu cama uma mulher de aliança no médio por, suponho eu, ter passado menos fome em nova, vestida com as

261

roupas que as senhoras oferecem ao prior no Natal e na Páscoa, uma mulher que passava os dias a proteger o filho dos garotos da escola, dos vadios da taberna que lhe enfia-

vam uma garrafa de bagaço nas mãos e lhe despiam as

calças para ver sei lá o quê ou penso que não sei mas não tenho a certeza ou pronto está bem sei escreva no seu livro que sei e não merece a pena falar, a malta da taberna a cumprimentá-lo às palmadas, sufocada de gozo,

- Grande Romeu como o vizinho louco de quando eu era

pequena a quem os bombeiros vestiram a camisola de braços iguais a chouriços agarrados ao corpo, o vizinho que mal conseguia respirar a pedir-me a boneca

Rosa Maria a pedir que o acompanhasse a Lisboa, os bombeiros a discutirem e o vizinho que me queria matar e

não me queria matar a avançar para mim, apertada no espacinho entre o fogão e as painéis, a minha madrinha

- Alto o Romeu como o vizinho que me fitava na ambulância para não se esquecer, entrar na cozinha e me bater com a tranca

zás assim que lhe dessem alta do asilo, o Romeu à minha volta no solicitador em círculos de milhafre, eu como se o não visse a meter a máquina de escrever entre

nós, a chuva nos plátanos do largo, as paredes do castelo ocultas pelas nuvens, o telefone da Filomena tocando sem descanso, o solicitador a discutir com um cliente no gabinete do fundo e o Romeu num sorriso lamacento a que faltavam incisivos

- Não lhe dói a cabeça menina Paula não quer que lhe traga uma aspirina da fan-nácia?

o Romeu que pelo menos se interessava por mim, se preocupava comigo, me deixava um caramelo na secretária antes de seguir para o seu canto de trevas

262

- Tome lá assegurando-se que eu desembrulhava o

papel pegajoso que me obrigava a lavar as mãos para me

libertar dele, que metia na boca o quadrado de borracha doce preso com toda a força às gengivas a provocar-me uma dorzinha de arame no molar, eu amaldiçoando o Romeu porque a borracha não saía, tinha de me aferrolhar no quarto de banho até o caramelo decidir abandonar a boca e prender-se-me à unha, eu a esfregar a unha com a escova e

nada, a chupar a unha e o caramelo, mais pequeno, de novo

a magoar-me o dente numa insistência cruel, e mais escova, e mais chupões, e meia-hora até me soltar de um pesadelo açucarado, de regresso à secretária um segundo caramelo em cima de um dossier e o Romeu a piscar-me o olho numa cumplicidade satisfeita, devia surripiar dinheiro à mãe a

fim de me comprar aqueles cubos fatais, eu a fingir que adorava o caramelo e a sepultá-lo, num gestozinho carteirista, no cesto de verga, e não eram apenas caramelos eram

pacotinhos de rebuçados péssimos que me desarranjavam a

tripa, pastilhas de mentol que se ficava a tarde inteira a cuspir pedaços de invólucro, gatos de chocolate que sabiam a

bolor, o Romeu enquanto a minha língua batalhava com o animal

- Que tal o gato menina Paula? o Romeu que quando não havia ninguém no escritório, nem clientes nem a Filomena nem o solicitador, se acercava de mim como o vizinho louco e eu incapaz de mover-me, a pensar na camisola sem buracos, nos bombeiros, na boneca chamada Rosa Maria que não sei quem ma tirou

- Vai matar-me vai apertar-me no colo e matar-me

encolhida de medo e ele de barriga sobre a secretária, respirando em mi bemol como um órgão de igreja, a tocar-me no cabelo, a separar-me as madeixas, a correr-me o indicador na testa, na curva da orelha, a mover

263

os lábios numa reza sem palavras, o ano passado, mais ou

menos nesta altura, depois das cegonhas e dos perus selvagens se terem ido embora, mudava eu a botija do gás com o rádio a tocar valsas na prateleira do orégão e dos cominhos, escutei um barulho de como quem pula o muro, um som de passos e de legumes pisados no quintal, pensei

- Não podem ser gatunos são as galinhas é um coelho que se escapou da rede

a valsa acabou, houve uma pausa com silvos porque o rádio é antigo, começou outra valsa, das que principiam devagar e baixinho e vão inchando a pouco e

pouco, e mais passos, mais legumes pisados, a maçaneta a girar, o Romeu saindo da noite e aumentando nos vidros, o sorriso do Romeu a esticar-se, a mão aberta com um gato de chocolate na palma ainda envolto na prata com desenhos de listras e de narinas e de cauda mas amassado e torcido pelo calor da pele, o Romeu a hesitar na cozinha, grande demais para o meu fogão, para os meus móveis, balouçando os braços para diante e para trás como quando os bêbedos e os garotos da escola lhe baixavam as calças para troçarem dele, o Romeu a tocar-me o cabelo com o indicador

- Menina Paula o brilho das chávenas no aparador a subir e a desvanecer-se, a minha madrinha morta, e ninguém, nem

bombeiros nem o senhor Vergílio nem o César, ninguém que o impedisse de me bater com a tranca e de matar-me, eu na sala e o Romeu a mostrar-me o gatinho, quer dizer a

prata informe com o chocolate dentro, a mostrar-me como tesouros os caramelos pegajosos e as pastilhas de cuspir papel que tirava da algibeira, eu no pavor de morrer no

quarto e ele a pousar o gato, os caramelos e as pastilhas de mentol na arca, a chegar-se para mim que lhe pedia

- Não me batas não me faças mal a acender a lâmpada de tília de vidro roxo que comprei em Santiago do Cacém, a prender-me a nuca, a voltar-me a cabeça contra a luz

264

- Menina Paula eu sentada na cama com o punho do Romeu nos meus ombros, a respiração na minha orelha, a perna a quebrar-me a perna, o Romeu a acariciar-me o cabelo, a arrepelar-me as madeixas, a contar

- Trinta e oito trinta e nove quarenta eu a lutar para escapar-me e os lençóis a prenderem-me os tornozelos, a almofada sufocando-me, eu a tentar fugir para o largo e não podia porque a parteira me

segurava as palmas, me segurava as coxas, me pregava ao colchão, me ordenava que dormisse

- Calma dona Paula calma daqui a nada o doutor vem aí e resolve-lhe o problema da criança num instante.

265

COMENTÁRIO

Francamente doutor não sei o que a Paula quer mais, não sei do que se queixa: uma casa herdada da madrinha com mobília de primeira que era a n-únha inveja, um bom emprego, o pai que foi o que foi antes da revolução sem ninguém a incomodar por causa disso tirando um ou dois episodios que derivado aos entusiasmos da democracia e aos comunistas à solta por aí as coisas nem sempre correram como deviam, aposto que dinheiro no

banco, a família da mulher do irmão, riquíssima, pronta a ajudá-la se ela precisar e agora não me venha com histórias que a culpa é minha se a Paula não sai, se fica a criar teias de aranha na sala domingos a fio, se não passa férias em

Vila Moura ou no estrangeiro, e sobretudo não me venha sugerir que a culpa é minha se a Paula não se sente feliz. Aliás o que a Paula contou não me diz respeito nem me

interessa, escusa de mexer na pasta, de mostrar esses

papéis que tenho mais que fazer e não vou lê-los, ou bem que me acredita ou bem que não me acredita e já vai cheio de sorte de eu falar consigo porque se a Adelaide se lembrar de folhear o seu livro e der com o meu nome lá dentro e as mentiras da Paula sobre mim estou feito, a Paula que eu

não vejo, a não ser por acaso na rua, desde séculos antes do nascimento do filho, e se acontece vê-la é bom dia boa tarde e acabou-se, nem um beijo nem um aperto de mão nem um sorriso, a Paula que eu procurava por desfastio e

por cansaço de ela não me largar o telefone quando o rei

267

fazia anos, era o tempo de cumprir o serviço e ia-me embora a galope, conheci-a em rapaz por intermédio de uma

prima minha, andava eu nessa época a trabalhar com um táxi à espera do concurso nas Finanças e deu-lhe para simpatizar, para meter conversa, para me oferecer gravatas e

pronto, nos dias de folga no serviço íamos de carro a Grândola ou ao Montijo ver os pássaros que chegam de África em Maio e armam ninho nos caniços e nos cascos podres, arrumávamos o táxi perto da água, desligava-se o motor, os fiamingos levantavam das ervas da vazante e regressavam a gritar, ameaçando-se e brigando, para além das ervas e

de uma ou outra oliveira submersa notavam-se chaminés e telhados afogados no Tejo, um bairro operário naufrago com os ossos dos habitantes a murmurarem no lodo e a Paula a abrir a mala de verniz e a limpar os óculos com o lenço, que sempre a conheci de mala de verniz como a madrinha do cabeleireiro, a Paula mais feia que bonita, bastante mais feia que bonita e de lentes tão grossas que mal se, percebiam as sobancelhas e os olhos, a crescer para mim desinteressada dos flamingos

- César e assim que eu começava a entusiasmar-me batiam com os nós dos dedos na janela

- Está livre? a gente a compor-se à pressa e era um

casal de velhotes que queria ir para Alcochete ou um grupo de franciscanos descalços que avariara a furgoneta do convento e se acomodava a rezar lausperenes à espera que o transportássemos a Lisboa, a Paula a abotoar a blusa e a ajustar o soutien, as oliveiras submersas flutuando ramos cor de iodo, os perus selvagens a caminhar no sargaço como quem anda de patins fora do ringue, eu a subir o fecho éclair e a calar um palavrão porque trilhei as partes, a tentar libertar a pele dos dentes metálicos, a Paula a pretender ajudar-me deslocando o fecho e a trilhar-me mais, o casal de velhotes que o mau feitio protegia do reumático e

do açúcar no sangue a impacientar-se atrás de nós

268

- É para hoje ou vão continuar com as porcarias muito tempo?

e portanto, sem que me compromettesse (bruxo) sem que declarasse, Deus me livre, que gostava dela, passeávamos por aqui e por ali nos dias de folga que não abundavam, para mais com a Adelaide grávida à perna, até que uma tarde, ao entregar o táxi, tinha o cabo da Guarda à minha espera, todo detective, todo FBI, a amandar-se de um plátano como um sapo, não este cabo da Guarda que para sua informação também é fresco, o

anterior, o bexigoso, que tomava pílulas de alho na ilusão de melhorar a cútis e enquanto a cútis não melhorava ia empestando o mundo

-Depressinha que há visitas para ti no posto

e fora do posto três automóveis do Governo afocinhados contra o pau da bandeira como cachorros partilhando um tronco e cinco ou seis paisanos da secreta revistando as imperiais dos camionistas sem contar o que trepava à torre da igreja a confirmar a inocência das cegonhas, no interior do posto o retrato do professor Salazar em novo, o retrato do senhor almirante em velho, uma pilha de garrações vazios contra o ficheiro a fim de os entregarem na taberna e receberem o dinheiro da verga e

do vidro para uma almoçarada no Seixal, carteiras de jardim de infância com soldados de língua ao canto da boca a escreverem multas de estacionamento numa lentidão pré-primária, paisanos da secreta que se me interessaram pelas reentrâncias para o caso de eu ocultar pelotões de pára-quedistas russos nos sovacos, e depois de uma

janela para a horta onde os guardas cultivavam com amor

ervas ruins e ratazanas, apertada por barracas de vendedores ambulantes de caçarolas, pensos rápidos e bustos de Beethoven, e tendas de circo onde um leão esquecido ia

ganhando traça, um gabinete com um homem de chapéu a mastigar uma ponta de cigarrilha sem atentar em mim, o

269

sargento que eu topava à noite curtindo o medronho sob os pombos que o tomavam por uma estátua em desgraça, o major da polícia a folhear um caderno de fotografias e o chapéu para o cabo que se perfilava numa continência de pudim

- É este? uma traineira caminhava como um apóstolo na água perturbando os albatrozes, as ondas enrugavam e desenrugavam inquietações de testa, um arroto do sargento que era um grito de alma, um discurso de cirrose e solidão, o major a mostrar o caderno ao chapéu que eu

conhecia sem me lembrar de onde

- É este senhor ministro que eu conhecia afinal de condecorar bombeiros na televisão, de confortar ceguinhos no jornal, de garantir aos pretos que eram tão portugueses como nós na condição, facilíma de cumprir, de continuarem a bater palmas agradecidas por morrerem de fome, de explicar na

telefonía que os primeiros horrores que a União Soviética havia de fazer se entrasse no país era acabar com o cicloturismo e as missas campais, o paisano que se certificava do sentimento patriótico das cegonhas protestando aos

insultos com o colega divertido que lhe fugiu com o

escadote, e o chapéu para mim sem se ralar com o caderno

- Por que é que desencaminhaste a minha filha?

o colega divertido a mostrar de longe o

escadote à torre da igreja e a gesticular adeuses à medida que o das cegonhas lhe punha de rastos a família, eu

cuidando tratar-se de urna confusão, de um engano, sem

entender quem seria a filha dele visto que só tinha a quarta classe e era hun-úlde demais para conhecer engenheiros quanto mais ministros, eu que tratava por meninos, sem o

atreimento de lhes apertar a mão, os netos do veterinário e do juiz que por seu turno me chamavam por olha lá e tu aí e se referiam a mim como aquele, o da barba, o sobrinho da Custódia, e o major a exhibir o que pareciam relatórios

270

-Não ouviste o que o senhor ministro perguntou camelo?

a respiração de seixos e calhaus do rio que o meu tio Zé Francisco insistia ter suicidas de há imensos anos a falarem-nos do fundo, o meu tio atento à água, a recomendar-me silêncio

- Não ouves o teu nome? não ouvia o meu nome, ouvia asas molhadas que batiam, o apito da fábrica, o sino da escola, as pedras da muralha a despenharem-se uma a uma mas não

ouvia os mortos

- Não ouço os mortos tio o meu tio Zé Francisco de indicador na boca porque os suicidas se assustam com as palavras, porque, na timidez deles, sem paz não se dirigem a nós, podemos ficar séculos à espera e eles népia, escondidinhos como peixes na raiz das algas, o do ninho de cegonhas pendurado na torre a garantir que se não lhe entregassem imediatamente o escadote se lançava de cabeça para baixo * depois sempre quero ver-lhes a cara seus ursos, o major * bater-me com o caderno no nariz

- Não ouviste o que o senhor ministro perguntou?

e eram fotografias da Paula comigo em

Grândola, no Montijo, na pedreira da primeira vez que a gente tal e coisa faço-me entender, e lembro-me que ao

contrário dos suicidas os pinheiros esses sim ouviam-se, uma exaltação vaga de resina, um concerto difuso de suspiros, a Paula e eu no táxi de cotovelos e pernas desfocados, a minha tatuagem, os óculos da Paula, espessos como

tubos de inventar planetas, a fitarem a câmara sem se aperceberem dela, um naco de ombro nu, um naco de barriga, e ao contrário dos suicidas os pinheiros, esses sim, ouviam-se, agulhas e agulhas e o pasmo dos ramos, os vidros descidos, o taxímetro tac tac tac, a camisola subida até ao queixo, os agraques que recusavam desprender-se, a

alavanca das mudanças a filar-me as calças, a Paula a estrangular-me com os sapatos

- César os pinheiros, esses sim, ouviam-se como

se ouvia um operário a martelar na poeira, como as estevas se ouviam, como se ouvia o guiso de uma cobra, fotografias da Paula comigo no adro do cemitério de Santiago com uma vendedeira de rainúnculos a espreitar das corolas, a Paula comigo encostada a um muro na mata de Sintra, naquelas manchas cor de alcatrão entre os pavoes

- César

e eu para o major -Essa não é filha de nenhum ministro senhor é a Paula uma infeliz que não vale um chavo coitada e trabalha no escritório do solicitador a afilhada da dona Alice do largo

eu que antes de entrar em casa me cheirava à cautela, procurava nódoas, procurava cabelos no

casaco, ia ao sanitário da pastelaria do Ferreira e esfregava-me com a compota azul do sabonete, alisava a barba que ela me mordida em dentadinhas de paixão

- César endireitava o colarinho, acertava a risca com o pente, piscava o olho ao Ferreira a pedir-lhe um café e o FerTeira a tirar-me a italiana roidinho de inveja

- Malandreco abria a porta de casa a pisar forte e a falar grosso e amandava logo uma azevia ao Mário Jorge que riscava o papel de parede novo com os lápis de cor, o

Mário Jorge aos uivos, a televisão aos uivos, a cadela aos uivos, a Adelaide, de Marie Claire no colo, que eu não desgostava de ler por causa das miúdas dos reclamos

- Há crise? uma trinca-espigas quando a conheci que com os par-tos e a idade foi ficando forte, foi ficando espaçosa, foi ficando um primor, a Adelaide que ainda por cima ganha mais no banco do que eu na repartição a

conferir impressos como um mouro, sem contar os subsídios e os prémios, a Adelaide que se não jogo rente e cuspo

fininho me põe com dono num instante, o major de punho no ar e o Mário Jorge esperneando na alcatifa a estragar-me o pêlo com os ténis

- O papá arriou-me o do ninho das cegonhas a descer finalmente do escadote, sacudindo folhas, sacudindo pó, a atirar-se ao divertido de pistola engatilhada e o chapéu a estalar os suspensórios

- Aguenta os cavalinhos major o chapéu a examinar as fotografias uma a

uma virando as páginas com a ponta do dedo em cautelas bibliófilas, a Paula e eu a entrarmos de braço dado numa pensão, a sairmos de braço dado de outra pensão, formas misturando-se, relevos quase líquidos, o que se assemelha-

va a uma nádega, o que se assemelhava a um sorriso, o chapéu de cigarrilha apagada na boca e isqueiro aceso na mão a quilómetros da cigarrilha e do isqueiro, observando pormenores, voltando atrás, interessando-se, o chapéu para o major, a fechar devagarinho o caderno

- Major

e o major sem entusiasmo algum, can-

sado, aborrecido _ Senhor ministro

o chapéu a reparar em mim pela primeira vez, a mirar-me sem zanga nem curiosidade, com aquilo que parecia um sorriso mas não era um sorriso, eram dentes, afastando o fumo da cigarrilha com o leque preguiçoso da mão, o chapéu num eco distraído, quase com amizade, quase com ternura, a abrir de novo o caderno e a olhar os retratos

- A infeliz da Paula a coitada da Paula alguém deve ter entrado porque me apercebi de uma alteração no ar, de um assobiozinho de vento, porque apesar de nem o chapéu nem o major se moverem a lâmpada do tecto balouçou, não senti dor, senti um sono

estranho, uma desistência, uma indiferença, a língua presa, qualquer coisa vagarosa a alastrar-me na boca, o chapéu, o major e as fotografias não existiam mais, o posto não exis-

273

tia nem o sargento nem o cabo nem uma torneira que san-

grava sem descanso, ou então não era a torneira era algo que eu conhecia sem saber o que era, ou não era algo que eu conhecia sem saber o que era, era a minha garganta, o

meu tronco, era eu querendo tomar duche para me lavar do sangue e dos pedacinhos de dentes e contudo sem forças, sem ninguém que me ajudasse, avançando um passo às cegas ao encontro da Paula

- Paula a Paula, acho que era a Paula, ou seja, achei que era a Paula e não era a Paula, era um homem tão remoto que o não via

- A infeliz da Paula a coitada da Paula os ossos abertos, uma certeza de paz, o meu

tio Zé Francisco de indicador na boca a recomendar-me silêncio

- Escuta César um afogado a charnar-me dos calhaus do rio, da minha idade, do meu tamanho, parecido comigo, a

sumir-se na areia, estendi a mão para ele e escapou-se-me, estendi a mão para ele sem conseguir tocar-lhe e o cimento do chão tão frio na minha cara, os paisanos da secreta fitando-me e a seguir trevas sobre trevas e anos volvidos, anos volvidos sim senhor, imensos anos volvidos, não julgue que exagero, não exagero, a minha cama e o meu quarto nascendo peça a peça como me dava ideia a mim que nascia numa

dolorosa construção de tendões e falanges e nervos e músculos e veias, fragmentos que convergiam e se soldavam doendo-me, o rádio encaixou-se na mesinha de cabeceira e

doeu-me, o quadro do barco rabelo que comprei ao meu

cunhado prendeu-se no prego e doeu-me, o reposteiro enfiando-se na vareta vibrou uma gargalhadinha de cassa e

doeu-me, saliências, cores dispersas, rangidos e ecos coa-

gulando-se até formarem uma Adelaide incompleta, um

esboço de Adelaide, que se foi precisando a pouco e pouco com o Mário Jorge agarrado a uma locomotiva de corda preso à saia, uma Adelaide que era e não era ela

274

- Estavas feito num oito à nossa porta uma Adelaide que reparando* melhor, quanto mais não fosse pelo desamor da voz, era ela, a aliança, o cordão que lhe ofereci nos anos, os irmãos Metralha do avental, como era o enfermeiro, o meu compadre, o Vitor, que me ligava o joelho, me apertava o punho, entre dois paus, aparecia e desaparecia com uma agulha de coser, me

pincelava com um creme que ardia, eu a tentar saber para que era o creme, a agulha, o algodão, as talas, a tentar saber o que fazia num oito à nossa porta e o Vítor, de luvas de borracha, a arrancar-me a orelha esquerda com uma pinça

- Quietinho e não apenas o quarto, não apenas a Adelaide, a cómoda, a santa de auréola, o guarda-fato e os seus

cheiros tristes de criatura idosa ao abandono, eu a quem os

paisanos da secreta largaram no capacho como quem larga

- O infeliz do César o coitado do César um cão morto, roupa que não se quer, sobejos, o infeliz do César a mirar o Vítor, a mirar a Adelaide como os afogados me miravam

- Silêncio dos calhaus do rio, eu a esforçar-me em

remar para a tona _Quietinho

dado que o Mário Jorge riscava o papel da parede com um lápis vermelho e eles não reparavam sequer, o papel caríssimo com açafates e medalhões azuis que gastei um domingo inteirinho a colocar, quis prevenir que o lápis não saía nem com lixívia, que aquele papel se

esgotara, tentei levantar-me para um sopapo na criança e o

Vítor a introduzir-me um rolo de esponja que devia ter bicos que se farta no nariz, a rebentar-me as bochechas

como se as pisasse

- Quietinho com a Adelaide a espreitar-lhe sobre o

ombro, a mão da Adelaide nas costas dele, a anca da Ade-

275

laide contra a anca dele, o polegar da Adelaide no pescoço dele e eu a aperceber-me do atrevimento, da falta de respeito, da pouca vergonha para não falar do Mário Jorge com

vocação rupestre de bisonte em bisonte pelo papel fora, eu

capaz de os comer aos três de uma dentada só

- O que é isto? e em lugar da minha fúria uma salivazinha roxa, um borbotão desmaiado, o Mário Jorge de lápis em punho desenhando-me animais primitivos no pijama tomado de inspirações neolíticas, a boca da Adelaide na boca do Vítor e eles a jurarem que não em protestos ofendidos

- Eli pá eli pá e eu sem saber se havia de acreditar ou não acreditar, a fingir que acreditava, a pensar

- Hei-de fazer o mesmo à Fátima deixa e o meu mal consiste em a Fátima não ser espaçosa como a Adelaide, ser uma anã peluda, simpática de acordo, boa dona de casa de acordo, mas que dá medo aos cães, a boca da Adelaide na boca do Vítor e o Vítor a entrapar-me em ligaduras e adesivos como se entrapasse uma mumia a seguir empalhá-la com os seus algodões e os seus líquidos egípcios gelados

- O teu marido ficou tão apardalado com a tarefa que nem sequer nos vê

o Mário Jorge de gatas na cama em transe criador iniciando mamutes nos lençóis, eu a chupar caldos por uma palhinha durante quinze dias, sopa de rabo de boi minestrone gaspacho que sabiam ai de mim ao alumínio do pacote, eu a passear como um gondoleiro de bengala pela

casa, primeiro o vime e a seguir a minha pessoa, lavrando o soalho centímetro a centímetro com os pés pesadíssimos, eu de manta no colo a comer papas de reformado frente à televisão, a entrar na pastelaria do Ferreira sem fôlego, sem energia, sem alma, incapaz de uma palavra, eu num ronco aflito

- Café os clientes a crescerem em redor das mesas, das garrafas, das xícaras, das torradas, a crescerem

276

ao balcão como cresciam os plátanos do largo e as camionetas do Algarve e os telhados e o rio, como 'cresciam o castele lá em cima e a Paula que felizmente não reparou em mirri, rezei a todos os mártires para que não desse por mim, para que nunca mais desse por mim na vida porque se me @orrisse, se me chamasse, se me cumprimentasse

- Olá César a Adelaide havia de espreitar outra vez

sobre o ombro do Vítor, com a mão nas costas dele, a anca contra a anca dele, o polegar no pescoço dele e eu não admito atrevimentos, poucas vergonhas, faltas de respeito e muito menos admito que o Mário Jorge me estrague com bisontes o papel de parede caríssimo, de açafates e medalhões azuis, que gastei um domingo inteirinho a colocar.

277

quarto relato

(Os dois sapatos descalços no êxtase)

RELATO

A minha mãe e eu, habituadas à Praça do Chile, nunca na vida pensámos morar um dia na Rua Castilho, neste prédio caro de um bairro caro com uma loja de moda francesa caríssima no rés-do-chão, porteiro fardado, um visconde romeno por baixo e o bispo auxiliar de Lisboa em cima, um prédio de seis assoalhadas, mobilado como

nos filmes e de vistas para o Parque, abria-se a janela de manhã e entravam-nos árvores a ramalhar e a estátua do Marquês na sala como se fizessem parte da decoração e a

minha mãe achava que. faziam, abria-se a janela à noite e

entrava-nos uma dobadoura de anúncios luminosos de companhias de aviação e de agências de seguros no quarto juntamente com os travestis de botas de verniz, escondendo a barba num reboco de massa vidraceira, como se fizessem parte dos adereços do tremó e a minha mãe achava, a enxotá-los com as mãos, que não faziam, um prédio na Rua Castilho com a cidade a descer até ao rio e os barcos pousados na água a lembrarem-me os patinhos de plástico pousados no espelho a fingir de lago do presépio do centro paroquial, cheio de ovelhas, de reis magos, de mártires, de sobrinhos do Rato Mickey, de padres Cruz e de colinas de papel pardo, com um letreiro a escantilhão que dizia Inteiramente Executado Pelos Escuteiros Da Praça Do Chile Santas Festas A Todos, ficava horas esquecidas a

olhar e a querer mexer no Menino Jesus de louça a

abençoar-nos das palhinhas, de joelho esboroado e pé direito consertado a adesivo, e a minha mãe a bater-me nos dedos

281

- Não se toca no Menino Milá um prédio na Rua Castilho que a minha mãe trouxe a família a ver e a família parva de respeito como num altar-mor sem se atrever a sentar-se, sem se atrever a um chazinho de macela, a família em passos lentos e zunzuns de velório pasmando para as lágrimas de cristal dos candeeiros, todos desgosto congelado, para as

salvas de prata com a marca nas costas e a minha mãe vaidosa, no caso de não terem reparado

-Viste a marca da prata Rogério vê a

marca da prata

para a colcha de seda da cama com mu-

lheres nuas e bodes a abraçarem-nas e a tocarem flauta

- Nossa Senhora a minha mãe orgulhosa de mim

- Rica filha rica filha a passear os meus tios de maravilha em

maravilha, apeteendo-lhe cobrar bilhete à porta, a mostrar o Buda de porcelana de barriga como a do meu avô e sorriso de felicidade igualzinho ao seu após a sexta ginjinha, quando começava a cantar e a bater na gente, a mostrar a pele de tigre com a cabeça do tigre arreganhada na ponta, explicando aos pequenos, piscando a pálpebra aos crescidos, que o bicho comia as pessoas que lhe tocassem nos dentes e as crianças num berreiro de pânico, a mostrar o retrato do Francisco de braço dado com a rainha de Inglaterra, a minha mãe que só faltava flectir as pernas e persignar-se diante da fotografia, convicta, na firmeza de quem sabe

- O protector da Milá o senhor ministro tenho uma fezada que para o ano se casam

e a família a apagar logo o cigarro, a tirar à pressa as mãos dos bolsos e a endireitar o tronco como se o Francisco ali estivesse, a família de pescoço esticado para a moldura, de pescoço esticado para mim imaginando-me de coroa na testa, mais cerimoniosa comigo do que com o tigre ou o Buda

Nossa Senhora

282

enquanto a minha mãe, entemecida com o

privilégio de me tratar por tu e de morar com a amiga do ministro, me salvava num piparote de um grãozito de pó invisível da saia, a minha mãe feliz repenicando-me de ventosas de beijos

- Rica filha rica filha desenvolta, em tom de confiança de aqui entre nós a contar que o professor Salazar e o cardeal nos visitavam dia sim dia não e lhe chamavam dona Dores, que tínhamos um polícia no passeio para nos proteger da maldade comunista e que quando o professor Salazar e o cardeal cá estavam o quarteirão se inundava de dúzias e dúzias de tropas, oficiais e tudo, a fazerem-lhe a continência e a ajudarem-na com os sacos do supermercado, educadíssimos

- Dê cá as hortaliças dona Dores e a família banzada, vinda de caves de gatos, apertando o lenço contra o queixo caído

- Chiça a minha mãe que da primeira vez que o Francisco apareceu no estabelecimento, de chapéu e cigarrilha e botas de carneira, a estalar os suspensórios com

aquela simplicidade dele que o Francisco era assim mesmo, sem vaidade nenhuma como se fosse engraxador ou empregado num quiosque de jornais, a minha mãe

como as pessoas mudam desatou a esmurrar o balcão

- Que cavalgadura me arranjaste agora Milá?

a cliente que se aviava de nastro, uma cliente antiga a par do feitio da minha mãe e sabedora de doenças graças a uma sobrinha enfermeira, preocupada

com a possibilidade de urna trombose, de uma boca à banda, de uma muleta

- Cuidado com a tensão dona Dores a Praça do Chile em tempestade, os tuberculosos do Centro de Rastreio, magríssimos, voando como

folhas que os almeidas da Câmara haviam de varrer de

283

madrugada, as ajudantes do cabeleireiro a namorarem da varanda o dono da loja de colchões que lhes oferecia almofadas ortopédicas, duras como ardósia, aumentando para o quádruplo os torcicolos e os bicos de papagaio na consulta de reumatismos da Caixa, a Praça do Chile inundada de reformados de chinelos que mal podiam andar e de cegos que embatiam contra eles calcando-lhes sem piedade as

unhas inchadas de avestruz, a minha mãe plantada diante do Francisco medindo-lhe os cabelos brancos, as rugas, a

papada, farejando-lhe o cheiro de velho e a regressar ao balcão em sacudidelas atarefadas de galinha

- Lindo serviço sim senhor lindo serviço depois de todas as calças do bairro só te faltava um desgraçado mais cheché que o desgraçado do teu pai só te faltava um inválido Milá

o Francisco que conheci na paragem do Alto de São João enquanto esperava o autocarro para casa frente ao cemitério, cemitério da zona oriental de Lisboa escrito no mármore e logo adiante casas de pessoas como a minha mãe e eu, catatuas em poleiros de latão do lado de fora das janelas e a seguir o rio, não o rio do Parque Eduardo VII com paquetes e barcos de guerra mas um rio mais modesto, mais barato, para as nossas posses, de con-

tentores, navios de transporte e terminais de carga, que eu

podia comprar a prestações, com o vencimento da loja, levar para a Praça do Chile e colocar em cima da televisão a decorar a sala, eu na paragem do autocarro com o Carlos que a minha mãe odiava por não ter emprego a não ser jogar bilhar na Academia e um cavalheiro de idade a tirar os óculos da algibeira e a olhar-me do automóvel com um furriel fardado ao volante, o cavalheiro de idade a dizer qualquer coisa ao furriel, o automóvel ao pé de nós, a dois ou três metros, o cavalheiro de idade a enfiar uma cigarrilha nos beiços como se a cigarrilha, mais que os óculos, o ajudasse a ver-me e o Carlos entredentes, a virar-se de costas, incomodado com o homem alapado nos estofos e com medo que o furriel o prendesse

284

- Quem será este ginja? o automóvel a seguir o autocarro Morais Soares fora, estacando e arrancando estacando e arrancando com o trânsito inteiro a buzinar de raiva, a seguir-nos ao apearmos-nos, fachadas e fachadas, vendedores ambulantes, comerciosinhos modestos, as buzinas posses, o

cavalheiro de idade indiferente às buzinas a apontar-me a cigarrilha, os óculos, o encarnado das pálpebras e o Carlos

- Quem será este ginja? receoso que pertencesse à Judiciária e o

seguisse derivado a uns problemas quaisquer com cinco caixas de cronómetros japoneses que um amigo lhe pediu que guardasse uma semana para surpreender a mulher no dia do aniversário dela, o Carlos, rapaz prestável, guardou, embora eu não compreendesse que se oferecessem à esposa quatrocentos e vinte e sete cronómetros de uma vez,

e como a polícia não compreendia também andava com

vontade de se explicar com o Carlos na presença do juiz, a polícia que volta e meia abandonava o andar dele a Santos com a furgoneta atulhada de televisores e aparelhos de rádio que o Carlos, no intuito de ajudar um parceiro das três tabelas, consentia em cobrir com um oleado destinado a protegê-los do pó, não a escondê-los, enquanto o dito parceiro, funcionário seriíssimo que o patrão aumentara, mudava os tarecos para uma vivenda na Rebelva, eu para o Carlos sempre a espiar a rua inquieta enquanto comíamos caracóis na Mimosa do Chile

- Para que precisa o teu sócio de tantos televisores amor, para que quer o teu sócio esses rádios todos?

e o Carlos, que escolhia mesas junto à saída do fundo por, como ele garantia, ser mais arejado e mais simpático, principalmente quando a saída do fundo dava para um beco sem luz, o Carlos, impaciente com a minha ignorância, sacando os bichos para fora da casca com um alfinete que tremia

- Se compras uma vivenda enorme e vives com a tua sogra e quatro filhos menores convém ter

285

vários aparelhos por quarto a fim de não discutirem por causa dos programas

e eu de caracol na boca, com um gostinho salgado na língua e as pernas apertando o tornozelo dele, comovia-me com o seu interesse pela harmonia das famílias, o seu desvelo pelo bem-estar das crianças, o Carlos

como o mundo é injusto a quem chamavam no jornal da semana

passada perigoso cadastrado ao falarem da sua fuga, com

tiros e cadáveres pelo meio, de uma colónia penal no Porto onde o retinham cruelmente por teimar, em consequência de razões sociológicas e clínicas, na liberalização da heroína, mas regressando ao que estava a contar-lhe, com o cava-

lheiro de idade e o furriel a seguirem-nos de automóvel desde o Alto de São João até ao Chile, e o Carlos, receoso que o cavalheiro de idade fosse da Judicária e o procurasse, no

mal-entendido das cinco caixas de cronómetros japoneses como prenda de anos da esposa, a largar-me o braço

- Depois escrevo Milá

e a desaparecer de repente na esquina da Olegário Mariano sem me avisar que partia, a sumir-se na complicação das travessas, no baldio com triciclos de legumes, grades de fruta podre e ruínas de casas a seguir à

ponte, o Carlos que não escreveu nem telefonou nem me mandou recado pelo coxo da Academia espero-te às quatro horas na Igreja dos Anjos, vai ter comigo à Rua da Palma no intervalo do almoço, ao saíres do trabalho arranja maneira de passar na Conservatória de Arroios, uns papelinhos amar-

rotados, escritos a lápis, que o coxo, assim que a minha mãe começava a conversar com uma cliente, me entregava de fugida a pretexto de comprar cetinetas ou de escolher botões, eu ia à Igreja dos Anjos ou à Rua da Palma ou à Conservatória de Arroios e o Carlos

- Pssst pssst de um umbral, de olhinho alerta e sapato no ar prestes à maratona porque a polícia, que quanto a

espírito humano é o que se sabe, não gostava que ele fosse

286

generoso com os outros e colaborasse em surpresas de aniversário e mudanças de casa de rapazes que graças à honestidade do seu esforço iam trepando na vida, o Carlos não escreveu, não telefonou, não mandou recado pelo coxo

da Academia, mas em compensação principiei a receber flores, brincos e anéis trazidos pelo furriel para a minha mãe e para mim, informando a mostrar o passeio que era

o senhor ministro que mandava, o ginja apontando-me a cigarrilha e os olhos vermelhos do automóvel estacionado à porta, o furriel a bater os calcanhares, a instalar-se ao volante e a partir Almirante Reis abaixo, levando a cigarrilha e a inflamação das pálpebras, a minha mãe a examinar o cesto de gardénias sobre o balcão, de fita cor-de-rosa a apertar o celofane, como quem examina um rato morto, a minha mãe, desconfiada, brandindo o metro de pau

- Temos brincadeira ou quê Milá? a abrir os estojos de veludo, a pegar nas jóias e a morder os brincos, a morder os anéis, incrédula, indignada, a imaginar que eu colaborava nas benemerências do Carlos, a minha mãe, porque a tensão arterial lhe crescia, a quebrar-me o metro no lombo

- Isto é ouro de lei Milá em que sarilho te meteste- agora?

e não eram só gardénias e brincos e anéis, eram colares, pulseiras, frascos de litro de perfume melhor que o incenso da Sé, chocolates belgas com recheio de licor, dromedários de cristal, uma mantilha, uma botija de água quente e umas pantufas forradas para a minha mãe, eram deuses indonésios, aguarelas de corvetas, um broche do tamanho de um pastel de nata com pedrinhas amarelas, um fogão de seis bicos, um frigorífico de matadouro que não nos cabia na cozinha, o furriel a bater os calcanhares

- Da parte do senhor ministro menina o ginja calado a espetar-me os óculos e a

cigarri lha dos estofos do carro, a minha mãe a usar o xaile aos dc.mingos mesmo em Agosto, no pino do calor, as

pantufas forradas que a gente desatava a suar apenas de lhe

287

ver aqueles adereços de esquimó, mal tirava os taipais da loja postava-se ao balcão, de broche de pedrinhas na alça do avental, sem responder aos clientes, à espera que o fúrriel, de uniforme de gala, avançasse estabelecimento dentro com os seus embrulhos de papel de estrelinhas, a minha mãe que ao pagar a renda na Penha de França, deu com o

senhorio a prometer-lhe os canos arrançados, o tecto em condições e uma pintura nova, o senhorio que a tratava por tu e a ameaçava de despejos se nos atrasávamos no pagamento, aumentando a voz e enfunando as costelas no patamar

-Um dia destes ponho-te os tarecos na rua caloteira

simpático, deferente, a multiplicar desculpas e atenções, a convidá-la a entrar, a desembaraçar uma

poltrona de jornais, o senhorio frenético de amabilidade, a chamar a criada para oferecer à minha mãe bolachas de baunilha e cálices de vinho do Porto

- O senhor ministro já satisfez a renda dona Dolores porque motivo não me informou há mais tempo que era parenta do senhor ministro dona Dolores os problemas que nós tínhamos evitado dona Dolores as maçadas que nós tínhamos poupado dona Dolores ainda ontem escrevi ao

senhor ministro a garantir que na próxima semana o mais tardar lhe mudo o autoclismo e as torneiras e lhe substituo a alcatifa por tacos dona Dolores espero que o senhor ministro fique com boa impressão de mim que sou um patriota dona Dolores sempre votei no professor Salazar palavra de honra

a minha mãe, de mantilha e brincos de ouro de lei, a descalçar a pantufa forrada para massajar os dedos (e o senhorio correndo até à porta numa

solicitude comovente

- Vou buscar-lhe o calicida da minha mulher que é ótimo dona Dolores vou buscar-lhe água morna

para descansar os pés vou buscar-lhe um penso rápido dos grandes)

288

a minha mãe a exigir caixilharia de alumínio inoxidável, estores de tabuinhas, uma fechadura dupla, azulejos com cisnes dourados, um plafónier craquelé para a

entrada, e o senhorio branco, sem coragem de protestar, a

tomar apontamento em lugar de mandá-la à merda logo ali

- Com certeza dona Dolores com certeza dona Dolores amanhã às nove tem os operários a tocarem-lhe à campanha

a minha mãe, de tornozelos regalados na

água morna, a estender o cálice para uma segunda dose e aproveitando a deixa para requerer uma campanha mo-

dema como as dos filmes americanos que tocam acordes de cachemira e cantam um minuete ou uma valsa, o senhorio a verter-lhe Porto antigo, a trazer uma toalha lavada para

secar os joanetes e a acompanhá-la ao vestíbulo em rodopios de vassalo

Há-de arranjar-se uma campanha ame-

ncana dona Dolores há-de arranjar-se um minuetezinho como deve ser os meus cumprimentos ao senhor ministro dona Dolores se algum dos inquilinos a incomodar telefone

e uma tarde, tinha eu de deixar três metros de sarja numa cliente do Paço da Rainha, perto do Campo de Santana onde gostava de ficar num banco sob as árvores, a olhar os pedintes de barbas compridas que pareciam postilhas e os cisnes do lago cujos pescoços me perguntavam porquê, o automóvel do cavalheiro de idade mesmo junto de mim, os óculos e a cigarrilha mirando-me da cova dos estofos e o furriel com um nardo na mão

- O senhor ministro gostava de falar com

a menina

dedos molhados a apertarem a cigarrilha, a

apertarem-me a mim, a apertarem o nardo funerário que me

soltava no colo o seu perfume de doença, enquanto o auto-

móvel seguia pela Morgue e pelo Martim Moniz a caminho do Cais das Colunas, por entre montras de pernas e braços artificiais e manequins nus como suicidas prontos para o

médico legista nas mesas de pedra, no Cais das Colunas o enxame dos passageiros de Almada e do Montijo, retratos

289

do professor Salazar, retratos do senhor almirante, o cava-

lheiro de idade, sem responder às vénias, para a secretária muito melhor penteada do que eu, muito mais bem vestida, muito mais bonita

- Não estou para ninguém Amélia uma bandeira na parede, o mapa de Portugal, estantes de livros, telefones, pilhas de cartas, o leão cromado do pisa-papéis a lançar-se sobre um cinzeiro desprevenido o cavalheiro de idade que visto de perto, com

as lentes aumentando-lhe as órbitas, dava ideia que as pestanas eram patinhas de insectos agitando-se, que os olhos iam principiar a correr cara fora, trotar do casaco para as

calças, das calças para o chão e esconderem-se debaixo de um móvel como baratas, ansiando que eu me fosse embora para tomarem ao seu lugar ao lado do nariz, os dedos húmidos no nardo, na minha mão, no meu ombro, a palparem-me os tendões do pescoço numa súplica infantil

- Milá o cavalheiro de idade que não me abraçava, não me beijava, não me tocava, não me acariciava as orelhas como o Carlos que me apertava até eu sentir medo e me apetecer chorar

- Carlos o Carlos a rasgar-me a combinação e a

blusinha, sem se ralar comigo, de joelhos sobre os meus joelhos

- Ai caramba caramba não um aplauso, não um elogio, uma febre, uma pressa, um egoísmo

- Ai caramba caramba ao passo que o cavalheiro de idade me

roçava de leve os dedos húmidos a insistir

- Milá os dedos húmidos naquele sítio da nuca

que dá um desmaiozinho e cócegas e prazer e que com ele não me dava, dava uma coisa esquisita no gênero de choro mas mais fraca, no dia seguinte tive de ir à Paiva Couceiro por uma encomenda e à saída lá estava o automóvel com o

290

furriel fardado a interromper o trânsito, seguido de uma fila de buzinas, a cigarrilha, os óculos e aspálpebras vermelhas emolduradas na janela, e outra vez o nardo, a baba de caracol dos dedos por aqui e por ali, a viagem para o

Cais das Colunas entre braços e pernas artificiais e ma-

nequins despídos, a súplica infantil

- Milá outra vez, ao mexer-me na nuca, a coisa esquisita no gênero de choro, e no dia seguinte o automóvel no Desterro, e no dia seguinte o automóvel na Barão de Sabrosa, e no dia seguinte o automóvel onde foi o Bolero e agora são obras, para não mencionar o telefone que chamava e eu

- Estou? e nunca era uma voz, nunca era nin-guém, ou por outra era uma respiração, um soluço, uma pausa, o

barulho de quando se desliga, eu feita parva

- Estou? e na sexta-feira, em que não havia recados, eu na caixa da loja a imaginar onde estaria o automóvel com o furriel e os óculos e as pálpebras vermelhas, a imaginar o ginja de nardo em riste

-Vira à esquerda Tomás vira à direita Tomás

a procurar-me nos passeios, nas esplanadas, nas pastelarias, nos saldos, eu a lembrar-me do Carlos, eu apesar de tudo, o que é que quer, com saudades do Carlos, dos encontros às escondidas na ponte do baldio, nos vãos de porta, no cinema onde eu chegava antes do filme e

ele a meio, de lentes fumadas e bandas do casaco subidas, eu entretida com os gangsters que caíam aos três e aos quatro, e uma língua que murmurava entrando-me de repente

- Credo no ouvido, os espectadores atrás de nós, incomodados, num atrito de napa, eu a imaginar onde estaria o automóvel à bolina por Lisboa e o cavalheiro de idade no estabelecimento, de chapéu e cigarrilha e botas de

291

cameira, a estalar os suspensórios com um nardo na mão, direitinho à caixa que tilintava trocos piscando as pá lpebras inchadas

- Milá uma suspensão de espanto, uma pausa de séculos, o ponteiro dos segundos do relógio da loja parado entre dois traços, a cara da minha mãe sem entender, a cara da minha mãe numa estranheza zangada, a cara da minha mãe a entender, as feições a moverem-se cada qual para o

seu lado numa desarrumação contraditória de reflexo na água

- Que cavalgadura me arranjaste agora Milá?

a cliente que se aviava de nastro, uma freguesa antiga, quase uma vizinha, a par do feitio da minha mãe e sabedora de doenças por uma sobrinha enfermeira, preocupada com uma trombose, uma muleta, um membro a arrastar-se

- Cuidado com a tensão dona Dorcas a minha mãe que odiava o Carlos como odiara o Fernando e o Américo por não dançarem com termos no Clube EsteTânia, não trabalharem de secretaria numa repartição do Estado, não lhe pedirem licença para sair comigo, não se lhe interessarem pelas peripécias da úlcera com sugestões e tisanas, me trazerem a casa depois da meia-noite, um bocado despenteada, de bandelete fora do lugar e colchetes a menos, por nem sequer lhe oferecerem um licorzinho espanhol pela Páscoa, a minha mãe a contornar o balcão e a plantar-se diante do ginja avaliando-lhe as melenas brancas, as rugas, a papada

- Lindo serviço sim senhor lindo serviço depois de todas as calças do bairro só te faltava um desgraçado mais cheché que o desgraçado do teu pai só te faltava um inválido Milá

a minha mãe a calcular-me já como os ciganos, de lenço na cabeça, com uma carroça de alfices e safios fedorentos a apregoar vitaminas no Bairro das Coló-

292

nias, a calcular-me morando numa tenda de subúrbio com um fogareiro a petróleo e uma mula a soprar varejeiras no

meu sono

- Um desgraçado mais cheché que o desgraçado do teu pai só te faltava um inválido Milá

o furriel à entrada, em posição de sentido, pronto a acudir ao amo, o cavalheiro de idade, de nardo a roçar no nariz, tropeçando desculpas acanhadas, eu no

trono da caixa registadora, em que dançava como num realejo, a cada golpe de manivela, uma polca de moedas

- O senhor ministro mãe o senhor ministro mãe, os dedos molhados do senhor ministro que nunca esteve comigo no cinema nem na ponte do baldio nem no Jardim Constantino, o senhor

ministro que me colocava o nardo na mão, virado para os barcos, para o Tejo, o rei verde na mula verde, o senhor ministro, o ginja, de voz embaciada pelo fumo

- Fazes-me lembrar uma pessoa que co-

nheci há muitos anos Milá

a cliente que se lembrava dele da televisão, dos jornais, a soletrar por gestos quem a cavalgada era, quem o desgraçado era, quem o inválido era, o ponteiro dos segundos a mover-se de novo, o furriel muito direito à porta, a caixa registadora, com essa caprichosa e incompreensível vida própria dos objectos, a abrir a gaveta e a

espalhar notas e moedas sem que eu tocassem nos botões garanto, a minha mãe respondendo com gestos aos gestos da cliente a levantar a perna e a designar a pantufa, rebrilhando brincos, rebrilhando anéis, com o broche de pedrinhas amarelas a segurar a mantilha, a apoderar-se da manga da cavalgada e a dobrar-se como para a mitra ou lá o que é de um bispo

- São as melhores pantufas que alguma vez tive na vida senhor ministro

a minha mãe em equilíbrio num tornozelo só exibindo o forro da pele, o xadrez do tecido, a minha mãe, encorajada pela cliente, a caminhar na loja em passo

293

de manequim para o desgraçado ver, a rodar a maçaneta, a endireitar naperons, a empurrar à sucapa um prato de comida para debaixo do sofá

- Desculpe a desarrumação senhor ministro

não era apenas o prato de comida, eram

tachos, talheres e a caçarola da sopa no sofá, almanaques antigos, casacos de malha e uma lâmpada fundida no chão, um trapo de limpar a louça no peitoril, um balde com uma

esfregona encostada ao aparador, teias de aranha na moldura do bengaleiro, uma penugem com sinais de ratos na

mesa, a minha mãe a espanejar, a esfregar, a varrer, a bater tapetes, a encher gavetas de colheres, de pedaços de pão, de ossos, de cascas, de lixo, a desodorizar, a arejar, a lavar, o ministro, o senhor de idade, o ginja, a cavalgada, o desgraçado, na esteira da saleta com o seu nardo funerário na mão, a minha mãe na cozinha colocando as chávenas, os copos e os pires no escoadouro num ruído de louças que se

entrechocavam, tombavam, partiam, a minha mãe

- É uma casa de pobre desculpe a desarrumação senhor ministro

e eu por vergonha da minha mãe, por dó do cavalheiro de idade, a aproximar-me dos dedos húmidos sem uma palavra, a pegar-lhe no braço, a levá-lo para o meu quarto, a estalar o trinco atrás de mim, era noite na Praça do Chile e não o distinguia no escuro, não lhe distinguia as feições nem a expressão nem os olhos, pensei que era o Carlos, esqueci-me do velhote e pensei que era o

Carlos, pensei com muita força que era o Carlos e senti-me nascer.

294

COMENTÁRIO

Quando a minha filha me participou que ia casar com um ministro francamente não acreditei, para mais um ministro tão importante como aquele, tão poderoso, tão rico, o braço direito do

senhor almirante e do professor Salazar, todos os dias na televisão, nos jornais, de modo que quando a minha filha me participou que ia casar com um ministro o que veio logo à cabeça foi

-Mais uma mentira da Milá mais uma desculpa para me sair de casa e se encontrar sei lá onde com o Carlos

uma fraca figura que só lhe trouxe maçadas e desgostos, levava sumiço quinze dias, levava sumiço um mês e ela feita parva à espera a chorar pelos cantos, a

correr para o telefone sempre que o telefone tocava, ela aqui na loja, cheia de esperança, a pôr-se em bicos de pés de minuto a minuto e a espreitar a rua, eu preocupada com o

desassossego da moça

- O que foi Milá? a única filha que tenho, que tive ainda em

Seia um ano antes de o meu marido arranjar emprego em

Lisboa, não imagina o que deixar a vila me custou, não eram as pessoas que me prendiam, eram os meus defuntos, dizem que os defuntos prendem

é mentira não prendem, era a sombra das latadas, o caminho de framboesas, os pinheiros azuis durante o verão,

295

a única filha que tenho, púnhamos-lhe o berço na cozinha para a proteger do vento e ela, de olhos abertos, geladinha, a criança que me parecia um cadáver de boneca e eu a quem os cadáveres de boneca horrorizam

- Tira-ma da frente Augusto uma ocasião a minha madrinha ofereceu-me pelo Natal uma caixa de cartolina com uma coisa a chocalhar dentro, cortei os cordéis, afastei o papel de seda, encontrei

que nojo uma boneca morta a sorrir-me, desatei a fugir, a minha madrinha agarrou-me o braço sem entender

- Não gostas de bonecas Dolores? eu gostava de bonecas se estivessem vivas, as bonecas mortas apavoram-me sobretudo se continuam a bater as pestanas, se continuam a repetir

- Mãe a minha madrinha a inclinar a boneca para trás e para a frente, a boneca a bater as pestanas, a repetir

- Mãe a minha madrinha a tentar acalmar-me, a deitar-me à força a boneca no colo, de corpo de pano, cabeça de pasta e cabelo louro aos caracóis como o tal anjo que informou a Virgem da gravidez do Menino, a mim se me trouxessem de repente uma novidade dessas não me interessava nada Deus nem ser bendita entre as mulheres e desmaiava de medo, a minha madrinha orgulhosa da sua

compra em Viseu, a designar o embrulho aos vizinhos de banco na carreira

-Cuidado a apertar-me a boneca nos joelhos

- Não gostas de bonecas Dolores? a boneca de boca pálida, órbitas reviradas, a putrefazer-se-me na saia, eu a espemear, a reme-

xer-me, eu aos gritos

- Não quero uma boneca morta

296

preocupada com o desassossego da Milá, feita parva, a lamentar-se pelos cantos, a escrever cartas, a correr para o telefone cheia de esperança, a espreitar em

bicos de pés onde nem um cego de bengala, nem um triciclo de hortaliça passavam

- O que foi Milá? e a moça no seu canto, a dar à manivela e a fingir que arrumava trocos nos compartimentos da gaveta, que enrolava cartuchinhos de moedas, que dobrava as

notas por ordem sob o peso das molas, a moça tilintando a máquina, a fingir-se ocupada, a fingir que trabalhava

- Nada a Milá que inventava jantares de aniversário em casas de amigas que por coincidência

claro nunca tinham telefone, e que pela quantidade de vezes que faziam anos podiam ser no mínimo trisavós dela ou múmias egípcias, a Milá que se pintava às escondidas, se esfregava de desodorizante às escondidas, se encharcava de perfume às escondidas, punha o casaco

novo às escondidas e se despedia de mim do corredor, sem

entrar na sala nem me dar um beijo para eu não a apanhar naqueles preparos, a Milá reduzida a uma mãozinha lesta

- Até logo

e um pivete de água de colônia de cair de costas que tinha de abrir a janela, a sacudir toalhas, para o

enxotar, o quarto numa desarrumação pegada, collants para um lado, cintos para o outro, o vaporizador de laca caído, o tubo de graxa, sem tampa, a sujar de preto os lençóis, o

cestinho de berloques no chão, o secador de cabelo no máximo, ligado à corrente a vomitar calor, eu do capacho para a estátua da Praça do Chile que não me respondia

- Milá ninguém na Almirante Reis, na Moraes Soares, na paragem do eléctrico para o largo do Leão e

para o Técnico, apenas o perfume a perder-se, desbotado, no ar como um rastro que se desvanece, as antenas dos

297

televisores contra a ausência de céu, e à uma e às duas e às três da manhã acordava na casa às escuras a pensar

- São gatunos com a chavinha na fechadura em precauções de rato, um frufu de tecido, pezinhos descalços no

soalho, levantava-me da cama, carregava no interruptor, e

a Milá de sapatos na mão a engrolar desculpas

- Já cheguei há que tempos já cheguei há que tempos

a Milá besuntada de bâton até à testa, riscadas nas bochechas pelo lápis das pálpebras, ponta acima ponta abaixo, malhas nas pernas, blusa abotoada nos

lugares errados, o lenço a tombar da carteira, a marca de um chupão no pescoço, a compor o penteado apontando ao

acaso uma revista qualquer

-Já cheguei há que tempos não tinha sono nenhum estive a ler um bocado

eu comigo mesma Estiveste a ler num banco de jardim, estiveste a ler numa escada, estiveste a ler no cinema, estiveste a ler com o Carlos numa pensão da Defensores de Chaves, um sótão à hora, uma porcaria com piolhos, a Milá de órbitas reviradas, de boca aberta, a lembrar-me uma boneca morta, a minha madrinha a deitar-ma à força no colo _ Não gostas de bonecas Dores?

a Milá que se eu a inclinasse para trás e

para a frente havia de repetir num soluço desumano

- Mamã e eu, aterrorizada, a empurrá-la para o

quarto como se a fechasse na embalagem, a tapasse com o

papel de seda, a atasse com a guita para me livrar dela, para me sentir em paz _ Não quero uma boneca morta

a Milá com hálito de tabaco americano de contrabando do Carlos, com hálito ele marisco de cervejaria, de olheiras até ao peito que eu calculo

não é difícil

298

onde as arranjou, a Milá que não compreendia nada de bonecas mortas a proteger-se de mim

- Largue-me senhora a bater as pestanas, de cabeça de pasta na

fronha, de corpo de pano sob os cobertores, eu com receio que ela se erguesse do colchão a repetir em estremeções ociosas

- Mamã e no dia seguinte a Milá sonâmbula, de guardanapo molhado na cara a patinhar de cansaço pela sala, a perder chinelos, a esbarrar nas cadeiras, a pedir aspirinas, a estender-me uma caneca torta que ziguezagueava, mastigando os caramelos das sílabas

- Café eu capacíssima de rapar os guizos ao Carlos e ao Américo antes do Carlos e ao Fernando antes do Américo, uns inúteis que perdiam as tardes às carambolas na Academia de Bilhar a espreitarem a rua amparados ao

cajado do taco, esvoaçando soslaio para as empregadas do cabeleireiro só franjas e tranças e provocações e pernas ao léu penduradas da varanda, fresquinhas da costa, com

anéis de prata do indicador ao mínimo, e em contrapartida a Milá derreada, sem franja nem trança nem cachucho ne-

nhum, abraçando-se à caixa registadora como a um travesseiro, o sol nos ananazes e nos limões das carroças de fruta, os peixes dos vendedores ambulantes como punhais com

olhos, o preto dos jornais a vender terramotos na Tunísia, eu que media rendas ao balcão

- Milá e a Milá num suspiro, ajeitando-se nas teclas dos centavos, repelindo a minha voz com um braço que não era um braço, era a alça de um tentáculo moribundo

- Deixa-me estar assim cinco minutos já vou

a Milá no sótão da Defensores de Chaves e eu capaz de chegar à Academia, uma sala com sujeitos de

299

giz em punho, graves como astrónomos, estudando com o sextante da pupila a trajectória planetária de uma tacada final, capaz de chamar o dito Carlos de parte e participar-lhe que se não parasse de desinquietar a minha filha ia como um fuso à esquadra e contava ao subchefe quem passeava à noite, de gato debaixo do braço, pelos estendais da Cavaleiro de Oliveira, quem atirava o gato aos arames da roupa, o gato prendia com as unhas ceroulas e camisas que se

soltavam das molas, e quem era o dono do gato que enriquecia vendendo aos ciganos o enxoval dos moradores, e o Carlos de dedos espalmados na gravata numa inocência infinita

- Eu dona Dolores eu? os astrónomos microscopavam os seus planetas encarnados e brancos, as empregadas do cabeleireiro inchavam como pombos dourados e cor-de-rosa na varanda, a estátua do navegador apontava o Martim Moniz com o

bico inflexível da barba como se o Martim Moniz fosse uma ilha à deriva que ele descobriu sozinho, uma ilha de comércio, bugigangas de pau, cavalos, autornoveizitos, jogos a que faltavam peças, bonecas, e eu, desconfiada com as bonecas, a certificar-me, tocando-lhes no peito, que respiravam ainda _ Não gostas de bonecas Dolores?

bonecas que se apertava a barriga e desprendiam gargalhadinhas tristes, que se a gente as atirava ao chão nos miravam de lá, sangrando serradura, como um

remorso sem desculpa, o Carlos espalmando-se na gravata numa inocência infinita

- Eu dona Dolores eu? a Milá abraçada ao travesseiro da caixa registadora

- Já vou e nisto um tropa do Governo na loja, um

furriel que é mais que capitão a fazer-me continência com medalhas e cordões na farda, polícias à paisana a guardarem a rua, um jipe aqui e outro ali com metralhadoras e

300

tudo a vedarem o trânsito, as empregadas do cabeleireiro congeladas de pasmo, os astrónomos a escaparem-se pelas traseiras e o senhor ministro a caminhar no meu estabelecimento como um príncipe, um cavalheiro da idade do meu marido mas muito mais bem conservado, muito mais bonito, muito mais distinto que se notava logo ser outra educação, outro estar, outra presença, um cavalheiro da idade do meu

marido mas sem palavrões nem nariz de bêbedo, a cliente, antes uma amiga do que uma cliente, uma viúva da Pascoal de Melo, dona de uma papelaria que se aviava de fechos éclair ao balcão, tão baixinho que nem eu entendia

- O ministro dona Dolores um senhor de chapéu, com uma cigarrilha na boca e suspensórios de elástico como os barbeiros de aldeia, o da minha terra chamava-se Mateus, a mulher Olívia, na época das bonecas cortava-me o cabelo a resmungar

- Rapariga rapariga e eu com um pano ao pescoço, cheia de receio dele porque também arrancava dentes e endireitava braços, Mateus e Olívia, Olívia e Mateus, Mateus e Olívia no cemitério em Seia, acorda-se desprevenida uma manhã, tratam-nos por tia Dolores e todas as pessoas são mais novas

do que nós que injustiça e as da nossa criação já com uma

lousa e um frasco de flores em cima, um aparato de uniformes, de jipes, de polícia, o senhor ministro no meu estabelecimento e eu para a Milá, na cegueira do Carlos, sem

ouvir a cliente

- O ministro dona Dolores acordamos desprevenidas de manhã e ninguém nos diz tu

cuidando que o senhor ministro era um astrónomo do bilhar à pancada aos planetas, os astrónomos que almofadavam os fins do mês com gira-discos, revistas de mulheres nuas e uísque de contrabando sem selo com mais álcool de farmácia do que uísque, eu

calcule a bronca

301

cuidando que a minha filha, desiludida do Carlos ou do Fernando ou do Américo, mudara de companhia sem aviso

- Que cavalgada me arranjaste agora Milá?

e a cliente desesperada com a minha desatenção, o meu desrespeito, a minha ignorância, a cliente com receio que me levassem presa

O ministro dona Dorcas o barbeiro a endireitar-me a cabeça Se te mexes tiro a turquesa do bolso e

arranco-te as gengivas rapariga

tínhamos um poço com um balde e uma roldana e um castanheiro sobre o poço, se eu gritavw a

minha voz ecoava que tempos nas paredes como a queda de um seixo, se me debruçava via-me minúscula ondulando lá em baixo, a pensar confundida Qual das duas sou qual das duas sou, a Milá desperta arregalando-se para a polícia, para a tropa, a cliente com receio que me metessem no avião de Cabo Verde, o senhor ministro delicadíssimo com uma flor na mão, um nardo de casamento, um nardo branco de noiva, não via nardos há séculos que o meu marido em

vida não me ofereceu nardos e depois de morto não lhos oferecia eu ora que coisa, eu sem escutar a cliente de ideia nos astrónomos, a calcular a minha filha acompanhando-os no porta a porta dos uísques e das mulheres nuas com soutien de luto, eu a contar pelos dedos as rugas do ministro e a precisar dos pés

- Lindo serviço lindo serviço um desgraçado mais cheché que o desgraçado do teu pai

a cliente, apavorada, a presumir-se também morrendo de insolação em Cabo Verde num círculo de arame farpado face a uma praia deserta, a cliente a derrapar para a síncope num flozinho de voz

- Ai dona Dorcas e o senhor ministro a estremecer de paixão coitadinho que eu compreendi logo ser um cavalheiro

302

honrado, um cavalheiro sério, o nardo a hesitar entre a Milá e eu, a Academia de Bilhar deserta, os planetas imóveis, os tacos pelo chão, a cliente enervadíssima a berrar-me à orelha

- O ministro dona Dorcas gaita o cheiro do nardo a embalsamar a loja, cheiro de casamento na igreja, cheiro de noiva, música de órgão, círios, as minhas lágrimas felizes, a Milá na televisão a cumprimentar o cardeal, a Milá na televisão a beijar a

estola do Papa, a Milá na televisão entre o marido e o professor Salazar, a Milá de seda natural e capeline de costu- reiro francês a abraçar os soldados tão mal prontos, tão mal arranjadinhos, benza-os Deus, que partiam de caçadeira ao

ombro para Angola, a oferecer-lhes imagens dos pastorinhos de Fátima para os proteger das sezões e da maldade dos pretos, a Milá a visitar-me de chofer e batedores motociclistas de sereia aberta, afastando os tuberculosos com o gás dos escapes, a Milá lindíssima, perfeita como uma

boneca, e a minha madrinha

- Não gostas de bonecas Dores? eu a trazer a caldeirada de polvo para a

mesa na única terrina inteira do serviço, com vergonha da minha casa que com o cheiro de nardo, cheiro de casamento na igreja, cheiro de noiva, se tornava mais antiga ainda, os frisos de papel amarelados, as cortinas pardas de forno---as nódoas que me pareciam pequenas agora enormes, os compartimentos que me pareciam grandes agora minúsculos, a parentela na rua tentando enxergar o

senhor ministro que segurava a mão da n-finha filha, o senhor ministro de guardanapo ao pescoço

- Milá que ao tirar o chapéu se tomou pai de si mesmo, as bochechas pendendo, as sobancelhas depenadas, pintas castanhas, calvície, o senhor ministro que o

professor Salazar visitava na Rua Castilho para decidir disto e daquilo, a esfregar as solas no capacho e a estender-me um pulsozinho de pardal em que respiravam veias

303

- Boa tarde boa tarde a estender à Milá um pulsozinho nodoso como uma vide seca

- Boa tarde boa tarde o professor Salazar que salvou Portugal dos alemães e conhecia decerto o noivado da minha filha com o senhor ministro, que impediu os comunistas de nos matarem a todos e conhecia decerto que a Milá e o senhor ministro se casavam para o ano, e na eventualidade de não estar lembrado que com um país inteiro às costas e a África e Macau

é mesmo assim as pessoas esquecem-se, eu a ajudá-lo a despir o sobretudo

- Sabia que no ano que vem o senhor ministro e a minha filha se casam?

o professor Salazar muito atento a dizer que sim com a cabeça na penumbra do vestíbulo

- Boa tarde boa tarde onde havia uma mesa com uma mulher de bronze a emergir da sua túnica de noiva, como a Milá a sair? do altar numa chuva de arroz

- Sabia que no ano que vem o senhor ministro e a minha filha se casam?

da varanda da sala da frente tínhamos Lisboa do Marquês de Pombal ao Tejo, árvores, avenidas, barcos, a relva do parque e o professor Salazar como se quisesse desembaraçar-se de mim

- Boa tarde boa tarde como se não acreditasse no casamento do senhor ministro com a minha filha, a minha filha que havia de beijar a estola do Papa na televisão, que havia

estou segura disso de ser amiga da rainha da Bélgica, de ter cãesinhos esquisitos, de pêlo tratado no veterinário como as condessas e as actrizes têm, a minha filha nas capas dos magazines cercada de latidos frisados e eu em pé a sorrir

304

por trás dela, da varanda da sala tínhamos Lisboa inteira, telhados, cinemas, hotéis, os quarteirões ainda mais brancos à noite, o mistério das janelas acesas com vidas que me inquietam no intervalo das cortinas

o que fazem do que falam de que ma-

neira se aborrecem

e eu para o senhor ministro, diante do professor Salazar, a entrar sem cerimônia na sala onde eles tomavam chá e discutiam papéis

- Diga aqui ao professor Salazar se não é verdade que para o ano a minha filha e o senhor se casam

o ginja do ministro e o outro, o mandão-mor, o chefe, ainda mais ginja do que ele, um par de velhos que quase me fizeram sentir saudades do Carlos, saudades dos astrónomos que pelo menos não andavam devagarinho nem cheiravam a azedo, os ginja a governarem o país entre torradas com manteiga sem sal e golinhos de tisana, eu

sacudindo o ombro do ministro despeitada com o silêncio incomodado dele

-Diga aqui ao professor Salazar se não é

verdade que para o ano a minha filha e o senhor se casam

na sala onde ele e o professor Salazar, tão ginja que perguntava a mim própria a razão de lhes obedecerem e terem medo deles, tomavam chá e discutiam papéis, eu na perspectiva de lhes partir na cabeça um dos gatos de porcelana do tremó, eu que não o devia ter recebido no estabelecimento, não o devia ter recebido em minha casa

- Diga aqui se não é verdade que para o

ano a minha filha e o senhor se casam

eu crédula, palerma, ingénua ao ponto de me enganar e tomar o ministro por um cavalheiro a sério, por um senhor distinto, por um indivíduo de palavra e afinal sai-me na rifa um aldrabão pegado, eu de gato de porcelana no ar sobre o bule e as torradas, o gato que apesar de horrível era chinês e valia uma fortuna, e o ministro

- Assim que o professor Salazar sair a

gente conversa dona Dores

305

o jarreta de um camponês de cigarrilha na

boca e suspensórios de elástico que nem sei como o porteiro, tão meticoloso com os mendigos, as testemunhas de Jeová e os travestis que se abrigavam da polícia, o

porteiro de dedinho espetado para a rua

- Pirar pirar? consentia que entrasse no prédio às segundas e sextas quando visitava a Milá, o urso do porteiro que da primeira vez que me viu abandonou a secretária onde folheava o jornal e se atravessou na grade do elevador

- O que quer vocemecê? na ideia de que eu viesse pedir esmola, tocar à campainha dos inquilinos para impingir Bíblias ou

lhes ler a sina, o porteiro que da primeira vez que encontrou a Milá lhe embirrou com o decote e as pinturas e a

malinha encarnada e o colar de conchas

- Enganaste-te no sítio pequena os cabarés são na Duque de Ávila não são aqui desanda

a enxotá-la com o jornal como se enxota-

tam perus, a fazer sinal para um polícia e a pedir que levasse a minha filha ao Governo Civil

- Às três da tarde e já no comércio dos ovários como é que este país há-de progredir expliquem-me

o porteiro que era um castigo para aceitar que eu me encontrasse com a minha filha aos domingos, a

mirá-la como quem mira um bando de saltimbancos ou de vagabundos, no receio que a minha família lhe escarrasse nas plantas tropicais ou iniciasse um piquenique nas escadas com termos, marmitas, telefonias e discussões em cima de uma manta esburacada, espalhando caroços de pêsego nos degraus, o porteiro a supor que morávamos em rulotes no meio de gibóias e póneis amestrados ou que cultivávamos couves e ervilhas nas traseiras de um contentor em Cabo Rtívo, o porteiro que depois de o jarreta lhe falar não se atrevia a proibir fosse o que fosse mas fingia não me ver, me respondia por resmungos, entrava-me na

cozinha com o limpa-chaminés ou o pedreiro sem me dar

306

cavaco, o porteiro que se a Milá calha 'va passar por ele desatava às punhadas ao jornal cruzando e descruzando as pernas que eu bem me dava conta

- Com um vestido assim mais valia estar despida

a Milá elegante, bem arranjada, loura, de cabedal fruta-cores, simpatiquíssima porque eu, não tendo nascido num palácio, soube educá-la, a Milá

-Até logo senhor Vargas e o camelo, escarlate, a bater o tambor das unhas na secretária

- Quando o velhote te largar da mão vais ver o que te faço

e não me preocupei com a ameaça dado não haver perigo de o velhote largar a minha filha da mão, dado que mesmo que o velhote não cumprisse a promessa e não casasse com ela havia de chegar às segundas e sextas, após o ministério, com o seu chapéu, a sua cigarrilha, a sua

roupa de camponês, os seus suspensórios de elástico e o seu

nardo nupcial, havia de chegar às segundas e sextas, cerimonioso e triste, sentar-se no divã ao lado da Milá acariciando-lhe a nuca, o pescoço e os ombros com os dedos molhados, enquanto anoitecia devagarinho na cidade e eu os via do corredor, os via do meu quarto, via o j arreta a deitar no colo a minha filha que sorria, a pestanejar e a inclinar o corpo para trás e para a frente como uma boneca morta.

307

RELATO

Não sei como explicar mas não era bem gostar do senhor ministro percebe, não era bem sentir aquelas coisas de quando se gosta etc e tal, saudades, desejo, vontade de telefonar, ficar horas esquecidas armada em

parva a contemplar a parede, apetecer-me vê-lo, sorrir se ele sorria, escrever versos cretinos e assim, o senhor ministro entendia que eu não andava apaixonada, que não lhe tinha amor e a prova é que estávamos, suponhamos, no meu quarto, ele a acariciar-me e eu muito rígida, a achar tudo pavoroso, na esperança que a maçada acabasse depressa, na mira de o senhor ministro, mantendo-me eu quietinha acabar mais depressa, e ele a dar-se conta que não me apetecia, dos meus olhos abertos, das minhas mãos paradas, a largar-me, a estender o braço para as cigarrilhas, não furioso comigo, desiludido, tapando a cara com o cotovelo

- Nunca gostaste de mim e eu sem resposta, sem alma para contrariá-lo, sem me atrever a argumentar

- Gosto gosto eu que não queria um peito mole a pesar no meu, pernas magras entre as minhas, uma língua murcha na minha boca, não queria um cheiro de velho no meu cheiro (cheiro de gaveta, cheiro de herbário, cheiro de dicionário antigo)

309

a tarde a sacudir cortinas com o ventinho do Tejo, uma traineira a flutuar na varanda batendo asas como um pássaro, eu com dó do senhor ministro a imaginar Se pensar no Carlos sou capaz, se pensar no Carlos não me custa, eu a pensar no Carlos, nas noites de cinema com o Carlos, nas noites em vãos de escada com o Carlos, nas noites no jardim dos Mártires da Pátria com o Carlos, assustada pelos drogados e os cisnes, a pensar no Carlos, a avançar o pé devagarinho, a tocar num tornozelo escamoso, a retirá-lo como se apanhasse um choque e o senhor ministro agitando ao meu lado as mil folhas moribundas das pestanas

- Nunca gostaste de mim a apanhar a roupa igual aos timorenses que catam detritos na vazante, o jornal roto da camisa, o

cesto desfiado das calças, os peixes de maxila caída dos sapatos, o senhor ministro a empurrar o umbigo em passos lentos como se empurrasse um carrinho de bebé, a tarde a sacudir as cortinas com o ventinho do Tejo, a traineira a flutuar na janela batendo barbatanas de asas, o senhor ministro a tactear as cigarrilhas na alcatifa parecido com um

cego tacteando na calçada a esmola que perdeu, a estrangular-se no colarinho num suicídio resignado

- A pessoa que me fazes lembrar também

nunca me teve amor

a porta da rua a bater lá ao fundo, não de estrondo mas a fechar-se numa desistência de caixão sobre o último defunto, eu de nariz achatado contra o nariz do espelho espantada com as minhas feições porque não me

pareço comigo, espantada com o modo como existo por fora e a repetir, a fim de me habituar à ideia, Esta sou eu esta sou eu esta sou eu, a minha mãe a surgir ao meu lado na moldura, a minha mãe que ao menos é igual por dentro, que sorte, com o broche das pedrinhas amarelas e eu pronta a jurar que dormia com o broche, tomava banho com ele, se certificava de minuto a minuto que não perdera por distração aquele calhau de moinho, aquela mó horrenda que

310

eu pagava uma fortuna para não usar, a minha mãe de blusa de cerimônia transparente e preta sob o avental

- O que fizeste ao ginja que se foi embora como um condenado à morte Milá?

a minha mãe que passava os dias em pulgas no pânico de termos de voltar para a Praça do Chile a

aviar botões e cetinetas, a aturar fregueses, a insistir todos os dias comigo para eu pedir ao senhor ministro uma escritura no notário que colocasse o andar da Rua Castilho

no meu nome

- Olha que o ginja não dura sempre Milá a insistir para o senhor ministro abrir uma conta no banco e me aumentar a mesada, a minha mãe que ninguém aqui no prédio, nem sequer o porteiro, convidava para tomar chá ou devolia os bons dias, a quem os restan-

tes inquilinos passavam à frente nos degraus sem a verem, à frente no elevador como se faz com as empregadas e os

pedintes, carregavam no botão deles mesmo que fosse mais acima do que nós e passavam três ou quatro ou cinco andares calados, sérios, chocalhando as chaves de olhos no tecto, se a mulher do porteiro borrifava as plantas ou esfregava o mármore do átrio quando entrávamos arranjava maneira de nos molhar as pernas com o regador, de tropeçarmos na escova

-Deus queira que lhes estrague os sapatos

e se me voltava para trás encontrava uma

careta vitoriosa de duzentos caninos e as mãos na cintura em desafio, a minha mãe a limpar as meias com o lenço sem coragem para protestar, eu a limpar o casaco com o lenço sem coragem para protestar, eu atravessada na cama

de nariz achatado no nariz do espelho a estranhar-me Esta sou eu esta sou eu esta sou eu, perguntando-me indecisa Serei esta? porque não fazia sentido ser quem era, as sobrancelhas, as bochechas, os málares, o queixo, não fazia sentido ser aquela, ter vinte e três anos, o cabelo pintado de louro, o bilhete de identidade com um retrato de

311

cancerosa exuberante, não fazia sentido o pânico da minha mãe

- O que fizeste ao ginja que se foi embora como um condenado à morte Milá?

e por trás da minha mãe os reposteiros onde a traineira me espiava a bater asas de pássaro, a cómoda que ao baixarem-na da camioneta em precauções de cristal o porteiro ultrajado

- Uma cómoda de estilo para as pegadas do senhor ministro onde é que já se viu?

com a concha de prata dos anéis, uma rapariga de marfim reclinada para o cisne de pescoço compridíssimo, e o senhor ministro quando me ofereceu a pousar-me na coxa a sua palma molhada

- É uma lenda grega Milá a lenda de uma rapariga apaixonada por um pato, que disparete, o pato todo impulsivo, todo lúbrico, a roçar-lhe o dorso com o bico, a minha mãe a bater palmas no sofá e o senhor ministro à minha volta em pulinhos ridículos a subir e a descer os cotovelos

- Cuá cuá o senhor ministro a caminhar dando ao rabo, de pernas afastadas, esticando os lábios em cone na minha direcção, estimulado pelo entusiasmo da minha mãe que exagerava na alegria

- Eu não aguento filha eu não aguento filha convencido na sua vocação de cómico, a esfregar-me os lábios no pescoço

- Cuá cuá e dali a nada os vizinhos a baterem com a vassoura no soalho, ele a cair redondo com uma apoplexia, eu enervada com tanta palermice, tanta asneira, tanta parte gaga, a implorar-lhes com as mãos que se calassem, a minha mãe a rebolar-se no intuito de dar prazer ao senhor ministro, a minha mãe no pavor de regressar à loja, a segurar a felicidade, apertando o tórax, como se a felicidade se lhe desprendesse do corpo

312

- Eu não aguento filha o senhor ministro a descoser o c os insistindo nos pulinhos

- Cuá cuá cuá cuá bailando à minha roda a nadar no tanque do tapete persa e a fazer que não rente à minha boca

- Dá beijo ao teu patinho Milá eu, sabe Deus com que sacrifício, achando aquilo tudo uma tourada pegada, a decidir-me como quem mergulha, a agarrar na cabeça do patinho, a depositar-lhe o chocho mais instantâneo que consegui na testa e a apetecer-me limpar-me logo à manga,

lavar logo os dentes, eu, lá está a coisa, a lembrar-me do Carlos outra vez, das mentiras do Carlos, das promessas do Carlos, a minha mãe a assegurar-se que o broche das pedrinhas amarelas resis-

tia às gargalhadas _Dá outra beijoca ao teu patinho adorado dá-lhe outro abraço não sejas tímida Milá

o patinho adorado a instalar-se à mesa para me endossar um cheque e a minha mãe atenta aos zeros a dar-me pontapés cúmplices, a espreitar-lhe sobre o

ombro, a apoderar-se do cheque, a vincá-lo com o polegar

e a prendê-lo na blusa de cerimônia transparente e preta que enfurecia o porteiro

- Olhem-me isto a minha mãe, competente

- É melhor guardá-lo eu senhor ministro que a minha filha tem miolos de passarinho o senhor ministro sabe

a minha mãe que mal eu me descalçava, enfiava o roupão e acendia o televisor para um bocado de paz e de sossego sem um velho a saltar de paixão à minha frente, tirava o cheque da alça e mo colava aos olhos

- Se tivesses sido um bocadinho mais terna com o ginja escrevia-te aqui o dobro Milá mais beijo menos beijo o que é que te custava?

e portanto não era bem gostar do senhor ministro, sentir saudades, sentir desejo, perder o apetite,

313

ficar horas esquecidas armada em parva a contemplar a

parede, apetecer-me vê-lo, sorrir se ele sorria, achar piada a tudo, era morar num andar como nos filmes, oferecerem-me gargantilhas, conta na massagista e chinelos de actriz por duas ou três horazitas à segunda e à sexta a imaginar o Carlos enquanto o senhor ministro, que nunca me faltou ao respeito, me beliscava os braços num soprozinho tenso

- Lembras-me tanto uma pessoa que co-

nheci há séculos Milá

uma pessoa que podia ser a mãe ou a esposa ou a filha ou a amante não interessa, o senhor ministro que me apareceu de saco de plástico com um vestido antigo como a gente encontra nos retratos das nossas tias em

novas ou nas cantoras de setenta e oito rotações, o senhor ministro todo circunlóquios, todo gaguezes, todo voltinhas, e eu a dizer por ele, primeiro porque para mim era igual ao

litro mascarar-me ou não e segundo porque quanto mais depressa se começa uma chatice mais depressa se acaba

- É para eu pôr não é? que me apareceu com um cinto e uma malinha e uns sapatos de crocodilo roídos pelo caruncho e

pela traça e eu desequilibrando-me naquelas andas tortas

- É para eu calçar não é? e colares exagerados, brincos de opereta, perfumes bafientos, um estojozinho de rouge empedernido, um bâton quase roxo de palhaço, anéis de avó de ouro estreitado pela lixa dos dedos, o senhor ministro quis que eu

platinasse as madeixas e as arranjasse como as marquesas dos quadros, quis-me com meias laceradas de malhas, de corpete de espigões de baleia que me sufocava o peito, de sombrinha esburacada de cabo de prata, eu passeando de um lado para o outro na sala nos atavios de entrudo e o senhor ministro, feliz, a cobrir-me as mãos com um par de luvas de renda

- Isabel a minha mãe no umbral
- Virgem Santíssima

314

o senhor ministro a obrigar-me a cumprimentá-la como se cumprimenta uma empregada com anos

de serviço

- Apresento-lhe a minha mulher dona Dolores

seguro de si próprio, sem figuras tristes, sem pieguices, sem cuá cuás, a retirar o broche de pedrinhas amarelas do avental da minha mãe e a prender-mo no decote

- Hoje ficamos em Palmela dona Dolores não se incomode com o jantar

como se ela trabalhasse para nós aqui em

casa, como se fosse govemanta dele e se ocupasse do supermercado e da limpeza, se ocupasse da Rua Castilho, e a

minha mãe a estudar-me a toilette numa admiração sem fim

os sapatos coçados, a carteira esbeiçada, o

vestido no fio, o penteado estranhíssimo com ganchos e franjas, a maquilhagem de bailarina sevilhana, a minha mãe com receio que me internassem num asilo

- Vais sair nesses preparos Milá? sumindo-se de cima para baixo à medida que o elevador descia

- Virgem Santíssima e no átrio a mulher do porteiro a girar nas pantufas entre os potes de narcisos enquanto eu coxeava pelo mármore num tacco quebrado, de orelhas apertadas por argolas que picavam, com uma aliança que me arroxava o

dedo e respirando ranços de perfume, o inquilino do quinto, engenheiro no Gás, tão pronto a desmaiar quanto a mulher do porteiro, e o senhor ministro a segurar-me o braço com a energia do Carlos, a força do Carlos, o senhor ministro, mais apressado que o Carlos, a atirar-me para o banco como o Carlos fazia no cinema, numa voz ainda mais urgente

- Palmela Tomás a rodear-me o ombro com o braço, a colo-

car o joelho sobre o meu, a caranguejar a mão na minha

anca e eu pela primeira vez sem me importar beijá-lo, pela

315

primeira vez contra ele num abandono de convalescença, suspirando pelos buracos de traça do véu, a sentir um sabor de teias de aranha poeirentas, eu que me ia tornando pantanosa, sabe como é, que me ia tomando líquida enquanto as pinças de caranguejo me rasgavam tecidos, afastando as

presilhas das ligas, e talvez fosse gostar do senhor ministro percebe, e sentir as coisas de quando se gosta etc e tal, saudades, desejo, vontade de telefonar, ficar horas esquecidas armada em parva a contemplar a parede, comprar um

caderno e escrever versos de manjerico e assim, talvez eu estivesse a apaixonar-me, talvez lhe tivesse amor, Palmela era uma casa enorme e uma senhora de carrapito à nossa

espera de sobranceiras erguidas, abanando a cara como

diante de um desastre

- Cumprimenta a Isabel Titina Palmela era eu coxeando no tacho quebrado ao longo de salas e de salas com dúzias de criadas de bata, o mar do outro lado que se dava por um rumor de berço e o senhor ministro

- Isabel a amante dele ou a mãe dele ou a esposa dele ou a filha dele a quem a quinquilharia de carnaval pertencia, eu louca para me livrar daquela tralha podre que me

dava comichões, a alargar a gola e a escutar o tecido a dar de si, eu com o tornozelo direito numa lástima e o dedo da aliança preto, a Titina numa lentidão de enterro abanando o desgosto da cara atrás de nós, a servir-nos em silêncio o borrego e um espelho com as minhas bochechas encarnadas lá dentro, eu que cada vez me assemelhava menos a

mim própria nos espelhos, eu que deixo de ser eu naqueles lagos de vidro, o senhor ministro preocupado comigo

- Não estás cansada não tens sono Isabel? eu sem pensar no Carlos, na minha mãe, na Praça do Chile, na loja, parecida com uma capa de disco de setenta e oito rotações ou um postal ilustrado com

uma cercadura de cravos e pombinhos, num quarto que cheirava a naftalina e a alfazema mortuária tal como eu

316

cheirava, com a fotografia, perto de um jarro de nardos, de uma moça da minha idade com os sapatos que eu usava e a carteira e as argolas e a aliança e o vestido que eu usava agora, uma moça de braço dado com um homem que reparando bem se percebia que era o senhor ministro, uma fotografia idêntica à moldura dos espelhos e eu de nariz achatado contra o nariz dela a repetir Esta sou eu esta sou eu esta sou eu, na cama, tão debruçada para o retrato que nem dei fé de o senhor ministro se aproximar em bicos de pés, enternecido, me cobrir com a colcha, me beijar a testa

-A Titina jurava que não mas tinha a certeza que voltavas Isabel

que nem dei fé de adormecer sobre os

nardos com o rímel a escorrer-me devagar pelas bochechas como as lágrimas de um palhaço sozinho.

317

COMENTÁRIO

Como se não bastassem as prostitutas e os

chulos e os travestis e os drogados da seringa e o escândalo dos homens casados trazendo as mulheres de automóvel para as verem fomicar com outros, como se não bastassem as lésbicas e os gatunos e os velhotes de gabardine que de repente nos chamam, se desabotoam e estão nus por baixo só de peúgas e sapatos, como se não bastassem os bêbedos

e os mendigos e os rapazinhos do Parque dispostos a fazer qualquer porcaria aos viciados por meia dúzia de tostões, como se não bastasse passar o tempo a enxotá-los com a vassoura, a telefonar à polícia e a morar com a minha esposa num cubículo que é uma miséria comparado com o

luxo do prédio, um esconso para as traseiras onde os gatos miam toda a noite a cumprir a natureza, e eu, sem conseguir dormir, a colocar uma colher de sopa de veneno

num tacho de almôndegas e a convocar os animais em arrulhos temos

- Chchch chchch na esperança de apanhar os cadáveres com uma pá, os despejar, vingado, no caixote do lixo, e a minha esposa a limpar a sua lágrima à manga

- Coitadinhos a minha esposa a quem um dia destes prego um estalo como deve ser, dos que arrancam logo um

ou dois dentes da boca, para aumentar a harmonia da família e lhe dar uma razão de chorar que de soluções por

319

tudo e por nada quanto mais por gatos ando eu até aqui, ela que fungue à vontade para cima das plantas da entrada que me poupa trabalho e regador, já não bastava o brigadeiro com a mania das escadas sujas e eu faço ideia como será o

quartel dele com a magalada da província habituada a viver paredes meias com as cabras, já não bastava o bispo com a

mania que o elevador deita um cheiro esquisito, a quem se calhar apetecia viajar do rés-do-chão ao sexto de mãos postas, em baforadas de incenso, com o São Pedro à espera para o abraçar no capacho, já não bastavam as injeções no

posto para os bicos de papagaio e o problema da coluna que até se ri das ampolas e vai o senhor ministro e zás, pespega-me no prédio com um par de aventesmas, mãe e

filha, recrutadas numa dessas caves da cidade em que a

máquina de costura serve também, nos intervalos de pregar botões, de ginásio para a busca de sete e de mesa de jantar, a aventesma mais velha a cair da tripeça, com tornozelos que eram parafusos de varizes bons para enroscar chinelos, mascarada de aventesma mais nova todo penduricalhos e berloques, e a aventesma mais nova mascarada de soprano de opereta, a bater castanholas com as nádegas no palco da Rua Castilho para indignação dos travestis cuja clientela esmorecia, atraída pelo salero da pequena, um par de aventesmas que eu me queixei ao administrador que estragavam a reputação do edifício e o administrador a espreitar para os lados a mandar-me falar baixo

- Apetece-te malhar com os ossinhos na cadeia Leandro?

o administrador a puxar-me o braço e a

explicar que mal o senhor ministro sonhasse que eu não apreciava as aventesmas me metia em três tempos no forte de Peniche, a dormir em palhas urinadas nas pausas das sessões de tortura, o administrador a explicar-me, pendurado da minha orelha, que mal o senhor ministro sonhasse que eu não apreciava as aventesmas o metia em Peniche a ele também por oferecer o lugar de porteiro a um espião comunista

320

. - Se não as tratas nas palminhas malhamos ambos com os ossos na cadeia

as prostitutas em passinhos vagarosos na

orla do Parque, umas miúdas por sinal airoas, por sinal de truz, que se eu tivesse vinte anos, fosse solteiro e a diabetes consentisse lhes chamava um figo, eu de chave de parafu-

sos a fingir que consertava a fechadura de dioptrias na retaguarda das beldades, e a minha esposa que nasceu com

nariz de perdigueiro e mal pára de fungar me faz a vida num oito

- Para onde estás a olhar Leandro? miúdas de truz como a moça que no inverno passado se escondeu nas plantas de entrada com medo da ramona, três furgonetas que arrancavam as garotas dos canteiros como quem colhe lírios e a moça designando-me as colegas que esbracejavam rodopiando as malinhas

-Assim que eles zarparem eu saio não lhes diga nada

a minha esposa de cama com gripe a engolir quilos de mel e de aspirinas efervescentes, deitada no colchão com um pijama meu, e a moça da ramona ali à mão de semear

- Não lhes diga nada tinha vindo ao vestíbulo para mudar uma

lâmpada fundida e sai-me logo a sorte grande de uma catraia saudável e sem rugas a prender-me o bracinho

- Não lhes diga nada eu, que se adivinhasse, tinha corrido uma

gilete pelo queixo, a encostar-me a ela sem acreditar que era verdade, a sentir-lhe o cheirinho de relva e árvores, a

carninha rija, a ausência de gordura, a polícia amontoando as sócias na ramona e eu a descair o ombro para o ombro dela e a moça sem protestar, sem reparar em mim, ocupada a espiar a ramona no medo que algum dos guardas viesse de cassetete ao alto para a levar, e nisto a minha esposa da sua pilha de mantas

- A tisana de limão Leandro

321

como se me matasse sem piedade à facada

- A tisana de limão Leandro comigo vencido a marchar na direcção do cubículo num desânimo de funeral, a topar com a cara tor-

cida como um pano para, um balde, só pregas, só vermelhidões, só inchaços _ A tisana de limão Leandro

eu a acender o gás que dava sempre um

estouro e qualquer dia me rebenta isto tudo, a aquecer a água, a deitar-lhe a casca, a açucarar o púcaro, a pousar-lho à pressa na mesinha de cabeceira _ Já venho

a correr para o vestíbulo, a ramona a caminho do Governo Civil e nenhuma moça a observar a noite nas plantas da borracha dos degraus, apenas uma ponta de cigarro mal pisada no chão subindo ao meu encontro numa espiralzinha de fumo que parecia troçar-me, eu a fitar a espiralzinha ou o sítio onde estivera a espiralzinha e o administrador do prédio a terminar o seu discurso sobre as aventesmas

- Julgas que me aguentava um mês a pão e água?

a aventesma mais velha cuja família visitava a Rua Castilho aos domingos, em procissão como os

matarruanos que desembarcam de autocarros para se exta-

siarem, iguaizinhos aos selvagens de tanga do sertão, com

o sistema eléctrico da porta, os elevadores, os azulejos, as

caixas do correio com nomes de advogados, deputados, generais, a família acompanhada por catraios de gravata e

fato completo a quem só faltava o chapéu para terem ido à tropa, carregando no botão da luz a fim de assistirem ao acender dos abajures de cristal facetado, carregando no

alarme de incêndio a fim de assistirem ao quarteirão a

desmoronar-se em uivos de pavor, aos bombeiros à machadada à frontaria e aos inquilinos que desembestavam nos patamares arrastando fardos de faqueiros de prata e porcelanas, a família que não me espantava se trouxesse

322

dicionários e mapas como os americanos para se orientarem no labirinto dos corredores, e o administrador, de

vassoura em punho, ajudando-me a apagar os estragos dos bombeiros e a vasar entulho, a certificar-se de que não nos ouviam

- Nem uma queixa ao senhor ministro Leandro lembra-te do fortzinho de Peniche

pedaços de tijolo, cacos, o mármore quebrado, charcos de neve carbónica fervendo por aqui e por ali e nisto a aventesma mais nova, trajada como para a coroação de um Papa, a extrair-se de Benfley com o furriel atrás, dobrado de sacos de lojas de roupa fina de senhora, o administrador numa adoração de pagem, pronto a beijar-lhe os pés em sorrisos sabujos

- Boa tarde menina a seguir ao furriel os agentes da secreta e

os travestis a confundirem-se com os plátanos em arrepios de pânico, os drogados da seringa galopando pelo Parque numa manada de esqueletos aterrorizados, o administrador para mim, desejoso de agradar à aventesma

- Ajuda a menina com as compras Leandro eu que se não fosse a dificuldade em arranjar trabalho mandava o prédio às malvas, a insultá-la para dentro, levando-lhe a tralha às costas como um preto de safari, e a aventesma mais velha, com um broche do tamanho de um alvo de tiro ao arco no peito, a guiar-me para um quarto com uma pele de tigre no chão, no tom de quem onenta um escravo

- Ponha isto na segunda gaveta Leandro a aventesma mais velha a correr placas de mogno trabalhadas

- Ponha aquilo na prateleira da direita Leandro

e cá o spartacus a ver desfilar um após outro cabides e cabides de vestidos, calças, blusas, cor-

petes, xales, casacos, cabedais, coisas estampadas, lantejoulas, linhos, cá o spartacus a pensar no nosso cubículo do

323

rés-do-chão com um único armário de metal amolgado e

sem tigre nenhum, a aventesma mais velha a fechar-me na mão uma moedinha escura como se eu fosse um inválido de guerra passeando nas esplanadas com lenços de papel, cautelas, tiranódoas

- Tome lá Leandro eu que começava a gostar dos comunistas porque assim que se apanhassem no poleiro enforcavam os ricos, porque ao menos queriam toda a gente no meio da neve, triste e órfã e a viver ao monte com um gorro de pele na cabeça, eu a agradecer a humilhação da moeda que devia escancarar-lhe o queixo com uma tenaz e despejar-lha pela boca abaixo

- Obrigadinho madame a entrar em casa como uma fera e a jogar o centavo na retrete com tanta força que se nota a marca, a minha esposa

- Andas à pedrada à sanita Leandro? a minha esposa que não era má ideia tê-la à rédea curta e não tenho a estudar os estragos

- Já agora não queres aproveitar a embalagem e dar cabo dos cálices do aparador Leandro?

eu que se não fosse a idade, se não fosse a diabetes, dava era cabo dela com a navalha de escamar o peixe, uma criatura que às quinta-feiras traz a irmã cega a

jantar, parecida com ela mas de óculos de mica e quando eu, finalmente livre dos condóminos, dos cobradores, do correio, cruzo a perna e abro o meu jornalzinho desportivo para me inteirar do estado da Nação, lá vem a cega, instalada diante do televisor, sacudir-me a manga de nariz ao alto

-Estão a mostrar um filme não estão Leandro?

a cega que é um monstro de apetites culturais a procurar-me com a bengala, com o pé

- Conta-me o filme Leandro e como se não bastasse este rol de desgraças para me desequilibrar a diabetes obrigando-me a

324

passar dos comprimidos às cápsulas e das cápsulas a uma

cataratazita que me desfoca o mundo e a um rim entupido que me impede a ginjinha, as aventesmas trouxeram com elas os agentes da secreta afugentando as moças para o extremo oposto do Parque, abandonando-me a uma viuvez melancólica, como se não bastasse este rol de desgraças, eu, sem ter tomado banho ainda, a limpar os acajus da entrada com óleo de cedro e vai na volta um silêncio de morte, uma pausa nas árvores, na rua, na cidade

automóveis pessoas vozes arrastar de contentores buzinas

e o professor Salazar a entrar-me no prédio em passinhos delicados de freira, ondulando os dedos transparentes para os vasos a cuidar que as flores o aplaudiam, e quem diz o professor Salazar diz o senhor almirante a cortar fitas de inauguração invisíveis com uma

tesoura enorme seguido pelo seu cortejo de Diogos Cães engalanados, e quem diz o senhor almirante diz o cardeal lânguido, empalidecido pelos jejuns e mortificações da virtude, oferecendo o anel a beijar aos apliques e às caixas do correio, e quem diz o cardeal diz o major da Pide, pardo, oblíquo e sozinho como um empregado bancário viúvo, todos reunidos no andar das aventesmas a decidirem de milagres com pastorinhos e de campos de concentração, o

administrador a chamar-me de parte, a apontar o tecto num cochichozinho de pânico

- Já se foram embora Leandro? a ampola do elevador vermelha, a seta que designava o rés-do-chão a piscar, a larva de um vulto no casulo de vidro, o administrador a abotoar-se, eu a abotoar-me à secretária, zangado com a minha esposa que não me deu uma passagem na camisa, o administrador a afinar a garganta para desatar aos vivos e não era o professor Salazar

nem o senhor almirante nem o cardeal nem o major nem o senhor ministro era o estafermo da aventesma mais velha com aquela jóia do tamanho de um alvo de tiro ao arco pregada ao avental a inchar para mim num desembaraço de condessa

325

- Não tem por acaso um saquinho de chá verde Leandro?

todo o ano de pantufas forradas e blusa preta com lantejoulas e desenhos que era a inveja da minha esposa que adora bodegas

- Não tem por acaso um saquinho de chá verde Leandro?

armada em dona do mundo só porque a

filha era amante do senhor ministro, só porque a filha estava por conta do amigo do professor Salazar, um alarve calado que nem me respondia às boas tardes, que de cada vez que entrava me deitava cinza nas plantas e me apagava as cigarrilhas na terra dos vasos

pode escrever alarve à vontade, não se

arreceie, pode escrever alarve que não tenho medo

e o administrador para mim, a tratar a aventesma mais velha como uma senhora

- Não tens por acaso um saquinho de chá verde que emprestes à madame Leandro?

o administrador que perdeu as delicadezas e as madames quando o ministro deixou de pagar o

aluguer, duas furgonetas da polícia levaram do andar mesas, tremós, sofás, aguarelas, desde que lhe cortaram a

luz, o gás, a água, desde que os empregados das sapatarias e

das lojas de roupa e do ourives e do cabeleireiro e do talho principiaram a surgir com contas, facturas, ameaças do tribunal, penhoras, quando elas já nem se atreviam a sair de casa ou a responder à campainha, não se atreviam a uma conversa, um raspar de passos, um tilintar de louça, um

protesto de gaveta, não se atreviam a um ruído sequer e o

administrador a entrar-me no cubículo em que a cega me pedia que lhe explicasse o filme

- É preciso despejar as aventesmas Leandro a cega inquieta, a filar-me a calça e a girar * nariz no sentido da voz

- É um filme português Leandro? a porta trancada no andar das aventesmas * o administrador procurando chaves no bolso

326

- Menina Milá dona Dores e então comecei a sentir o perfume dos nardos da mesma forma que se sente a proximidade do mar

antes do mar, comecei a sentir o perfume dos nardos e o

administrador tentando chave após chave Porra porra

- Menina Milá dona Dores se eu chegasse à janela via a estátua do Marquês a flutuar numa vazante de candeeiros, o Marquês de costas para mim como o administrador que repetia Porra

porra separando chaves, examinando-as, introduzindo-as em vão na fechadura, o administrador Porra porra a enxu-

gar o pescoço com o lenço

- Menina Milá dona Dores e eu a pensar Se calhar as aventesmas não respondem porque faleceram, rodaram a torneira do gás ou

tomaram pastilhas e estão mortas, eu a sentir o perfume melancólico dos nardos imaginando corpos estendidos de bruços, articulações ao contrário, a intimidade inesperada da nudez, as pernas mais coisas que os sapatos, imaginando frascos vazios e um charco fermentando no soalho, eu a pensar Não quero olhá-las, o administrador com um novo molho de chaves Porra porra, a estátua do Marquês a

soltar-me da peanha e a descer a avenida na direcção do rio, a estátua do Marquês a oscilar

porra porra para a foz e os monumentos anêmicos e a coluna sobre as casas que mandou salgar e nisto o perfume dos nardos aumentou, o trinco recolheu-se e estávamos no vestíbulo da casa só pregos na parede e o reboco estalado e o lugar das molduras sem molduras, o lugar do bengaleiro sem bengaleiro, o lugar de uma mesa sem mesa, pedaços de papel no sobrado, uma poeira de abandono, uma desarrumação suja, o que devia ter sido uma camisola e agora era um rasgão de pano erguendo-se de uma trave de cadeira na corrente de ar, o administrador Porra porra atravessando salas desertas sobre salas desertas, vidraças sem cortinas, o que sobrava de um pote de faiança num

327

nicho de prateleiras em pedaços, um xaile de franjas a um

canto, a cabeça do tapete de tigre, sem os cristais dos olhos, de perfil para mim como a cunhada cega

-Estão a mostrar um filme não estão Leandro?

o filme de uma casa sem ninguém iluminada pelo perfume das flores e pelas sombras de Julho, iluminada pelo anúncio da companhia de seguros a pulsar alternadamente a temperatura e a hora e a escorregar para o soalho, embalagens de água de colónia e caixinhas de tartaruga e verniz de unhas e pentes e escovas e bisnagas de cremes amontoando-se em desordem, e agora a cozinha sem fogão nem esquentador nem caçarolas nem terrinas, uma bancada sem um único objecto, uma dispensa de latas e cartuchos ociosos, o administrador de mão adiante da boca Porra porra

- Menina Milá a espiolar arcas, a espiolar desvãos

- Dona Dores o perfume dos nardos a alargar-se, a

crescer, a explodir quando entrámos no quarto em que se encontrava uma cama sem colchão, sem lençóis, sem almofadas, sem fronhas, unicamente a cabeceira, o enxergão, as tábuas, do mesmo modo que o quarto se resumia à mesinha de cabeceira com um caule espetado numa jarra de esmalte e o retrato de uma rapariga de cabelo louro como se usava dantes, era eu novo, era eu solteiro, como se usava no teatro, como se usava nos casinos, de saia antiga às pintinhas, a fitar-me numa espécie de pudor, numa espécie de troça, a fitar-me do caixilho numa espécie submissa de ternura.

328

RELATO

Há quanto tempo tudo isto que lhe conto se

passou? Quinze, vinte anos? Mais? Vinte e cinco? Trinta? Se o senhor diz trinta, pronto, talvez sejam trinta, não sei: sempre me baralhei nas datas e desde que a minha mãe morreu ando longe

de tudo, moro sozinha, tomo conta da loja sozinha e não merece a pena contratar uma empregada visto que há semanas e semanas sem um único freguês, o estabelecimento deserto e eu a olhar a Praça do Chile sen-

tada diante da caixa registadora vazia à espera que a sombra caírunhe pelo chão e alcance as prateleiras para me levantar, trazer os taipais, colocar o cadeado na porta e voltar para casa, que derivado à falta de outra pessoa se tomou muito maior num bairro muito mais pequeno agora: construíram um supermercado onde existia o armazém de colchões, o cabeleireiro desapareceu, levaram sumiço as cabeças, cheias de nódoas, recortadas de revistas e coladas nos vidros das janelas e as empregadas em tamancos sorrindo aos homens a mostrarem as pernas da varanda, as empregadas que casaram ou morreram ou se mudaram para longe, os bilhares deram lugar a uma pastelaria que serve lanches de baptizados e copos de água com bolos de noiva semelhantes a pagodes chineses de quatro ou cinco andares e um casal de açúcar em equilíbrio sobre o último piso cercado de flores de laranjeira e de rosinhas de amêndoa, não conheço quase ninguém aqui tirando as velhas, não criaturas de idade, velhas, velhas velhíssimas, velhas velhas, de lenço preto e de

329

lenço que foi preto e hoje é ruço, pescoço fora dos postigos, desconfiadas, zangadas com o mundo, apontando o

incisivozinho raivoso à indiferença da rua. Velhas que não me falam e a quem não falo, uma correnteza de velhas numa correnteza de postigos, todas iguais, todas cruéis, todas alerta, cada qual com a sua gaiola de periquito com

um osso de lula enfiado no arame das grades, velhas como

a minha mãe se continuasse viva, velhas corno eu daqui a

nada se continuar viva, velhas em que o ar atravessa cavernas poeirentas, no interior dos pulmões, antes de chegar cá fora transformado em palavras, discursos cuspidos que ninguém ouve, queixas iradas que ninguém m atende, velhas que trocam a reforma minúscula por maçãs bichosas e

postas de safo no câmbio dos triciclos dos vendedores ambulantes, a reforma contada tostão avarento a tostão avarento em saquinhos de pano, com lapsos de memória e

fúrias pelo meio _ Roubaram-me foste tu que me roubaste roubaram-me

a coxearem em bandos tortos para a missa das sete, corcundas como se carregassem consigo próprias às costas, velhas que recolhem os periquitos à noite numa pompa de tesouro, os periquitos que se parecem com elas nos resmungos, nos bicos em anzol e no passinho trôpego, velhas no penhorista a abrirem um pedaço esburacado de colcha e a impingirem garfos desirmanados, padres Cruz de barro, rosários de marfim

- A Virgem Santíssima há-de compreender dona Anunciação

velhas que sonham com dentaduras postiças para poderem sonhar com uma visita ao talho e cento e cinquenta de alcatra embrulhado em papel pardo no Natal, velhas de sono pedregoso lutando com os protestos das articulações, com a esponja da asma, com o

coração desfalecido, a arredarem o pezinho do caixão em

sobressaltos de medo, velhas pegadas à vida numa tenacidade engelhada, e tirando as velhas e os periquitos não

330

conheço quase ninguém aqui, passaram quinze, vinte, vinte e cinco, trinta anos, pronto, trinta anos@, sejam trinta anos, não vamos discutir, não os contei, desde que voltámos à Praça do

Chile, a minha mãe e eu, do prédio da Rua Castilho que o senhor ministro alugou para mim e encontrámos a retorsaria invadida por pestilências de cano roto e a gula das traças, milhares de traças de asas brancas como anjos, milhares de larvas rastejando no balcão, milhares de cachos de ovos nos ângulos da madeira, e as peças de sarja, de veludo, de chita, de pano com uma etiqueta a dizer lã e que a gente garantia que era lã

- Repare na etiqueta acha que os ingleses mentem não me refiro aos portugueses os ingleses acha que os ingleses mentem?

mas claro que não era lã, era sintético, as peças reduzidas a um esqueleto de fios, a uma nervura de cordões, a franjzinhas de veios que se evaporavam se as tocávamos, a minha mãe a espalhar veneno contra os serafins e as larvas de serafins e os ovos de serafins, as velhas

e os periquitos das velhas a tossirem sufocados nos postigos, os tuberculosos do Centro de Rastreio a tombarem no alcatrão de barriga para cima agitando em todos os sentidos as perninhas, magras e na semana seguinte a minha mãe, após varrer os anjos mortos e as crias de anjos mortos, instalou-se ao balcão e eu instalei-me no trono da caixa registadora, a minha mãe ainda de blusa de cerimônia e broche de pedrinhas ao peito e eu de chapelinho de pêssegos e ananazes de baquelite com o véu esfarrapado, vestido às pintinhas, meias de vidro, cinto de ligas preto a deslizar-me das ancas, carteira sem fecho, sapatos de crocodilo com o tacão quebrado e a aliança demasiado apertada que me arroxeara o dedo, nós duas na loja e nem um cliente, a desgraça de uma só cliente a visitar-nos para comprar a desgraça de um pacote de botões, de um pacote de agulhas, de uns centímetros de nastro, onde estariam as duas ou três que gastavam daqui ou em vez de gastar se demoravam na

conversa a tarde inteira, onde estariam o Carlos, o Américo,

331

o Fernando a acenarem-me do umbral, a piscarem-me o

olho, a fazerem sinalefas prevenindo que me esperavam nas camionetas de carga do Largo do Mitelo, nos gansos ou no santinho coroados de velas do Campo de Santana, o

Carlos, o Américo, o Fernando, a esmagarem-me à pressa, a beijarem-me à pressa

Ai caramba caramba o Carlos, o Fernando e o Américo talvez presos, talvez fugidos em Espanha, talvez a monte no Alentejo roendo pedras pelo pecado de ajudarem amigos a guardarem umas joiazitas, uns televisores, umas dezenas de rádios de pilhas se calhar furtados por distração, se ca-

lhar furtados sem querer que se destinavam a surpresas para os parentes da província, a minha mãe ao balcão e eu no trono da caixa registadora empurrando a gaveta que por tudo e por nada escancarava a goela a pedir uma razão de notas, a minha mãe e eu a olharmos uma para a outra e para a rua deserta até às sete da tarde e às sete da tarde a Praça do Chile vazia e as velhas a esticarem o incisivo do postigo, dona Catarina dona Mercês dona Aninhas dona Anunciação, velhas remexendo nas trevas, entre suspiros, fotografias de sargentos de bigode, maçarocas de alfazemas, armações de óculos consertadas a adesivo, medalhas ferrugentas, a minha mãe e eu a olharmos uma para a outra e para a casa acanhada entre casas acanhadas, para o postigo da dona Lurdes e da dona Sara, para o postigo entre gaiolas de periquitos desajeitados, mancos, espremendo-se em

beijinhos tristes, para o tanque de lavar a roupa onde as

vespas zunem no verão, e nas noites de insônia o meu pai de cotovelos no oleado da mesa a detestar-me em silêncio,

o meu pai que mal me recordo dele porque mal me recordo de mim na minha infância, lembro-me de um carreiro de formigas, nos dois sentidos, ao longo de uma fractura da parede, da minha avó doente a pedir um cálice de moscatel convencida que o cálice de moscatel a melhorava, de

andar em bicos de pés para aumentar o tamanho e a idade, lembro-me principalmente do carreiro de formigas sumindo-se

332

uma após outra numa frincha do soalho e surgindo uma

após outra da frincha na mesma determinação atarefada e sem sentido, recordo-me das formigas e não me recordo do meu pai, nem dos gestos, nem da voz, nem do que ele gostava de comer, febras chocas caracóis de cebolada bacalhau, as formigas preocupadíssimas, as mesmas depois de tantos anos, a minha mãe e eu na casa acanhada entre casas acanhadas e a seguir à morte da minha mãe eu sozinha na casa acanhada entre casas acanhadas, sem fotografias de sargentos de bigode, sem maçarocas de alfazema, sem armações de óculos consertadas a adesivo, sem medalhas ferrugentas, eu que morei em sete assoalhadas na Rua Castilho, com um tapete de tigre arreganhando-se para mim, sem um simples periquito na gaiola com um osso de lula enfiado no arame das grades, a minha mãe a voltar ao fogão e a observar-me a toilete numa espécie de desgosto

- Já não precisas de mascarar-te Milá o vestido de pintas, os sapatos de crocodilo com o salto quebrado, o chapelinho de véu, os círculos de rouge aceso nas bochechas, eu com cara de minhota de louça, de mártir de igreja, de princesa de livro de histórias e a minha mãe a aproximar-se do fogão para mexer o

esparguete enquanto as forinigas marchavam pelo rodapé numa teimosia zelosa

-Já não precisas de mascarar-te para o

malandro do ministro Milá

o senhor ministro que na véspera de nos mandar embora me levou de visita ao Estoril, ao professor Salazar, num castelo encavalitado nos penedos do Tejo com

as ondas e a espuma das ondas no interior das rochas, os

brincos pesavam-me nas orelhas, a rede do véu quadriculava

* universo, um prego do tacão enterrava-se-me no calcanhar,

* vento, atravessando as palmeiras que gritavam nas

ameias, desprendia-me os ganchos do cabelo e dispersava-

-me o perfume, um castelo encavalitado nos penedos do Tejo (dona Catarina dona Mercês dona Aninhas dona Rita dona Anunciação)

333

um dois três canhões de bronze pingando limos na muralha, o senhor ministro a estalar os suspensórios apertando-me a cintura com as pinças dos dedos

- Isabel o Tejo a gritar nos penedos que eu bem lhe percebia a aflição, nos intervalos das palmeiras que gritavam um tanque de peixinhos barbudos com pêlos transparentes no queixo tal as velhas do postigo, escondendo-se na som-

bra das ervas como nos cubículos do Chile atulhados de preciosidades sem préstimo, maravilhas foscas que o penhorista recusava com desdém (dona Adozinda)

e por trás do tanque o professor Salazar com o cardeal à nossa espera, eu de nardo em punho, um

nardo murcho cujo caule se dobrava, o senhor ministro orgulhoso de nós _ A minha esposa

o senhor ministro que mudava constantemente de idade ao olhar-me, perdendo e ganhando madeixas, rugas e ventre conforme eu lhe sorria ou não sorria

- Gostas de mim não gostas Isabel? à procura do isqueiro numa angústia que dava pena, iluminado e apagado pela hora e pela temperatura da companhia de seguros, pelos candeeiros da rua, pela refacção das árvores do parque e das candeias dos barcos no tecto, suspenso sobre a almofada numa interrogação infantil _ Gostas de mim não gostas Isabel?

o senhor ministro para o professor Salazar, orgulhoso de nós, sobre o alcatruz das ondas e os gritos das palmeiras

- A minha senhora (dona Lavínia dona Ortelinda dona Ester

e a prima da minha mãe que até usava sapatos, morava em Campolide, se chamava Guiomar da Conceição Pedrosa e

tinha sempre no colo uma lata de biscoitos que não oferecia a ninguém, Guiomar da Conceição Pedrosa a masti-

334

gar biscoitos, mais migalhas que biscoitos, com o calo das gengivas, desconfiada, agarrada à lata no terror que lhe tirassem, Guiomar da Conceição Pedrosa que quando ia ao

médico se apinocava num xaile de ramagens que tinha sido uma cortina e punha dentadura postiça do marido que lhe não cabia na boca, Guiomar da Conceição Pedrosa a tomar o eléctrico no Arco do Carvalhão com a lata de biscoitos sob o braço e uma dúzia de molares do defunto ao léu que ela empurrava constantemente para dentro, sem sucesso, com a língua e com a palma, dona Guiomar dona Lídia dona Celeste dona Maria do Sepulcro)

e o professor Salazar num piarzinho de pardal, a tocar-me de leve com a seda vaga dos dedos

- Muito prazer o professor Salazar que mandava no país inteiro, nos militares, na igreja, a fazer-me perguntas, a preocupar-se comigo, a achar-me graça, a oferecer-me torradas, refrescos, bolos de ovos, taças de morangos, o professor Salazar, de perninhas magras juntas, com um guardanapo nos joelhos, a pedir-me que lhe falasse da Praça do Chile, da minha mãe, da loja, o professor Salazar a tratar-me por minha senhora, a tratar-me por menina, as ondas recuando e avançando nos túneis do castelo, o farol a chorar lágrimas verdes não sei por quem, as palmeiras a gritarem lá fora, o

professor Salazar que eu não acreditava que prendesse pessoas, as mandasse torturar, as embarcasse nos paquetes de África para morrerem de mordeduras de cobras venenosas, * professor Salazar tão prestável, tão delicado, tão atencioso, * pegar-me na mão com a mãozinha lenta, uma mãozinha insegura de menina, o professor Salazar, se eu me calava, a suplicar-me que continuasse, interessadíssimo

- Ai sim? o professor Salazar incapaz de prejudicar fosse quem fosse, com a miniatura de um pastel de nata entre o polegar e o indicador, lamentando-se da falta de compreensão dos americanos, dos ingleses, do Papa, um

ingénuo sem noção das realidades que os bispos cornu-

335

nistas enganavam lá em Roma, a proteger os pretos de Angola que matavam brancos à facada, as ondas jogando albatrozes, como pedrinhas de cascalho, contra as vidraças, o farol a esverdear o cardeal que deplorava a ingratidão dos estudantes e a desvanecer-se no horizonte como se levasse o cardeal consigo e as palmeiras e o castelo e o senhor ministro e os ingleses e os americanos e as torradas e os refrescos e os bolos de ovos e as taças de morangos e o

general que concorreu às eleições contra o Governo e os partidários do general que concorreu às eleições contra o

Governo, que levasse tudo consigo e eu ficasse sozinha como estou agora no estabelecimento da Praça do Chile sem ninguém, eu daqui a nada (dona Milá dona Milá)

apontando a rua com o incisivo enorme, a esconder ninharias sob uma tampa de panela, um pisa-papéis de vidro com a Torre de Belém (dona Belém)

uma estrela do mar ressequida, um retrato

meu em nova inutilizado por uma mancha de óleo, anilhas de reposteiro, postais de uma prima de Vila do Conde (Querida prima espero que esta)

brincos de alpaca sem rosca, eu enfiando um osso de lula nas grades de arame da gaiola e o

periquito a espremer-se num beijo, eu de um lado para o outro nas juntas oxidadas pela gota, nos tornozelos difíceis de hipopótamo, e o senhor ministro a apresentar-me ao senhor almirante, ao major da polícia cujos olhos não se

encontravam na cara, encontravam-se pegados às lentes como dois circulozinhos de cartão

- A minha esposa o major a diluir-se num sorriso como se acreditasse nele, um sorriso em que só a boca sorria e as pupilas permaneciam apagadas

- Muito prazer o major, de torrada na mão, que mal o

senhor ministro se afastou a combinar com o professor Salazar o destino do general

336

(- Mata-se prende-se mata-se é melhor matar-se mata-se)

que concorreu às eleições contra o Governo, e eu fiquei no sofá, de xícara em riste, cercada de albatrozes, de narcejas, de palmeiras e de ondas, eu de vestido às pintas, chapelinho de véu e nardo no colo, com o prego do tacão a rasgar-me o calcanhar, a romper-me músculos e tendões e ossos, eu sem coragem de descalçar as luvas, de alargar os cordões do espartilho, de levantar o véu, eu de meias de vidro esburacadas (- A minha esposa)

introduzindo a custo colheres de chantilly nos orifícios da rede, as ondas aos socos ao sobrado estremecendo móveis, destruindo tábuas, despenhando livros e o major a chegar para mim o sorriso das pupilas apagadas, baixinho, pelo canto da boca, numa atitude de respeito

- Se não te portas como deve ser vais direitinha a Caxias minha pega

o major sem parar de sorrir, a pisar-me, a

apertar-me a unha do polegar na nuca, a despejar-me o açucareiro todo no chá

- Se não te portas como deve ser vais direitinha a Caxias minha pega

um horizonte de gaivotas e de espuma com rebocadores a balouçarem em cima, um petroleiro a

subir o Tejo empurrando-se a si mesmo num vagar de muletas, inchado e torto como os periquitos da Praça do Chile patinhando nas gaiolas e o professor Salazar a con-

versar de novo comigo, a rir comigo, a interromper-se um instante para mandar prender o general

- Prende-se mata-se prende-se é melhor prender-se prende-se

o major para o senhor ministro, prestável, catando-lhe um cabelo, da lapela, o major, galante, estendendo-me o braço para me ajudar a levantar, o major todo medidas para ele e de pupilas desmaiadas para mim, a beijar a aliança que me estrangulava o dedo e a procurar-me à su-

capa a biqueira com o pé, na mira de me esmagar outra vez

337

- A sua esposa é um encanto senhor ministro nem calcula a inveja que me dá

o major que eu encontrava ao sair da Rua Castilho fingindo observar os manequins das montras, que eu encontrava ao entrar na Rua Castilho fingindo observar os homossexuais, que eu encontrava à noite se me chegava à janela, alaranjado pelo neon que o mostrava e o escondia, o major que não falava na televisão, não cumprimentava estrangeiros, não inaugurava hospitais nem liceus, não tinha retrato nos jornais, que existia sem existir, que vivia sem viver, a despedir-se de mim e do senhor ministro num apetite carnívoro _ Minha senhora

as pupilas desmaiadas a prevenirem-me, coroadas de narcejas

- Direitinha a Caxias eu com o prego a lacerar-me os ossos, coxeando no tacão que se prendia no cascalho a medir a distância de dez metros iguais a dez quilómetros que me separava do carro pensando Não consigo nem mais um passo, não consigo andar, as palmeiras gritavam, o castelo inclinava-se pela força das ondas com o professor Salazar e o cardeal em despedidas de afogado das ameias, quis voltar atrás, salvá-los, trazê-los connosco mas os meus pés não queriam, ainda vi uma batina que se submergiu de repente, ainda vi um homem deslocado pelo cone do farol antes de o perder de vez, os brincos torciam-me as orelhas, as meias de vidro rasgavam-se-me nas pernas, o corpete quebrava-me as costelas, o nardo pendia-me da mão, a aliança gangrenava-me o dedo e o senhor ministro a pousar-me a palma na palma

- Para a quinta Tomás e o senhor ministro ao meu ouvido

- Gostas de mim não gostas Isabel? enquanto na Praça do Chile apenas existem postigos, periquitos e velhas

dona Lúcia dona Andreolina dona Flávia dona Benilde dona Alzira

338

aguçando os incisivos num despeto fanhoso, quando a dona Natividade faleceu deixaram a porta aberta, um ramo de flores baratas encostado à parede e o caixão armado na sala com quatro círios aos cantos e ninguém a

velá-lo, os círios mostravam pagelas, um bidezinho de esmalte, um pneu de bicicleta, um fogareiro, o periquito da dona Natividade cambaleava na gaiola, inchava penas em crista, bicava o osso de lula, esticava o corpo para se espre-

mer num beijo _ Psiu

a dona Natividade solitária num caixãozinho de criança a virar o incisivo ao céu, a porta ficou aberta uma

semana inteira até que os ciganos ou os mendigos do baldio lhe roubaram o ramo de flores e o fogareiro, os substituíram por um rodopio de varejeiras, e o periquito a bicar o osso de lula e a arrulhar ternuras do lado de fora do postigo, pata aqui pata ali

- Psiu exactamente o que farão comigo um dia destes quando eu mastigar a sopa com as gengivas, eu que não fui sempre assim, eu que o professor Salazar cumprimentava, a inclinar a cabeça

- Muito prazer a quem o professor Salazar oferecia torradas bolos de ovos pastéis de nata tisanas, eu, que conheci o senhor almirante, a pelar uma batata grelada numa caçarola, duvidando da balança do vendedor ambulante ao trocar os tostões da reforma por maçãs bichosas e postas de safio, eu a atraparlar rezas à Virgenzinha de plástico fósforescente na prateleira do cartucho vazio da massa, do cartucho vazio do feijão, do cartucho vazio do arroz, orações entremeadas de frases sem nexos, de ralhetes da minha mãe, de versos de cantigas de menino quem quer ver a barca bela que se vai deitar ao mar, esquecida do ano e do mês e da hora e do meu nome. impacientando-me com os meus pais falecidos bá séculos, assobiando ao cão que não tinha, que

339

não tive de certeza, que talvez tenha tido, que não tive nunca, que tive, eu discutindo com os defuntos como se estivessem comigo, que me contrariavam, me proibiam de sair, me acusavam, a enganar-me no caminho da igreja e a girar a tarde inteira no Martim. Moniz ajoelhando-me às esquinas, persignando-me nas sucursais de banco, introduzindo o indicador na pia de água benta dos chafarizes, a gesticular com os camionistas e os jogadores de vermelhinha do Intendente que me insultavam de troças

- Adeus ó chôcha a mostrar-lhes a bengala mais pesada do que eu, a desequilibrar-me, a segurar-me a um degrau de que fugiam gatos, a salivar obscenidades de garoto vadio escutadas não sei onde, aprendidas não sei onde

- Paneleiros cornos filhos da mãe desfeita nas insígnias das discotecas, nas

insígnias dos bares, nos óculos escuros, nas camisas estampadas e nas pulseiras de estanho dos caboverdianos das obras, a regressar de madrugada à Praça do Chile guiado por um fio de cheiro ou por uma alteração do ar como as

rolas regressam ao pombal e a aninhar-me no choco do colchão esventrado de pálpebra mortíça, com um pedaço de pão na garrazinha suja e a molhar o pão no que sobrou do caldo, o periquito a desfibrar o osso de lula em oscilações incertas de água-pé

- Psiu e o senhor ministro a endireitar-me o nardo, a cheirá-lo, a recostar-se no banco, a endireitar-me o chapelinho e o fecho do colar numa indagação ciciada

- Gostas de mim não gostas Isabel? não me trate por Isabel porque Isabel não é o meu nome é o nome da sua mãe ou da sua amante ou da sua filha ou da sua mulher tanto me faz mas não me trate por Isabel não me chamo Isabel chamo-me Milá, dona Milá, moro numa travessa com uma correnteza de periquitos e de postigos de outras velhas de um só dente de

340

bolorentas vertebrazinhas arrendadas, dona Catarina dona Mercês dona Aninhas dona Rita dona Anunciaça o, e os

olmos de Palmela, a serra, os desempregados do largo, a

mulher do carrapito (Titina julgo eu, Titina)

a abanar a cara desgostosa nos degraus, o

caramanchão, a estufa, a capela, a mesa posta, e de súbito a campainha do telefone, as feições do senhor ministro a

modificarem-se, a cavarem-se de pregas, a cavarem-se de ódio, o senhor ministro a olhar para mim

-Desde quando te queres ir embora Isabel não me mintas?

e a mulher do carrapito (Titina julgo eu, Titina) dobrando as mãos no avental, embaraçada, a expulsar as criadas para a cozinha em gestos de quem afugenta um bando de perus, a campainha do telefone numa insistência monótona e o senhor ministro a livrar-se do guardanapo e a avançar para mim num remoinho de fúria

- É o teu namorado que te espera lá em baixo Isabel é o teu namorado que te vem buscar não me mintas

o senhor ministro que não falava comigo, falava com a mãe ou a amante ou a filha ou a mulher pouco importa, a encher uma mala bolorenta e um baú limoso de vestidos tão antigos como o vestido de pintas, de carteiras e luvas e sapatos tão antigos como a carteira e as luvas e os sapatos que eu tinha, de chapelitos ridículos, com frutos e flores de baquelite, tão antigos como o chapelito ridículo que me deslizava para a testa, o senhor ministro para um homem que eu nunca tinha visto, de guita a servir de cinto, que o olhava da entrada do quarto numa surpresa imensa

- A tua mãe quer ir-se embora e deixar-nos João a tua mãe não se interessa por nós

o homem a fitar-me sem compreender, à beira das lágrimas num gemido órfão

Titina

341

e os anjos de calcário a voltarem a cabeça ' ` para me seguirem enquanto eu descia as escadas arrastan- 1 1

do a mala bolorenta, arrastando o baú limoso, os anjos a

voltarem a cabeça enquanto eu descia à pressa a vereda de 11 ciprestes, coxeando no tacho quebrado, perseguida pelos latidos dos cães.

342

COMENTÁRIO

Sinceramente ignoro do que está a falar. Sou oficial do Exército, tenente coronel na reserva e se não cheguei mais longe não foi por ausência de mérito mas por começar por baixo, ter vindo de soldado, alistar-me na

tropa com a terceira classe amanhã e depois segundo cabo, primeiro cabo, furriel, sargento, alferes aos quarenta anos, tenente aos quarenta e seis, capitão aos cinquenta, se não cheguei mais longe foi porque os meninos ricos da Academia Militar, que nunca comeram o pão que o Diabo amassou, nunca passaram fome e levaram vida airada desde o berço me barraram o caminho, me olharam sempre de alto, de nariz torcido, armados em viscondes, me receberam com maus modos, me humilharam, me tratavam por cima da burra, me não falavam na messe, me não convidavam para jogar às cartas ou ao pôquer de dados se faltava um parceiro, me impediram as promoções com intrigas, cabalazitas, manobras, cochichos aos padrinhos que comandavam as armas, aos sogros brigadeiros, aos tios generais, e eu sem padrinhos comandantes das armas, sem sogros brigadeiros, sem tios generais (o avô da minha mulher era torneiro mecânico em Viseu e o irmão da minha mãe bêbedo em Serpa, passava a maior parte do ano a cozer a cerveja no posto da guarda e duvido que qualquer deles, apesar de bastante competentes na chave inglesa e no gargalo, influenciasse de forma pronunciada as decisões do ministro da Defesa)

343

eu sem padrinhos nem sogros nem tios acabei tenente coronel na reserva nesta moradia da Madre de Deus que sei lá como você descobriu dado não vir no

meu nome na lista dos telefones e sim no do pai da minha mulher órfã de meses quando a conheci, uma moradia geminada que apesar de económica na minha opinião não é feia de todo, com o canteiro de begónias à frente, o can-

teiro de begónias atrás, umas alfacezitas que plantei rente ao muro, ao fim da tarde trago uma cadeira, a Revista de Artilharia e o guarda-sol de praia lá de dentro e fico até à hora do jantar, de óculos escuros e com um bocado de creme a fim de proteger a testa e o nariz, a olhar as alfaces e a aprender obuzes lembrando-me de Serpa, não é que Serpa me agrade especialmente ou tenha muita coisa para lembrar mas entre lembrar-me de Serpa e a alternativa de Serpa, pensar na vida que levo, prefiro Serpa de caras, ao

menos em Serpa não me comparavam com desprezo, vinte vezes ao dia, a um defunto chefe de secção na Companhia dos Telefones que pesava cento e dez quilos e ela traz ao peito num coraçãozinho de ouro sem eu compreender como consegue respirar com tanta banha em cima, um chefe de secção da Companhia dos Telefones que às quintas-feiras comunica com a filha, em chamadas de longa distância, por intermédio da central da mesa de pé de galo de uma vidente em Chelas, que cobra caríssimo para ligar ao Paraíso com o argumento lógico de que se falar para os Estados Unidos é caro o que fará o céu, compare os

quilómetros dona Emília, multiplique os períodos faça as contas e diga-me, de maneira que a pensão do pai se vai toda em conversas e sou eu quem a sustenta a ela e à casa com a minha reformna, ou seja sustento-a para a ouvir

lamentar-se do dia em que me conheceu e lhe espalhei a

minha colecção de canhões por toda a parte que nunca se sabe em que altura desatam a disparar e a furar o tecto, sem falar no barulho, no cheirete a pólvora, no incómodo dos vizinhos um bocado aborrecidos com o morteiro que lhes caiu no quintal e pulverizou as galinhas, sobraram estas

344

penas, olhe, sobrou um cacarejo que nem sei de onde vem, pulverizou as galinhas e deixou a roupa a secar '

chegue aqui e repare dona Emília numa tristeza de buracos, pois olhe que eu

ando muito sossegada a limpá-los que tudo nesta vida ganha pó, se os sentimentos que são mais escondidos ganham pó que se farta calcule o que não sucede aos objectos sem vitrine, ando muito sossegada a limpá-los e zás, uma barulheira enorme, uma coluna de fumo e a igreja do Beato para o galheiro, um stand de automóveis direitinho à sucata, a

churrascaria de Marvila a servir os frangos em torresmos e

a poupar no carvão, a minha mulher a louvar o finado, criatura, apesar da sua vastidão, pacífica e amante do silêncio, que se entretinha sem maçar ninguém com as borboletas e os selos que felizmente são mudos, e detestava de tal modo frangos em torresmos, fogachos e explosões que nem

banho tomava para não abrir o gás, de maneira que ao fim da tarde, para não a aturar, trago uma cadeira, a Revista de Artilharia e um guarda-sol de praia, ponho óculos escuros e

um bocado de creme a fim de proteger a testa e o nariz, encolho os ombros se algum morteiro sai a zunir pela janela, levanto o braço contente se algum morteiro acaba de vez com a estação de Santa Apolónia ou com o cemitério judeu, misturando num puré de cinzas carruagens e lápides, e fico até à hora de jantar a olhar as alfaces, a aprender obuzes e a lembrar-me de Serpa, piteiras, pombos bravos, cardos e bócios, dúzias de bócios tomando o fresco no coreto, e no que se refere a si confesso-lhe que ignoro por completo do que está a falar, não percebo nada dessa história de Salazares e Estado Novo e ministros e namoradas de ministros e ruas Castilhos, mas se prefere entrar por aí claro que era sargento na época da revolução, que antes de ter sido sargento fui furriel, é natural, furriel condutor e não entendo que interesse possa ter

para um livro a maneira de pensar de um furriel de trinta anos acabado de chegar de cabo, é certo que me chamo Tomás, é certo que me colocaram há imensos anos no Terreiro do Paço mas em lugar

345

de falarmos não quer antes que lhe traga uma cadeira e um guarda-sol de praia para gozarmos a tarde, ouvem-se os pavões da mata, nem precisamos de falar, e no momento em

que o escuro impedir de nos distinguirmos um ao outro

você mete os seus papéis e as suas gravações na pasta que não há utilidade em desenterrar o passado e desampara-me a loja sem fazer perguntas, esquece tudo e nunca me viu na, vida, deixe o Salazar que já bateu a bota em descanso, deixe o ministro que apodrece por aí num hospital qualquer em

descanso, no momento em que o escuro impedir de nos

vermos um ao outro esqueça-me que eu faço a mesma coisa do meu lado e pronto, assunto resolvido, continuo a tratar

das hortaliças em sossego, continuo a envelhecer em sossego, já reparou no brilho dos legumes se anoitece, na

centilação do limoeiro, como tudo se toma nítido e claro antes das trevas, o contorno dos telhados, o contorno das janelas, a vibração de susto de água das cortinas, uma fissura irficroscópica da parede ou uma minúscula nódoa de grelado agora enormes e nas quais nunca tínhamos atentado, já reparou como os sons e as vozes mudam de cor, íntimos, vizinhos, inquietantes, como parece que habitamos uma redoma de silhuetas e de ecos, acontecia-me levar o senhor ministro à quinta, em Setembro, e sentir-me flutuar entre os cedros, suspenso de um arame invisível como os peneireiros e os

milhafres sobre Serpa no verão, exactamente no mesmo sítio de manhã e no dia seguinte e no outro e no outro, os peneireiros e os n-úlhafres que ainda lá devem estar como me

sucede a mim permanecer em Palmela entre os canis e as rosas, com a respiração dos lobos da Alsácia contra a rede de ferro, mirando-me de pupilas conforinadas e tristes, a dona Titina a chamar-me dos degraus com o espanador na

mão, arranjando o carrapito com os dedos livres

- Não quer um prato de sopa Tomás? e eu à mesa entre o jardineiro e o tracto-

rista enquanto o senhor ministro se pavoneava pela casa com a rapariga vestida de espantalho que desencantou numa loja do Chile, nem sequer bonita, nem sequer jeitosa, nem

346

sequer muito limpa, com menos de metade da idade dele, em que a gente nem reparava se por acaso a cruzasse na rua, um bocado gorda, um bocado pata choca, um bocado molenga, que sinceramente não se compreendia o que o homem apreciava nela, se fosse inteligente, se fosse simpática mas não era, era um trapinho de tin-údez, um pudim de espanto, um arrepio de medo, o senhor ministro a pavonear-se pela

casa com o espantalho que coxeava nos sapatos cambados a

cheirar a bafio, todo solicitudes, atenções, delicadezas, mal se atrevendo a tocar-lhe no receio de quebrá-la, o senhor ministro que no Cais das Colunas, livre da pata choca e diante do Tejo, recuperava zanga, autoridade e desdém

- Quero que acompanhes a polícia a Espanha para prender o general

três carros de matrícula estrangeira e o

chefe de brigada ao meu lado, um indiano enorme a contar histórias do Tarrafal e de Peniche e daquele que enlouque-

ceu e se julgava Dom Afonso Henriques e daquele que se

enforcoq e daquele que bebeu a urina na covazinha da mão, o indiano a dar-me pancadas nas costas o trajecto inteiro, e

lá estavam os peneireiros e os milhafres parados desde a

minha infância sobre campos de sobreiros e de oliveiras amarelas, lá estava o meu tio no fundo do poço onde o

encontrámos um dia, a gente espreitou e demos com a sua cara lá em baixo a sorrir-nos, há ocasiões em que ao barbear-me de manhã esbarro com os dentes azuis dele arreganhando-se no espelho, uma feira de dentes azuis engastados nas gengivas azuis que me escarnecem, peneireiros e

milhafres, oliveiras amarelas, ratos, silêncio, tudo igualzinho à porcaria de Serpa que só de pensar em Serpa voniito, e o que bebeu a urina, e o que gatinhava em círculos a grunhir na frigideira do Tarrafal à procura das fezes no

apetite de comê-las, até que às oliveiras se substituíram montes dispersos, trigo seco que a geada crestara, a ponte de madeira de um rio e a seguir ao rio, que era uma fila de caniços com um barco inútil amarrado a um espigão, a seguir ao rio, dizia eu

347

(repare no brilho das alfaces agora, na cintilação do limoeiro, da janela, das cortinas de crochet, do muro, repare como tudo se torna preciso e nítido e cresce no sentido da noite)

a seguir ao rio um moinho num espaço de penedos, dois ou três pinheiros mansos pesados de abelhas, pontinhos dourados como quando se espirra, as guaritas desbotadas da fronteira, o indiano a exhibir passaportes, o que comia as fezes a chorar de cabeça nas mãos, um moinho simétrico do lado oposto, abelhas douradas, dois ou três pinheiros mansos também, de tal forma que se me afigurava repetirmos a viagem de há pouco, oliveiras, trigo que a geada crestara, pássaros de asas abertas pregados ao céu, e o senhor ii-tinistro, a apodrecer por aí num hospital qualquer, charnando-me ao gabinete diante do senhor major que lhe mostrava documentos, fotografias, cartas

- Acompanhas no meu lugar a polícia a

Espanha para prender o general

o general barrigudo, de bigode postiço e cabeleira postiça, numa pensão com a secretária que os vimos chegar a pé num vagar de turistas os vimos entrar, os vimos subir para o quarto, a beberem a urina, a comerem as fezes, a responderem às perguntas de pé, com um foco voltado para eles e criaturas disformes a gritarem no escuro, vimos o estore descer, a varanda apagar-se, e o indiano que não contava histórias do Tarrafal e de Peniche, não falava da chegada dos presos nos navios de Lisboa nem da diarreia nem da malária nem do cheiro dos mortos, o indiano que já não se divertia com a memória dos cadáveres nem me dava palmadas nas costas, o indiano, sem que eu entendesse o motivo, a borbulhar de ódio pelo general barrigudo da cabeleira postiça por trás do estore apagado

- Malandro o indiano ao meu ouvido estremecendo num soluço

- Eu mato-o que se lhe escutavam as unhas a crescer, a barba a crescer, em busca da arma no casaco e a querer

entrar na pensão para obrigar o general a chorar de cabeça nas mãos, nós pendurados dele, implorativos

- Espera e no dia seguinte instalámo-nos de manhã cedo onde de acordo com d mapa do senhor major devíamos esperar, com uma chaminé de fábrica, as perdizes a

rebolarem de arbusto em arbusto, um bando de cabras a trotar numa penha, eu a desmoronar-me de cansaço e o

indiano a saltar do banco num turbilhão de fúria

- Eu mato-o poupas num carvalho, uma cobra rateira, as antenas e os prédios da cidade ao longe, o meu tio a sorrir-me do poço com os dentes azuis, o eco muito antigo de um galo ou um cachorro de quintal, os homens a subirem-no com uma corda e a estenderem-no à frente da casa com o relógio de colete que se erguia a tampa com o polegar parado nas seis horas, a minha avó para o meu tio a puxar-lhe * gravata

- Afonso o meu tio indiferente a ela, a nós, ao padre, * meu tio calado às gargalhadas e a minha avó a puxar-lhe * gravata

- Afonso estufas de tomateiros a duzentos metros, trezentos se tanto, cobertas de plásticos prateados ao sol, calhaus, capim alto, um cruzamento de caminhos, devia existir uma lagoa em qualquer lado pelas hesitações do vento, nenhum ruído de motor, nenhum cheiro de escapes, o indiano ou a minha avó a puxarem-me a roupa, o indiano de dentes azuis a puxar-me o colarinho

- Eu mato-te o inspector que desembulhava pastilhas para o estômago amontoando papelinhos no cinzeiro a conferir o mapa, a percorrer a linha das estradas com o

anular, a deter-se numa cruz a lápis, a somar quilómetros na margem, a orientar-se por um campanário de igreja, a sepultar o mapa no bolso enquanto o indiano segurava um

gafanhoto, lhe acendia um isqueiro por baixo e as patas, semelhantes a ganchos de cabelos, tombavam uma a uma, e por fim as perdizes assustadas sumindo-se na terra, um reflexo metálico a surgir e a desvanecer-se, um motor a cem passos de nós, a cinquenta passos, a vinte passos e o

inspector fora do carro, o indiano fora do carro, eu fora do carro a olhar, como olhei o meu tio ao retirarem-no do poço, com a mesma incompreensão e o mesmo terror, e quem trazia o jornal a pedir numa careta

- Matem-no o general barrigudo, de bigode postiço, de cabeleira postiça, vestido com um fato castanho ou cinzento de notário e ao lado do general uma mulher de carteira pendurada ao ombro, o general e a mulher a avançarem para nós, outra vez o eco muito antigo do galo e do cachorro, as cobertas de plástico prateadas do sol, a bexiga a

soltar-se-me, as minhas pernas húmidas, as peúgas e os

sapatos como se caminhasse num pântano, uma perdiz para aqui e para ali e o general de mão estendida

- Companheiros a cobra rateira num intervalo de calhaus, as poupas, que eram poupas pela maneira de voar, eram de certeza poupas, erguendo-se à uma do carvalho num temporal de ganidos, num temporal de asas, a minha avó para o meu tio a empurrar-lhe o peito com a sandália

- Afonso o capim a tremer, o campanário da igreja sem tocar a rebate, a mulher de carteira ao ombro fixa no inspector, fixa no indiano, subitamente alerta, arredondando a boca num protesto calado, o general barrigudo a escorre-

gar num desnível de erva, a endireitar-se, a limpar a calça, a ajustar a cabeleira, a ajustar o bigode

- Companheiros e o indiano

- Malandro destravando a pistola a segurar o fato cas-

tanho, o fato cinzento de notário, um ganido de poupas,

350

uma revoada de olhos, uma revoada de corpos escuros e de vírgulas de penas escapando-se de nós, o relógio parado nas seis horas, os dentes azuis que sorriram inalteráveis o

velório inteiro, que aposto continuam a sorrir sob a terra, a mulher de carteira ao ombro

- O que é isto o que é isto e não se ouviram tiros, quer dizer eu pelo menos sou capaz de jurar que não ouvi tiro nenhum, tudo se passou numa mudez de aquário, num vagar de congros, até a demora dos gestos, dos movimentos, das quedas, e no

entanto o general a esvaziar-se de si mesmo dobrado sobre o ventre, com uma espumazinha esquisita no nariz, o general com um dos pés descalço de bruços num talude a perder a cabeleira postiça, o bigode postiço, um terço do crânio quando o inspector, não, o indiano, acho que foi o

indiano, se abraçou a ele, a voz preocupada do senhor ministro a arrulhar beijinhos gaiteiros ao espantelho

- Gostas de mim não gostas Isabel? as poupas a depenarem o carvalho, milhares de poupas no céu inteiramente branco a depenarem o carvalho, o campanário da igreja a vir e a ir como um pêndulo, a vir e a ir, a vir e a ir, a mulher sentada no chão afastando-nos com as palmas abertas

- O que é isto o que é isto? um cano de pistola na boca e ela a pular para trás numa desordem de boneco, o meu casaco com farrapos vermelhos, a minha camisa com farrapos verme-

lhos, um farrapo vermelho a escorregar-me do queixo e a

cair como uma lesma, em lugar de esmagá-la encostei-me ao automóvel e principiei a chorar, e o senhor ministro no Cais das Colunas, com o retrato do senhor almirante de um lado e o retrato do professor Salazar do outro, num tonzinho tranquilo, sem deixar de escrever

- E o que fizeram aos cadáveres Tomás? as estufas de tomateiros mais distantes agora, o carvalho sumido numa lomba, as poupas sem fala, os prédios da cidade invisíveis, um bosque de chaparros ao

351

alcance de um grito, as estufas de tomateiros mais distantes agora mas com o reflexo das cobertas de plástico a cegarem-me de tal forma que mal me apercebi de o indiano abrir o porta-bagagens e entregar uma pá aos outros e uma

pá a mim

- Cavem as cobertas de plástico a cegarem-me de tal forma que mal me apercebi do indiano abrir o porta-bagagens, tirar do meio das pás um saco de cal viva e a cal viva dissolver os farrapos vermelhos, devorar uma manga, um cinto, o que se me afigurou um anel, um pedaço de nuca, a carteira da mulher, e embora eu mal me apercebesse, derivado ao reflexo das cobertas de plástico, tapámos a

cova e cobrimo-la com ramos para impedir os cães de se guiarem por uma suspeita de cheiro, o indiano recolheu as pás e o saco de cal viva e passei a viagem de regresso entontecido pelos faróis em sentido contrário, pelos candeeiros da estrada, pelas lâmpadas das aldeias, pelas lanternas dos restaurantes da berma, pelo braço estendido para nós

- Companheiros e no Cais das Colunas o senhor ministro com o retrato do senhor almirante de um lado e o retrato do professor Salazar do outro, num tonzinho tranquilo, sem

deixar de escrever

- Cal viva Tomás? eu queria falar-lhe do carvalho, das estufas de tomateiros, das cobertas de plástico que me cegavam e do campanário da igreja para cá e para lá, queria falar-lhe do farrapo vermelho no meu casaco, na minha camisa, a escorregar-me do queixo, a cair como uma lesma e em lugar de pisá-la encostei-me ao automóvel a chorar, queria falar-lhe do bigode postiço, da cabeleira postiça e do indiano a abrir o porta-bagagens e a entregar-me uma pá, queria falar-lhe do braço estendido para nós no silêncio de aquário

- Companheiros

352

e o senhor ministro a levantar-se, a calar-me com a mão, a contornar a secretária estalando os suspensórios, a dirigir-se à poltrona do espantalho com aquele vestido e aqueles sapatos e aquelas luvas e aquela água de colónia de baú que me recordava a esposa do farmacêutico de Serpa quando eu era criança, o senhor ministro hesitante, inseguro, tímido, a pousar a mão na mão dela, eu em

sentido e o senhor ministro a arrulhar beijinhos na direcção de uma criatura que massajava o tornozelo dorido sem lhe ligar nenhuma, desprezando-o, enfadando-se dele

- Gostas de mim não gostas Isabel? o senhor ministro de cócoras diante da poltrona alheado do general e da mulher de carteira no ombro, alheado dos tiros, do inspector, do indiano, alheado da cal viva alastrando sobre os ossos e dos corpos a pularem para trás numa desordem de bonecos, o senhor ministro a afagar um par de meias puídas, laceradas de malhas

- Gostas de mim não gostas Isabel? o espantalho percebe que não era bonita, não era bem feita, não era vistosa, parecida com uma criada de servir da província a trabalhar ao balcão de uma retrosaria do Chile e que não se chamava Isabel chamava-se Milá ou Mina ou Micá ou outra parvoíce assim, com um

nardo de noiva a que faltavam pétalas a murchar-lhe no colo, o espantalho sem lhe responder a seguir pela janela os barcos do Seixal e o senhor ministro contra o ouvido dela

- Gostas de mim não gostas Isabel? e é escusado aborrecer-me com gravações, rolos de película, dossiers, contar-me isto e aquilo, perguntar-me seja o que for porque ignoro o que está a dizer, sou oficial do Exército na reserva, habito esta moradia económica da Madre de Deus com um canteiro de begónias à frente e um canteiro de begónias atrás, sou um velhote que a

única coisa que pretende é que o deixem tranquilo, que o

deixem definitivamente tranquilo com a sua cadeira, a sua Revista de Artilharia, o seu guarda-sol de praia, os seus

óculos escuros e o seu creme de proteger a testa e o nariz,

353

olhando as alfaces até à hora do jantar a lembrar-se de Serpá, o mais que posso fazer é trazer outra cadeira, outros óculos escuros, outro creme e convidá-lo, desde que guarde o microfone na pasta, a assistir comigo à chegada da noite, já reparou como tudo se torna nítido e claro antes das trevas, o contorno dos telhados, o contorno das janelas, a

vibração de susto de água das cortinas, uma fissura microscópica da parede, uma nodoazita de grelado, já reparou como as vozes e os sons mudam de cor, íntimos, vizinhos, inquietantes, e a gente, querdizer você.e eu, a flutuar sus-

pensos de um arame invisível como os peneireiros e os

milhafres, a gente vogando esquecidos de tudo, principalmente esquecidos de tudo, esquecidos de tudo para sempre, você esquecido do livro e do Salazar e do ministro, e eu, que não lhe disse nada, que você sabe que não lhe disse nada, que por todo o dinheiro do mundo não lhe dizia nada, esquecido não de Serpa, não da minha mulher, não do defunto das chamads celestes mas esquecido de Espanha, eu

que só me interessa esquecer-me de Espanha, só me interessa esquecer uma cabeleira postiça e um bigode postiço, só me interessa esquecer uma manga estendida para nós

- Companheiros e que alguém dissolve logo num saco de cal viva.

354

quinto relato

(Pássaros quase mortais da alma)

RELATO

Quando o meu filho era pequeno costumava levá-lo aos domingos a passear pela quinta. O leme do moinho girava para a direita e para a esquerda à procura do vento e afligia-me o que das minhas feições se prolongava nas dele conforme me aflige o corpo que dizem ser meu mas

que não me pertence porque não sou assim, sentado à janela diante de uma praceta com um balouço e um escorrega

- Chichi senhor doutor chichi não queremos de certeza sujar o pijaminha lavado pois não senhor doutor?

mãos que me levantam, me deitam, me lavam, dão de comer, me entalam um bacio nas pernas, eu a correr de mim para o bacio num tilintar de berlindes, e me beliscam o queixo afastando-se contentes, corredor fora, levando-me consigo no bacio

- Muito bem senhor doutor querido me-

nino quem fez um chichi lindo quem foi?

eu à janela diante de uma praceta com um balouço e um escorrega como os presos de Moçâmedes frente ao mar sem o verem, cinco estrados de tábuas sem tábuas para dez, cinco estrados de tábuas sem tábuas para vinte e eu que os detestava a passear com o director no meio deles, da sarna deles, da tosse deles, a mandá-los ajoelhar para os interrogatórios na cabana de zinco da secretaria, em cima de uma vara com os dedos por baixo, os presos, cestos esburacados como eu aqui, arcas coçadas de pele,

357

gaiolas desfeitas de costelas, viam a areia e o mar através das paredes, não viam o director, não me viam a mim, não viam as varejeiras e as lagartas nas chagas, viam o mar sem

repararem nele como se o mar fosse um balouço e um escorrega

- Caldinho senhor doutor um caldinho de legumes óptimo passado pelo passe-vite uma postazinha de pescada frita sem nenhuma espinha que gastei meia-hora a tirá-las seu camelo uma perazinha cozida esta pelo papá toca a andar esta pela mamã mais depressa esta por mim

raios parta o velho que também mereço esta é pelo palerma do seu filho para o não achar mais magro no dia da visita não vamos assustar o seu filho com um rostozinho chupado das carochas não vamos assustar o seu filho com um rostozinho de múmia vamos ser obedienteinhos senhor doutor engula sacrista do homem que me fecha os dentes engula engoles ou não engoles meu safado?

a paz da areia e do mar de Moçâmedes através das paredes apesar da sarna e dos piolhos e da tosse, apesar dos ratos, eu ajoelhado em cima de uma vara com os

dedos por baixo e na cabana de zinco da secretaria a colher

* magoar-me as gengivas, o garfo a magoar-me as gengivas,

* faça a separar-me os queixais, um condenado tão magro como eu, tão idoso como eu na cadeira ao meu lado, a relva azul, o balouço, o escorrega, os gansos a soprarem-me o esparguete dos pescoços

- Uma aposta que engoles meu sacrista uma aposta que engoles meu safado?

a Titina afugentando os gansos com a vassoura, o caseiro que observava o céu mesmo com nuvens, pensava um bocadinho e acertava na hora, o meu filho com um embrulho de línguas de gato, sem se atrever a beijar-me, que não sabia se eu o escutava ou o não podia escutar, fingindo um sorriso que se eu conseguisse mover o braço lhe atirava um estalo

- Há que tempos que o não via com umas cores assim pai

358

além da parede o cansaço das ondas, o jipe em que eu viera a enferrujar-se ao sol, trapos de palmeiras dançando os seus cretones e o director, preocupado que eu

* demitisse, a furar a barriga dos presos com o pingalim

- É fita deles senhor ministro querem que * gente pense que têm a ainibiana e andam todos de perfeita saúde não há nem um doente na enfermaria da prisão

como se me importasse que os presos morressem ou não morressem, que a enfen-naria, uma tenda de lona com um bote de algodão sujo e uma única cama desarmada a um canto, de rede esburacada a servir de ninho às vespas, se esvaziasse ou enchesse de comunistas com desinteria, quando em Palmela um dos lobos da Alsácia se enrolava a gemer nos canteiros e deixava de comer, atravessado sem forças numa calha da rega, plantava-me em frente do bicho a experimentá-lo com a bota, a picá-lo com um pau, gritava à Titina que me trouxesse a caçadeira e um par de cartuchos da gaveta do escritório, gritava ao tractorista que me abrisse

uma cova junto ao poço, a Titina estremecia uma ou duas vezes, e eu, contente por poupar o dinheiro dos remédios do veterinário, voltava para casa a encostar a espingarda à me-

sinha de cabeceira e a instalar-me no caramanchão observando a quinta novamente em ordem, observando o balouço e o escorrega da praceta e o meu filho de cócoras no chão abraçado aos cães mortos, a querer fugir com eles para os

salvar de mim, a implorar ao tractorista que os não arrastasse pela cauda para a cova do poço, o meu filho com receio que eu, diante da praceta com um balouço e um escorrega, tirasse a pistola do pijama e lha disparasse no umbigo, o meu

filho para quem me vestiam e me lavavam e me barbeavam e me davam de comer e se ia embora contente

- Quem fez um chichi lindo senhor doutor quem foi?

com o que corria de mim para o bacio num tilintar de berlindes

- O meu pai perdeu um bocado de cérebro com o ataque não perdeu o meu pai não compreende nada do que se lhe diz pois não?

359

eu que no primeiro momento em que a minha mulher decidiu ir-se embora, mesmo antes de se fechar no quarto a tirar a roupa das cómodas e a abrir malas e baús, lhe devia ter feito o que fazia aos lobos da Alsácia em lugar de humilhar-me, de consentir que passasse horas a sussurrar ao telefone, que me não respondesse, que não falasse comigo, que me afastasse se tentava tocar-lhe

- Veio-me a menstruação dói-me a cabeça estou cansada larga-me

eu que devia ter gritado à Titina que me

trouxesse a caçadeira e um par de cartuchos da gaveta do escritório, gritado ao tractorista que me abrisse uma cova junto ao poço, e depois a Titina que estremecesse à von-

tade, as rolas que me desaparecessem à vontade que era

da maneira que não me despenteavam os buxos, ou então convocava o major e metia-a num barco direitinha a Moçâmedes, a viagem inteira no porão de joelhos por cima de uma vara e com os dedos por baixo, que devia ter feito à minha mulher o que devia ter feito ao major ao recusar-se a ajudar-me _ Instruções formais do senhor Presidente do Conselho senhor ministro lamento

o major que não lamentava nada a livrar-se de mim pelo telefone Há pessoas que de momento, tal como as coisas estão, não nos podemos dar ao luxo de hostilizar, senhor ministro, apoios que de momento não nos

podemos dar ao luxo de perder, o senhor Presidente do Conselho apela à sua compreensão, senhor ministro, ao seu patriotismo, ao seu bom senso, e eu cheio de patriotismo. e

de bom senso a gritar à Titina que me trouxesse a caçadeira e um saco de cartuchos e a matá-los a todos, a ordenar ao caseiro que os puxasse pelo que restava da cabeça e os

enterrasse junto ao poço de mistura com os cães onde a banha dos cadáveres faz crescer o capim, eu que devia ter procurado o outro no banco e impedi-lo de se rir de mim

com os deputados, os governadores civis, os vereadores carнарários, em vez de a procurar a ela quando o outro a

360

deixou, a minha mulher num andarzito sem elevador, sem cozinheira, sem criadas, uma sala a necessitar de pintura, um retrato numa escrivaninha que se apressou a esconder, a minha mulher de cabelo descuidado, unhas por arranjar, roupão de homem barato com nódoas de margarina nos om-

bro e nos braços, mais magra, sem maquilhagem, sem bâton, fitando-me como os lobos da Alsácia doentes e sem pêlo me fitavam atravessados nas calhas da rega, pedindo-me que lhes apontasse a caçadeira, os matasse e os enterrasse junto ao poço antes do veterinário e dos seus remédios inúteis, um pobre bicho sem dinheiro a apertar o roupão contra o peito

- Não me beijes um pobre bicho envelhecido e sozinho, de pernas cruzadas e braços cruzados como para se defender da caçadeira, se defender de mim, num sofazito de vime, com uma lata de conservas e um frasco de perfume vazio no

paraiteito da janela, um pobre bicho a fitar-me de baixo para cima como os lobos da Alsácia moribundos de boca aberta nos canteiros

- Não me beijes como se eu fosse beijá-la senhores, como se quisesse beijá-la, como se me apetecesse beijar uma

cadela esquelética, exausta, na agonia, sem forças para latir, rastejar, erguer o focinho sequer, como se me apetecesse beijar as formigas e as moscas que lhe passeavam no lombo sem que ela as sacudisse, como se me apetecesse beijar a baba de sangue do focinho, uma lata de conservas e um frasco de perfume vazio no parapeito, os pés descalços, pratos e talheres por limpar no lava-louças, uma criança lançando serpentinas de carnaval na varanda fronteira, como se me apetecesse, imagine, beijar uma cadela usada, uma cadela repugante, se eu tivesse a caçadeira, trazido os cartuchos, gritasse pela Titina para mos ir buscar, e a minha mulher no sofazito de vime

- Não adianta chorar não chores não adi-

anta chorar

361

como se eu chorasse senhores, como se fosse homem de lágrimas, como se a minha vida não melhorasse sem ela, não ter de me preocupar com nada, de voltar para casa à hora do jantar, de dar explicações, de inventar desculpas, chorar, calcule-se, chorar, chorar num apartamento horrível de modista de bairro diante de uma lata de conservas e um frasco de perfume vazio, o tractorista empurrava os lobos da Alsácia com a sola e eles rolavam para o buraco da cova numa moleza de fardos, pegava na pá e eu via-o dos cachos roxos do caramanchão, uma cadela com os aranhões da terra sumindo-se-lhe nos rasgões do peito, nos rasgões do ventre, sentada no sofazito de vime, de pernas cruzadas, de cabelo grisalho, uma cadela velha aguardando que eu fin-riasse o pulso e lhe apontasse a espingarda, um quarto de banho com uma cortininha de plástico, uma prateleira de vidro sem bisnagas e sem lápis, um dentífrico pisado ao acaso, uma escova enfiada num copo como uma pluma de gaio num chapéu tirolês, uma rolha de cabelos no lavatório, uma mala de viagem encostada ao bengaleiro, por que motivo não estás comigo, por que motivo não vens comigo para casa, a Titina muda os lençóis da cama, muda as toalhas, põe o serviço das visitas, deita o pequeno para estarmos à vontade, vai buscar papaias a Setúbal, faz-te bacalhau espiritual, ovos verdes, pastéis de massa tenra, fatias recheadas, precisas de engordar, ir à depilação, cuidar de ti, e que eu cuide de ti, precisas de ir à Baixa comprar roupa mas como se fala a um bicho surdo atravessado numa calha de rega, a uma cadela enferma prestes a desaparecer debaixo da figueira, como se fala com pernas cruzadas e braços cruzados que me repelem, me recusam, se defendem de mim

- Não me beijes

- Quem fez um chichi lindo senhor doutor quem fez?

- Não me beijes Francisco não me beijes

- Caldinho senhor doutor um caldinho de legumes ótimo passado pelo passe-vite uma postazinha

362

de pescada sem nenhuma espinha que gastei meia-hora a

tirá-las seu camelo uma perazinha cozida esta pelo papá toca a andar esta pela mamã mais depressa esta por mim raios parta o velho que também mereço vamos ser obedienteinhos senhor doutor não vamos engula caramba engula sacrista do homem que me fecha os dentes engula engoles ou não engoles meu safado?

- Não adianta chorar Francisco não chores eu estou bem palavra que estou bem não te preocupes não vou voltar contigo não insistas não me digas nada não adianta chorar

nem uma criada, uma cozinheira, uma mulher a dias que te limpe este nojo, te ajude, te cosa a roupa, engome, trate de ti, quem leve o lixo para a rua se não existe porteira neste prédio, quem se ocupa das escadas, se ocupa das plantas da entrada, conserta os elevadores que se ava-

riam, os canos se a água alastra nos tapetes, o autoclismo que não veda, a borracha das torneiras que seca, a tampa da retrete quebrada, quem paga as contas que não consigo conceber-te horas e horas na bicha da electricidade a fumar cigarros, a suspirar, a concordar com os protestos dos outros, a abanar que não a cabeça solidária quando as pessoas da bicha abanam que não a cabeça, quem chama o médico se

precisares de médico, o enfermeiro se precisares de uma

injecção, quem telefona para saber como estás, se preocupa, se interessa, deixa-me passar-te um cheque, mandar-te comida, mandar alguém do ministério pintar-te a casa, mudar-te essa alcatifa péssima, pôr os reposteiros como deve ser, arranjar umas cadeiras austríacas decentes, verificar o frigorífico, verificar o esquentador, entender-te com o senhorio para o obrigar a fazer obras no telhado, acabar com a humidade, soldar o algeroz, mas como se fala a uma lata de conservas e a um frasco de perfume vazio no peitoral da janela, como se fala a um sofazito de vime com pernas cruzadas e

braços estendidos que me repelem, me recusam, me olham com dó

- Tenho tanta pena de ti Francisco

363

a Titina a segurar as lágrimas com as mãos em concha nas pálpebras, o tractorista a puxar-me pelas patas, pela cauda, pelo que sobejava da cabeça, a puxar-me com uma das, mãos, a sacudir as moscas com a outra, e o meu filho

- Não compreende nada do que se lhe diz pois não?

pegando na pá para o ajudar a enterrar-me, o meu corpo a debruçar-se para a cova, a balouçar, a tombar por fim numa moleza de fardo, as empregadas a erguerem-me do chão danadas comigo, a sentarem-me de novo à janela diante da praceta do balouço e do escorrega, amarrando-me à poltrona como se amarra um leitão, os punhos, a barriga, os pés, a limparem-me o cuspo com a manga do pijama

- O diabo do velho não sossega enquanto não partir uma perna

a desinfectarem-me qualquer coisa da testa com uma compressa que se tomou rosada, a cortarem um pedaço de adesivo com uma tesoura (um pedaço de adesivo que se colava aos dedos, se colava a tudo como uma música que a gente sacode para tirar da ideia e não consegue, cheguei a andar um ano inteiro, desesperado, a cantar em voz alta um anúncio de café no Conselho de Ministros, na Assembleia, na União Nacional, nas recepções ao corpo diplomático, na visita do Papa, as pessoas a discursarem sobre política, a guerra em África, as províncias ultramarinas, a crise estudantil, a triste mas indeclinável necessidade da censura, as pessoas a perguntarem-me o que achava e o que não achava, eu a

aproximar-me do microfone, a aclarar a voz, a levar a mão ao peito e a desafinar para uma plateia estupefacta Diga bom dia com Mokambo)

as empregadas a segurarem-me as farripas do cabelo

- Quietinho a aplicarem-me o adesivo na testa com uma palmada vingativa, a apertarem-me com mais força os punhos, a barriga, os pés

364

- Nem que fiques todo roxinho já não sais daí

um quarto ainda mais pequeno que o quarto da minha mulher, mais esconso, mais sujo, a cheirar a excrementos, a xarope de parafina e a comida fria, com a poltrona em que me sentam e a poltrona em que sentavam o meu colega que levou sumiço ontem, gemendo de manhã à noite

- Teresinha as empregadas de compartimento em

compartimento sem poderem dormir

- Teresinha uma ova e que mal ele se calou principiaram a besourar em voz baixa, multiplicaram passos no corredor, multiplicaram-se conferências, o enrolaram na manta e o levaram, duro como um soldadinho de chumbo, um quarto com duas camas, uma cómoda furtada a uma barraca de pedinte repleta de comp*rimidos e de cápsulas fora do prazo, de seringas entupidas, de algílias avariadas, de tubos de irrigador partidos, com uma lâmpada acesa toda a noite a aumentar a noite lá fora, os prédios que se tornavam gigantescos, o balouç o imenso, o escorrega desmedido, o céu cor de papel cinzento sobre a relva azul e dezenas de velhos nos lençóis a correrem de si mesmos para os bacios num tilintar de berlindes e a gemerem um após outro

- Teresinha num despique de galos de quintal em quintal, se aceitares abandonar a tua lata de conservas e o teu frasco de perfume vazio, o sofazito de vime, a cortina de plástico da banheira, o retrato escondido e acompanhar-me a Palmela, não é preciso deixares de gostar dele, de te encontrares com ele, de lhe telefonares, de o ver, fazem-me falta as tuas revistas de decoração na sala, a tua roupa no

armário, os anéis que tiras antes de dormir, os colares pendurados no espelho, trago a tua aliança aqui no bolso olha, põe-a um bocadinho de nada, não fiques com ela se não te apetece, não te obrigo a ficar com ela, nã o te forço, põe-a um bocadinho para eu ver

365

- Não me beijes

- Sacrista do homem que me fecha os

dentes por causa dele perco o autocarro das cinco ai a minha vida a andar para trás não me feche os dentes senhor abra essa boca engula

- Não chores Francisco não chores não adianta chorar

os olmos do largo de Palmela, o major melancólico alargando o desânimo das mãos

-Infelizmente não podemos fazer nada senhor ministro instruções formais do senhor Presidente do Conselho o melindre dos apoios a complexidade da situação interna os compromissos do regime

o major acompanhando-me à porta como se acompanha um viúvo, numa simpatia exagerada, numa amabilidade exagerada, a segurar-me o casaco para me ajudar a deslocar-me como se o desgosto provocasse reumático, se o luto requeresse bengalas, se a solidão me tomasse inválido, o major a abrir-me guarda-ventos num

alvoroço piedoso disfarçando a vontade de se rir de mim que se lhe notava nos olhos

- Garanto que a gente não o perde senhor ministro a gente não se esquece e mal as coisas esfriem um

bocado arranjamos uma forinazinha discreta de resolver o

seu assunto

os inspectores a acenarem o nariz aprovativo, contendo os músculos da cara para não rirem também, a fôrmarem cominhos com os dedos nas minhas costas e eu sem coragem de me voltar para trás e enfrentá-los, a ir-me embora o mais depressa que podia furtando-me às condolências

de chacota do major, eu, cercado de gargalhadas de chufas, a descer aos trambolhões a Rua do Alecrim empurrando pombos no sentido do Tejo, eu no meu quarto em Palinela a gritar pela Titina para que me trouxesse a caçadeira e um par de cartuchos da gaveta, a mirar o cão doente no espelho, um cão de chapéu e cigarrilha e suspensórios de elástico que me seguia a pedir que o matasse,

366

atravessado numa calha de rega coberto de varejeiras e formigas

- Não adianta chorar não chores por favor não chores não adianta chorar

um cão a mirar-me de boca aberta do canteiro incapaz de latir, de me lambe os dedos numa gratidão humilde, de protestar ou de fugir de mim, um cão sem pêlo lacerado de chagas, lacerado de feridas, eu a gritar ao trac-

torista que me abrisse uma cova junto ao poço, a apontar na direcção do espelho, a Titina a estremecer uma ou duas vezes, as laranjeiras a estremecerem uma ou duas vezes, o homem de chapéu e cigarrilha e suspensórios de elástico quer dizer o cão, quer dizer o homem, quer dizer o cão, a estilhaçar-se e a tombar no tapete numa cascata de vidros, encostei a espingarda à mesinha de cabeceira e instalei-me no caramanchão a observar a quinta novamente em ordem, para sempre em ordem sob os protestos dos corvos.

367

COMENTÁRIO

Desde que o senhor ministro desapareceu de Palmela não tenho ninguém para jogar xadrez. Foi a minha prima que mo apresentou, um velhote a sacudir a cinza da cigarrilha que lhe manchava a gravata, soprando-a para cima de nós num remoinho de desculpas

- Perdão perdão a minha prima toda rendas, lantejoulas, sapatinhos de verniz, laca de cabeleireiro, a limpar-lhe a

camisa numa pressa entemecida

- Amorzinho a enredá-lo em atenções de aranha entalando-lhe almofadas nas costas para o aprisionar, encaixando-o numa cadeira de braços para o impedir de fugir, pairando sobre ele num desvelo de morcego a verem-se-lhe os dentes e a sombra adunca na parede, com os sinos das pulseiras a dobrarem a finados

- Amorzinho enchendo-lhe o prato de batatas e de molho em cuidados criminosos de engorda e o velhote, numa inocência de boi de açougue, a caminhar para a morte sob as pestanas do gato de gesso e a gula dos apóstolos da última Ceia em relevo, alinhados de fome ao comprido de uma

mesa vazia, preparando-se para disputar os restos num despudor de hienas, eu apiedado do senhor ministro de joelhos esmagados pelas nádegas apaixonadas da noiva, de bochechas beliscadas pelas suas pinças de louva-a-deus

369

Amorzinho o velhote coitado lilás de falta de ar com os brincos de sevilhana, todos chispas e brilhos, ameaçando cegá-lo e a minha esposa a jogar-se para o meio deles apartando-os

- Não tarda nada o homenzinho pifa o senhor ministro que habitava uma quinta na banda da serra onde é agora um aldeamento dos ingle-

ses e o picadeiro e o golfe e os campos de ténis, a quinta onde passava as tardes a beber jeropiga, de caçadeira no

sovaco, entre criadas e cães, o velhote que fora ministro na época do professor Salazar e que depois do professor Salazar não se conformava de o não escolherem para dirigir o

país, de o senhor almirante não o ter chamado para lhe pedir

- Governe-me este esterco doutor para lhe pedir
- Endireite-me esta cambada doutor o velhote desocupado e inofensivo a cons-

pirar na estufa com velhotes tão desocupados e inofensivos quanto ele, distribuindo comendas, secretarias, câmaras e direcções-gerais a um bando de criaturas decrepitas, a apontar a espingarda despeitada aos anjos de pedra numa zanga de traição, o senhor ministro desocupado e inofensivo a despedir no alto das escadas os senhores ministros desocupados e inofensivos com o ceptro do indicador

- Rua desiludido com o seu exército de inúteis remando passo a passo nas bengalas pela vereda abaixo cobertos de folhas de orquídea e dejectos de rola, o velhote a queixar-se na vivenda da minha prima da ingratidão do mundo tomando por testemunhas os anõezitos de louça do canteiro, de picaretas quebradas e barretes quebrados, o ve-

lhote garantindo que ia ao Cais das Colunas exigir do senhor almirante o que o senhor almirante lhe roubara, isto é uma nação inteira e a África e a Índia e uma península qualquer com uma porção de chineses e a minha prima a achar um

370

escândalo o namorado não governar este esterco, não endireitar esta cambada, a consolá-lo num sufoco de carícias

- Amorzinho

a minha prima que para mim, ninguém me

tira do miolo, assassinou o marido farmacêutico a golpes de ternura, mal o infeliz chegava das pastilhas, desprevenido, envolto num cheiro curativo de borato de sódio que só de a gente estar ao Pé fazia a digestão melhor e desentupia os brônquios, assim que o infeliz metia a chave à porta a esposa, oculta atrás do frigorífico faiscando ouros traiçoeiros, despenhava-se-lhe no peito numa avalanche de abraços

- Amorzinho e o farmacêutico soterrado sobre pazadas e

pazadas de colares, pingentes, escravas, enchumaços, en-

feites, anéis, o farmacêutico no tapete a borbulhar

- Socorro o farmacêutico, com sina de núneiro, soterrado num dia pelo aluvião da mulher, na noite desse dia por uma pirâmide de crisântemos na igreja de Palmela, e na

manhã seguinte por um rectângulo de mármore com o nome

e uma cruz, o farmacêutico condenado para sempre a uma

existência subterrânea que a minha prima, munida de crisântemos suplementares, vinha vigiar de mês a mês ao cemitério, pelo sim pelo não, disposta a impedi-lo de regressar à superfície com um novo temporal de abraços

- Amorzinho a minha prima que ao cabo de cinco anos, quando já era improvável que o farmacêutico viesse protestar cá cima, o transferiu da lousa, a que aumentara o

peso com Virgens e jarras, para um gavetão aferrolhado entre gavetões aferrolhados como nos cofres de banco, e liberta da eventualidade de ressurreições nefastas ou de uma cabecinha

maçadora a erguer-se um tudo nada da erva e a sorrir-lhe da raiz dos choupos, trocou os crepes do luto por uma exuberância de decotes, saias travadas, cetins ver-

melhos, amuletos e plumas, comprou o gato para o centro da mesa, os anõezitos para o canteiro da vivenda, exilou

371

os retratos do farmacêutico para um fundo de armário e substituiu-os por fotografias do senhor ministro, de casaca, cartola e medalhas ao peito, no tempo do professor Salazar em que punha e dispunha nas juntas de freguesia, nos sana~

tórios, nos clubes recreativos, na polícia, o senhor ministro que a minha prima desencantou sei lá onde ou se calhar foi o senhor ministro que a desencantou a ela sei lá onde também, o velhote então mais gordo, de pálpebra adormecida, de resmungo desdenhoso, que a recebia no terraço da quinta diante do bosque de faias e da surpresa dos corvos, a minha prima a vibrar rendas numa exaltação de peru

- Amorzinho e o velhote para mim, a franzir-se para o tabuleiro de xadrez e a avançar um peão ao acaso

- É a tua vez de jogar ou é a minha? o velhote, sem esperar pela resposta, a retirar a minha dama do tabuleiro apesar de eu não mover qualquer peça e a anunciar num risinho apiedado

- Perdeste quando lhe faltavam cavalos, torres, bispos, quando eu o tinha cercado e lhe ganhava, me bastava qualquer movimento de nada de um peãozinho qualquer para vencer a partida, o velhote magnânimo (e a minha prima vaidosa dele a cintilar pechisbeques _ Amorzinho)

a recolocar as pedras, jogando duas ao

mesmo tempo sem que eu me atrevesse a protestar

- Dou-te a desforra Martins o senhor ministro magoado pela desconsideração do senhor almirante que o não chamou a pedir-lhe

- Governe-me este esterco doutor que o não chamou ao palácio a agarrar-lhe a lapela, a afastá-lo dos outros, a deslizar tropezinhos conspiratórios no soalho encerado, a encafuar-se num vão aconselhando silêncio, a olhar por cautela à direita e à esquerda tapando a dentadura com a mão

- Endireite-me esta cambada doutor

372

uma corja de indecisos sem energia para ganhar a guerra em África a meia dúzia de- pretos que nem falar sabiam, uma corja de indecisos sem coragem para enxotar os comunistas cadeia adentro com um par de estalos bem dados, Caxias às moscas, Peniche às moscas, o Tarrafal às moscas, São Nicolau às moscas, uma tristeza sem quase ninguém a emagrecer de fome, sem quase ninguém, calcule-se o aniadorismo, a morrer, o senhor almirante para o

velhote, alarmado

- Gove-me este esterco doutor alarmado com a censura quietinha, a Guarda Republicana que não chibateava sindicatos, os informadores mudos, a polícia política no ripanço, entretida na bisca em vez de justificar o ordenado torturando um bocadinho o pessoal, arreliando-o por desfastio com umas estátuas, umas noites sem dormir, uns choquezinhos eléctricos, os jornais a levantarem cabelo sem pudor nenhum, a opo~ sição, convencida. que isto era a pouca vergonha da Inglaterra e da Suécia, a ter ideias, a dar palpites, a deseducar o povo, uns operariozecos de meia tigela a distribuírem folhetos jurando que não recebiam ordenado e que passavam fome, por

amor de Deus, como se passar fome e viver ao monte em quartos alugados, numa confusão de filhos e de trastes, sem água canalizada nem janelas, não fosse de facto aquilo que os operários desejavam, o senhor almirante para o velhote, angustiado com o país a escorregar para a ruína moral

- Endireite-me esta cambada doutor o senhor almirante que não só não o man-

dou chamar como nem sequer lhe respondia, por um secre-

tário, um conselheiro, um ajudante de campo, a empregada da limpeza, caramba, aos telefonemas, aos memorandos, às cartas, o senhor almirante que lhe não pedia aflitíssimo, a tapar a dentadura postiça com a mão

- Governe-me este esterco doutor e a minha prima solidária com o senhor ministro a esvoaçar rubis, a esvoaçar as lamês, adejando-lhe em torno num pizicato de beijos

373

- Amorzinho o velhote de caçadeira no sovaco a arras-

tar-me pelo casaco, a mim que segurava o rei branco -re o indicador e o polegar na tentativa de escapar às cinco ou

seis pedras que ele deslocava, sem esperar que eu jogasse, mal a minha prima se afastava para tomar fôlego e o atacar de novo com as suas toneladas de rendas e gargantilhas, o

velhote a levar-me para os autocarros do largo de Palmela, designando-me um lugar ao seu lado no banco, apertado por cestos e aventais de província

- Senta-te aqui Martins a mostrar-me a caçadeira e os desenhos da coronha

- Vais ver Martins e nisto os arcos do Cais das Colunas, a rampa que descia para a água, a pestilência de doença incurável da vazante, o velhote à procura de cartuchos na

algibeira diante dos ministérios adormecidos numa indiferença de pedra _ Em menos de um fósforo rebento com estes traidores todos Martins

apeámo-nos da camioneta num torvelinho de caixas de cartão, sacos, malas, gaiolas de frangos e

coelhos, no meio dos automóveis oficiais e dos polícias e dos saxofones dos mendigos e das arquivistas e dos escriturários transportando dossiers para um lado e para o outro e dos painéis de cortiça com avisos, ordens, listas de presos, proibições, conselhos, e o senhor ministro esticando os suspensórios para um corredor com uma passadeira vermelha

- Em menos de um fósforo rebento com estes traidores Martins

uma última espiral de pombos entre Santa Apolónia e os cargueiros antes de um túnel de escadas, o tricotar de máquinas de escrever, campainhas de telefone, um protesto de gavetas de ficheiro, um guarda fardado a

parar o velhote com a mão estendida no desdém de quem pára um mendigo

374

- Onde julgas que vais? o velhote pasmado a largar os suspensórios de elástico, a deixar cair a cigarrilha da boca e eu de cócoras a apanhar-lhe a cigarrilha que rolava no chão, eu de gatas até à rua esbarrando em sapatos, peúgas, tornozelos, polainas militares, pernas assustadas que pulavam, trambolhando atrás da cigarrilha, o guarda fardado a empurrar o senhor ministro com o joelho

- Pira-te e o senhor ministro de degrau em degrau como a cigarrilha no sentido da rua, de chapéu na cabeça à altura dos sapatos, das peúgas, dos tornozelos, das polainas militares, das pernas assustadas que pulavam, por cima de nós uma última espiral de pombos entre Santa Apolónia e

os cargueiros e o senhor ministro de barriga na calçada, a

apoiar-se na caçadeira como numa bengala, a sacudir o lixo das calças, a aceitar a cigarrilha que eu lhe estendia, ainda acesa apesar de quebrada, apontando a cinza aos pombos numa dignidade de chaminé, a entalá-la de um só golpe no queixo como um prego, a encaixar a espingarda no sovaco, a corrigir a aba do chapéu, a corrigir a gravata, a caminhar para a camioneta apertado por cestos e aventais de província, sentado no mesmo banco que eu a fumar contra o vidro da janela em que se sucediam carroças e bicicletas e cabras e riachos e restaurantes desmantelados e passagens de nível com ampolas a piscarem e raparigas estendendo bandeirolas às carruagens sem rodas nem portas que se decompunham na erva, o senhor ministro para mim à chegada a

Palmela, na voz com que no tempo do professor Salazar mandava nos sanatórios, nos bilhetes de identidade, nos retomados e nas cadeias, a retirar a minha dama apesar de eu não mover qualquer peça e a anunciar-me num risinho apiedado

- Perdeste anoitecido pelas folhas dos ciprestes, anoitecido pelas asas das gralhas.

375

RELATO

Meu Deus como tudo é claro agora. Não estou na quinta e todavia vejo a quinta, não estou em casa e todavia vejo a casa, não estou contigo e todavia vejo-te, de costas para mim, sentada ao espelho do quarto a inclinar a cabeça para tirar os brincos, a escovar o cabelo com a mão direita deste lado e a mão esquerda no reflexo, vejo-te sor-

rir-me no vidro e atrás do teu sorriso (meu Deus como tudo é claro agora)

outros sorrisos que julgava perdidos, outras casas, outras mãos, outras vozes, atrás do teu sorriso um pombo morto no pátio, um domingo de chuva, eu no quintal e a minha mãe a mandar-me para a mesa

- Francisco as luzes da sala de jantar pequeninas nos

copos e no jarro, o guardanapo que me amarram ao pescoço

- Não faças porcarias não entornes a sopa o meu pai a rolar bolinhas de pão que se

tomam cinzentas e a levantar-se para dar corda aos relógios de parede com a chavinha do colete, a presa, sem que nenhum de nós lhe tocasse, a aproximar-se da janela do terceiro andar, a dizer

- Boa tarde a dizer-me

- Boa tarde

numa voz tranquila desprovida de medo, desprovida de rancor, a inclinar-se sobre o peitoril e a

377

esmagar-se na rua, Meu Deus como tudo é claro agora: o teu cabelo, o teu sorriso, o teu cheiro, a sombra no interior dos olhos que era a única ruga que tinhas, a presa que dois agentes pegaram pelos braços e pelas pernas, trouxeram para um gabinete no átrio, e o médico, com sangue dela no

fato, a palpar o crânio mole e as vértebras quebradas

- Chamem a ambulância para a levar ao hospital

o gabinete do oficial de serviço com uma

secretária, uma cadeira e uma mesa de armar a um canto, o inspector, de telefone na mão, a pedir-me licença com o queixo, o médico a rodar a nuca da presa, a experimentar-lhe as pupilas com uma lanterninha

- Chamem a ambulância depressa

e eu

(meu Deus como tudo é claro agora, tu de frente para mim deste lado e de costas para mim no reflexo, estendo-me devagarinho a escova do cabelo como se a escova fosses tu, uma escova de cabo de bronze trabalhado que se prolongava o sorriso)

e eu a aceitar a escova, a colocar os dedos sobre os teus dedos e a responder ao inspector com o

queixo também

- Não chamam nada dedos sobre dedos sobre dedos, o teu relógio de pulso na mesinha de cabeceira, o meu relógio de pulso e o meu alfinete de gravata na mesinha de cabeceira, um pedaço de peito no intervalo dos botões da camisa, o

teu cheiro a escapar-se para correr a cortina

-Não me apetece que os vizinhos nos vejam

o teu cheiro a correr a cortina e a girar para mim que tirava o colete, que tirava os sapatos, em passinhos de dança, o teu cheiro, dançando sempre, a

empurrar os almofadões e a coberta para o chão, a separar os lençóis, o inspector pousando o telefone e o médico que apagava a lanterna com o sangue da presa nas calças

378

- Não chamam nada? o teu cheiro a espreguiçar-se no colchão fingindo que dormia, as pálpebras descidas a tremerem, e a barriga, e as nádegas, e os joelhos separados, a minha mãe a mandar-me para a mesa

- Francisco

o meu pai a rolar bolinhas de pão que se tomam cinzentas, o médico para mim, a guardar a lanterna, o médico para o inspector, para mim outra vez, a certificar-se que a presa respirava

- Não chamam nada? um contínuo à paisana, com um balde e um esfregão, enxotou as pessoas na rua

-Preferem entrar ou têm mais que fazer? desimpediu e lavou a calçada de tal forma que nem os pombos notavam o rastro da presa, um frag-mento de roupa, um atacador, um gancho, a não ser por uma nódoa de água que se evaporava entre as pedras, uma nódoa insignificante que dali a nada cessaria de existir, eu a rodear a cintura do médico com o braço

- Para quê arranjar complicações inúteis nos hospitais se a criatura morreu mal tocou na calçada?

o teu cheiro a espreguiçar-se no colchão,

e a barriga, e as nádegas, e os joelhos separados, um segundo tu no espelho a espreguiçar-se numa direcção diferente para um segundo eu, movendo a barriga e as nádegas e de joelhos separados, o primeiro eu, despido, a fitar o segundo eu igualmente despido e a dirigirem-se cada qual para o seu corpo que sorria, num quarto que era o meu só que feito de metades não coincidentes mas simétricas e com horas diversas, meia-noite e vinte aqui e vinte para a uma ali, o médico a acender a lâmpazinha. e a tomar o pulso da presa, receoso de mim, agitando-se num soprozinho de medo

- A criatura não morreu senhor ministro

e

(meu Deus como tudo é claro agora)

379

e o primeiro eu deitado a espiar o segundo eu deitado enquanto os dois tus os fitavam costas com costas, o inspector, a empurrar o médico, como quem pesquisa, ou afaga, ou palpa, ou aperta a cartilagem da garganta da presa, na careta de esforço que se usa ao desrolhar garrafas, os agentes de nariz no ar, distraídos, o contínuo a arrumar o balde e o esfregão no armário, eu interessado numa falha curiosíssima do tecto idêntica à linha azul do Guadiana nos mapas, o médico transparente de desmaio a

puxar o lenço em gestozinhos tortos, tão transparente de desmaio que se percebiam as contracções das veias sob a pele e os tendões e os músculos, a palma da presa a enco-

lher-se e a distender-se, as feições da presa em paz, a careta do inspector transformada numa inocência beatífica, e eu a descer da falha do tecto para o médico

- É ou não verdade que a criatura morreu mal tocou na calçada senhor doutor?

ambos os eus a tentarem sem conseguir, a pedalarem sem sucesso no lençol apesar do vosso empenho, da vossa ajuda, dos beijos, das mãos, das ancas côncavas para nos receberem, ambos os eus a esperarem, a acenderem uma cigarrilha, a tentarem de novo e era como bater a uma porta no trinco, procurar um intervalo onde não existia intervalo (meu Deus como tudo é claro agora)

eram vocês a mirarem-nos interrogativas, a perguntarem-nos, com os eus a consultarem-se um ao outro, de triângulos de céu nos reposteiros, dois céus sem

casas nem nuvens, dois túneis ocos vazios, com as horas dos relógios a afirmarem não sei o quê, imperativas e contraditórias

- Aconteceu alguma coisa Francisco?

- Estás cansado Francisco?

- Não te apetece Francisco? a presa na cama do oficial de serviço com uma mancha escura coagulada no ouvido, uma mancha escura coagulada no cantinho da boca, os caracóis espa-

380

lhados na almofada, caracóis agora de estopa, agora de manequim, agora de boneca, com vergoes roxos a seguir a mandíbula, um anelzinho barato que eu não era capaz de me desviar dele, um dos pés mais curto como o pé de uma aleijada, um anelzinho barato em fonna de aliança que nem de prata era, já gasto, usado, prestes a romper-se, enegrecido pelo tempo e pelo contacto da pele, a presa com uma camisola cinzenta vulgar e uma saia cinzenta vulgar, de lóbulos furados por uma agulha em criança, a avó ou a mãe a segurarem-na lá na província, ela a chorar

Quieta (- Aconteceu alguma coisa Francisco?) a soluçar que não, a protestar que não, a

gritar-lhes que não, dou-lhes o que quiserem mas não me façam mal, não me façam doer, não me furem as orelhas, larguem-me, uma camisola e uma saia cinzentas vulgares, não de camponesa, de empregada de escritório, de enfermeira, de professora primária, as unhas tratadas, as sobancelhas tratadas, sem defeitos nos dentes, sem pêlos, sem calos, o inspector a filar o sovaco do médico e o médico a concordar comigo num murmúrio difícil

- Morreu assim que tocou na calçada se-

nhor ministro é evidente que morreu assim que tocou na calçada

o médico esquecido da lâmpada acesa no

bolso do casaco, com a claridade da ampola a atravessar a

fazenda num pontinho esverdeado, o inspector a apagar-lha numa palmada divertida, a aperfeiçoar-lhe o colarinho num cuidado de esposa, a pinçar-lhe o queixo entre o indicador

e o polegar

- Se eu fosse uma rapariga jeitosa palavra de honra que me apaixonava pelo nosso médico
senhor ministro

1

e o outro sem alma para retirar, o queixo, para se desembaraçar dele, o médico que trabalhava na sede da polícia há quatro ou cinco anos, animando a injeções de coramina os que desistiam nos interrogatórios, medindo

381

a tensão arterial, a ocultar-se atrás da manga, de óculos escuros aos da estátua ou do sono, calculando a voltagem dos choques, estimulando as denúncias com uma broca de dentista, ajudando às confissões com purgantes e clisteres endireitando ossos, sarando equimoses e cosendo feridas para as sessões no tribunal, com advogados falaciosos a

mencionarem os pensos e os juízes, naturalmente, porque não tinha a ver com o processo, a advertirem-nos por desrespeito e a aconselharem-nos em privado que os assustássemos um bocadinho na primeira ocasião, o médico a suportar o inspector, a rir-se com o inspector, a agradecer o elogio ao inspector, com bagas do tamanho de ervilhas de vidro, e eu

em lugar de despachar o assunto e ir-me embora (meu Deus como tudo é claro agora)

a avançar a mão para o anelzinho barato da presa, um anel em forma de aliança que nem de prata era, já gasto, usado, prestes a romper-se, enegrecido pelo tempo e pelo contacto da pele, um anelzinho que pondo os

óculos se descobriam umas estrias, uns desenhos, uma serpente, um lagarto, marcas a imitarem sinais egípcios, um

anelzinho comprado por uma pechincha numas férias no norte de África com o namorado, após poupar dinheiro um

ou dois anos para o avião, para o hotel, para esses potes de cobre que ao fim de um mês soltam o cobre e fica a lata, para esses tapetes que ao fim de um mês mostram a corda apodrecida e se deitam fora, uma semana na Argélia ou na Argélia ou em Marrocos a comer almôndegas à mão, a

comer bolachas gordurentas e a ser escandalosamente feliz, os caracóis pretos sob um chapéu de palha, um colar de cabedal, um vestido comprido de mau gosto e eu

(- Aconteceu alguma coisa Francisco?)

eu com inveja dela, não, inveja não, com

vontade de passear de mão dada com ela, pode escrever isso mesmo, não me envergonho, envergonhei-me tanto tempo que não me envergonho mais, pode escrever eu com

vontade de passear de mão dada com ela por travessas sujíssimas atolhadas de aldrabões sujíssimos impingindo

382

lixo sujíssimo, e nós encantados ajuntarmos trocos, a prescindirmos do almoço e da excursão a Tânger, a somarmos tostões em aritméticas complicadas para trazermos o lixo, enfeitarmos as três assoalhadas em Pedrouç os de quadrados de lã e de cestos de verga que se comprem iguais e menos

horríveis em qualquer feira, em qualquer estação de metropolitano, eu a meter-lhe o anelzinho barato no dedo e no inverno seguinte a cessar de telefonar a pouco e pouco, de ir ao cinema, a desertar os jantares de sábado, na cervejaria de Alcântara com desculpas cretinas

- Acho que apanhei gripe e é melhor não vires que te pego

-Tenho de ir aos meus pais a Santarém que chatice

- Arranjei uma escrita por fora que me dá um trabalhão que nem sonhas

a evitá-la, a fugir-lhe, a não responder às cartas, aos recados dos amigos, a convites para ceias de anos na Cruz Quebrada, com um primo que tocava viola entre gaivotas e esgotos, a informar os colegas do emprego

- Não estou

eu

(meu Deus como tudo é claro agora) eu a voltar para casa de guarda-chuva aberto e a encontrar os caracóis pretos e o anelzinho barato à minha espera no. vestibulo, pingando até aos ossos, pingando de tal forma que não se percebiam as lágrimas, que não se perceberiam nunca as lágrimas, o anelzinho barato, de cabelo escorrido, a prender o lábio com os dentes, a apertar as mãos uma na outra, a tirar do pano grosso da carteira um maço de cigarros encharcado e uma caixa de fósforos que não acendiam, o anelzinho a abanar a cabeça, a girar nos calcanhares, a ir-se embora sem uma palavra, a

sair para a chuva sem se curvar sequer, sem pressa, sem uma corrida, a canílnho da paragem do autocarro, e ao

abrir a porta lá estavam o tapete e os potes descascados, lá estava uma fotografia sua na estante, na Tunísia ou na

383

Argélia ou em Marrocos, eu à volta daquilo tudo numa

arqueologia melancólica, eu para o inspector

- O senhor doutor que assine a certidão de óbito Casaca

o médico obediente, no pânico de que o suicidássemos, a escrever enfarte de miocárdio ou cancro do cérebro ou embolia pulmonar aplaudido pelo sarcasmo dos agentes, pelos encontrões do contínuo

- Se você fosse uma moça tinha-me à perna noite e dia

e é óbvio que não houve autópsia, que o caixão foi entregue à família já chumbado, que vigiámos o velório e o enterro, que destacámos pessoal para impedir que o abrissem, que levei o anel para o ministério e o escondi na caixa das cigarrilhas sobre a minha mesa, um anelzinho barato que aposto que tomaram por outra coisa qualquer, sei lá, uma argola de pombo, uma prenda do bolo-rei, uma tolice infantil, que aposto que deitaram fora como deitaram fora os meus papéis, as minhas canetas, os meus apontamentos, os meus livros, e o primeiro e o segundo eu

(Meu Deus como tudo é claro agora)

movendo a boca ao mesmo tempo, articulando as sílabas ao mesmo tempo e a desculparem-se com uma única voz para o tu desta cama e para o tu daquela, dois tus idênticos em duas camas idênticas, a observarem-me com idêntica surpresa _Não sei o que me sucedeu não sei o que se passa comigo não te zangues desculpa

ambos os eus de umbigo para cima, derrotados na almofada, o segundo tu a sumir-se do espelho e a abandonar-me, o primeiro tu na casa de banho, um barulho de objectos, um barulho de gavetas, a água a correr com tanto ímpeto que me impedia de escutar o som do corpo na calçada e o aparo do médico na certidão de óbito, os eus sozinhos fitando-se, continuando a fitar-se quando regressaste de gabardine à moldura de vidro e desapareceste dela rodando a maçaneta da porta

384

- Chego tarde e

(meu Deus como tudo é claro agora) e acho que foi então, um momento, peço desculpa, corrija, estou certo que foi então que comecei a

perder-te, que começámos a perder-nos, a passar os serões não no sofá mas nas poltronas a fim de não correr o risco de tocar-nos, da tua perna roçar na minha perna, do meu

braço roçar no teu braço, com um caderno do jornal para ti e um caderno do jornal para mim, cada um de nós na esperança que o seu caderno trouxesse os problemas de bridge

e as palavras cruzadas, cada um de nós a tomar o seu comprimido para dormir com o seu copo de água, a abrir a boca num exagero de teatro e a fingir ter mais sono do que o

sono que tinha e acho que foi então, primeira forma, estou certo que foi então que conheceste o homem, lhe aceiteste os elogios, as flores, as insistências, os cartões, os encontros, que desataste a regressar à quinta muito depois de mim com desculpas absurdas, demasiado trânsito quando não havia trânsito nenh^a uma avaria no carro acabado de voltar da revisão, a depressão de uma amiga de colégio em

que nunca ouvi falar que recusava ir ao psiquiatra sem ti e contudo não te lembravas do nome do psiquiatra, a morada do consultório alterava-se de cinco em cinco segundos

- Estranho uma ova é perfeitamente nor-

mal co@heces de ginjeira a minha falta de memória para ruas

estou certo que foi então o início dos telefonemas, os cochichos no bocal, os risinhos, os suspiros, as

frases em código que mesmo as criadas decifravam logo, os

- Eu também

os

- Pois

os

Juro que sim os
- Tu conheces a resposta

385

a voz açucarada, os requebros, os segredos, eu a tentar ler o jornal e a ouvir-te, a concentrar-me nas palavras cruzadas e a ouvir-te, a ouvir-te tanto mais quanto mais baixo falavas e a compreender tanto melhor quanto menos dizias, a reconstruir planos, sentimentos, promessas, e nem o tu daqui e nem o tu do espelho fecha-

vam o reposteiro, olhavam para mim e se espreguiçavam no colchão, deixaste de ter barriga, nádegas, pernas, eras um vulto despenteado, uma silhueta flutuante que passava numa indiferença de cansaço, à saída do ministério em vez

de resmungar para o motorista que me levasse à quinta e

não te encontrar na sala, na estufa, de dar com roupa desprezada no chão, de tropeçar no embaraço e desconforto da Titina subia a Avenida para a sede da polícia e o major à entrada do gabinete admirado

- Por aqui senhor ministro? o major que me abria a correspondência, me

gravava os telefonemas e as conversas, me seguia os amigos, possuía informadores a meu respeito em Palmela, se calhar o jardineiro, o santinho do veterinário, o chofer que não despedi para que ele não soubesse que eu sabia, me fotografava nos

restaurantes, junto à casa de uma pequena minha protegida em Campo de Ourique, de uma pequena minha protegida na

Praça do Chile, o major indignado com as minhas suspeitas, coitadinho, magoado comigo

- Por favor não me ofenda senhor núnistro a guiar-me pelos corredores e a apontar ficheiros e ficheiros numa resignação entristecida

- Se necessita de provas para acreditar senhor ministro bisbilhote à vontade que eu chamo o responsável do serviço e ele ajuda-o neste cafarnaum

o major (meu Deus como tudo é claro agora) com o país em dossiers nos seus arinários metálicos, não só os comunistas, os estrangeiros, os inimigos da Nação mas a gente, compreende a gente, até o

professor Salazar, até o senhor almirante, até o cardeal, a

386

gente, nós, a gente e as pedras da vesícula da gente, a sinusite da gente, as cáries da gente, o major magoado comigo, numa resignação entristecida

- Bisbilhote à vontade que eu chamo o

responsável do serviço e ele ajuda-o neste cafarnaum se-

nhor ministro

em vez de resmungar ao motorista que me

levasse à quinta subia a Avenida para a sede da polícia, com o major atrás de mim, intrigado, multiplicando-se em

sinalefas para a esquerda e para a direita, o major pardo de testa parda, boca parda, óculos pardos

- O que se passa senhor ministro o que se passa senhor ministro o que se passa senhor ministro?

subia a Avenida para a sede da polícia, galgava andares à procura, entrava nas salas dos inter-rogatórios, nos calabouços, nas secretarias, na descodificação, na antropometria, no restaurante, no bar, na passagem secreta para a Rua Ivens, escancarava armários, remexia gavetas, espiolhava bengaleiros, afastava as intraladoras e nada, o major atrás de mim, intrigado, os inspectores atrás de mim, intrigados, os chefes de brigada admiradíssimos, o médico de broca suspensa nas gengivas de um preso, tu a espreguiçares-te num hotel em Sesimbra, a sorris num hotel em Sesimbra, tu nua num hotel em Sesimbra, num quarto de metades simétricas, uma dextra e uma canhota, e todavia não era a ti nem era o ti do espelho que eu procurava então, era um

anelzinho barato em forma de aliança comprado na Tunísia

ou na Argélia ou em Marrocos, um anelzinho barato já gasto, usado, prestes a romper-se, enegrecido pelo tempo e pelo contacto da pele, que metendo os óculos se descobriam estrias, desenhos, uma serpente, um lagarto, marcas a imitar sinais egípcios, stop, espere, enganei-me, corrija, vamos

começar do princípio, ser sinceros, nesta altura

- Chichi senhor doutor chichi quem fez um chichi lindo quem foi?

não faz diferença ser sincero, não custa nada ser sincero, escreva que não era o anel era uma

387

camisola e uma saia cinzentas vulgares, caracóis pretos a

escorrerem da chuva, um lábio mordido pelos dentes, mãos apertadas, uma carteira de pano grosso e um maço de cigarros encharcado, era, na escada do prédio, uma caixa de fósforos que não acendiam, deixavam traços vermelhos na

lixa, riscavam a lixa e se quebravam, era a presa a abanar a cabeça, a girar nos calc anhares e a ir-se embora sem uma palavra, o médico engolindo como quem se engole a si mesmo, de lâmpada acesa no bolso do casaco concordando comigo num murmúrio difícil

- Morreu assim que tocou na calçada se-

nhor ministro é evidente que morreu assim que tocou na calçada

a presa a sair para a chuva sem se curvar sequer, sem pressa, sem uma corrida, a caminho da paragem do autocarro, e no apartamento de Pedrouços lá estavam o tapete e os potes descascados, uma fotografia de óculos escuros na estante, eu à volta daquilo tudo numa

arqueologia melancólica, hesitando, a pensar

- Ainda a apanho de cabeça à roda, aflito, inquieto, tonto, saio não saio, saio não saio, a aproximar-me da fechadura,

* desistir, a aproximar-me de novo, a pegar na chave, a tirar

* mão da chave, a sentar-me numa cadeira enquanto um comboio deslizava de Lisboa a Cascais, entre paredes e

árvores, ao comprido do Tejo, num rosário de quadrados amarelos cuja trepidação se comunicava ao soalho e aos meus ossos, eu a tomar à sala dos interrogatórios com dois agentes a uma mesa e um homem de pé a oscilar para trás e para a frente cheirando a insônia e a vomitado, eu a pensar, imóvel

- Se calhar perdeu o autocarro se calhar está na paragem à espera

a pensar, imóvel, incapaz de mexer-me

-Desço à rua num instante e peço-lhe desculpa peço-lhe que venha e ela vem mesmo se a desculpa for estúpida ela aceita-me e vem

388

ela com o meu roupão a secar o cabelo molhado na toalha, descalça, com aqueles joanetes e aqueles dedos demasiados separados que infelizmente detesto, por que diabo sou tão, sensível a pés, a pormenores sem importância, uma variz em que mal se repara, uma ilha de vitiligo no ombro, uma cicatriz de apendicite, por que diabo invento pretextos infantis, completamente idiotas, para re-

cusar as pessoas, o modo de mover a boca ao falar, de pegar nos talheres, de assoar-se, pretextos transformados logo em defeitos enormes que me tomam incapaz de tocar, de conviver, de fazer amor, furioso con-ú go por ficar sozinho, a

ter pena de mim e a sentir-me bem por ter pena de mim como

se ter pena de mim me consolasse, pretextos tão intensos que até a pele fica repugnante, o som da voz, os gestos, tudo me enerva, me impacienta, me aborrece, como pude sentir-me atraído, imaginar-me apaixonado, fascinar-me achar graça a um anelzinho barato comprado aos pedintes do metroplitano que nem de prata era, como consegui comover-me com uma camisola e uma saia cinzentas vulgares, encantar-me com os caracóis pretos de uma fulana qualquer, das que existem aos pontapés em cada esquina da cidade, basta entrar numa pastelaria, numa repartição, num cabeleireiro de bairro, basta ver nas bichas do eléctrico às seis da tarde, por que raio me pareceu bonito um tapete no fio, os potes descascados que nem os ciganos mais ran-

hosos aceitavam de borla, eu, feito parvo, a visitar todas as tardes a sede da polícia em lugar de resmungar ao

motorista que me levasse à quinta onde talvez me

esperasse na sala com uma revista, o cesto do tricot, uma paciência de cartas, onde talvez me esperasse no quarto, quer dizer me esperassem no quarto o tu deste lado e o tu

do espelho, a fingir que dormiam, a tremerem as pálpebras,

* espreguiçarem-se nos lençóis, eu, sem enxergar o motivo,

* procurar nos calabouços, nas secretarias, nos corredores, nos armários, o major atrás de mim, intrigado, a multiplicar-se em sinalefas à esquerda e à direita, de testa parda, boca parda, óculos pardos, que guardava a minha vida nos

389

ficheiros para a usar contra mim como se eu fizesse outra coisa na vida se não usar a minha vida contra mim, o major a tranquilizar os chefes de brigada com a palma

- O que se passa senhor ministro o que se passa senhor ministro o que se passa senhor ministro?

eu na sala de interrogatórios com um homem de pé diante de dois agentes sentados, um homem há horas ou há dias ou há semanas de pé diante de dois agentes sentados, a oscilar para trás e para a frente com um

sobrolho castanho, o nariz rasgado, um comunista, um traidor, um filho da puta com a mania das férias no norte de África, na Tunísia, na Argélia, em Marrocos, um filho da puta que devia namorar uma filha da puta de anel barato no dedo, que principiei a insultar, a esmurrar, a

empurrar na direcção da janela, a dobrar sobre o peitoril para o jogar na calçada até mo arrancarem das mãos.

390

COMENTÁRIO

Aos sábados à tarde depois de todos se

irem embora (os meus tios, a minha madrinha, os meus primos, os colegas do meu pai, os amigos do Colégio Militar ainda vivos mais as criaturas humildes, agradecidas de estarem ali, com um copo de vinho no qual não ousavam tocar da mesma forma que não se atreviam a sentar-se nem a tomar parte nas conversas, antigos impedidos que tratavam o meu pai por senhor tenente coronel e o meu pai a

eles pelo nome próprio e por tu)

aos sábados à tarde depois de todos se

irem embora deixando os sofás fora do sítio, jornais no

sobrado, os cinzeiros cheios e uma sensação esquisita de faltarem objectos, coisas, uma sensação de vazio, de tristeza

depois de todos se irem embora e ficarmos sozinhos, o meu pai e eu, na varanda para a serra de Sintra e além da serra o mar das Azenhas e o mar da Adraga, dois mares zangados com pássaros saltando nas bochechas como lágrimas de raiva, mais adivinhados do que vistos no

arrepio dos pinheiros

o meu pai com um copo de uísque na mão

e uma garrafa na outra, sem parar de beber, olhando o

muro do quintal sem reparar no muro, as árvores sem reparar nas árvores, olhando-me com as palpebrinhas ver-

melhas sem reparar em mim, o meu pai para si próprio, a

deixar-se cair no banquinho de lona de aguardente a escor-

391

rer-lhe dos ângulos da boca e do queixo e dos botões da camisa, no abandono inerte com que se fala nos sonhos

- Não existe no mundo nada mais lento do que os rebanhos e as nuvens

os rebanhos que passavam atrás da casa pela estrada da Ericeira ou de Mafra e as nuvens que passavam em manada sobre a crista da serra enredando-se nos abetos, ajudava o meu pai a tropeçar para a cama sem largar a garrafa de uísque e sem largar o copo, apertando o

gargalo no peito _ Não existe no mundo nada mais lento do que os rebanhos e as nuvens

a voltar-se devagar contra as flores desbotadas do papel da parede, de ombros sacudidos num choro de criança, com o vidro da garrafa a bater-lhe nos dentes, e eu, preocupada _ Pai

a debruçar-me de gatas na colcha e só então compreendi que se ria, que abraçado ao copo e à garrafa se ria e se ria como na manhã em que chegou a Sintra fardado, sem uma palavra, sem um beijo, pousou o boné e * pingalim na poltrona, foi direitinho ao álcool do aparador, * cartilagem

da garganta subia e descia corno se um rato preso se lhe desesperasse sob a pele e eu espantada

- O que foi pai?

o meu pai na varanda olhando o muro

sem reparar no muro, as árvores sem reparar nas árvores, olhando-me com as palpebrinhas vermelhas sem reparar em mim, a medir o céu deserto e o mar zangado da Adraga

- Não existe no mundo nada mais lento do que os rebanhos e as nuvens

e a partir desse dia não se tomou a fardar nem voltou ao quartel, uma semana depois um par de sujeitos que eu não conhecia entrou-nos portão dentro sem ligar à campainha, dirigiram-se ao meu pai a tratá-lo por você e a recomendar

- Juizinho

392

fecharam-se com ele na sala num zumbido de ameaças, levaram-lhe a espada, um monte de papéis, os estojos das condecorações, o que parecia ser chefe do outro desceu o vidro do automóvel para nos espetar o indicador

- Juizinho derrubaram um vaso do quintal com o

guarda-lamas, pisaram com os pneus os enfeites de tijolo do canteiro e desapareceram num vendaval de graveto com o indicador a sair da fumarada, espetado para nós numa

advertência de pêndulo

- Juizinho tinham-nos aberto as gavetas, desarrumado objectos, rasgado fotografias, devassado cartas, o meu pai no banquito de lona da varanda, com o copo numa das mãos e a garrafa na outra a rir-se, não lograva cessar de rir com os ombros sacudidos de soluços, o meu pai para mim, divertidíssimo

- Os malandros acabaram-me com o Exército Isabel sou paisano

as cartas da minha mãe rasgadas no ta-

pete, a fitinha cor-de-rosa rasgada, as cartas dos meus avós rasgadas, as cartas do irmão do meu pai, que era piloto da Marinha e o avião tombou na barra do Teio rasgadas, o

irmão de que o meu pai nunca falava de tal forma que dava ideia de nem ter tido irmão e no entanto usava o anel dele junto à aliança, apanhava-o às vezes a roçar o mindinho no

anel como se o afagasse, o meu pai para mim, divertidíssimo

- Os malandros acabaram-me com o Exército Isabel sou paisano

eu contente de ver o meu pai contente, a

rir-me de ver o meu pai rir-se, a garrafa a tilintar no rebordo do copo sem acertar no copo, eu aflita

- Pai

o meu pai ajuntar os pedaços das cartas, a

procurar uni-los, a desistir, a rasgá-los mais ainda enquanto continuava a rir sacudindo os ombros, feliz, levantando a cabeça para mim no meio das gargalhadas

- Malandros malandros o meu pai anos e anos na varanda olhando o muro do quintal sem reparar no muro, olhando as

árvores sem reparar nas árvores, olhando-me sem reparar em mim, o meu pai que após o escurecer só se percebia uma cintilaçãozinha de vidro a tilintar nas trevas

- Não existe no mundo nada mais lento do que os rebanhos e as nuvens

que os sujeitos à paisana, o que era chefe do outro e o outro que não era chefe de nada visitavam de quando em quando entrando-nos portão dentro a derrubarem

vasos com o guarda-lama e a pisarem com os pneus os enfeites de tijolo dos canteiros, arrastando-me até à cozinha por um braço

- Espera lá fora menina espera lá fora a ralharem-lhe não sei porquê, a advertirem-no não sei de quê, a meterem-no no automóvel e a devolverem-no a Sintra uma tarde ou duas depois, de barba por fazer, pulso ligado, uma nódoa na testa, e lá vinha o dedo espetando-se da janela num rodopio de graveto

- Juizinho o meu pai, de calças descosidas, a encos-

tar o nariz que me parecia diferente a uma toalha molhada, a procurar consolo nas garrafas do aparador, a limpar a nódoa na testa com o álcool de refrescar a barba e um pedaço de algodão, o vento nas piteiras do fundo onde eu

brincava em criança, a seguir às piteiras a azinhaga da fonte com a bica a dançar sob os fetos, um polícia na azinhaga saudando-me se me percebia à janela, a mandar-me beijinhos, a assobiar-me às pernas, eu a queixar-me ao meu pai

- Pai

e o polícia a sorrir-me diante dele, a segredar elogios, a perguntar se lhe fazia desconto por uma

hora comigo e o meu pai sem responder, com a garrafa de uísque numa mão e o copo na outra, vestido de um uniforme sem galões como os vendedores de lotaria, o vento nas piteiras, qualquer coisa parecida com o sol nas copas, eu furiosa com o polícia

394

- Pai

o meu pai de ombros sacudidos de riso, lutando com as traições da gravidade para se manter direito, o polícia a atirar-lhe com a ponta do cigarro, a desinteressar-se dele e a regressar à azinhaga

- Desgraçado de maneira que na tarde em que o auto-

móvel dos sujeitos à paisana regressou e nos entrou portão dentro a derrubar vasos e a pisar os enfeites de tijolo dos canteiros, desta vez não com o chefe do outro e o outro que não era chefe de nada mas com o chefe do outro e o chefe do chefe do outro, o chefe do chefe do outro mais novo do que o chefe do outro, de chapéu, cigarrilha nos dentes e suspensórios de elástico às pintinhas, o chefe do outro ao volante primeiro e a trotar depois para lhe abrir a porta, conduzindo-o ao alpendre, a perturbar os narcisos, como se

o meu pai e eu não passássemos de pedreiros ou canalizadores ou assim

- Por aqui senhor director-geral o director-geral a estalar os suspensonos à minha frente sem o ouvir, tossindo do fumo do tabaco, esquecido do chefe do outro, esquecido do meu pai, esquecido de se fechar na sala em advertências e ralhos, eu fascinada com as pintinhas dos suspensonos aumentando e

diminuindo consoante o elástico esticava ou retraía, o polícia da azinhaga oculto num tronco, desejando nunca me ter

acenado, nunca me ter assobiado às pernas

um melro de pinheiro em pinheiro, a bomba de água a lamentar reumáticos, o mundo opaco de fumo da cigarrilha onde os suspensórios explodiam, o chefe do outro para o director-geral a segurar-me o braço tentando esconder-me, da mesma forma que tentamos que as visitas se não dêem conta dos objectos que nos envergonham, uma

franja esfiada ou um buraco na toalha

- É a filha o director-geral para o chefe do outro que me puxava como se puxa uma bezerra

395

- Um momento Camilo connosco na varanda para a serra, cheio de cuidados com o meu pai, a endireitar-nos os vasos, a consertar-nos os enfeites de barro, a pedir perdão pelos incómodos dos agentes, pelos narcisos esmagados, o chefe do outro escrevendo participações desesperadas para os superiores e agitando-se de indignação no automóvel enquanto o director-geral, educadíssimo, examinava o retrato da minha mãe na cómoda

- A sua esposa senhor tenente coronel

como se o meu pai continuasse a ser tropa, como se não vestisse um uniforme de vendedor de lotaria, * meu pai a apagar o retrato da minha mãe com um gesto, * apagar o passado com um gesto, a rir-se sacudindo os

ombros, e o director-geral a visitar-me com nardos, caixas de chocolates, perfumes

- Trate-me por Francisco Isabel a levar-me a Palmela mostrando-me um horizonte de lodo balizado por um horizonte de rãs

- A nossa quinta Isabel de maneira que um ano depois acordava com as cambalhotas dos anjos de pedra de encontro aos limoeiros acordava a meio da noite com uma cigarrilha a

queimar-me a bochecha

- Gostas de mim não gostas Isabel? de maneira que um ano depois esbarrava em gralhas, corvos e a empregada de luto que mandava nas

criadas, na cozinheira, no tractorista, no meu filho, eu a escutar as faias e os insectos de Agosto roendo as fundações da casa, cansada de lobos da Alsácia e solidão e moinhos, a pintar o cabelo e as unhas das mãos para me transformar numa mulher diferente com uma vida diferente, desejando não acordar a meio da noite com uma cigarrilha preocupada a queimar-me a bochecha

- Gostas de mim não gostas Isabel? eu que nunca tinha pensado no que fosse gostar, gostar do meu pai, do meu marido, do meu filho, como se fosse importante gostar, como se fosse necessário,

396

como se a vida se tornasse menos triste ou menos difícil pelo facto de se gostar, eu com vontade de perguntar à ci- garrilha que crescia na minha direcção nos sobressaltos do quarto

- A que chamas gostar Francisco? para poder responder-lhe, o acordar a meio, da noite também num desassossego aflito, o meu pai, a

contar os rebanhos e as nuvens, nunca me perguntou na varanda de Sintra enquanto escorregava do banco a tilintar o vidro da garrafa contra o vidro do copo

- Gostas de mim não gostas Isabel? do mesmo modo que o meu filho não me perguntava, sentado no tapete da sala a investigar o interior dos brinquedos

- Gostas de mim não gostas Isabel? eu a hesitar em dizer

- Gosto como hesitava em dizer

- Não gosto porque gosto e não gosto não passavam dos dois lados de nada, o nada dos insectos roendo as fundações da casa até as paredes tombarem ou se tomarem numa sombra vertical sobre uma sombra deitada com as nossas duas sombras a cirandarem lá dentro, a minha mãe morreu sem que nós lhe afiançássemos que gostávamos dela ou ela nos garantisse que gostava de nós, ao voltarmos para Sintra, a seguir ao enterro, os bibelots não se tinham alterado, nem a disposição dos móveis, nem a tonalidade da luz, a ausência dela consistia em não existir mudança alguma, chover como chovia na véspera e continuaria chovendo ao longo da semana, a chuva dela morta igual à chuva dela viva, a mesma indiferença nas vozes da piteira, a mes-

ma indiferença distraída sem gostar e sem não gostar de sempre ou para lá de gostar e não gostar porque gostar e não gostar é antes das pessoas, não é entre as pessoas nem depois das pessoas, é uma coisa de fora, um invólucro, os fragmentos de uma película seca, e então na tarde em que

397

o Pedro que falava como o meu pai e o meu filho não falavam por não haver precisão de falar quis saber

- Gosta de mim não gosta Isabel? resolvi dizer-lhe

- Gosto resolvi aceitar que a mão dele pegasse na minha, fingir não dar conta que me metia um papelinho na carteira apesar de o achar cómico, falso, teatral, não apenas os gestos mas a expressão, a maneira de olhar, o tom de voz, o exagero, resolvi conversar ao telefone, ler-lhe as cartas que eta como ouvi-lo ao telefone só que a tinta substituíra a

voz e as mentiras se tornavam patéticas, encontrei-me com

ele no largo sob os olmos, o cotovelo encostado ao meu, a palma que apertava a minha perna, a respiração no meu pescoço

- Isabel e eu não sentia nada, queria sentir alguma coisa e não sentia nada salvo a certeza de estar numa plateia a suportar por educação um texto maçador, do largo fomos a um hotel em Sesimbra com a palma a torcer-me o vestido acompanhada de caretas que me faziam rir, o hotel de Sesimbra sobre uma praia de contramestres a aranharem redes, cinco ou seis barcos, um cenário de quadro barato que se vende nas lojas de louças e a gente não compra por ser horrível, o Pedro a preencher a ficha e a piscar o olho aos sorrisos respeitosos do empregado que o tratava por

- Faça favor senhor administrador enquanto eu me distraía com as ondas a pensar

- Afinal achar que gostam é isto afinal achar que gostam é só isso

e realmente gostar para o Pedro era pouco mais do que isto, ou seja vitrinas com bonecos de pano, varinas, pescadores da Nazaré, minhotas, armações de livros, mapas, postais ilustrados, estrangeiros de calções num bar, um pianista de rabo de cavalo, um elevador até ao sexto andar, um quarto com uma varanda sobre a praia que a mim

398

sei lá porquê me parecia feíssima, a praia dos contramestres e dos cinco barcos, a mesma praia de há pouco, no

quarto do hotel vim a saber que para o Pedro gostar era

uma cama com uma gravura à cabeceira, sem dúvida do mesmo artista que inventara a praia, eu na cama e o Pedro na cama comigo a falar-me de coisas que eu nem sequer ouvia, a falar-me, suponho, de gostar, quando afinal para ele gostar era apenas aquilo, um colchão e as escamas da água no tecto o tempo inteiro até o Pedro se afastar de mim, verificar as horas e se preocupar

- É tardíssimo afinal o gostar dele não era diferente do gostar do Francisco só que mais rápido e mais egoísta e

menos terno ainda, gostar para o Pedro era vestirmo-nos à pressa, apanhar a roupa, o Pedro enervado a pentear-se ao espelho como se não me conhecesse ou me conhecesse demais

- Vamos embora vamos embora é tardíssimo

afinal o gostar dele era o beijo de uma

bochecha a roçar noutra bochecha no largo de Palmela

- Sai do carro e apanha um táxi para casa

que é tardíssimo eu telefono-te sai do carro que eu prometo que telefono

eu que não lhe pedira nada, que não quena nada, a quem não apetecia nada salvo estar sozinha sem

homens a perseguirem-me com os seus interrogatórios sem sentido

- Gostas de mim não gostas Isabel? sozinha na varanda de Sintra a assistir ao crepúsculo na piteira, ao crepúsculo na mata, completamente sozinha sem o peso insuportável de acharem que gostavam de mim, me acordarem a meio da noite sobressaltando-me de perguntas

- Isabel sozinha sem anjos na quinta e sem gravuras de hotel, sozinha para sempre na varanda com a

399

ausência de rebanhos e a ausência das nuvens, foi para ficar sozinha, longe deles, da sua angústia e da sua pressa, da sua ansiedade de antes e do seu desprezo de depois

- Sai do carro apanha um táxi para casa que é tardíssimo pela tua saúde sai do carro

foi para ficar sozinha que aceitei o apartamento em Lisboa, uma sala e uma marquise onde não me inquietavam, não me aborreciam, não me visitavam nem me tocavam nem me faziam perguntas, onde me deixavam em paz, felizmente me deixavam em paz tirando uma ou duas visitas do Pedro e uma ou duas visitas do Francisco com lágrimas de achar que gostavam e de achar que não gostavam misturadas, em paz diante da janela à espera que os prédios fronteiros dessem lugar aos rebanhos e às nuvens de Sintra, à espera que os prédios fronteiros dessem lugar ao mar.

400

RELATO

Antes de me ir embora gostava de pedir-lhe que explicasse ao pateta do meu filho que não é difícil. Logo à noite, assim que a vigilante da clínica adormecer, arranco o soro e as ligaduras do braço, levanto-me da cama, visto a roupa que guardaram no armário, a camisa, o casaco, as calças, as botas, o chapéu, ajusto o fecho dos suspensórios de elástico porque se calhar

emagreci um bocadinho, atravesso o corredor em bicos de pés, faço sinal ao primeiro táxi que encontrar na praceta e mando seguir para a quinta onde a Isabel e a Titina me esperam, preocupadíssimas comigo, telefonando ao ministério para saber de mim, aos hospitais, à polícia, a Isabel e a Titina, que eu bem sei como elas são, a passearem no terraço, a espreitarem pelas sardinheiras na esperança de me verem chegar, a julgarem ouvir, a todo o momento, o motor de um automóvel pelos ciprestes acima, a Isabel e a Titina a correrem na minha direcção com o arco-íris de um sorriso por trás das lágrimas, a acharem-me com óptimo aspecto, boas cores, sem olheiras, sem uma cara cansada, a Titina a aquecer-me o jantar na cozinha e a Isabel ao meu lado no sofá a perguntar o que aconteceu, e eu, claro, sem falar da casa de repouso em Alvalade para não as assustar, dos velhos, dos bacios

- Chichi senhor doutor chichi quem fez um chichi lindo quem foi?

dos guardanapos que me amarram ao pescoço como se eu fosse um inválido, um doente, para me

401

obrigarem a engolir caldos e fruta cozida, eu sem lhes falar, como espero que você não fale, como lhe proíbo que fale, do que passei aqui, a desculpar-me com uma viagem imprevista, as manigâncias de uns generais quaisquer e uns

civis mal agradecidos que conspiravam contra o professor Salazar em Elvas ou em Braga e do trabalho que foi preciso para meter as coisas nos eixos outra vez, promessas, ameaças, envio de tropas, prisões, o jantar frio na mesa, eu a proibir a Titina de o aquecer de novo, a comer as almôndegas sem graça nenhuma, o molho gelado, enquanto os

lobos da Alsácia tossiam nos canis, eu na sala com a Isabel, a acender uma cigarrilha, a escutar o vento nas faias, eu feliz, percebe, feliz, de maneira que quando o pateta do meu filho chegar no sábado, com um embrulhinho de bolachas inúteis, para me olhar de longe, me avaliar, se tranquilizar junto das empregadas

- O meu pai não percebe nada do que se

lhe diz pois não?

explique-lhe que me fui embora, voltei para Palmela, nem por uma fortuna torno aqui, amanhã às nove horas estou no Terreiro do Paço a despachar papéis, já não sinto este incómodo no peito, o coração apertado, a

dificuldade em respirar desapareceu, explique ao pateta do meu filho que é como se tivesse trinta anos, entende, o cabelo todo, a saúde, nem uma ruga, nem um começo de barriga, como se tivesse trinta anos, antes de a Isabel me deixar, sempre estive certo que aquela história de se apaixonar por outro era um capricho, uma mania, uma treta sem importância, a Isabel que sempre estive certo que precisava de mim, gostava de mim, havia de envelhecer comigo, os

dois no caramanchão sem necessidade de falar, de ternuras idiotas, de pieguices, a Isabel a entrar na quinta com a mala, a entrar naturalmente na quinta com a mala como se não tivesse acontecido nada porque de facto não aconteceu nada, eu a ler o meu jomalzinho no terraço e em lugar da Titina foi a Isabel quem me serviu o chá, ocupou o seu

lugar diante do roseiral e pronto, quando muito uma

402

palavra acerca do calor, um comentário sobre a ausência de vento, um protesto contra o jardineiro *que não tratava os ramos secos e desleixava a estufa, e a minha vida como devia ser, como eu queria que fosse, é uma questão de esperar muito quietinho até logo à noite que a vigilante da clínica adormeça, de aceitar que me lavem, me mudem o pijama, me barbeiem, me dêem os comprimidos, me

passem um pente molhado nas farripas das orelhas, é uma

questão de verificar se a polícia do major e do professor Caetano não me vigia na praceta iluminada pela relva azul, os inspectores do meu tempo, os chefes de brigada do meu

tempo, os agentes do meu tempo que ajustavam o nó da gravata, se abotoavam à pressa e desatavam às continências para me cumprimentar, os agentes aposto que instruídos para dispararem sobre mim se me apanharem a fim de me impedir de chegar lá baixo, entrar no palácio que me cabe de direito, terminar com os abusos, colocar o Exército em sentido, enfiar esta bodega na ordem, governar este esterco, uns tabefes por aqui e por ali, os semanários caladinhos, o

povo caladinho que é aquilo que ele gosta, pode crer que é aquilo que ele gosta, caladinhos e toca a andar que há-de haver neste país quem me siga, quem se lembre de mim

e me respeite, se ao menos você me desatasse a ligadura do pulso, parasse de me ouvir e me ajudasse a tirar o soro do braço que na posição em que me puseram e só com a mão esquerda, repare, é complicado, ficava comigo com uma

desculpa qualquer, que é meu afilhado e veio da província ver-me, que é emigrante e daqui a duas horas regressa ao Canadá, ficava comigo, ajudava-me a levantar que se

calhar enfraqueci um bocadinho, se calhar por muito resistente que eu seja, este tempo na cama, a sopinhas e

pêssegos de lata, enferrujou-me um pedaço, não é neces-

sário pegar-me ao colo, apenas um amparozito para os

primeiros passos daqui ao armário até o corpo se habituar, os músculos se exercitarem, um auxílio para vestir a roupa e atravessar o corredor no meio dos gemidos dos velhos, sem acender a luz, que em chegando à praceta amanho-me,

403

não se inquiete que conheço a polícia à légua, olha quem, conheço-lhe os truques, os modos de se disfarçar, isto para o caso de a polícia estar à espera que desde que deixei o

ministério patrão fora dia santo na loja, é um desleixo completo, a preguiça total, não trabalham, não levantam um

dedo, não se interessam, felizmente ainda não morri, ainda posso salvar esta miséria de desaguar nas mãos de uns estrangeiros quaisquer, salvar este bocado de mar sujo e catedrais, não é verdade que a Isabel não esteja em

Palmela, a Isabel voltou, não é verdade que os parentes da minha nora ficassem com a quinta, eu consentia lá, não é verdade que despedi o pessoal, não sou parvo, a maior quantidade de defeitos deste mundo que tanto me faz menos ser parvo, ia agora largar a quinta ou permitir que largassem a quinta onde um homem sozinho se defende, onde um homem sozinho, com uma caçadeira e um cinto de cartuchos, aguenta carros de assalto, canhões, aguenta, se for caso disso, um batalhão inteiro, ao primeiro estranho os corvos dão sinal

- Eli eli um metro portão dentro e os corvos
- Eh eli um metro portão dentro basta, dois metros portão dentro bastam
- Eli eli e quem nos encontra, argumente lá, no

pântano, quem nos encontra no capim, empresto-lhe uma

pistola, levamos a Isabel e a Titina connosco, espreite aí pela janela se anda alguém na praticeta, um automóvel estacionado entre o escorrega e o balouço, tardes a fio amarrado à poltrona a olhar o escorrega e o balouço, e se eu lhes gritava

- Não as empregadas a entalarem-me uma almofada nas costas e a alisarem-me o cabelo numa expressão de dó

- Este infeliz nem se queixa coitado

404

a fingir que não me ouviam, que eu não falava, o pateta do meu filho que nunca teve dois dedos de testa, nunca valeu um chavo, se empandeirou de olhos fechados com a primeira espertalhona que lhe apareceu à frente, o pateta do meu filho para o enfermeiro que guardava as ferramentas de enfermeiro na maleta, na seriedade competente dos ignorantes, a sugerir xaropes e injeções, o pateta do meu filho como se eu não emitisse um som, que mania

- Uma maçada na pleura uma maçada na pleura como é que o meu pai apanhou uma maçada na pleura se não sai do quarto?

a lua sobre a relva azul, coroada de morcegos como os candeeiros, igualzinha aos candeeiros, uma lua de estanho com manchas de dedadas que se a Titina a caçasse a jeito a areava logo, que não se lembravam de desaparafusar para que se apagasse, me deixasse de doer nos olhos e me desse paz, e apesar de lhes ordenar que se

calassem o ignorante do enfermeiro para o pateta do meu

filho que logo à noite, quando me for embora e o apanhar a jeito mas paga, o ignorante do enfermeiro e o pateta do meu filho numa conversinha imbecil

- Se o aliviarmos da febre já não é mau

senhor engenheiro

e talvez agora compreenda melhor a pressa que tenho de desaparecer daqui antes que me torturem com os xaropes e as injeções deles por exigência do professor Caetano, por exigência da polícia, antes que um

telefonema do major os aconselhe a sufocarem-me com a almofada, talvez agora compreenda a pressa que tenho de escapar daqui, se você insiste que a Isabel não voltou esqueça-se de Palmela, se você insiste que me furtaram a quinta não se rale com a quinta pois qualquer ponto de Lisboa me serve, uma esquina, o metropolitano, um vão de escada, um banco de jardim, largue-me onde quiser e

adeuzinho, quem repara num velho inofensivo incapaz de mover-se, num espantalho de pardais de cócoras num

405

degrau, meio cego, só caniços de ossos, sem carne nem gordura para encher o fato, qualquer ponto de Lisboa me

serve, esquina, metropolitano, vão de escada, jardim, desde que o meu filho não saiba, que o enfermeiro não o saiba, que as empregadas não saibam, desde, é evidente, que o professor Caetano e o major não saibam, quando a Isabel me trocou por outro

- Não chores Francisco não adianta chorar não faças cenas por favor não faças cenas não chores

e me acontecia ficar até mais tarde no Terreiro do Paço por não me esperarem na quinta, a decidir com o inspector quem exilávamos para morrer depressa em Cabo Verde e quem morria

devagarinho em Peniche, esses nove para as ilhas, esses seis para o forte, esse aguarda em Caxias e no mês que vem, como há-de sofrer uma trombose, entrega-se à família num caixão, quando me despedia do inspector

- Até amanhã Carvalho e descia para a rua não havia mendigos nem aleijados nem saxofones a desafinarem nas arcadas, somente o eco dos meus passos a crescer na pedra, a minha sombra compridíssima, a sombra de um sonâmbulo, a sombra de um palhaço com um chapelinho minúsculo e o

girassol da cigarrilha no topo, a andar comigo batendo os

sapatos no chão ao mesmo tempo que os meus, num som de sandálias de pobre, num som de chinelos como se metade de mim fosse o que julgo ser e as outras pessoas julgavam que fosse e a outra metade o que de facto era, a

despedir o motorista, desbarretado, de porta do automóvel aberta, com um aceno mais recusa do que aceno, e caminhava entre os lagos de neptunos e as estátuas de reis de uma cidade defunta amortalhada em colunas e árvores, de ruas prolongando a tremer as veias dos búzios, entrava num apartamento empoleirado sobre as trevas do parque, que aluguei e decorei e paguei e fazia de conta ser a minha casa como fazia de conta que a mulher que me recebia no capacho e se vestia como a Isabel, se penteava como a

406

Isabel, usava o perfume da Isabel era de facto a Isabel, não a Isabel da altura da separação mas a Isabel do tempo em

que nos conhecemos, uma mulher que aluguei e decorei e paguei exactamente como o apartamento, com a mesma minúcia de cenário de teatro e o mesmo cuidado de relojoeiro, um quarto igual ao nosso quarto, uma sala igual à nossa sala, os mesmos retratos, as mesmas flores, o mesmo espelho onde ela me aceitou e rejeitou, cortinas verdes que me davam a ilusão das faias das quintas, a ilusão dos pássaros, eu a afagar a Isabel através daquela a quem chamava Isabel e se vestia e penteava e cheirava como a Isabel

- Gostas de mim? a rapariga rígida, intimidada, incomodada pelos brinco, os anéis, os sapatos apertados, com um nar-

do murcho no colo, a rapariga a contra gosto num soprozinho pálido

- Gosto sim senhor ministro enquanto a mãe se agitava, toda código de dedos, como um avejão, me saltaricava em torno numa inquietação entusiasta

- Diz que adoras o senhor ministro Milá a mãe que se não tomo cuidado me entra por aqui dentro puxando o pulso relutante da filha com o

chapelinho de véu traçado que encontrei numa arca e lhe pedi que usasse, os sapatos de crocodilo, de salto a descolar-se, que descobri debaixo da cama e lhe pedi que calçasse, a filha a sacudir-se protestando com a mãe

- Deixe-me em paz senhora e a mãe, implacável, de passo militar no

corredor alvoroçando os velhos, as empregadas, a arrastá-la até à poltrona onde eu olhava a relva azul e o balouço e o

escorrega, a mãe, brandindo a chibata do nardo, a esbofeteá-la com o nardo e a obrigá-la a dobrar-se para mim até o seu

nariz tocar o meu nariz

- Diz que adoras o senhor ministro Milá e a filha a torcer as luvas de cetim com botões até ao cotovelo amarelecidas pelos anos, envolta

num odor de feltro podre e de essências antigas, de orelhas inflamadas pelos brinco, penteado lançado para cima num

grito de galo e um risco de rímel a descer-lhe da pálpebra numa lágrima escura

- Gosto sim senhor ministro de forma que tem de me tirar daqui antes que apareçam as duas, imagine-se o escândalo, a filha vestida de dama de paus e a mãe a exhibir a dama de paus como um apresentador de circo, que vergonha, tem de me tirar daqui apesar da pleura, apesar da tosse, da febre, do frio horrível desta tarde que não concebo como voce se aguenta assim de mangas curtas, sem um sobretudo, um cachecol, um abafo, não concebo os caloríferos apagados e as empregadas sem meias, as pessoas de roupa de verão na praceta, não concebo este nome sempre a voltar-me à ideia, sempre a voltar-me à boca, esta recordação, esta lembrança a desvanecer-se a pouco e pouco Isabel escreva aí Isabel a ver se consigo entender, escreva em maiúsculas grandes no seu caderno e mostre-me letra a letra Isabel a ver se consigo entender-lhe a importância, o sentido, recuperar um sorriso, uma feição, um gesto, mas só corvos, só gralhas, só laranjas a arderem, iluminadas de sangue no pomar, uma rapariga descalça, sem olhar para ninguém, que ignoro quem seja, abandonando o estábulo com um balde de leite em cada mão, um homem de caçadeira no topo dos degraus da quinta, rodeado de latidos, a expulsar as criadas, o jardineiro, o tractorista, a governanta, malas e arcas de cambulhada pelos ciprestes abaixo espere Títina, a governanta, isso mesmo, Titina, fica comigo Títina malas e arcas de cambulhada pelos ciprestes abaixo, o homem a queimar fotografias e papéis, sentado ao piano, à espera, na desordem da sala, despenteado, de barba crescida, um homem idêntico ao que esta noite você vai deixar no metropolitano, num vão de escada, nas camionetas de carga do Intendente, num banco de jardim, um outro homem que não eu a quem prenderam o pulso com uma ligadura, a quem enfraqueceram com dietas cozidas e não posso vestir-me, no começo da guerra em África, em mil novecentos e sessenta e um quando os pretos assassinaram os brancos em Luanda e havia cabeças espetadas em paus, adolescentes com os testículos dos pais na boca, crianças decepadas e fetos tirados dos ventres e pendurados como balões de Santo António nos ramos, cordões de tripas entre as colunas das casas como as grinaldas de papel das feiras, em mil novecentos e sessenta e um, quando os brancos assassinaram os pretos e havia cabeças espetadas em paus, adolescentes com os testículos dos pais na boca, crianças decepadas e fetos tirados das barrigas e pendurados como balões de Santo António nos ramos, cordões de tripas entre as colunas das casas como as grinaldas de papel das feiras, o professor Salazar mandou-me a Angola com o major e até na baía onde os pássaros do mar, sem nome, magros e ferozes e pernaltas, que seguiam as traineiras numa felicidade cruel, até na baía, note, cheirava a charco e a carne defunta, um relento doce, humilde, enjoativo, de cachorro apodrecido, um relento de joelhos, cabisbaixo, a humidade pegajosa como um vômito, o céu pardo de vômito, uma chuva de vômito, eu queria voltar ao navio e regressar a Lisboa, estar longe das balas toda a noite, das vísceras ao léu, dos bairros devastados, o major a empurrar-me com o joelho

- Não seja cobarde senhor ministro a desprezar-me como as empregadas me desprezam ao mudarem-me os lençóis urinados, o pijama urmado, ao mostrarem-me, furiosas, a palha grelada do colchão, culpando-me de perderem o autocarro para casa de trapos e de pedaços de cartão a arderem, o tecto de palha e fragmentos de telha e pneus usados a arder, as palmeiras e a chuva e o vento e os cadáveres das coisas a arderem, os horríveis cadáveres mutilados de fogões a arderem, as caçarolas, os baldes, as gavetas, de forma que lhe peço o favor de dizer ao pateta do meu filho, quando ele vier no sábado, dizer ao pateta do meu filho que não sabe sequer governar-se sozinho nem tomar conta de si, um inútil, um pobre diabo, um garoto com medo do escuro, dos ciganos, dos lobos, dos ladrões, dizer ao pateta do meu filho como hei-de explicar-lhe, como hei-de tornar isto claro, dizer ao pateta do meu filho que posso não ter sido mas que, posso ter falhado mas que, dizer ao pateta do meu filho, você compreende, dizer ao pateta do meu filho peço-lhe que não se esqueça de dizer ao pateta do meu filho que apesar de tudo eu.